

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**AMANDA LEITE DE SAMPAIO**

**ESCRITA EPISTOLAR E LETRAS DO AFETO EM JOSÉ MARTÍ**

**FORTALEZA**

**2013**

AMANDA LEITE DE SAMPAIO

ESCRITA EPISTOLAR E LETRAS DO AFETO EM JOSÉ MARTÍ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adelaide Maria Gonçalves Pereira.

FORTALEZA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

- 
- S181e Sampaio, Amanda Leite de.  
Escrita epistolar e letras do afeto em José Martí / Amanda Leite de Sampaio. – 2013.  
256 f. : il. color., enc. : 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2013.  
Área de Concentração: História Social.  
Orientação: Profa. Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira.
1. Martí, José, 1853-1895 - biografia. 2. Livros e leitura – vida intelectual. 3. Intelectuais – livros e leitura I. Título.

---

CDD 920.71

AMANDA LEITE DE SAMPAIO

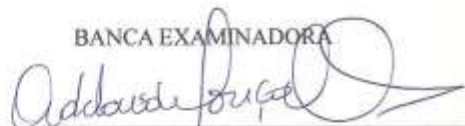
**ESCRITA EPISTOLAR E LETRAS DO AFETO EM JOSÉ MARTÍ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História Social.

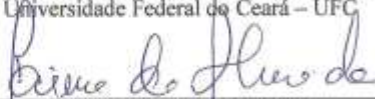
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adelaide Maria Gonçalves Pereira.

Aprovada em 31 de julho de 2013.

BANCA EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adelaide Maria Gonçalves Pereira (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof. Dr. Jaime de Almeida  
Universidade de Brasília – UNB



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Amélia Cavalcante de Melo  
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Irenisia Torres de Oliveira (Suplente)  
Universidade Federal do Ceará – UFC

Dedico o esforço deste trabalho à memória do meu avô, Olavo Sampaio, que ousou um dia acreditar nas mais belas ideias: as perigosas.

Aos amigos sinceros de *Nuestra América*.

## AGRADECIMENTOS

“La felicidad existe sobre la tierra; y se la conquista con el ejercicio prudente de la razón, el conocimiento de la armonía del universo, y la práctica de la generosidad.”

(José Martí)

Depois dos caminhos percorridos é chegada a hora de agradecer pelas experiências compartilhadas neste trabalho. Meu sincero desejo de agradecer nasce da solidariedade com a qual fui brindada muitas vezes durante esta pesquisa. Não irei citar nominalmente todas as pessoas que transformaram esse processo da pós-graduação em uma via de aprendizado coletivo, no entanto, quero deixar um registro em especial à minha orientadora, amiga e professora Adelaide Gonçalves.

Com ela aprendi que a pesquisa pode ser um exercício de solidariedade e que os livros só vivem quando são partilhados e desejados com amor. Agradeço a sua dedicação, generosidade, persistência e sensibilidade. Por captar a alma libertária dos livros e compartilhar esse ensinamento, pelo trabalho incansável que roubam seus dias e noites, e pela generosidade intelectual.

Agradeço aos meus companheiros de Mestrado pelos debates e pela convivência afetuosa; aos amigos que fiz nos acervos, bibliotecas, praças e ruas durante a investigação em Cuba; aos professores que contribuíram para a minha pesquisa; ao apoio da minha família; e aos amigos que emprestaram a sensibilidade para me ouvir falar sobre José Martí.

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

A todos os amigos e amigas que me permitiram entender, como escreveu Martí, que *con un amigo, el mundo lo es*.

“Minha vida é uma vida feita de todas as vidas:  
as vidas dos poetas”.

(Pablo Neruda)

“A las poesías del alma nadie podrá cortar las  
alas.”

(José Martí)

## RESUMO

Este trabalho compreende a trajetória intelectual e do afeto de José Martí a partir de fontes da sensibilidade martiana – cartas pessoais, dedicatórias, diários de viagem e cadernos de apontamentos. Na trajetória de José Martí (1853-1895) são letras do afeto, os escritos considerados mais pessoais, onde compartilha em tom de diálogo, sentimentos e ideias com homens e mulheres do seu círculo de amizade. Observando a moldura do século XIX e o contexto sociopolítico latino-americano; o presente estudo ressalta as formas de convivialidade dos círculos intelectuais, a experiência do exílio e os lugares sociais de circulação dos livros, dos periódicos e difusão das leituras.

**Palavras-chave:** José Martí. Pensamento social latino-americano. Epistolário. Difusão do livro e da leitura.



## ABSTRACT

This work includes the emotional and intellectual trajectory of José Martí right from the artist's own emotional sources such as personal letters, dedications, travel diaries and notebooks. In the course of José Martí (1853-1895), the letters of affection are the writings which are considered more personal and, in which he shares in a tone of dialogue, feelings and ideas with men and women of his own circle of friends. Observing the frame of the nineteenth century and the Latin American sociopolitical context, the present study highlights the forms of living together in intellectual circles, the experience of exile and places of social circulation of books, periodicals and dissemination of readings.

**Keywords:** José Martí. Latin American social thought. Epistolary. Dissemination of books and reading.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	–	Monumento à Revista La Edad de Oro .....	15
Figura 2	–	Cena de leitura inspirada em La Edad de Oro .....	16
Figura 3	–	Monumento à Martí .....	16
Figura 4	–	Biblioteca Centro de Estudios Martianos .....	19
Figura 5	–	Edições Fac-símile de La Patria Libre (1869), El Diablo Cojuelo (1869) e Patria (1892) .....	19
Figura 6	–	Flores del Siglo (1846) .....	43
Figura 7	–	Pasionarias (1847) .....	43
Figura 8	–	Fac-símile El Diablo Cojuelo (1869) .....	47
Figura 9	–	Fac-símile La Patria Libre (1869) .....	47
Figura 10	–	Primeira deportação de José Martí .....	59
Figura 11	–	Primeira deportação de José Martí .....	60
Figura 12	–	José Martí em Madrid, Espanha .....	61
Figura 13	–	José Martí em Madrid, Espanha .....	62
Figura 14	–	José Martí em Zaragoza, Espanha .....	63
Figura 15	–	José Martí em Zaragoza, Espanha .....	64
Figura 16	–	José Martí no México .....	71
Figura 17	–	José Martí no México .....	72
Figura 18	–	José Martí em trânsito por Cidade do México, Veracruz e Havana .....	73
Figura 19	–	José Martí em trânsito por Cidade do México, Veracruz e Havana .....	74
Figura 20	–	José Martí na Guatemala .....	75
Figura 21	–	José Martí na Guatemala .....	76
Figura 22	–	José Martí em Havana, Cuba .....	77
Figura 23	–	José Martí em Havana, Cuba .....	78
Figura 24	–	Segunda deportação de José Martí .....	79
Figura 25	–	Segunda deportação de José Martí .....	80
Figura 26	–	José Martí em Madrid, Espanha, por segunda vez .....	81
Figura 27	–	José Martí em Madrid, Espanha, por segunda vez .....	82
Figura 28	–	Martí rumo ao continente americano .....	83
Figura 29	–	Martí rumo ao continente americano .....	84
Figura 30	–	José Martí em Nova York, EUA .....	85
Figura 31	–	José Martí em trânsito desde Nova York até Caracas .....	86
Figura 32	–	José Martí em Caracas, Venezuela .....	87

Figura 33 – José Martí em Caracas, Venezuela .....	88
Figura 34 – Fragmento da Leitura de Martí em Steck Hall (1880) .....	93
Figura 35 – José Martí em Nova York (1881 – 1895) .....	94
Figura 36 – José Martí em Nova York (1881 – 1895) .....	95
Figura 37 – Principais centros da emigração cubana .....	96
Figura 38 – Principais centros da emigração cubana .....	97
Figura 39 – Exemplar de <i>Amor con Amor se Paga</i> (1875) .....	107
Figura 40 – Folheto Guatemala (1878) .....	124
Figura 41 – Folha de rosto do livro <i>Nueva relación que contiene los viajes de Tomas Gage de la Nueva España</i> (1838) .....	132
Figura 42 – Folha de rosto do livro <i>El Romancero Nacional</i> (1885) .....	133
Figura 43 – Folha de rosto do livro <i>John Halifax, Gentleman</i> (1892) .....	135
Figura 44 – Capa e folha de rosto de <i>A Yankee in King Arthur’s Court</i> (1889) .....	136
Figura 45 – Folha de rosto de <i>Enriquillo</i> (1882) .....	146
Figura 46 – Folha de rosto de <i>La Redención de una raza</i> (1887) .....	147
Figura 47 – Periódico <i>La América</i> (1884) .....	151
Figura 48 – Recibo de Federico Sánchez, emitido pelo <i>Club Político Cubano Pinos Nuevos</i> , referente à contribuição para fundos de Guerra de Independência, 1893 .....	154
Figura 49 – Certificado do <i>Club Patriótico Hermanas de Martí</i> , Filadélfia, Pensilvânia, EUA, 1898 .....	155
Figura 50 – Dedicatória de <i>Ismaelillo</i> a José Francisco (1882) .....	158
Figura 51 – Capa da edição fac-símile de <i>Ismaelillo</i> (1882) .....	159
Figura 52 – Página do poema <i>Príncipe enano</i> .....	160
Figura 53 – Página do poema <i>Hijo del alma</i> .....	160
Figura 54 – Dedicatória em <i>Ismaelillo</i> (1882) para Eligio Carbonell .....	161
Figura 55 – Dedicatória em <i>Versos Sencillos</i> (1891) para Leonor Pérez Cabrera .....	163
Figura 56 – Capa da edição Fac-símile de <i>Versos Sencillos</i> (1891) .....	164
Figura 57 – Dedicatória de <i>Versos Sencillos</i> (1891) .....	165
Figura 58 – Dedicatória em <i>Versos Sencillos</i> (1891) para Félix Iznaga .....	166
Figura 59 – Capa de <i>A Trip Around the World</i> (1886) .....	173
Figura 60 – Folha de rosto de <i>A Trip Around the World</i> (1886) .....	174
Figura 61 – Mapa em <i>A Trip Around the World</i> (1886) .....	175
Figura 62 – Ilustração em <i>A Trip Around the World</i> (1886) .....	176
Figura 63 – Dedicatória em <i>A Trip Around the World</i> (1886) .....	177
Figura 64 – Capa do livro <i>The Knockabout Club in the Antilles</i> (1888) .....	178

Figura 65 –	Contracapa do livro <i>The Knockabout Club in the Antilles</i> (1888) .....	179
Figura 66 –	Dedicatória em <i>The Knockabout Club in the Antilles</i> (1888) .....	180
Figura 67 –	Desenhos do <i>Diário de Izabal a Zacapa</i> .....	203
Figura 68 –	Página do <i>Cuaderno de Apuntes</i> número 12 .....	206
Figura 69 –	Desenho da mão de Martí no <i>Cuaderno de Apuntes</i> número 7 .....	211
Figura 70 –	Autorretrato de Martí inspirado na estátua Chac-Mool .....	212
Figura 71 –	Esboço para autorretrato .....	212
Figura 72 –	Autorretrato possivelmente desenhado entre os anos de 1875-1877 .....	212
Figura 73 –	Desenhos feitos durante a <i>Conferencia Monetaria Internacional Americana</i> , Washington, 1891 .....	213
Figura 74 –	Detalhe autorretrato desenhado durante a <i>Conferencia Monetaria Internacional Americana</i> , Washington, 1891 .....	214
Figura 75 –	Um homem lê. Bairro de Centro Havana, Havana, Cuba, 2013 .....	216
Figura 76 –	Trabalhadora da Fábrica H. Upmann – José Martí, Havana .....	218
Figura 77 –	A leitora Gricel Valdés lendo para os trabalhadores da fábrica H. Upmann .....	218

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEM	Centro de Estudios Martianos
FEU	Federación Estudiantil Universitaria
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
EUA	Estados Unidos da América
UNAM	Universidad Nacional Autónoma de México

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>CAPÍTULO 1: JOSÉ MARTÍ: <i>UM HOMEM DE MUITAS FACES HUMANAS</i></b> ....	30
1. O intelectual oitocentista .....	30
2. A formação de um homem sincero .....	39
3. Fragmentos do exílio .....	54
4. Os círculos intelectuais e o intercâmbio da leitura .....	65
<b>CAPÍTULO 2: OS DESÍGNIOS DA ESCRITA EPISTOLAR</b> .....	99
1. A escrita relacional no epistolário martiano .....	99
2. Uma recordação de amizade nas Cartas a Manuel Mercado .....	108
3. Rastros de leitura .....	130
4. Caminhos de papel .....	149
<b>CAPÍTULO 3: MARCAS DA ESCRITA ITINERANTE</b> .....	157
1. Dedicatórias entre livros e leituras .....	157
2. Nos Diários uma escrita da esperança .....	181
3. Caminhos para uma autohistória .....	195
4. Escrita às margens e Autodidatismo .....	204
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	215
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	220
<b>ANEXOS</b> .....	233

## INTRODUÇÃO

### ▪ *Yo vengo de todas partes, y hacia todas partes voy*

As palavras têm força e exercem sentido na nossa vida. Talvez por isso algumas palavras fiquem marcadas em nossa trajetória. Na minha trajetória, como estudante de pós-graduação, ficaram marcadas as palavras ditas em uma das reuniões coletivas que costumávamos ter entre orientandos e orientadora. A pós-graduação era tempo de descobertas e de tentar fazer do conhecimento um exercício de solidariedade. Assim tentei meu horizonte nos anos de Mestrado, logrando aprender na oficina da história social um vocabulário do ofício.

Estudante de *Nuestra América* e movida pelo ato de pesquisar, parti para Havana, em Cuba, em viagem de pesquisa historiográfica, simultaneamente aos estudos de Pós-Graduação em História Social na Universidade Federal do Ceará.

Andar pelas ruas de uma “hermosa Habana” é quase sentir “que o mundo está dobrando uma esquina” e que, a cada curva, podemos alcançar o espírito *martiano*. Decerto estão homenageados Che Guevara e Camilo Cienfuegos, no entanto, símbolo maior é José Martí, de larga presença na cidade – nos muros, em centros de estudos, nos museus, na estatuária, no livro de uma criança rumo à escola com um exemplar de *La Edad de Oro* na mão ou em versos ditos de memória por um motorista de táxi.

As pesquisas em Havana começaram pelo Memorial José Martí; logo na entrada, uma grande estátua e, adiante, um busto de Martí e uma extensa parede com seus aforismos indicam um vigoroso trabalho da memória. Em suas cinco salas, descortina-se uma narrativa da trajetória martiana, a partir de fotografias, documentos e objetos. No Memorial, encontramos fotografias suas e de seus mais caros afetos, registros relativos à prisão, ao exílio, e aos seus estudos. Encontramos ainda seus desenhos e belas reproduções de suas cartas pessoais. De seu trabalho no periodismo, saltam as primeiras páginas de tantos jornais onde imprimiu sua palavra empenhada. Retratos de Walt Whitman, Victor Hugo, Alexandre Puchkin e outros mais evocam seu itinerário de leituras. A visita ao Memorial, como se vê, torna possível pensar largas dimensões de sua vida e de seu tempo: círculos sociais, viagens, letras, afetos e trabalho. Em outros lugares, completa-se a narrativa de matiz biográfico, como a Fragua Martiana, tratando, em específico, do tempo da prisão em Cuba e o Museu Casa Natal José Martí.

Mas não se pense que os lugares de estudo se restringem ao convencional das bibliotecas, museus e centros de investigação. É preciso também andar pela cidade. Nas ruas, ao mudar de calçada, estão os bustos de Martí na porta de um prédio residencial ou na frente de um “círculo de niños” – onde estudam as crianças até cinco anos. Encontro outra referência ao cruzar uma praça chamada *Nené Traviesa*, nome tirado de um conto da Revista *La Edad de Oro*, escrita em 1889, para os meninos e meninas de *Nuestra América*. A Revista talvez seja o escrito mais conhecido em Cuba, pois é uma literatura que faz parte da vida escolar de crianças e jovens. Em outro canto da cidade, é possível deparar-se com a arte ativista das ruas, representando, de muitos modos, o *hombre sincero*, como cantam, em Guantanamera, os *Versos Sencillos* de Martí.

Certamente, uma aproximação às representações da memória de José Martí nestas viagens de estudo, em maio de 2011, julho de 2012 e fevereiro de 2013, alteraram, de modo significativo, as questões e a perspectiva nesta pesquisa de Mestrado. Conversar sobre os contos de Martí com uma menina cubana trazia, de modo vivo, suas impressões das histórias de *Los Sapaticos de Rosa* ou do *Bebé y el Señor Don Pomposo*.

E as referências a José Martí estão em outras cidades da ilha. Em Artemisa, numa praça, as cenas de leitura recordam, outra vez, *La Edad de Oro*. Em Camagüey, um monumento a Martí presta homenagem ao ato da leitura desde a infância.

Figura 1 – Monumento à Revista La Edad de Oro, em Artemisa, Cuba, 2012.





Figura 2 – Cena de leitura inspirada em La Edad de Oro, em Artemisa, Cuba, 2012.



Figura 3 – Monumento à Martí, em Camagüey, Cuba, 2013.



▪ ***Saber leer es saber andar***

Potente símbolo da memória martiana é a Biblioteca Nacional de Cuba José Martí, uma homenagem ao homem que acreditava que *saber leer es saber andar*. Para justificar a escolha do nome, em razão do debate que se instalara em torno da questão, Fernando Ortiz, em 1949, envia carta para o primeiro ministro Manuel de Varona, esclarecendo a conclusão da *Junta de Patronos de la Biblioteca Nacional*:

No parece que pueda presentarse otro nombre que supere en méritos, simbolismo y conveniencias nacionales al de Martí para la Biblioteca de la Nación, con la cual habrá de adquirir una máxima resonancia internacional.<sup>1</sup>

No ano de 1968, o intelectual Cintio Vitier organiza a Sala Martí da Biblioteca Nacional, no sentido de compilar e difundir a bibliografia relativa a José Martí. Essa iniciativa originaria o Centro de Estudios Martianos. A Sala Cubana, ou *Colección Cubana*, guarda uma vasta coleção sobre a história de Cuba, onde me debrucei em torno da obra de Rafael María

<sup>1</sup> ORTIZ, Fernando. In: ROBAINA, Tomás Fernández. **Apuntes para la historia de la Biblioteca Nacional José Martí de Cuba**. La Habana: Biblioteca Nacional José Martí, 2001. p. 111.

de Mendive, intelectual do século XIX e professor de José Martí. Na referida Sala, tive acesso às coleções de periódicos do século XIX com os quais Mendive colaborou, como a Revista *Flores del Siglo*, e aos escritos de sua autoria, como, *Pasionarias*, seu livro de poemas.

#### ▪ **Museu Casa Natal**

Na antiga rua San Francisco de Paula, hoje rua Leonor Pérez – em homenagem à mãe de José Martí – está a casa onde nasceu Martí a 28 de janeiro de 1853. Chegando ao Museu Casa Natal José Martí, uma hora antes da abertura para visitação, segui ao outro lado da rua, rumo à Estação Central de Trens. Pois lá estava em bronze a homenagem na placa: “A José Martí. Apóstol y mártir de la independencia de Cuba. La comisión permanente del congreso Panamericano de Ferrocarriles en homenaje a su pensamiento animador de la unidad americana. Buenos Aires, marzo de 1948.”

A casa onde nasceu Martí   uma constru o do século XIX, em dois andares, pintada em amarelo e portas e janelas em azul. De frente para a casa, podemos ver uma placa feita pela imigra o de Cayo Hueso identificando que, naquela morada, nasceu José Martí. A edificac o singela abrigava a família de Martí no piso superior e outra família no térreo.

A estreita escada que leva ao piso superior d  acesso ao início da exposi o de objetos relacionados   Martí e sua família – utensílios domésticos e fotografias dos pais e das irmãs. Sua trajetória   contada numa linha do tempo a partir de objetos vários – sua escriv ninha, a indumentária, uma pequena bandeira de Cuba que carregava consigo e a única pintura a óleo em que Martí está retratado, de autoria do artista sueco Herman Norman.

No Museu Casa Natal, pude apreciar de seu acervo algumas peças que dizem mais do entorno pessoal de Martí: objetos de seu filho, José Francisco; partes do violino que presenteou ao menino Gerardo Castellanos García; a bandeira de Cuba ofertada a Agustina Gamba, em agradecimento às colabora es com o Partido Revolucionário Cubano; o certificado da Liga Patriótica Cubana, de Tampa, Flórida, concedido a Martí.

#### ▪ **Centro de Estudios Martianos**

Caminhando em busca de um endereço de pesquisas, dobrei uma esquina e pude ver uma bela casa com placa em forma circular “Centro de Estudios Martianos” e, ao centro, a reprodu o de um autorretrato de Martí. A casa em estilo colonial foi morada do filho de José

Martí – José Francisco Martí Zayas-Bazán e sua esposa María Teresa Bances quando se uniram em matrimônio, em 1916. A casa foi doada por María Teresa Bances, que viveu na mesma até 1945, ano de sua morte. Logo da sua fundação, em 1977, o Centro de Estudios funciona na Biblioteca Nacional José Martí e, em 1982, se transfere para o atual endereço.

O contato com o Centro de Estudios Martianos foi fundamental para esta pesquisa, lugar onde pude compartilhar da generosidade dos pesquisadores cubanos. O Centro é integrado à *Oficina del Programa Martiano del Consejo de Estado de la República de Cuba* e guarda grande parte dos manuscritos de José Martí, inclusive sua correspondência ativa. Funciona a partir de três grandes áreas de estudo: história, edição crítica e literatura e publica, anualmente, diversos títulos relacionados a temáticas martianas e sua revista científica, o *Anuario del Centro de Estudios Martianos*, desde 1978.

Ao entrar na casa, ao lado direito, há uma grande estátua de Martí com uma criança em seus braços. Pelas fotografias, é possível ter ideia de como era a casa quando ainda funcionava como residência de José Francisco e Maria Teresa, e, ainda hoje, existem móveis originais conservados. Na sala de conferência, os números até então publicados da edição crítica das obras completas de José Martí estão apresentados por uma estátua / expositor em forma de Dom Quixote.

No Centro, as paredes expõem diversos trabalhos em homenagem a Martí de artistas como Roberto Diago Querol, Nelson Domínguez, Flora Fong, Armando García Menocal, Ernesto García Peña, Raúl Martínez, René Portocarrero, Mariano Rodríguez, Juan José Sicre e Esteban Valderrama.

Um dos maiores tesouros do CEM é sua Biblioteca. Em um armário com portas de vidro, pude ver edições de *El Diablo Cojuelo* (1869) e *La Patria Libre* (1869), periódicos em que Martí escreveu. A biblioteca especializada, inaugurada em 1987, tinha como acervo inicial a documentação da Sala Martí, que funcionava na Biblioteca Nacional. Atualmente, a biblioteca especializada possui um acervo de quase 21.000 documentos entre livros, folhetos, publicações seriadas e periódicas, fotografias, microfilmes e fontes digitais.

Figura 4 – Biblioteca Centro de Estudios Martianos, Havana, 2013.



Figura 5 – Edições Fac-símile de La Patria Libre (1869), El Diablo Cojuelo (1869) e Patria (1892).



Posso escrever, pela experiência nas três viagens, que o Centro de Estudios Martianos e sua Biblioteca funcionam a modo de sementeira para os estudantes que por lá passam. Foi no Centro que convivi mais estreitamente com a generosidade intelectual cubana e onde senti vivamente o entusiasmo das pessoas com esta pesquisa. Pude ter contato com pesquisadores que estiveram dispostos a me auxiliar para que eu conseguisse investigar mais e melhor durante a minha estadia em Cuba. Era a busca por referências, assuntos, documentos e

questionamentos constantes que podiam ampliar a pesquisa sobre a trajetória de José Martí. Na biblioteca do CEM, as possibilidades de pesquisa para este trabalho se ampliaram, pois ali compulsei obras historiográficas, revistas, anuários e as edições críticas da obra de José Martí.

Dentre a vasta documentação original do intelectual, pude ter acesso a alguns dos livros que lhe pertenceram e estavam guardados em um armário em Nova York até serem doados de volta a Cuba. Tomei conhecimento da existência dessa documentação em pesquisa na Biblioteca e pude ter acesso aos originais na *Oficina del Consejo de Estado*, que, sob a guarda do Centro, acolhe os documentos originais de José Martí.

Pude sentir, nessa viagem, a emoção da pesquisa: caminhar de mente aberta para apreender nas trilhas da experiência e da leitura, descobrir documentos que não conhecia e encontrar pessoas dispostas a compartilhar conhecimento com uma estudante que vinha de longe para aprender sobre um personagem com o qual tinham tanta proximidade. Nesse *Centro de Estudios*, tive a oportunidade de compartilhar o que há de melhor: amigos e livros.

#### ▪ *Leer es crecer*

O ano de 2013 marca o 160º aniversário de nascimento de José Martí, comemorado amplamente na ilha de Cuba. Tive a oportunidade de estar presente em três momentos marcantes das comemorações dessa data: a *Marcha de las Antorchas*, a *III Conferência Internacional por el Equilibrio del Mundo* e a XXII Feira Internacional do Livro de Cuba.

Martí nasceu na cidade de Havana em 28 de janeiro de 1853. Em 1953, ano do seu Centenário, os estudantes da *Federación Estudiantil Universitaria* (FEU) de Cuba, em homenagem a José Martí, realizaram uma marcha de tocha em punho, das escadarias da Universidade de Havana até a Fragua Martiana, lugar símbolo do presídio político de Martí. Na época, o regime de Fulgencio Batista proibiu a marcha, no entanto, os estudantes não desistiram da homenagem e à meia-noite, na virada do dia 27 para 28 de janeiro, realizaram a caminhada.

A *Marcha de las Antorchas* virou uma tradição entre a juventude cubana e, a cada ano, no dia do nascimento de Martí, é feita igual demonstração. Presenciar a marcha é algo que parece nos transportar para outro tempo. Na concentração, a espera da meia-noite, uma multidão se aglomerava com tochas improvisadas. Eram tantas pessoas que se tornou impossível enxergar a escadaria da Universidade e ter a dimensão do público participante.

A meia-noite, a caminhada tem início com um grande colorido: sessenta bandeiras cubanas abrem a marcha de homenagem. Sigo o fluxo e, quando finalmente chega a minha vez de descer a escadaria, demoro a acreditar tamanha é a multidão. Em um prédio, uma bandeira gigante da FEU e outra de Cuba. A marcha que segue entre brados de “Viva Martí!” é orquestrada pelo som da Internacional.

A III *Conferencia Internacional Por El Equilibrio del Mundo*, ocorreu entre 27 e 30 de janeiro de 2013, à maneira de um fórum multidisciplinar, com a participação de estudantes e pesquisadores de 42 países, reunidos em torno da obra de José Martí. No entanto, a partir da afirmação *Patria es Humanidad*, outras temáticas foram abordadas, como o desenvolvimento sustentável e justiça social.

Os quatro dias de conferência foram divididos em uma extensa programação: exposições, grupos de trabalhos, palestras, fóruns e lançamento de revistas e livros. O estudo da obra de Martí se deu de forma transversal a uma variedade de temas. No eixo temático *El arte y la literatura: ¿un rol social?*, do qual fiz parte, foram abordadas questões como ciência, arte, natureza e sociedade no debate martiano; as conexões de Martí com a literatura espanhola, os *Versos Sencillos* de Martí; a prosa modernista; os heróis da antiguidade nos escritos martianos e a perspectiva dos homens exemplares da América Latina a partir de Martí.

Nos demais eixos temáticos, foram abordadas questões como os ideais emancipatórios em Martí, seu pensamento político, a educação na perspectiva martiana, o periodismo em Martí, o humanismo martiano, paralelos entre o pensamento de Martí e Marx, entre outras facetas da obra martiana.

Outro momento interessante na Conferência foi o *Foro Juvenil*, quando participei do painel “Crear es la palabra de pase de esta generación: la juventud martiana en Brasil”, juntamente com Rodrigo Leopoldino, representante da Cátedra José Martí da UFPE. A contribuição se deu a partir da apresentação dos estudos realizados no Brasil sobre a obra de José Martí.

A Conferência foi também momento de apresentação de publicações periódicas em torno da temática martiana como são exemplos a Revista Bohemia, a Revista Honda, a Revista Chacmool (*cuaderno de trabajo cubano – mexicano*) e o *Anuario del Centro de Estudios Martianos* vol. 34.

A Feira Internacional do Livro de Cuba, considerado o evento cultural de maior participação da ilha, foi também realizada em homenagem ao 160º aniversário de Martí. A

Feira em Havana ocorreu entre 14 e 24 de fevereiro, partindo em seguida para as demais províncias até 10 de março de 2013.

A sede principal da feira em Havana, na Fortaleza de *San Carlos de La Cabaña*, recebeu, diariamente, uma multidão que lotava os ônibus que partiam de frente do Capitólio rumo à festa do livro. Eram pessoas de todas as idades que saíam de mãos cheias de novas leituras.

Sob o lema “Leer es crecer”, a feira de 2013 esteve dedicada ao 160º aniversário de José Martí, e ainda aos intelectuais cubanos Pedro Pablo Rodríguez e Daniel Chavarría. Como já é costume, a Feira apresenta um país convidado, tendo sido Angola o de 2013. O país convidado tem sua cultura em evidência por meio de conferências, espetáculos e publicações no intuito de aproximar o público cubano de novas perspectivas literárias e culturais.

*La Cabaña* ou *El Morro*, como é conhecida a Fortaleza de *San Carlos*, fica pequena quando o assunto é feira do livro. Apesar das outras quatro subsedes da feira e da maioria das livrarias da cidade estarem inclusas na rota, o espaço de maior público é sempre La Cabaña. A procura é tanta que, para entrar no espaço de cada editora, é preciso enfrentar fila, principalmente se o destino é o pavilhão onde estão concentradas muitas das obras editadas em moeda nacional.

A festa do livro parece ser um costume do povo cubano, um movimento de quem se acostumou a ter proximidade com os livros. Costume de quem, na maioria das vezes, tem, na prateleira de casa, um exemplar de *La Edad de Oro* ou de um poema de José Martí. É uma verdadeira comemoração: do amor aos livros e à leitura, do conhecimento e da possibilidade de acesso. Para encerrar as comemorações do 160º aniversário de Martí, e entendê-las desde a Feira do Livro, tomo de empréstimo uma frase da edição especial do suplemento *El Tintero*, do periódico *Juventud Rebelde*: “A los libros y al amor, abre la muralla”.

\*\*\*

Estudar o intelectual cubano José Martí tem sido, para mim, um exercício, ao mesmo tempo, desafiador e prazeroso. Prazeroso porque desenvolvi verdadeiro afeto pela obra martiana, e desafiador porque as facetas e desdobramentos de sua vida e obra são muitos, cabendo bem definir os contornos da pesquisa.

Tomei conhecimento da obra de José Martí na graduação em Jornalismo, quando elaborei a monografia “La Edad de Oro: uma escrita pedagógica para os meninos e meninas de Nuestra América”. Durante a pesquisa, tive contato com uma publicação que reunia as

cartas de Martí endereçadas à jovem Maria Mantilla, a quem dedicou afeto paternal. Começava aí o entusiasmo por continuar os estudos sobre José Martí, e o seu epistolário despertava meu vivo interesse.

Neste trabalho, busco compreender a trajetória intelectual de José Martí a partir de fontes da sensibilidade martiana – cartas, dedicatórias, diários e apontamentos. É necessário compreender que a obra de Martí está amplamente conectada: cartas para periódicos, cartas pessoais, dedicatórias, diários e cadernos de apontamentos se encontram em alguma medida nos temas eleitos por Martí. E assim, neste estudo, tentei percorrer caminhos que permitissem conhecer um pouco mais de sua trajetória intelectual por intermédio das fontes enunciadas.

Pensar sobre José Martí é refletir sobre seu tempo e as peculiaridades de sua trajetória. E assim, busquei conhecer mais e melhor o século XIX e seu vocabulário vincado de cientificismo e da noção de progresso, e onde as batalhas se dão, também, no âmbito das ideias. Neste caso, buscam-se, no oitocentos, as rotas e os lugares sociais de circulação dos livros, dos periódicos e difusão das leituras.

Martí é um homem que vive as urgências de sua época e, dessa forma, entrelaça sua vida às causas sociopolíticas do seu tempo. Para compreender o homem e seu tempo, empreendemos um trabalho de intensa leitura das fontes, tentando situá-las no contexto de sua produção. Este estudo apresenta-se dividido em três capítulos, onde tentamos seguir rastros de uma escrita sensível de José Martí, compondo, por vezes, uma narrativa de auto-história, em sua própria definição.

A investigação das fontes desta pesquisa foi acompanhada da leitura dos estudos e mapeamento das pesquisas realizadas no Brasil, relativas a José Martí, no intuito de melhor compreender os aportes teóricos e os campos de estudo. Sem pretender um vasto estado da arte, apresento aqui, de modo sumário, estas leituras de formação na presente pesquisa.

No campo da Psicologia, destaco o estudo de Díego Jorge González, *Martí e a Psicologia – O poeta e a unidade cognição/afeto*,<sup>2</sup> que examina um pensamento psicológico em Martí, analisando, a partir da concepção martiana, temas objeto da Psicologia. Numa perspectiva biográfica, encontramos vários estudos que dão a conhecer a vida e obra de José Martí, os quais contribuíram neste trabalho.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> SERRA, Diego Jorge González. **Martí e a psicologia: o poeta e a unidade cognição/afeto**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

<sup>3</sup> São coleções publicadas nas quais existem estudos sobre José Martí: a Coleção Fundadores da América Latina, da Fundação Memorial da América Latina: Villaça, Mariana Martins. José Martí. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2008. Coleção Fundadores da América Latina, v. 5, coordenada por Maria Lígia Coelho Prado. A Coleção Nossa Cultura – Série Biblioteca Bolivariana – que traz a edição bilingue “José



No campo da Educação, várias pesquisas estudam a obra martiana em vista da formação do *novo homem* na Revista *La Edad de Oro*;<sup>4</sup> do aprofundamento da compreensão de seu ideário político e pedagógico;<sup>5</sup> da análise da insurgência como princípio educativo da pedagogia latino-americana;<sup>6</sup> e do estudo sobre uma proposta de educação popular para a América Latina a partir do ideário político-pedagógico martiano.<sup>7</sup> Compõem este breve inventário, os estudos que abordam em perspectiva comparada às concepções de José Martí e Domingo Sarmiento;<sup>8</sup> como ainda um estudo comparativo entre Paulo Freire e Martí,<sup>9</sup> e o ideário pedagógico de Martí com vistas à formação do homem do campo.<sup>10</sup> Ainda na área de educação, é de relevância a pesquisa de Danilo R. Streck, expressa em *Educação em Nossa América e José Martí e a Educação*, entre outros trabalhos que recuperam textos originais da pedagogia martiana.<sup>11</sup>

---

Martí: cultivar os sentimentos: Neto, B. C.; Ortega, Lidia Esther Orraca; Rodriguez, Justo Pereda. José Martí: cultivar os sentimentos. Fortaleza: Secult/Ce, 2011. A Coleção Educadores que traz um volume dedicado ao pensamento de José Martí: Nassif, Ricardo; Santos, Eduardo (org.). José Martí. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Também encontramos na Série Exposições, publicada em Fortaleza, uma publicação dedicada ao 150 aniversário de nascimento de José Martí: GONÇALVES, Adelaide; SECRETO, Maria Verónica. (Compiladoras). **José Martí: (1853-1895)**. Fortaleza: Edições A CASA, 2003. Destacamos ainda como publicações as duas traduções para o português da Revista *La Edad de Oro*, uma realizada em Fortaleza, Ceará: MARTÍ, José. **A idade de ouro**. Coordenação de tradução: Marisa Ferreira Aderaldo. Fortaleza: Forgráfica Editora, 2006. E outra em Salvador, Bahia: MARTÍ, José. **A idade de ouro**. Tradução de Francine Mendes dos Santos. Salvador: NEAL/PROEX, 2012. E ainda a edição bilíngue de *Nuestra América* publicada em 2011 pelo Núcleo de Estudos Cubanos – Nescuba (UNB).

<sup>4</sup> *A Formação do homem latino-americano a partir da Revista La Edad de Oro*, de Fábio Inácio Pereira.

<sup>5</sup> *José Martí Educador: um ensaio sobre seu ideário político-pedagógico*, pesquisa de Jair Reck. Essa dissertação deu origem ao livro *Por uma Educação Libertadora – O Ideário Político-Pedagógico do Educador Cubano José Martí*, de Jair Reck, publicado pela EdUFMT no ano de 2005.

<sup>6</sup> *Educação popular em José Martí e no movimento indígena de chiapas: a insurgência como princípio educativo da pedagogia latino-americana*, pesquisa de Cheron Zanini Moretti. O trabalho propõe um diálogo entre o processo de independência cubana, do final do século XIX e o movimento indígena de Chiapas, sobretudo os zapatistas, no final do século XX.

<sup>7</sup> *Educação Popular e Modernidade na América Latina. Um debate a partir das crônicas martianas de Nova York*, de Lucas Machado dos Santos, apresenta uma discussão acerca da relação do ideário político-pedagógico de Martí e sua proposta de educação popular para a América Latina; também de Lucas Machado dos Santos encontramos *José Martí e a Educação Popular. Uma análise do ideário político e pedagógico americanista de José Martí, José Martí e o projeto identitário de Nuestra América. Uma análise da construção de identidade americana*, e ainda *História Intelectual e História dos Conceitos: Possíveis Abordagens para a Historiografia da América Latina*, trabalho que tenta trazer aspectos metodológicos do contextualismo linguístico da escola de Cambridge e da história dos conceitos de origem alemã para realizar a análise do ideário político e pedagógico de José Martí quanto às propostas para um projeto americanista de educação popular. Vale ressaltar que Lucas Machado dos Santos desenvolve a pesquisa de mestrado “Educação em nossa América. Para uma história intelectual das ideias do cubano José Martí sobre a educação”, no Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ.

<sup>8</sup> *Breve ensaio sobre as ideias sobre educação de José Martí e Domingo F. Sarmiento*, de Vítor Aleixo Schütz.

<sup>9</sup> *Prática Educativa Antirracista a Partir do Pensamento de Freire e Martí*, de Itaara Gomes Pires, trabalho no qual a autora desenvolve os diálogos possíveis entre a literatura de Paulo Freire e José Martí.

<sup>10</sup> *A Formação do Homem do Campo em José Martí*, artigo de Fábio Inácio Pereira e José Joaquim Pereira Melo, que discute as diretrizes de formação do homem do campo tendo como foco a análise dos ideais educacionais em Martí visto a partir do contexto político, econômico e social em Cuba. E ainda, dos mesmos autores, “José Martí e a Educação em Cuba”.

<sup>11</sup> Ainda de Danilo Streck, encontramos *A educação popular e a (re)construção do público. Há fogo sob as*

No campo da Literatura, destacamos estudos sobre os conceitos de identidade cultural e de nação, nos livros de Literatura Infanto-Juvenil do Brasil e de Cuba;<sup>12</sup> sobre a identidade nacional, a partir da Revista *La Edad de Oro*;<sup>13</sup> e um estudo sobre a reinvenção da América pela análise de escritos de Inca Garcilaso de la Vega, Rubén Darío e José Martí.<sup>14</sup> Nos estudos interdisciplinares de História e Literatura, de significação é *Decadentismo e Ideologia: Economias de desejo na América Hispânica Finissecular*, fruto do debate entre Sylvia Molloy, Daniel Balderston e Davi Arrigucci Jr., uma reflexão cujo ponto de partida é o escrito de José Martí sobre Oscar Wilde.

Nos estudos históricos destacamos as teses *José Martí e Domingo Sarmiento: Duas Ideias de Construção da Hispano-América*, de Dinair Andrade da Silva; *América para a humanidade – o americanismo universalista de José Martí (1853-1895)*, de Eugênio Rezende de Carvalho, uma investigação sobre as bases do americanismo de José Martí e os alcances e sentidos de sua ideia de América.<sup>15</sup> Ainda em torno da concepção de *Nuestra América*, encontramos estudos sobre a construção de uma possível identidade nacional americana.<sup>16</sup>

Também podemos destacar, na área de História, estudos sobre as representações dos jovens bacharéis cubanos sobre si mesmos e sobre Cuba;<sup>17</sup> a análise dos projetos de

*brasas?*, que traz contribuições da obra de Martí para pensar a educação popular; E também *José Martí e a educação popular: um retorno às Fontes*.

<sup>12</sup> *As representações da Identidade Cultural: literatura infanto-juvenil brasileira e cubana*, de Suely da Fonseca Quintana. Trabalho que aprecia a obra de Monteiro Lobato e José Martí.

<sup>13</sup> *José Martí: um olhar cosmopolita em La Edad de Oro*, de Maria Angélica Guidolin dos Santos.

<sup>14</sup> Perspectiva abordada no segundo capítulo de *A Palavra Poética: Magia e Revolução na Cartografia Latino-americana*, de Diana Araujo Pereira.

<sup>15</sup> Ainda de Eugênio Rezende de Carvalho apontamos a dissertação *O Projeto Utópico da Nuestra América de José Martí* e o estudo *A presença do krausismo nos meios intelectuais cubanos da segunda metade do século XIX*, onde o autor trata da influência do krausismo no pensamento de Martí. E ainda os estudos *Sujeitos do Projeto Utópico da “Nuestra América” de José Martí*, que analisa como o discurso “americanista” de Martí visou superar as perspectivas eurocentristas do ser americano. *A relação Homem-Natureza em José Martí, José Martí e o centenário da independência cubana (1898-1998)*, e *Ideias e identidade na América: quatro visões*, que trabalha a identidade latino-americana a partir das visões de Martí, José Enrique Rodó, Domingo Faustino Sarmiento e Manoel Bonfim.

<sup>16</sup> *A Construção de uma Identidade Nacional Americana: Nossa América, um Estudo Particular*, de Michelle Mattar Pereira de Oliveira, que destaca a questão da identidade americana a partir do escrito “Nuestra América” de José Martí. Encontramos ainda os seguintes trabalhos com a temática “Nuestra América”: *Nuestra América segundo José Martí: Soberania e Modernidade Alternativa em Cuba no Final do Século XIX*, de Fabio Luis Barbosa dos Santos; e *Pátria e nação: Nuestra América de José Martí*, de Gislania de Freitas Silva. Vale ressaltar que a autora desenvolve pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC) sobre o conceito de Pátria em José Martí. Ressalto ainda a pesquisa de mestrado de Renan Perondi, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo (USP), que tem como foco a análise das crônicas jornalísticas de José Martí endereçadas aos jornais latino-americanos durante seu exílio na cidade de Nova York (EUA). Ainda sobre a temática da nação em Martí, encontramos *O Nacionalismo Cubano de José Martí*, de Karen Daniela Pires e Mateus Dalmaç, onde o nacionalismo e a concepção do homem natural em José Martí são estudados a partir de seu “Versos Sencillos”.

<sup>17</sup> Trabalho de Eleonora Zicari Costa de Britto intitulado *Vozes inquietas – Lugares de representação e práticas identitárias de jovens bacharéis cubanos no século XIX*.

construção do Estado-nação elaborados pelos liberais;<sup>18</sup> *O uno e o diverso: construção nacional e incorporação indígena no pensamento de José Martí*, pesquisa de Aline de Souza, em que aborda os traços de projetos voltados à construção e consolidação das nacionalidades na América Hispânica, na segunda metade do séc. XIX, tendo como ponto específico o processo de incorporação do indígena nessas nacionalidades, pensado por José Martí; e *José Martí e a independência de Cuba no contexto das relações internacionais*, pesquisa de Patricia Ghelli Carvalho, que destaca o compromisso político do intelectual, sua relação com a independência de Cuba e os usos de sua memória na América Latina e, principalmente, em Cuba.

Encontramos também estudos que analisam, em perspectiva comparada, os processos de democratização radical na América Latina na luta anti-imperialista;<sup>19</sup> e a discussão sobre o conceito de nação a partir dos intelectuais latino-americanos.<sup>20</sup>

Ainda no campo da História, podemos destacar o estudo das representações da ideia de “América” nas obras de Oliveira Lima, José Enrique Rodó e José Martí;<sup>21</sup> o estudo da apropriação das ideias políticas e da imagem de José Martí pela revolução cubana, ao longo dos anos 1959 e 1960;<sup>22</sup> e a análise comparada entre escritos de José Martí e José Enrique Rodó, compreendendo elementos identitários latino-americanos.<sup>23</sup> Além da pesquisa de Jaime de Almeida apresentada no Simpósio “Cem Anos de José Martí na América Latina e Caribe”: *Procurando por José Martí nas comemorações do IV Centenário*, abordando, a partir das crônicas martianas, os sentidos da festa cívica e do comemoracionismo.

Na área de Ciências Sociais, apontamos a pesquisa “A Escrita Descolonial de Manoel Bonfim: uma conversa com o seu pensamento social e político”, de André Luiz de Souza Filgueira. Apesar de não tratar, centralmente, do pensamento martiano, a dissertação

<sup>18</sup> *O Pensamento Político de José Martí e o Liberalismo Mexicano*, de Jorge Eschriqui Vieira Pinto. Do mesmo autor encontramos *José Martí e o liberalismo: a trajetória intelectual de um exilado cubano no México*, que trata dos escritos produzidos por José Martí entre 1875 e 1876 sobre a formação do Estado-Nação mexicano

<sup>19</sup> *Origens do Pensamento e da Política Radical na América Latina: Um Estudo Comparativo entre José Martí, Juan B. Justo e Ricardo Flores Magón*, de Fabio Luis Barbosa dos Santos, tese apresentada no ano de 2011 na Universidade de São Paulo (USP).

<sup>20</sup> A dissertação “O Conceito de Nação em Mariátegui”, de Elvis Humberto Poletto, apresentada na UFSC, em 2011, aborda fragmentos da obra de José Martí para discutir o conceito de nação. A dissertação “O Antilhanismo de Eugenio Maria de Hostos” (UFG-2006), de Giselle Garcia de Oliveira, também aborda transversalmente a trajetória e obra de José Martí para compreender o contexto político e social antilhano. Encontramos também o trabalho *As Raízes do Brasil no Espelho de Próspero*, de Pedro Meira Monteiro, onde o objeto de estudo é a concepção do espaço de uma “outra” América a partir do pensamento de intelectuais como Dário, Martí, Rodó, Mariátegui, Manoel Bonfim, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre.

<sup>21</sup> *Os homens já se entendem em Babel: mito e história da América em Oliveira Lima, José Enrique Rodó e José Martí*, de Fabio Murici dos Santos.

<sup>22</sup> *José Martí nos discursos de Fidel Castro: da revolução nacional à socialista*, de Marisa de Oliveira,

<sup>23</sup> *O Enigma Latino-Americano: construção de identidades e polarizações entre América Latina e Estados Unidos nos escritos de Martí e Rodó*, de Regiane Cristina Gouveia.

traz, em seu segundo capítulo, o tópico “José Martí: rumo à emancipação da *mãe-pátria*.”<sup>24</sup> Encontramos ainda estudos relativos ao tema da tradução<sup>25</sup> e ao âmbito cultural, político e religioso em José Martí.<sup>26</sup>

Desse percurso, que venho construindo desde a graduação, surgem questionamentos, leituras, fontes, aportes teóricos, viagens de pesquisa e reflexões que permitiram adensar a leitura de fontes e melhor desenvolver esta Dissertação.

Ao aproximar esta pesquisa da dimensão martiana enquanto intelectual de compromisso com os pobres da terra e do poeta em atos, palmilhando os caminhos da contestação social, fez-se necessário conhecer, em maior grau, o contexto sociopolítico do século XIX e o debate de ideias na segunda metade do oitocentos. E, para tal aproximação, quis aproximar-me do seu percurso como leitor, destacando o livro, o periodismo e a leitura em sua trajetória. Ler para escrever, viver para escrever, tais consignas comuns ao perfil do intelectual de compromisso é o que se observa de sua escrita nas cartas, diários e apontamentos de viagens analisados neste trabalho.

Na observação dos modos de leitura e do apreço aos livros como parte da experiência social, fui em busca de outros testemunhos e, nestes, ressalto a experiência de Che Guevara, cuja mochila de guerrilheiro em Sierra Maestra, no Congo ou na Bolívia, carregava sempre os inseparáveis livros e o caderno de anotações à maneira de *Diário*. Ricardo Piglia, em seu *O último leitor*, destaca que, na Bolívia, Guevara carregava seus livros quando quase não lhe restava força física. E, tendo já deixado tudo pelo caminho, o único que conserva é uma pasta de couro com seu diário de campanha e seus livros.<sup>27</sup> Sabemos que Guevara foi um atento leitor de Martí, a quem chamou de *poeta revolucionário*. Nas notas à margem de suas leituras, em face do livro de Vicente Sáenz, *Martí: Raíz y ala del libertador de Cuba*, Guevara escreve: “Es una pequeña semblanza del libertador con abundancia de citas que dan una idea del pensamiento tan claro y tan elegante del poeta revolucionario.”<sup>28</sup>

<sup>24</sup> Esse estudo de mestrado foi apresentado, em 2012, no Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas da UNB.

<sup>25</sup> *Análise do Poema “Hijo del Alma” de José Martí e as dificuldades tradutórias do Espanhol para o Português do Brasil*, de Jefferson Odair da Silva Santos e Luzimar Goulart Gouvêa, traz contribuições sobre cotejamento e análise da tradução de textos literários a partir do poema *Hijo del Alma*, do livro *Ismaelillo*, de Martí.

<sup>26</sup> *José Martí – Modernidade e Utopia*, de Mariza Veloso, onde a trajetória política e intelectual de Martí é examinada a partir das rupturas que sua obra introduziu no campo cultural da América Latina; *José Martí, José Enrique Rodó e Manoel Bonfim: Três Tempos sobre a América Latina*, de Davi Siqueira Santos; *O herói revivido: Martí e o discurso revolucionário cubano*, de José Antonio Ferreira da Silva Júnior; *O intelectual modernista como artista: Rubén Darío*, de Susana Zanetti, onde Martí é estudado transversalmente no âmbito modernista; e o trabalho *O Pensamento Político e Religioso de José Martí*, de Werner Altmann.

<sup>27</sup> PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 106.

<sup>28</sup> GUEVARA, Ernesto Che. **America Latina: despertar de un continente**. Editado por María del Carmen Ariet García. Bogotá: Ocean Sur, 2007. p. 97.

A partir do multifacetado universo epistolar de José Martí, busco conhecer perspectivas e profundidades na trajetória do homem que se fez, com igual intensidade, intelectual revolucionário, amigo dos meninos e meninas de *Nuestra América* e, como afirmou Florestan Fernandes,<sup>29</sup> *um homem de muitas faces humanas*. Na trajetória de José Martí, são as letras do afeto, os escritos considerados mais pessoais, onde compartilha em tom de diálogo, sentimentos e ideias com homens e mulheres do seu círculo de amizade. Para investigar tal perspectiva de escritura, a partir do campo da historiografia, acolhi, como corpus documental, cartas pessoais, diários e dedicatórias de José Martí, observando as aproximações com os estudos biográficos e definindo como eixo da pesquisa a trajetória singular de José Martí, em face de seus escritos pessoais e de circunstância, como é o caso dos Diários de campanha.

No primeiro capítulo desta Dissertação, situo José Martí em face de seu tempo, observando a moldura material e intelectual do século XIX e o contexto sociopolítico latino-americano, destacando sua prisão política em Cuba e o exílio. Destaco também em sua formação a influência intelectual de Rafael María de Mendive. Na intenção de aprofundar o conhecimento sobre a experiência de José Martí no exílio, de 1871 a 1895, traço, de modo breve, sua trajetória no México, Espanha, Guatemala, Venezuela e Estados Unidos, ressaltando as formas de convivialidade nos círculos intelectuais e os intercâmbios desde o periodismo, o livro e a leitura.

Para a compreensão mais ampla da trajetória martiana, demarco, como fonte notável, o *Atlas José Martí*, publicação a qual tive acesso em Havana. O *Atlas* é acolhido em sua qualidade de cartografia intelectual oitocentista, identificando os lugares sociais das Bibliotecas, Revistas, Periódicos, Ateneus, Liceus, Teatros na trajetória de Martí. Outra fonte fundamental, neste capítulo, é a Edição Crítica das Obras Completas de José Martí, pelo conteúdo erudito de suas notas explicativas.

No segundo capítulo, concentro o esforço analítico em torno das Cartas selecionadas do Epistolário de José Martí, dando ênfase ao principal destinatário, seu amigo mexicano Manuel Mercado. A correspondência é analisada em perspectiva da escrita autobiográfica e testemunhal em José Martí. Do Epistolário são igualmente ressaltados os *caminhos de papel* da trajetória martiana, como ainda sua relação com os principais núcleos de emigração cubana nos Estados Unidos. Acolho, nesse capítulo, o Epistolário Pessoal estabelecido no volume 20 das Obras Completas de José Martí (1975), a Edição Crítica das

---

<sup>29</sup> FERNANDES, Florestan. **A contestação necessária**. São Paulo: Ática, 1995.

Obras Completas de José Martí (2000-2011); e dois tomos do Epistolário organizado por Luis García Pascual (1993).

No terceiro capítulo, aprofundo a análise da trajetória intelectual de José Martí destacando a peculiaridade de sua escrita nas Dedicatórias, Desenhos, *Diários de Campanha*, Anotações de viagem e fragmentos dos *Cuadernos de Apuntes*. Tal escrita torna possível compreender significativas dimensões de sua vida intelectual com destaque ao vasto itinerário de leituras bem como a observação de sua escrita enquanto exercício de *autohistória*.

Neste capítulo, o estudo se apoia nas seguintes fontes: volume 20 das Obras Completas de José Martí (1975), tomos catorze e quinze da Edição Crítica das Obras Completas (2007), *José Martí: documentos familiares* (2008); *Anuarios del Centro de Estudios Martianos*; tomo cinco da Edição Crítica das Obras Completas (2001); Edição Crítica dos *Diários de Campanha* (2007), e volume 21 das *Obras Completas* (1975).

Nesta Dissertação, almejei alargar, nos limites da pesquisa aqui apresentada, dimensões da trajetória de José Martí que permitissem também contribuir à compreensão de suas muitas *faces humanas*, em vista da vigência e atualidade de seu pensamento.

## CAPÍTULO 1: JOSÉ MARTÍ: *UM HOMEM DE MUITAS FACES HUMANAS*

“Lee todo lo bueno y atiende a los que los tiempos mandan.”

(José Martí)

### 1. O intelectual oitocentista

O escopo deste trabalho é uma reflexão acerca do contexto de circulação das ideias no século XIX. A partir da força dos debates, as ideias alcançaram, em determinados casos, um sentido transformador e encontraram terreno fértil na atmosfera intelectual do referido século. Convém situar, do ponto de vista da técnica, as transformações em curso, destacando, para o propósito deste trabalho, a instalação das tipografias e a difusão do periodismo e dos livros. Além disso, é de se notar o que significa o encurtamento das distâncias a partir da instalação dos caminhos de ferro que transportam mercadorias, ligam mercados e lugares, mas levam também livros e ideias. Como apontado no estudo de Jesús Martín, é necessário compreender as transformações do período em vista da difusão do livro, dos periódicos e revistas requeridos pelos novos públicos leitores:

La incorporación de los nuevos avances de la técnica a la producción editorial, salpicada primero entre algunos pioneros del mundo de la imprenta y extendida después, posibilitaron una oferta mayor y más diversificada, con el abaratamiento de los costes y la recuperación de las formas del libro (encuadernación, ilustración, tipografía), a lo que se añadieron nuevas técnicas de comercialización. Así, los métodos de producción artesanales empezaron a ser sustituidos por la mecanización en el contexto de la limitada industrialización, todavía a medio camino entre el carácter artesanal y las innovaciones técnicas propias de la fábrica. Una transformación editorial que no sólo consistió en la difusión de libros, sino también de la prensa, con el aumento de periódicos y revistas dotados de mayor rapidez y espontaneidad, a los que se aplicaron igualmente, y en muchas ocasiones de forma previa, las innovaciones.<sup>30</sup>

O oitocentos é compreendido como o século cujo vocabulário corrente é o da ciência, da história e do progresso. É também no mesmo período que, principalmente por meio do periodismo, as ideias podem ganhar força e potência em sua difusão. Os periódicos se filiam às correntes de pensamento e promovem, em certas conjunturas, acesos debates animados pela escrita de seus periodistas quase sempre empenhados na formação do que se convencionou chamar de república dos intelectuais.

---

<sup>30</sup> MARTÍN, Jesús A. Martínez. (Dir.). **Historia de la edición en España: 1836-1936**. Madrid: Marcial Pons, 2001. p. 30.

Examinando as características gerais da nova cultura industrial urbana da primeira metade do século XIX, Raymond Williams<sup>31</sup> apresenta interessantes elementos para se compreender as distintas tendências, por vezes contraditórias, na circulação editorial do período em estudo. Em sua investigação, é possível recolher significativas informações acerca das possibilidades de ampliação do público leitor, como é o caso da associação entre as mais antigas bibliotecas circulantes e as novas formas de gabinetes de leitura e compra coletiva. Havia uma tendência para edições reduzidas a altos preços, assim como para a publicação regular de reimpressões baratas, principalmente voltadas à poesia e ao drama. É desse período também o crescimento dos leitores de ficção impulsionado pelas publicações em folhetins e seriados.

Para o diagnóstico do desenvolvimento do periodismo e da existência de um público leitor radical, Raymond Williams sublinha, na conjuntura política do século XIX, as intensas lutas em torno das ideias. O ambiente político desse período fomentaria a experiência de leitura de *Os Direitos do Homem*, de Thomas Paine (1737-1809), e o *Discurso aos Artesãos e Trabalhadores*, de William Cobbett (1763 – 1835), notáveis publicistas em língua inglesa que, para além de seu público na Inglaterra, seguramente tiveram seus escritos animando os círculos de leitura radical em outros continentes.<sup>32</sup>

Para o caso da América Latina, Maria Ligia Coelho Prado chama atenção de que é preciso levar em conta as inovadoras concepções sobre a natureza e a ciência, que também tiveram sua contribuição no processo de subversão das visões tradicionais no mundo colonial. Eram escritos como as famosas expedições naturalistas de Alexandre von Humboldt e Aimé Bonpland. Esses estudos acabaram por contribuir para o questionamento da filosofia e educação escolásticas, base dos conhecimentos no período colonial. As novas perspectivas abriam a natureza para a observação e experimentação, movendo o foco das certezas apenas reveladas pela fé. Eram as letras proporcionando o nascimento de novas possibilidades de conhecimento, seja no mundo físico ou no mundo da política.<sup>33</sup>

Sobre o modo de circulação dos livros, Robert Darnton explica que pouco se sabe como acontecia a saída dos livros das gráficas rumo aos depósitos. Transportes como o navio,

---

<sup>31</sup> WILLIAMS, Raymond. A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. In Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, n. 35. São Paulo: EDUC, 2007.

<sup>32</sup> WILLIAMS, Raymond. A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. In Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, n. 35. São Paulo: EDUC, 2007. p. 17.

<sup>33</sup> PRADO, Maria Ligia Coelho. **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: Edusp; Edusc, 1999. p. 56-57.



o trem e até mesmo os correios podem não ter influenciado expressivamente em grandes centros editoriais como Londres e Paris, no entanto, é possível que tenham determinado, algumas vezes, a frequência dos negócios em áreas distantes. Isso se deu, segundo Darnton, por conta das diferenças em relação ao transporte do livro. Antes do século XIX, os livros eram enviados, em geral, em folhas soltas, facilitando o estrago do papel e gerando despesas elevadas de frete, por conta do tamanho e peso das folhas. Dessa maneira, os expedidores tinham que arcar com uma grande parcela do custo total do livro dificultando sua estratégia de venda. Sobre a circulação da literatura não ortodoxa, ainda segundo Darnton, desde o século XVI, esse tipo de produção literária tem sido transportada clandestinamente em grandes quantidades, tendo sua influência variado conforme a eficiência do contrabando.<sup>34</sup>

Acerca da rede livreira de difusão informal, tendo em conta o processo ocorrido na Espanha, Jean-François Brotel afirma que a rede livreira “oficial” sempre existiu, no entanto, corria em paralelo, e muitas vezes em maior quantidade, um sistema de comercialização informal. Brotel cita a venda ambulante de artigos de leitura quando seus vendedores reuniam pequenas quantidades de livros e percorriam os cafés de Madrid em busca do público leitor. Somam-se a esses vendedores ambulantes de livro, os vendedores de periódicos que anunciavam pelas ruas o conteúdo dos jornais em alto timbre, prática que as autoridades de Madrid tentaram, em vão, conter. Acompanhando essa difusão do livro, foram instalados, em vários pontos do espaço urbano espanhol, em fins do século XIX, uma espécie de quiosques que se tornaram os lugares mais eficazes para a venda de periódicos, revistas e impressos vários. Essa iniciativa foi bem-sucedida, no entanto, não deixou de enfrentar o protesto dos livreiros que mantinham loja fixa.<sup>35</sup>

Os livros e periódicos no século XIX guardam relações estreitas entre si, fazendo parte de um mesmo universo letrado: os livros postos em circulação se tornam, muitas vezes, conhecidos pelos comentários ou críticas publicadas em jornais. Vale lembrar que muitos dos intelectuais do XIX escrevem também em periódicos. Falamos anteriormente em publicações que viajam clandestinamente e mesmo numa circulação informal de leituras. Retomando as contribuições de Robert Darnton referentes à história do livro e da leitura, em sua reflexão sobre o contato com a palavra impressa e a maneira de pensar dos homens,<sup>36</sup> vemos que não há uma resposta única para essa reflexão, no entanto, a presença do livro em diferentes épocas

---

<sup>34</sup> DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 125-126.

<sup>35</sup> BOTREL, Jean-François. Los libreros y las librerías. tipología y estrategias comerciales. In: MARTÍN, Jesús A. Martínez. (Dir.). **Historia de la edición en España**: 1836-1936. Madrid: Marcial Pons, 2001. p. 137-138.

<sup>36</sup> DARNTON, *op. cit.*, p. 130.

e sociedades, pode dar pistas para pensar essa questão.

É possível entender que a relação com os livros e a leitura desperta sentidos singulares, e que, mesmo não tendo plena certeza de como a leitura afeta as pessoas, sabemos o primordial: que ela exerce influência sobre a forma de pensar e agir. Por isso, as leituras sediciosas, e mesmo o aprendizado da leitura, foram tão temidos pelos dominadores. Alberto Manguel discorre sobre o processo da leitura como possível via de libertação. Referindo-se sobre o desejo arriscado de escravos afro-americanos de querer aprender a ler, Manguel, dá mostras da leitura como possibilidade posta para que se amplie a capacidade de refletir e, conseqüentemente, de agir. Por isso, os dominantes sempre temeram que o acesso ao conhecimento caísse nas mãos dos dominados: quem aprende a ler não desaprende jamais, e assim, a leitura poderia trazer novos perigos à dominação vigente.<sup>37</sup>

O livro pode ser um instrumento poderoso para os oprimidos, pode incendiar novas ideias no coração dos homens e ser meio de solidariedade. Umberto Eco<sup>38</sup> fala de uma “memória vegetal”, uma memória que surge com a invenção da escrita. Denominou-se “vegetal” porque o papiro era vegetal e, com o advento do papel no século XII, os livros passaram a ser produzidos com trapos de linho, cânhamo e algodão. O livro existe antes mesmo da imprensa e, sob qualquer forma material, ele permite que a escrita se personalize, torne-se uma porção da memória individual ou mesmo coletiva. O livro nos provoca, como discorre Umberto Eco, a possibilidade de interpretar um pensamento, de querer descobrir a intenção das suas páginas. Na leitura, podemos interrogar o texto e, inclusive, ler de maneira diferente o mesmo escrito.<sup>39</sup> Essa existência material, potencializada pelo ato da leitura, incide na formação de ambientes intelectuais onde a leitura traz a possibilidade de conexão entre pessoas distantes fisicamente.

A formação dos intelectuais do século XIX pode ser delineada como cosmopolita, tendo em vista o permanente trânsito de ideias adquiridas via leituras, tertúlias literárias, circulação de periódicos, intensa escrita epistolar onde se realiza uma vigorosa troca intelectual, além de debates realizados em seus países de origem ou em outras localidades visitadas quando era o caso das viagens, seja por motivações políticas ou de outra ordem, por alguns intelectuais do século XIX. Utilizando como exemplo os intelectuais europeus que criticam a ordem estabelecida no período, é possível observar um movimento migratório bastante relacionado a perseguições políticas e a busca por ambientes intelectuais mais

---

<sup>37</sup> MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 313-315.

<sup>38</sup> ECO, Umberto. **A memória vegetal: e outros escritos de bibliofilia**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

<sup>39</sup> ECO, Umberto. **A memória vegetal: e outros escritos de bibliofilia**. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 15.

liberais.<sup>40</sup>

É possível identificar, nos intelectuais do XIX, um entrelaçamento de caminhos, uma vez que, geralmente, se conhecem, mantêm vínculos e trocas intelectuais, seja nas vivências pessoais ou no meio de comunicação interpessoal mais corrente à época: as cartas. Para o século XIX de *Nuestra América* – para utilizarmos um termo cunhado pelo intelectual revolucionário cubano José Martí –, é válida também essa afirmação dos caminhos entrecruzados, principalmente entre os intelectuais considerados engajados em questões políticas e sociais, como a luta pela abolição da escravatura. Eduardo Devés-Valdés discorre acerca da relação epistolar entre os intelectuais que, muitas vezes, se conheciam por primeira vez pelas cartas. As cartas cumpriram um papel na difusão do pensamento latino-americano, na medida em que, não raras vezes, difundiam obras, pediam comentários e debatiam as ideias em experimento.<sup>41</sup>

É um ambiente formado por correntes de ideias e de cânones que davam corpo a uma matriz intelectual à qual os homens públicos filiavam-se de acordo com os meios intelectuais em que compartilhavam debates. Para tornar-se conhecido no século XIX, não era preciso necessariamente viajar e estar presente em diversos países. A presença física tomava outro corpo que não o humano. A presença em letra impressa e papel – no caso dos periódicos – e das letras de tinta gravadas nas epístolas eram largamente responsáveis pelas trocas de referências intelectuais, pela vivacidade dos debates e por manter pensadores e pensamentos em diálogo.

É sobre esse ativo diálogo que Alejo Carpentier<sup>42</sup> reflete quando apresenta personalidades como o peruano Pablo de Olavide (1725-1803), considerado precursor dos ideais independentistas no Peru e amigo do francês Voltaire (1694-1778), defensor dos ideais iluministas; Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), escritor e político argentino de expressão no que diz respeito aos debates sobre educação, progresso e civilização; o mexicano Benito Juárez (1806-1872), que ocupou a presidência do México, defendeu uma constituição de caráter liberal e foi declarado como benemérito da pátria e das Américas; e o cubano José Martí (1853-1895), defensor da independência de Cuba e da unidade continental de *Nuestra América*. São intelectuais comprometidos principalmente com a luta anticolonial e que se assemelham pelo espírito ávido em compartilhar debates.

<sup>40</sup> CHARLE, Christophe. **Los intelectuales en el siglo XIX**: precursores del pensamiento moderno. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 2000. p. 59.

<sup>41</sup> DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. **Redes intelectuales en América Latina**: hacia la constitución de una comunidad intelectual. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Avanzados; Universidad Santiago de Chile, 2007. p. 44.

<sup>42</sup> CARPENTIER, Alejo. **Literatura e consciência política na América Latina**. São Paulo: Global, [s.d.].

Todos estes homens se conheciam e, embora às vezes discutissem publicamente, estimavam-se. E estimavam-se porque eram todos homens comprometidos. Contra a Espanha ou já livres da Espanha, lutavam, para lá das contingências imediatas, pelas mesmas ideias. Um grande ideal comum incluía na mesma órbita o precursor Pablo de Olavide, peruano, amigo de Voltaire, com Sarmiento, com Juárez, com Martí. Quando eram contemporâneos, cada qual sabia com quem os outros andavam, e, portanto – para tornar válido o refrão –, sabiam quem eram os outros. Todos eram homens políticos. [...] Ninguém, no século XIX americano, teria podido dizer o que se chegou a repetir no nosso âmbito, tanto e tão falsamente, que a frase atingiu categoria de lugar-comum: “Não nos conhecemos”. Todo o mundo, naquele tempo, se conhecia.<sup>43</sup>

Os intelectuais em formação afirmam um corpo de ideias tendo também como substrato a luta anticolonial. É durante o século XIX que se travam as contendas contra a dominação colonial. Na segunda metade deste século – à exceção das ilhas de Cuba e Porto Rico – a maior parte dos territórios latino-americanos conquistados pela Espanha já haviam deixado de ser colônias. As colônias, e mesmo os países independentes, ainda nutriam-se da circulação de ideias vindas da Europa, o que não impossibilitou que o meio intelectual latino-americano transformasse e realizasse – a partir de raízes do pensamento de *Nuestra América* – novas ideias que passam a circular e fomentar debates com a potência de seus pensadores e intelectuais.

O estudo de Charles A. Hale contribui para pensarmos os riscos metodológicos na interpretação do ideário político da América Latina no século XIX; é preciso situar os intercâmbios desde as matrizes intelectuais europeias, considerando em que plano continental se tornou possível compor um vocabulário propriamente latino-americano. Bebe-se na fonte de ideias em circulação, e sua expressão se realiza em novos ambientes sócio-históricos, desde a luta de independência, fomentando novas questões face às realidades em câmbio.<sup>44</sup>

No século XIX ocidental e latino-americano, ganham força correntes de pensamento como o liberalismo e os ideais republicanos. Circulam nos meios intelectuais, por meio de panfletos, discursos e debates acalorados, ideias sobre o abolicionismo e a defesa dos direitos naturais dos homens, dos quais são exemplos a liberdade e igualdade jurídica, a crença na razão e na liberdade de pensamento.

Para compreender os processos de independência entre o fim do século XVIII e a primeira metade do XIX, é necessário situar a difusão do liberalismo enquanto base

<sup>43</sup> CARPENTIER, Alejo. **Literatura e consciência política na América Latina**. São Paulo: Global, [s.d.]. p. 48-49.

<sup>44</sup> HALE, Charles A. Ideas políticas y sociales en América Latina, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie. (Ed.). **Historia de América Latina: América Latina: cultura y sociedad, 1830-1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 1991. p. 01-02.

programática de tais processos de luta anticolonial.<sup>45</sup>

No início do século XIX, mais especificamente em 1808, produziram-se vários distúrbios políticos na Espanha, consequência da intervenção de Napoleão Bonaparte. Com as alterações na metrópole, as tendências políticas contrárias ao poder colonial começaram a crescer na Hispano-América. O avanço dessas ideias foi impulsionado, na maioria dos países americanos, por uma elite *criolla*, que deu início ao rompimento do esquema existente em relação à circulação de publicações. As tendências contrárias ao poder colonial passaram a expressar sua opinião de forma autônoma inicialmente em manuscritos, muitos deles anônimos, a partir de 1808. Os manuscritos que tratavam de assuntos como o direito dos americanos diante da ausência do rei de Espanha, a igualdade de representação nas instâncias centrais do governo espanhol, e a liberdade que os americanos tinham para expressar suas opiniões logo passaram a ser intensamente discutidos nos salões, cafés e lugares onde essa elite *criolla* costumava se reunir.<sup>46</sup>

Com o avanço das tropas francesas na Espanha, em 1810, e logo da dissolução da Junta Central e a formação, em Cádiz, do Conselho de Regência, a situação na América começou a tomar um rumo diferente. Teve início a formação de Juntas de Governo nas principais cidades americanas, juntamente com uma crescente desobediência ao Conselho de Regência, o que deu origem a um movimento que buscava proporcionar legitimidade às novas instâncias de autoridade locais. O tema da liberdade de imprensa foi adquirindo um papel cada vez mais relevante nas cidades americanas. Até esse momento, as tipografias são escassas na América – com exceção de Lima, onde uma primeira tipografia é instalada em 1594, e do México, onde havia cinco tipografias na Cidade do México, além de uma em Guadalajara, Veracruz e Puebla. Das cidades que instalaram seus prelos no início do século XIX, estão Caracas (1808), Santiago do Chile (1812), Buenos Aires e Bogotá. Tal fato aumentou conseqüentemente a circulação de periódicos<sup>47</sup>.

Apesar de as novas autoridades das cidades americanas manterem inicialmente uma posição de lealdade ao rei da Espanha, houve também uma crescente crítica e rechaço dos representantes do poder colonial e ainda experiências de cunho independentista, como foi exemplo o México. No México, os setores campestres índios e mestiços, juntamente com

---

<sup>45</sup> *Ibid.*

<sup>46</sup> BERNEDO, Patricio. Nacimiento y desarrollo de la prensa periódica nacional en América Latina. In: BARRERA, Carlos. (Coord.). **Historia del periodismo universal**. Barcelona: Editorial Ariel, 2004. p. 137-138.

<sup>47</sup> *Ibid.*

Miguel Hidalgo y Morelos, demonstraram seu ímpeto separatista em 1810.<sup>48</sup> O país não conquista sua independência em 1810, no entanto, é esse despertar de cunho emancipador que abre caminho para a separação definitiva da Espanha em 1821.

Em contraste com a maioria dos processos de independência na América Latina, as ilhas de Cuba e Porto Rico ainda formam, durante o século XIX, parte das possessões espanholas. Cuba passou a ocupar durante o XIX uma posição estratégica não só para a Espanha, mas também para os Estados Unidos, colônia inglesa que havia vivido seu processo emancipatório entre 1775 e 1783.

Ao longo do século XIX, são variados os episódios relacionados a movimentos em busca de um novo panorama político e cultural para Cuba, passando por ideias como autonomismo, anexionismo e independência, tendo os ideais independentistas, e seus impulsionadores, sido combatidos pelo poder colonial espanhol.

Mesmo que a independência de Cuba tenha-se dado anos depois da maioria dos países latino-americanos, os intelectuais que estavam ao lado das ideias independentistas tiveram relevante participação na construção de um pensamento social latino-americano. No âmbito das lutas por libertação, vale salientar a potência de tal matriz para a circulação das ideias. A raiz do pensamento social de *Nuestra América* é alimentada largamente por intelectuais envolvidos nos processos emancipatórios e na elaboração de um pensamento de justiça social, tendo inclusive essas ideias adquirido sentido de sementeira, uma vez que, a partir de sua circulação, desenvolvem-se novas faces do pensamento e ação revolucionária.

Para Roberto Fernández Retamar, a existência de um pensamento social em *Nuestra América*, mesmo que de maneira pouco estruturada, é perceptível, de forma clara, principalmente a partir dos processos emancipatórios. É a partir das contendas pela independência, que Retamar apresenta inclusa, em terminologia que ele mesmo caracteriza como mais moderna, a existência de uma *ala esquerda* no pensamento emancipatório<sup>49</sup>.

Entre essa *ala esquerda* que desejaria, além da emancipação, a justiça social, estão situados os revolucionários haitianos – tendo Toussaint L’Ouverture (1743-1803) como uma das figuras centrais na insurreição de escravos negros; o mexicano Miguel Hidalgo y Costilla

---

<sup>48</sup> Como exemplo da imprensa independentista, temos o periódico *El Despertar Americano* (1810), publicado por Hidalgo, que buscava “legitimar sus aspiraciones y acciones de independencia, consagrar la libertad de los esclavos y los derechos de propiedad de los indígenas, denunciar los vicios de la política peninsular en México y dar cuenta de los avances y victorias de sus fuerzas insurgentes.” BERNEDO, Patricio. Nacimiento y desarrollo de la prensa periódica nacional en América Latina. In: BARRERA, Carlos. (Coord.). **Historia del periodismo universal**. Barcelona: Editorial Ariel, 2004. p.138-140.

<sup>49</sup> RETAMAR, Roberto Fernández. **Pensamiento de nuestra América**: autorreflexiones y propuestas. Buenos Aires: Clacso, 2006.

(1753-1811), iniciador da luta independentista no México; o mexicano José Maria Morelos (1765-1815);<sup>50</sup> Simón Bolívar (1783-1830);<sup>51</sup> Símon Rodríguez (1771-1854);<sup>52</sup> Francisco Bilbao (1823-1865);<sup>53</sup> o mexicano Benito Juárez e o cubano José Martí já apresentados de forma breve anteriormente.<sup>54</sup> A força das ideias pôde provocar centelhas que iluminaram, durante todo o século XIX, a crença de intelectuais comprometidos com as urgências do seu próprio tempo.

O estudo de Roberto Fernández Retamar, sobre a geração de 1898 em Cuba, destaca sua importância, inclusive, para pensar uma periodização conectada a estas especificidades, em contraponto às explicações eurocêntricas. Para ele, na América Latina, é de se levar em conta o ano de 1898 como marcador das mudanças provocadas pela luta anticolonial.<sup>55</sup>

Esta reflexão sobre o novo desenho geopolítico, de algum modo, encontra José Martí. Na sua última carta ao amigo Manuel Mercado expressa sua visão antecipatória acerca do fenômeno do imperialismo.

[...] ya estoy todos los días en peligro de dar mi vida por mi país, y por mi deber— puesto que lo entiendo y tengo ánimos con que realizarlo — de impedir a tiempo con la independencia de Cuba que se extiendan por las Antillas los Estados Unidos y caigan, con esa fuerza más, sobre nuestras tierras de América.<sup>56</sup>

No intuito de compreender o ambiente intelectual no qual viveu José Martí, apresentaremos no tópico a seguir determinados elementos fundamentais para a construção de seu pensamento crítico.

<sup>50</sup> Assumiu a liderança do movimento independentista após a morte de Hidalgo.

<sup>51</sup> Líder das experiências independentistas da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia.

<sup>52</sup> Professor e escritor venezuelano detentor de ideias reformadoras tendo sido mestre de Simón Bolívar.

<sup>53</sup> Destacado escritor e político chileno que criticou duramente os regimes autoritários, a Igreja e o clero.

<sup>54</sup> RETAMAR, Roberto Fernández. **Pensamiento de nuestra América:** autorreflexiones y propuestas. Buenos Aires: Clacso, 2006. p. 58-59.

<sup>55</sup> Roberto Fernández Retamar faz alusão ao historiador Eric Hobsbawm, e seu livro *The Age of Extremes, the Short Twentieth Century* (1994), no intuito de destacar o alto valor de sua obra, mas chamar atenção para o fato de que Hobsbawm aceita a tese que propõe que o século XX só teria começado a partir de 1914 com a Primeira Guerra Mundial. RETAMAR, Roberto Fernández. In: **Revista Casa de las Américas**, n. 211. La Habana: Casa de las Américas, 1998, p.34-37.

<sup>56</sup> Trecho da carta a Manuel Mercado em 18 de maio de 1895, publicada em MARTÍ, José. **Testamentos José Martí.** Edición Crítica. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2011, p. 73.

## 2. A formação de um homem sincero

O intelectual cubano José Martí, a quem Roberto Fernández Retamar se refere como o primeiro pensador moderno de *Nuestra América*, nasce na cidade de Havana no ano de 1853, numa terra sob o jugo da opressão colonial. Fazer parte das duas últimas possessões hispânicas no continente parecia tornar o caráter opressor do colonialismo ainda mais cruel e que, por ora, havia concentrado seu empenho em ser metrópole e continuar arrastando as mazelas de um sistema colonial por longos anos.

Alguns territórios do “Novo Mundo” já haviam conquistado sua independência como é o exemplo do Haiti, que havia sido colônia francesa, então chamado de “Saint Domingue”, e, após tornar-se livre, em 1804, foi renomeado de Haiti, seu nome indígena.<sup>57</sup> A independência do Haiti, que teve início como uma grande insurreição de escravos negros, parece ter funcionado como sinal de alerta para os opressores coloniais de que seu poder autoritário corria perigo e como centelha de esperança para os povos oprimidos pela metrópole.<sup>58</sup>

É no quadro da opressão colonial que nasce, em Cuba, José Martí. Neste trabalho, examino caminhos e perspectivas de sua trajetória, levando em conta as discussões metodológicas sobre as fontes biográficas e autobiográficas. Neste sentido, as noções de contexto e tempo histórico constituem elementos fundamentais à análise do homem e de seu tempo; como abordado em Giovanni Levi, para quem “a época, o meio e a ambiência também são muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias.”<sup>59</sup>

José Martí Júlian y Pérez é o primeiro filho da união entre Mariano Martí y Navarro (1815-1887), natural de Valencia, e Leonor Pérez Cabrera (1828-1907), natural de *Islas Canarias*, espanhóis que se unem em matrimônio em Cuba. O pai de Martí aporta em Havana no ano de 1850 junto ao reforço militar enviado pela Espanha após o episódio em que o anexionista Narciso López ocupou a cidade de Cárdenas com uma expedição de aproximadamente seiscentos homens. A tentativa fracassou, pois a expedição não contou com o apoio popular da cidade, no entanto, alertada pelo episódio, a metrópole enviou o reforço

<sup>57</sup> RETAMAR, Roberto Fernández. **Pensamiento de nuestra América:** autorreflexiones y propuestas. Buenos Aires: CLACSO, 2006. p. 15.

<sup>58</sup> Ver mais em: JAMES, C. R. L. **Os jacobinos negros:** Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2000.

<sup>59</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 175.



militar no qual integrava o primeiro sargento do batalhão da artilharia Mariano Navarro.

Leonor e Mariano casam a sete de fevereiro de 1852 e não tardam para trazer ao mundo José, que seria o único filho homem do casal, que, posteriormente, daria sete irmãs ao pequeno Pepe.<sup>60</sup> Nos primeiros anos de vida, seus pais tinham uma condição material mais favorável, até que o pai, Mariano, contrai problemas de saúde que trazem complicações para conseguir trabalho, gerando dificuldades materiais para a família.

No ano de 1855, Mariano recebe licença permanente do exército espanhol. Em 1857, já por conta de sua saúde, a família viaja para Espanha na tentativa de melhorar seu estado, no entanto, em 1859, regressam para Havana. No mesmo ano, Martí é matriculado em uma escola do bairro de Santa Clara, onde seu pai trabalha como vigilante.

Um dos poucos registros de infância é realizado pelo próprio José Martí em carta que escreve para a mãe em outubro de 1862 quando contava com nove anos. A carta é escrita a partir de Hanábana – distrito de Matanzas – quando acompanhava seu pai, que havia ido para a localidade desempenhar a função de “capitán juez pedáneo.”<sup>61</sup> É provável que Mariano Navarro levasse o filho também no intuito de que o ajudasse como uma espécie de escrevente, uma vez que já escrevia e compreendia a gramática.

Nessa carta, o menino inicia sua escrita do afeto. A carta destinada à sua mãe, Leonor, segue o estilo da época e os marcadores da etiqueta social: “A mi señora madre Da. Leonor Pérez. Estimada mamá: Deseo antes de todo que Vd. esté buena” e termina se despedindo como “su obediente hijo que le quiere con delirio”.

O tema da missiva é a troca de notícias entre a vida que levam em Hanábana e a vida da família que ficou em Havana. Escreve sobre o que faz durante seu dia para entreter-se na ausência da mãe e das irmãs: toda a atenção do pequeno Martí está voltada em cuidar e engordar seu cavalo, ensiná-lo a marchar com beleza e passear numa boa montaria durante as tardes. Outro passatempo é cuidar de um belo galo que ganhara de presente. Nessas linhas, Martí, conta de forma singela, o carinho compartilhado com o pai que cuida com atenção do seu garboso galo.

A comunicação entre mãe e filho acontece a partir da correspondência. O menino conta, em detalhes, datas e caminhos que as notícias precisam percorrer para alcançar o destino, afinal, o tempo do correio é também tempo de espera, saudade e encontro. A falta do

<sup>60</sup> Na língua hispânica “pepe” é o diminutivo afetuoso para José.

<sup>61</sup> Uma forma de autoridade auxiliar, designada para aldeias e lugarejos rurais distantes, que podia atuar em pequenas negociações, punição de faltas leves e auxiliar o juiz licenciado nas faltas graves. Diccionario de La Lengua Española- Vigésima segunda edición. Real Academia Española.

correio motivada pelo rio que estava com o nível de água elevado e impediu que as notícias chegassem ao destino é mais um dia de ausência e torna-se assunto importante para o menino.

Afastado do convívio familiar, são as cartas que oferecerão notícias do dia-a-dia de seus entes queridos, preenchendo assim a ausência e a saudade provocada pela distância da mãe e irmãs.

A mi señora madre Da. Leonor Pérez

Hanábana: y octubre 23 de 1862

[...] Yo todo mi cuidado se pone en cuidar mucho mi caballo y engordarlo como un puerco cebón, ahora lo estoy enseñando a caminar enfrenado para que marche bonito, todas las tardes lo monto y paseo en él, cada día cría más bríos. Todavía tengo otra cosa en que entretenerme y pasar el tiempo, la cosa que le digo es un <<Gallo fino>> que me ha regalado Dn. Lucas de Sotolongo, es muy bonito y papá lo cuida mucho, ahora papá anda buscando quien le corte la cresta y me lo arregle para pelearlo este año, y dice que es un gallo que vale más de dos onzas. [...]<sup>62</sup>

No fim do ano de 1862, Martí e o pai voltam para Havana, onde o menino prossegue seus estudos no *Colegio San Anacleto*, instituição na qual conhece Fermín Valdés Domínguez<sup>63</sup> (1853-1910), que se tornaria grande amigo e companheiro.

Em 1865, aos doze anos, Martí ingressa na *Escuela de Instrucción Primaria Superior Municipal de Varones* dirigida, na época, por Rafael María de Mendive (1821-1886), que se tornaria figura central na formação do jovem. A partir desse momento, entra em contato com o mundo das letras e os ideais independentistas, impulsionado desde os vínculos entre mestre e discípulo.

O cubano Rafael María de Mendive, tendo ficado órfão ainda na infância, tem sua educação cuidada por seu irmão mais velho – Pablo – tendo Rafael Mendive desenvolvido conhecimentos em literatura espanhola, além do estudo de idiomas como inglês e francês. Em 1834, aos treze anos, Mendive ingressa no *Seminario de San Carlos* e se torna um aluno adiantado. Durante sua estada no Seminário, estuda direito, filosofia e latinidade com renomados professores à época. Pela qualidade dos resultados na vida acadêmica, e com o

<sup>62</sup> Trecho da carta a Leonor Pérez publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2000. p. 15.

<sup>63</sup> Fermín Valdés Domínguez (1853-1910) nasceu na cidade de Havana. Ficou amigo de Martí quando ainda eram crianças, fortaleceram laços como discípulos de Rafael Maria de Mendive e permanecerem unidos pela amizade e pelos ideais independentistas até a vida adulta. Iniciou os estudos em medicina na Universidade de Havana e conclui sua formação na Espanha. Dedicou seus esforços a reivindicar a memória dos sete estudantes de medicina fuzilados injustamente em 27 de novembro de 1871 em Havana. Colaborou com as atividades revolucionárias dirigidas por Martí. Na guerra de independência de 1895, foi coronel do Exército Libertador. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 427-428.

apoio material de sua família, é permitida a sua entrada, com dezessete anos, na *Real y Pontificia Universidad de La Habana*, onde concluiu os estudos de Direito em 1844. O pendor para a poesia e literatura de Rafael Mendive é conhecido publicamente a partir dos primeiros versos publicados no periódico cubano *Correo de Trinidad* (1839-1841).

Em 1844, Rafael María de Mendive, então com 23 anos, dispõe de uma sólida formação acadêmica, além de forte inclinação poética, e deseja realizar uma viagem à Europa – feito que torna-se real a partir da ajuda de sua tia Mercedes, que tem Mendive como um filho. O período no estrangeiro dura oito anos, de 1844 a 1852, e é marcante no amadurecimento intelectual de Mendive, que tem contato com personalidades cubanas de renome político e literário como Félix Varela (1788-1853)<sup>64</sup> e José Antonio Saco (1797-1879).<sup>65</sup>

Félix Varela foi um dos intelectuais cubanos que pautou a abolição da escravatura e a independência. Nasceu em Havana, mas logo, com a precoce morte de sua mãe, muda-se para a Flórida, EUA, onde se educa em meio a sacerdotes católicos irlandeses de ideias liberais que influenciaram em sua formação patriótica e antirracista. Regressa a Cuba e estuda no *Seminario de San Carlos*, onde foi discípulo de José Agustín Caballero, que começara a se opor aos princípios escolásticos. O pensamento de Félix Varela se radicaliza rumo aos ideais de independência e se dedica à publicação do periódico *El Habanero* (1825-1826), que circula clandestinamente em Cuba. Fundou com seu discípulo e amigo José Antonio Saco a revista *El Mensajero Semanal* (1828-1831), publicação dedicada a temas econômicos e políticos de Cuba e da Hispano-América.

O poeta José Antonio Saco, também partidário da abolição da escravatura e da autonomia de Cuba, estuda Direito e Filosofia em 1814 na cidade de Santiago de Cuba e, em 1816, muda-se para Havana onde estuda Filosofia, com o padre Félix Varela, no *Seminario de San Carlos*. José Antonio Saco foi um dos fundadores da Academia Cubana de Literatura e, por defendê-la, foi deportado em 1834.

No período em que reside no estrangeiro, Mendive escreve, juntamente com José Gonzalo Roldán (1822-1856), a Revista *Flores del Siglo* (1845), publicação do campo das artes e letras, publica pequenas biografias de figuras “ilustres”, poesias e comenta edições que

<sup>64</sup> Félix Varela Morales (1788-1853). Sacerdote, intelectual, educador, filósofo político e revolucionário cubano. Ver mais em: CUESTA, Jorge Ibarra. **Varela: el precursor: un estudio de época**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2004.

<sup>65</sup> José Antonio Saco (1797-1879). Poeta, partidário da abolição da escravatura e da autonomia de Cuba. Para saber mais: CAÑEDO, Elier Ramírez; GRASSO, Carlos Joane Rosario. **El autonomismo en las horas cruciales de la nación cubana**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008; e TORRES-CUEVAS, Eduardo. **Historia del pensamiento cubano**. v. I, tomo 2. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2006.

circulam à época (Figura 6). Publica *Pasionarias* (1848), seu primeiro livro de poesia, onde versa sobre o afeto filial, amizade e amores (Figura 7).

Mendive também colabora no *Faro Industrial* (1846-1847) e *Semana Literaria* (1847-1848). Seus versos – apontados como representantes da segunda geração do romantismo em Cuba – foram incluídos na *Antología Poetas españoles y americanos del siglo XIX* de Andrés Avelino de Orihuela.

Regressa para Havana no ano de 1852 e funda a *Revista de La Habana* (1853-1857) que, além da publicação periódica, realiza edições de livros. Entre 1854 e 1865, Rafael María de Mendive colabora em diversas publicações, como *Guirnalda Cubana* (1854), *La Piragua* (1856), *Revista Habanera* (1861-1862), *Álbum de lo Bueno y lo Bello* (1860) e *Aguinaldo Habanero* (1865).

Em 1864, em Havana, Mendive é nomeado diretor da *Escuela de Instrucción Primaria Superior Municipal de Varones*, situada na rua Prado, número 88, onde desenvolve um labor como professor tendo recebido, posteriormente, por tal trabalho, o prêmio *Medalla de Honor y Diploma*, por parte da *Junta Superior de Instrucción Pública*.

Figura 6 – Flores del Siglo (1846).



Acervo: Biblioteca Nacional José Martí, Havana.

Figura 7 – Pasionarias (1847)



Acervo: Biblioteca Nacional José Martí, Havana.

No ano de 1867, em Havana, Mendive funda o *Colegio de San Pablo*, que se tornaria um centro de tertúlias literárias e patrióticas; ambiente partilhado por José Martí, cujos estudos são custeados pelo professor. Além da vivência no Colégio, tem acesso franqueado à biblioteca pessoal de Mendive, com livros de autores que vão da Antiguidade aos clássicos espanhóis; uma larga possibilidade de ampliar suas leituras. No mesmo período, convive com a família Valdés Domínguez e amplia seu acesso aos livros da biblioteca de Bernardo Valdés, forrada de literatura centro-americana e mexicana dos tempos coloniais e republicanos, que constituirá outro índice da leitura de formação martiana.

Este é o ambiente intelectual das experiências de juventude de José Martí, que se alonga nas tertúlias e veladas sociais embebidas no fervor dos ideais republicanos e antiescravistas. Nas tertúlias literárias organizadas na casa de Mendive, o debate é alimentado pela leitura dos poemas patrióticos de José María Heredia, dos escritos políticos de Félix Varela e José Antonio Saco, e dos escritos de José de La Luz y Caballero.<sup>66</sup>

Outra das tertúlias de destaque se realiza na casa de Nicolás Azcárate (1828-1894), partidário do abolicionismo e de ideias reformistas.<sup>67</sup> Os salões literários, comuns ao convívio intelectual do século XIX, são os lugares do debate político, do intercâmbio de leituras e onde se gestam os temas do periodismo.

Este ambiente repercutirá no proselitismo martiano da década seguinte; como se vê no discurso na Venezuela em 1881, quando evoca a leitura dos *versos vulcânicos* do poeta venezuelano Abigaíl Lozano (1821-1871), bem como a leitura dos jornais que recebiam *ocultos como crimes*, por vezes lidos em voz alta. Tratava-se, como se vê, da experiência de leitura clandestina nos círculos de ideias emancipatórias.

Oh! Cómo estas ideas acariciaron, allá en las horas de dulce ceguedad en que se creen en todo y a nadie se odia, y parece escasa toda la sangre de las venas p<sup>a</sup> verterla en beneficio de los hombres—cómo nos predicábamos en aquella isla florida el evangelio que nos venía del continente grandioso; — cómo, mal oculto entre el Lebrija, el Balmes y el Vallejo, — leíamos amorosamente los volcánicos versos de Lozano! ¡Los periódicos que de estas tierras, ocultos como crímenes, llegaban a nosotros, cómo eran buscados con afán, y leídos a coro, y guardados con el alma.<sup>68</sup>

<sup>66</sup> Para saber mais sobre a biografia de Caballero, ver: Biblioteca de Clasicos Cubanos. Obras Aforismos (Volumen I). Ensayo introductorio, compilación y notas de Alicia Conde Rodríguez. La Habana: Imagen Contemporanea, 2001.

<sup>67</sup> Poeta, advogado e jornalista. No ano de 1861 Azcárate faz parte da fundação do Liceo de Guanabacoa onde chega a presidir as sessões de literatura. Tendo as reuniões culturais do Liceu sido proibidas pelas autoridades à época, iniciou em sua casa tertúlias literárias particulares que originaram a antologia *Noches literarias en casa de Nicolás Azcárate* (La Habana, Imp. La Antilla, 1866, 2 v.). MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 4. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 424-425.

<sup>68</sup> Trecho do discurso pronunciado em Caracas, na Venezuela, em 21 de março de 1881, publicado em MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 8. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2003. p. 29.

Em relação à trajetória de José Martí, aqui se quer assinalar a marcada influência intelectual de Rafael Mendive, inclusive quanto à introdução dos valores cívicos e adesão aos ideais independentistas. Ainda quanto ao contexto de difusão das ideias, o pesquisador Pedro Pablo Rodríguez apresenta, em seu estudo, uma espécie de moldura intelectual daqueles círculos.<sup>69</sup>

Para que se dimensionem as ideias em voga nesses círculos, destaco aqui, o pensamento de alguns intelectuais, porquanto terão marcado a trajetória martiana, objeto de nosso estudo. O intelectual José Maria Heredia (1803-1839) se destaca na literatura e no periodismo.<sup>70</sup> Em 1821, é denunciado na cidade de Matanzas, Cuba, acusado de conspirar contra o poder colonial espanhol e de ser membro dos *Caballeros Racionales*, um ramo da *Orden de los Soles y Rayos de Bolívar*.

José de La Luz y Caballero (1800-1862), educador e político cubano, desde sua aproximação ao espírito do século XVIII europeu e no estudo de Locke, Condillac, Rosseau, Newton e Descartes, afirma seu antagonismo aos métodos de ensino escolástico e ao clero espanhol residente em Cuba. De regresso a Cuba, em 1831, afirma seus vínculos com o debate sobre a educação, como atestam seus escritos na Revista *Bimestre Cubana* e na *Sociedad Patriótica de Amigos del País*.<sup>71</sup>

Neste estudo, o exame do debate de ideias no período e dos variados experimentos de difusão nas tertúlias, nos *clubs* patrióticos, nas escolas, e no periodismo, levam a concluir, para o caso da trajetória de José Martí, a marcada influência desses lugares sociais em sua obra. E, em perspectiva exemplar, cara ao século XIX, Rafael Mendive se destaca em sua qualidade de homem de letras, mestre e patriota.

Em dez de outubro de 1868, tem início uma guerra contra o poder colonial iniciada sob o comando de Carlos Manuel de Céspedes.<sup>72</sup> A guerra contra a Espanha, conhecida como

<sup>69</sup> RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. **Martí e as duas Américas**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 32-33.

<sup>70</sup> Além da produção poética, que conta com poemas como *Himno del desterrado* e *Niágara*, Heredia colaborou em diversos periódicos como *Diario del Gobierno Constitucional de La Habana* (1820), *El Indicador Constitucional* (La Habana, 1820), *Semanario Político y Literario de México* (1820), *El Amigo del Pueblo* (México, 1821-1827-1828), *Semanario de Matanzas* (1822), *El Revisor Político y Literario* (La Habana, 1823), entre outros. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 4. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 421-422.

<sup>71</sup> Instituição da qual faziam parte personalidade e intelectuais *criollos* que pretendiam desenvolver atividades em favor do progresso de Cuba. Tinha como órgão oficial a *Revista Bimestre Cubana*, fundada em 1831, e da qual José Antonio Saco assume a direção em 1832. Em 1834, Saco é expulso da Sociedad Económica de Amigos del País, nome pelo qual a Sociedade também era conhecida. Caballero, Jose de La Luz y. Biblioteca de Clasicos Cubanos. *Obras Aforismos* (Volumen I). Ensayo introductorio, compilación y notas de Alicia Conde Rodríguez. La Habana: Imagen Contemporanea, 2001.

<sup>72</sup> Carlos Manuel de Céspedes (1819-1874), cubano de Bayamo, nascido em uma família dedicada à produção açucareira. Graduou-se na Universidade de Havana em 1840 e mudou-se para a Espanha para dar continuidade

Revolução de Yara, estende-se por dez anos em sua primeira etapa. Martí tem então quinze anos e coloca-se, assim como Mendive, ao lado dos ideais de independência. A partir desses fatos, compreende-se a dimensão pública da vida de José Martí, como se vê no periódico manuscrito *El Siboney*, de circulação clandestina entre os estudantes de Havana e onde escreve seu poema *10 de Octubre*. O passo seguinte é sua colaboração por escrito em *El Diablo Cojuelo* (Figura 8) e em *La Patria Libre* (Figura 9), onde publicaria seu drama *Abdala*, uma ode à pátria.<sup>73</sup>

O aceso debate de ideias é o alimento para a militância aberta nos círculos independentistas, e, logo, se estabelece o confronto com os setores amplamente conservadores de Cuba. Em consequência das manifestações independentistas, Rafael María de Mendive é detido e preso em 28 de janeiro de 1869 na prisão de *El Príncipe*, em Cuba; e condenado ao desterro em quinze de maio de 1869 acusado de fomentar os ideais independentistas, tendo sua casa como centro de reuniões patrióticas. A pena é de quatro anos de confinamento no povoado de Pinto, província de Madrid, Espanha.

---

aos seus estudos de Direito. Na Espanha, frequentou círculos próximos à maçonaria, envolveu-se em atividades revolucionárias e antigovernamentais sendo detido e obrigado a exilar-se na França. Regressa a Cuba e, em outubro de 1860, libera os escravos de sua plantação e inicia a revolução de Yara, guerra pela independência de Cuba. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 4. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 420-421.

<sup>73</sup> *El Diablo Cojuelo*: periódico de caráter satírico publicado em 19 de janeiro de 1869, pela Imprenta y Librería El Iris, rua Obispo 20 y 22, Havana. *La Patria Libre*: semanário democrático cosmopolita, publicado em 23 de janeiro de 1869, ao custo de vinte centavos, com as medidas de 23 por 33 centímetros, editado na mesma Imprenta y Librería El Iris.

Figura 8 – Fac-símile El Diablo Cojuelo (1869)



Acervo: Centro de Estudios Martianos, Havana.

Figura 9 – Fac-símile La Patria Libre (1869)



Acervo: Centro de Estudios Martianos, Havana.

É neste quadro que apresentamos, em nosso estudo, cartas de José Martí para Rafael Mendive. Na primeira delas, datada em janeiro de 1869, ressalta-se o tratamento respeitoso perante o mestre, bem como o carinho filial do discípulo. Da carta, se depreendem ainda os traços da dedicação até mesmo em atividades triviais e do cotidiano do *Colegio de San Pablo*:

Sr. Mendive:

[...] Todo el Colegio está limpio. He hecho que Salvador le quitea el polvo a todo y le pasara una vez la esponja; pero están tan sucios todos los bancos, las carpetas y las pizarras que necesita lavarlos otra vez como le he dicho a Salvador que haga.

[...] Hasta mañana, Sr. Mendive, y mande a su discípulo que lo quiere como un hijo.<sup>74</sup>

A correspondência será o mais forte vínculo no contexto do exílio. Do desterro na Espanha, Mendive burla a vigilância e consegue escapar até a França. Tal fato retira Martí de *una apatia estúpida y una tristeza casi inglesa*. Na carta apresentada a seguir, a devoção e admiração ao professor são evidentes. Nessa, um costume do tempo indica as formas

<sup>74</sup> Trecho da carta para Rafael Mendive publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 34-35.



correntes de expressão dos afetos mais sinceros: o retrato de Mendive estará agora como lembrança no relicário do discípulo. Essa carta, em sua qualidade de documento, informa sobre os fatos da repressão a luta anticolonial e provê o exilado com livros e jornais de Cuba.

É por meio dessa missiva também que expõe sua situação de conflito pessoal com o pai, o que o leva a registrar, em diário, os seus desalentos. Sobre o possível diário escrito na juventude, não há registro nos estudos da obra de José Martí, o que indica que tal documento não foi preservado.

Sr. Mendive

[...] Yo he buscado cuanto ha sido posible buscar al hermano de Nogueras y con él el retrato de Vd., pero nada han valido mis diligencias. Y como creo que esto será porque Vd. no me ha creído digno de tener su retrato mandado por Vd. yo le mando el de Vd. mandado por mí. Los he hecho también porque Micaela teniendo dos me negó uno para mi relicario, y yo quiero darle cuatro por el uno que me negó. –Aunque Vd. me diga lisonjero, Alejandro López, apoderado de D. Cristóbal, acaba de comparar el retrato a una estrella en medio de un cielo. Acertó en lo da estrella, que es Vd.; pero no en lo del cielo, que por ahora es París.

[...] Para que Vd. se divierta le mando algo de lo que aquí se publica.

Trabajo ahora de seis de la mañana a 8 de la noche y gano 4 onzas y media que entrego a mi padre. Este me hace sufrir cada día más, y me ha llegado a lastimar tanto que confieso a Vd. con toda la franqueza ruda que Vd. me conoce que solo la esperanza de volver a verle, me ha impedido matarme. La carta de Vd. de ayer me ha salvado. Algún dia verá Vd. mi Diario, y en él, que no era un arrebatado de chiquillo, sino una resolución pesada y medida.

Dejo este espacio porque si hay tiempo Alfredo va a escribir.

Hasta mañana se despide de Vd. su discípulo e hijo que le pide su bendición.<sup>75</sup>

No ano de 1869, Martí é preso, acusado de inconfidência. Sabe-se que sua detenção fora ocasionada por uma carta onde repreendia um colega por ter-se alistado no exército espanhol. A principal controvérsia é se a carta estava assinada apenas por José Martí ou se levava também a assinatura de Fermín Valdés Domínguez.

Alguns estudiosos acreditam que Fermín tenha sido detido anteriormente junto com outros companheiros. Tal dúvida se instaurou porque até hoje a carta original não foi encontrada, e a maioria dos estudos sobre tal acontecimento utilizam como fonte artigos escritos posteriormente por Fermín Valdés Domínguez, onde o amigo relembra o ocorrido.<sup>76</sup> No entanto, os artigos de Fermín e a documentação da época deixam margem para

<sup>75</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 41-42.

<sup>76</sup> Artigo sobre o título “José Martí. Aclaración necesaria” publicado no periódico *El Mundo* (Havana) em 16 de outubro de 1903 e o artigo Martí, Ofrenda de Hermano” publicado no periódico *El Triunfo* nos dias 19 e 20 de maio de 1908.

questionamentos em relação à dupla autoria da carta.<sup>77</sup> Raúl Rodríguez La O acredita, baseado em documentos localizados na sessão “Insurrección” do “Fondo de Ultramar del Archivo Histórico Nacional de Madrid”,<sup>78</sup> que seria Martí o único autor da carta. Na epístola que provocou sua prisão, Martí confronta o companheiro Carlos de Castro y Castro, que se alistara para lutar contra os insurretos. O colega é chamado de apóstata e convocado para que conteste a missiva:

Habana, 4 de octubre de 1869.

Compañero: ¿Has soñado tú alguna vez con la gloria de los apóstatas? ¿Sabes tú cómo se castigaba en la antigüedad la apostasía? Esperamos tú contestación, que no puede faltar a su patria ni a sus deberes como cubano un discípulo de Rafael María de Mendive.

Te abrazamos  
José Martí      Fermín Valdés Domínguez<sup>79</sup>

Em 21 de outubro de 1869, Martí é preso no *Cuartel de la Cárcel*, onde permanece até o julgamento, em quatro de março de 1870, quando é condenado a seis anos de prisão. O primeiro registro que se conhece de carta da prisão tem como destinatário Pedro Mendive<sup>80</sup> em outubro de 1869. A carta parece tratar de uma dívida contraída com uma fábrica de papel, possivelmente para alguma publicação e pela qual Martí se sente responsável.

Sr. D. Pedro Mendive

Muy Sr. mío.–

El día 24 escribí a V., y hoy 27 no sé todavía si mi carta ha llegado a sus manos.

Yo he sabido por Micaela que hasta hoy miércoles esperaba V., y escribo esta para decirle que D. Alejandro María Lopéz irá a entregar a V. los 109\$ que adeudo, no ya a Alfredo, sino a la Fábrica de Papel. Y si por casualidad no pudiese conseguir ese dinero, que fío en Dios que no sucederá, sirva esta carta de acusación contra mí [...].<sup>81</sup>

<sup>77</sup> Para essa discussão, ver O, Raúl Rodríguez La. **Dolor infinito**. La Habana: Ediciones Abril, 2007.

<sup>78</sup> A documentação, formada por informes oficiais sobre o caso, foi posteriormente doada ao Centro de Estudios Martianos em Cuba.

<sup>79</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2000. p. 38.

<sup>80</sup> Possivelmente, tio ou primo de Rafael María de Mendive, apesar de não existirem dados concretos que confirmem essa hipótese. Ramón Zambrana menciona Pedro Mendive entre os participantes das tertúlias literárias de Rafael María de Mendive. *Id.*, p. 334.

<sup>81</sup> Trecho da carta para Pedro Mendive publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2009, p. 43.

Em dez de novembro de 1869, Martí envia carta para sua mãe na qual é possível conhecer um pouco mais de sua situação na prisão. A partir do exame de cartas que envia para destinatários de seu afeto, procuro compreender uma dimensão “que está centrada na sensibilidade em relação ao tempo que passa e nos esforços do escritor para dele construir uma representação e uma memória”,<sup>82</sup> uma vez que, a partir de sua prisão, aos dezesseis anos, o intelectual viverá a maior parte de sua vida afastado daqueles com quem tinha laços afetivos.

A escrita para a mãe parece ser frequente, no entanto, não é sempre que pode enviar cartas em segurança, temendo que fossem lidas pelos oficiais antes de chegar ao seu destino. José Martí procura uma escrita de mediação com a mãe, no sentido de que sabe seu sofrimento, entretanto, procura mostrar que ele também padece com toda essa situação e espera um dia ter a oportunidade de contar as angústias de sua vida. Na carta pede que, no domingo – provável dia de visitas – a mãe leve alguma das irmãs pequenas.

Afirma não ter escrito nenhum verso na prisão, o que o alegra em parte já que, apesar de não os ter escrito, sabe como seriam os versos a partir da experiência do cárcere. Pede que envie livros de versos e um grande livro que se chama *El Museo Universal*; suas leituras na prisão.

Madre mía:

[...] Mucho siento estar metido entre rejas; – pero de mucho me sirve mi prisión. – Bastantes lecciones me ha dado para mi vida, que auguro que ha de ser corta, y no las dejaré de aprovechar. – Tengo 16 años, y muchos viejos me han dicho que parezco un viejo. Y algo tienen razón; – porque si tengo en toda su fuerza el atolondramiento y la efervescencia de mis pocos años, tengo en cambio un corazón tan chico como herido. – Es verdad que V. padece mucho; – pero también lo es que yo padezco más: ¡Dios quiera que en medio de mi felicidad pueda yo algún día contarle los tropiezos de mi vida! –

[...] Traiganme el domingo a alguna de las chiquitas. –

[...] En la Cárcel no he escrito ni un verso. – En parte me alegra, porque ya V. debe saber cómo son y cómo serán los versos que yo escriba. –

Aquí todos me hablan del Sr. Mendive y eso me alegra. – Mándeme libros de versos y uno grande que se llama *El Museo Universal*. – Déle la bendición a su hijo.

Pepe<sup>83</sup>

<sup>82</sup> HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. (Orgs.). **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 30.

<sup>83</sup> Trecho da carta para Leonor Pérez publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2009. p. 44-45.

Em abril de 1870, sua pena se transforma em regime de trabalho forçado na pedreira de *San Lázaro*. Com o uniforme de presidiário, o sombreiro negro – conhecido como “estampa da morte” – e acorrentado com um grilhão na perna direita e na cintura. O lugar parece um *horrendo cementerio*, no dizer de Martí. Os condenados são submetidos a uma média de doze horas de trabalho forçado embaixo do sol, espancados, e expõem ferimentos graves provocados pelas correntes e grilhões.<sup>84</sup>

O sistema prisional mantido pelo governo colonial deixa suas marcas na carne dos condenados: são escassas as condições de higiene e saúde, visto que as chagas nos corpos permanecem abertas e agravadas, pois continuam obrigados a cumprir o duro regime de trabalho.

Em seu depoimento *El Presidio Político en Cuba*, publicado em Madrid, no ano de 1871, Martí dá a conhecer o que chama de *dolor infinito* – o tormento e a dor no presídio político, deixando marcas jamais esquecidas. Aqui uma figura literária: Martí evoca Dante Alighieri para dimensionar a crueldade da prisão.

Dolor infinito debía ser el único nombre de estas páginas.

Dolor infinito, porque el dolor del presidio es el más rudo, el más devastador de los dolores, el que mata la inteligencia, y seca el alma, y deja en ella huellas que no se borrarán jamás.

Nace con un pedazo de hierro; arrastra consigo este mundo misterioso que agita cada corazón; crece nutrido de todas las penas sombrías, y rueda, al fin, aumentado con todas las lágrimas abrasadoras.

Dante no estuvo en presidio.

Si hubiera sentido desplomarse sobre su cerebro las bóvedas oscuras de aquel tormento de la vida, hubiera desistido de pintar su Infierno.

Las hubiera copiado, y lo hubiera pintado mejor.<sup>85</sup>

Neste momento, Martí aprofunda sua reflexão acerca da justiça diante da condenação de Nicolás del Castillo, de 76 anos, e o menino Lino Figueredo, de apenas doze anos. *El Presidio Político en Cuba*, páginas extraídas da crua realidade, revelam sua imensa tristeza ante a prisão e condenação a trabalhos forçados de Lino, que nem ao menos sabia o motivo de ter sido arrancado do convívio com seus pais. Aos poucos e contendo sua agitação, procura conhecer aquele menino, que, mediante o trabalho penoso nas pedreiras, tem seu corpo e vida massacrados. Era um menino que, aos doze anos, já tinha nos pés grilhões de ferro e o destino destruído.

Peço licença para citar um trecho extenso de *El Presidio Político en Cuba* quando

<sup>84</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2009. p. 63-93

<sup>85</sup> *Ibid.*, p. 63.

Martí retrata de modo pungente o fato aqui apresentado:

¡Martí! ¡Martí! Me dijo una mañana un pobre amigo mío, amigo allí porque era presidiario político, y era bueno, y como yo, por extraña circunstancia, había recibido orden de no salir al trabajo y quedar en el taller cigarrería; mira aquel niño que pasa por allí.

Miré. ¡Tristes ojos míos que tanta tristeza vieron!

Era verdad. Era un niño. Su estatura apenas pasaba del codo de un hombre regular. Sus ojos miraban entre espantados y curiosos aquella ropa rudísima con que le habían vestido, aquellos hierros extraños que habían ceñido a sus pies.

Mi alma volaba hacia su alma. Mis ojos estaban fijos en sus ojos. Mi vida hubiera dado por la suya. Y mi brazo estaba sujeto al tablero del taller; y su brazo movía, atemorizado por el palo, la bomba los tanques.

Hasta allí, yo lo había comprendido todo, yo me lo había explicado todo, yo había llegado a explicarme el absurdo de mí mismo; pero ante aquel rostro inocente, y aquella figura delicada, y aquellos ojos serenísimos y puros, la razón se me extraviaba, yo no encontraba mi razón, y era que se me había ido despavorida a llorar a los pies de Dios. ¡Pobre razón mía! ¡Y cuántas veces la han hecho llorar así por los demás!

Las horas pasaban; la fatiga se pintaba en aquel rostro; los pequeños brazos se movían pesadamente; la rosa suave de las mejillas desaparecía; la vida de los ojos se escapaba; la fuerza de los miembros debilísimos huía. Y mi pobre corazón lloraba.

La hora de cesar en la tarea llegó al fin. El niño subió jadeante las escaleras. Así llegó a su galera. Así se arrojó en el suelo, único asiento que nos era dado, únicos descanso para nuestras fatigas, nuestra silla, nuestra mesa, nuestra cama, el paño mojado con nuestras lágrimas, el lienzo empapado en nuestra sangre, refugio ansiado, asilo único de nuestras carnes magulladas y rotas, y de nuestros miembros hinchados y doloridos.

Pronto llegué hasta él. Si yo fuera capaz de maldecir y odiar, yo hubiera odiado y maldecido entonces. Yo también me senté en el suelo, apoyé su cabeza en su miserable chaquetón y esperé a que mi agitación me dejase hablar.

- ¿Cuántos años tienes? le dije.

- Doce, *senõr*.

- Doce, ¿y te han traído aquí? Y ¿cómo te llamas?

- Lino Figueredo.

- Y ¿qué hiciste?

- Yo no sé, *señor*. Yo estaba con taitica<sup>86</sup> y mamita, y vino la tropa, y se llevó a taitica, y volvió, y me trajo a mí.

- ¿Y tu madre?

- Se la llevaron.

- ¿Y tu padre?

- También, y no sé de él, *senõr*. ¿Qué habré hecho yo para que me traigan aquí, y no me dejen estar con taitica y mamita?

Si lá indignación, si el dolor, si la pena angustiosa pudiesen hablar, yo hubiera hablado al niño sin ventura. Pero algo extraño, y todo hombre honrado sabe lo que era, sublevaba en mí la resignación y la tristeza, y atizaba el fuego de la venganza y de la ira; algo extraño ponía sobre mi corazón su mano de hierro, y secaba en mis párpados las lágrimas, y helaba las palabras en mis labios.

*Doce años, doce años*, zumbaba constantemente en mis oídos, y su madre y mi madre, y su debilidad y mi impotencia se amontonaban en mi pecho, y rugían, y andaban desbordados por mi cabeza, y ahogaban mi corazón.

Doce años tenía Lino Figueredo, y el gobierno español lo cargaba de grillos, y lo lanzaba entre los criminales, y lo exponía, quizás como trofeo, en las calles.

¡Oh! ¡Doce años!

No hay término medio,- que avergüanza. No hay contemplación posible, - que mancha. El gobierno olvidó su honra cuando sentenció a un niño de doce años a

<sup>86</sup> Nome dado pelos campesinos de Cuba a seus pais (nota da edição crítica das Obras Completas).

presidio. La olvidó más cuando fue cruel, inexorable, inicuo con él. Y el gobierno ha de volver, y volver pronto, por esa honra suya, esta como tantas otras veces mancillada y humillada.

Y habrá de volver pronto, espantado de su obra, cuando oiga toda la serie de sucesos que yo no nombro, porque me avergüenza la miseria ajena.

Lino Figueredo había sido condenado a presidio. Esto no bastaba.

Lino Figueredo había llegado ya allí; era presidiario ya; gemía uncido a sus pies el hierro; lucía el sombrero negro y hálito fatal. Esto no bastaba todavía.

Era preciso que el niño de doce años fuera precipitado en las canteras, fuese azotado, fuese apaleado en ellas. Y lo fue. Las piedras rasgaron sus manos; el palo rasgó sus espaldas; la cal viva rasgó y llagó sus pies.

Y esto fue un día. Y lo apalearon.

Y otro día. Y lo apalearon también.

Y muchos días.<sup>87</sup>

A história de Lino é a história dos vencidos. Na narrativa de Martí, eles têm nome, idade, rosto, chagas e sonhos destruídos nas pedreiras de *San Lázaro*. Presidiários perdidos numa imensa massa esmagada surgem do relato para tornar públicas as injustiças do sistema colonial.

É também nas páginas de *El Presidio Político en Cuba* que Martí dá a conhecer o dia em que seu pai, Mariano Martí, foi visitá-lo e ficou desolado ao ver a situação em que o filho se encontrava. A relação entre pai e filho, que parecia estremecida anteriormente, toma nova configuração a partir desse encontro na prisão. Encontro esse que Martí qualifica como um dia de grande pesar e amargura, pois vê o pai chorar de joelhos. É sobre o padecimento do corpo e da alma que Martí escreve no trecho de *El Presidio Político en Cuba* ao recordar a visita do pai:

[...] ¡Y que día tan amargo aquel en que logró verme, y yo procuraba ocultarle las grietas de mi cuerpo, y él colocarme unas almohadillas de mi madre para evitar el roce de los grillos, y vio al fin, un día después de haberme visto paseando en los salones de la cárcel, aquellas aberturas purulentas, aquellos miembros estrujados, aquella mezcla de sangre y polvo, de materia y fango, sobre que me hacían apoyar el cuerpo, y correr, y correr! ¡Día amarguísimo aquel! Prendido a aquella masa informe, me miraba con espanto, envolvía a hurtadillas el vendaje, me volvía a mirar, y al fin, estrechando febrilmente la pierna triturada rompió a llorar!<sup>88</sup>

Com data de 28 de agosto de 1870, envia para sua mãe uma fotografia na qual está vestido de presidiário, com os grilhões acorrentados ao corpo e o chapéu negro.<sup>89</sup> Nesta

<sup>87</sup> MARTÍ, José. **Obras completas:** edición crítica. t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2009. p. 81-84. Quando Martí escreve sobre a *Integridad Nacional*, refere-se ao movimento político que defendia a existência de um território hispânico único, do qual formavam parte inseparável as colônias. Nicolás del Castillo, a quem Martí se refere nessa citação, é preso político de quase oitenta anos que cumpria pena de trabalhos forçados assim como Martí.

<sup>88</sup> MARTÍ, José. **Obras completas:** edición crítica. t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2009. p. 77.

<sup>89</sup> Não consegui encontrar durante a pesquisa o motivo pelo qual se fotografavam os presos das pedreiras de San Lázaro, no entanto, parece ter sido usual nessa prisão, pois existem fotos de outros presidiários além de Martí.

fotografia, uma dedicatória tenta mitigar a dor materna.

Mírame, madre, y por tu amor no llores:  
Si esclavo de mi edad y mis doctrinas,  
Tu mártir corazón llené de espinas,  
Piensa que nacen entre espinas flores.<sup>90</sup>

Neste mesmo dia, remete uma cópia do retrato para o amigo Fermín Valdés Domínguez, preso em *Cabaña*. Na dedicatória em verso, o apelo emocionado para o *irmão de dor*:

Hermano de dolor, no mires nunca  
En mí al esclavo que cobarde llora;  
Ve la imagen robusta de mi alma  
Y la página bella de mi historia.<sup>91</sup>

### 3. Fragmentos do exílio

Após seis meses de trabalhos forçados e a saúde debilitada, seus pais conseguem por meio de incansáveis petições, sua transferência para a ilha de Pinos (atualmente Ilha da Juventude), em Cuba, aonde chega no dia treze de outubro de 1870. No ano seguinte, a pena é modificada pelo desterro, com a deportação em quinze de janeiro de 1871 a bordo do vapor *Guizpúzcoa* para a Espanha.

Poucas horas antes do embarque, escreve para Rafael Mendive, dando notícia de seu desterro. Em seu conteúdo, traços da tristeza e sofrimento: “mucho he sufrido, pero tengo la convicción de que he habido sufrir”. Para ser forte ante o sofrimento, apoia-se nos ensinamentos de Mendive: “Y si he tenido fuerzas para tanto y si me siento con fuerzas para ser verdaderamente hombre, solo a Vd. lo debo y de Vd. y solo de Vd. es cuanto de bueno y cariñoso tengo”. E despede-se dedicando ao mestre “toda el alma de su hijo y discípulo”.<sup>92</sup>

Martí desembarca na Espanha com dezoito anos recém-completos. Cientes do tempo do exílio, longe da terra natal, os deportados tecem seus vínculos, e, em Madrid continuam a campanha em favor da independência cubana. Ao chegar a Madrid com a saúde frágil e dispendo de escassos recursos, Martí reencontra o amigo Fermín, que também fora deportado.

<sup>90</sup> MARTÍ, José *apud* O, Raúl Rodríguez La. **Dolor infinito**. La Habana: Ediciones Abril, 2007. p. 16.

<sup>91</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>92</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2009. p. 49.

Desse período, tem-se registro de um retrato dedicado para Fermín: “Hermano. Cuando te he visto a mi lado, no he suspirado por mi madre. J. Martí. Madrid. 19 de setiembre de 1872”.<sup>93</sup> Martí vai formando uma nova família integrada por suas afinidades intelectuais e da sensibilidade no exílio. Laços fortalecidos nas cartas escritas quase que diariamente.

Consegue sobreviver no desterro a duras penas, provendo seu sustento de algumas aulas que ministra. Alguns registros sobre sua vida na Espanha se encontram em *Ofrenda de Hermano*, de Fermín Valdés, publicado em 1908, no periódico *El Triunfo*, onde podemos saber um pouco mais das condições de saúde de Martí. Fermín afirma que o amigo encontrasse muito doente no ano de 1872, em razão das sequelas do tempo na prisão, o que requer tratamentos específicos e cirurgias:

Martí estaba muy enfermo en julio de 1872. Dos veces lo habían operado de un sarcocele producido por un golpe de la cadena de presidiario en las crueles faenas de la cantera. Nunca se curó de la que fue para él terrible dolencia, por las operaciones hechas a destiempo y en malas condiciones, y que tantas veces le obligó a guardar cama y le impedía andar. [...] Delgado, sombrío el semblante, era un condenado a muerte por la enfermedad. La llegada del compañero cambió el triste cuadro: ambos estaban enfermos; pero con elementos para hacer la guerra a muerte, se aprestaron para la lucha.<sup>94</sup>

Ao ser deportado, Martí ainda não havia concluído seus estudos dando continuidade aos mesmos na Espanha apesar das dificuldades materiais. Conclui sua formação colegial e paralelamente cursa as licenciaturas de Direito – que inicia em Madrid – e Filosofia e Letras na Universidade de Zaragoza. Martí é um ávido leitor e, enquanto permanece na Espanha, tem acesso a livros, revistas e periódicos. A partir da publicação *Atlas José Martí*,<sup>95</sup> podemos apresentar os lugares relacionados com arte, letras e cultura aos quais José Martí frequentou, e onde teve acesso a leituras diversas. Em Madrid, são eles: Biblioteca Nacional, *Ateneo de Madrid*, *Universidad Central*, *Teatro Real*, Teatro de Variedades, *Teatro del Príncipe*, *Real Museo (Museo del Prado)*, e *Academia de Bellas Artes*. E na cidade de Zaragoza: *Universidad Literaria*, *Instituto de Bachillerato*, Teatro Principal e Teatro Lope de Vega.

Do período em que vive em Madrid, há registro de uma carta datada em abril de 1873, a Néstor Ponce de León (1837-1899), que reside em Nova York (EUA), para tratar de

<sup>93</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 523.

<sup>94</sup> Fragmento extraído do site da Revista *Opus Habana* – v. VII, n. 1, 2003, p. 08-11. Disponível em: <[http://www.opushabana.com/noticias.php?id\\_brev=456](http://www.opushabana.com/noticias.php?id_brev=456)>. Acesso em: 15 de maio de 2012.

<sup>95</sup> ATLAS JOSÉ MARTÍ. La Habana: Oficina Nacional de Hidrografía y Geodesia; Centro de Estudios Martianos; Ediciones Geo, 2003.



assuntos que julgava de interesse da pátria. Néstor Ponce de León vivia em New York desde 1869 e foi figura central para a vida cultural e revolucionária dos cubanos na cidade.

Em Nova York, Néstor reuniu biblioteca e arquivo sobre a história de Cuba – arquivo que já havia iniciado anteriormente na ilha, mas que foi perdido quando o governo colonial embargou seus bens. Trabalhou como notário e foi presidente interino da *Sociedad Literaria Hispano-Americana*, mas, provavelmente, seu maior destaque tenha sido como o grande editor cubano do exílio. Ponce de León chegou a ter a mais renomada livraria<sup>96</sup> hispano-americana de Nova York, vinculada a seu editorial e imprensa, onde foram editados livros de autores cubanos como José María Heredia, Antonio Bachiller y Morales, Diego Vicente Tejera, Antonio Zambrana, José Ignacio Rodríguez, Antonio e Francisco Sellén. Entre os autores estrangeiros publicados por Néstor Ponce de León, estão nomes como Andrés Bello, Thomas Moore, Lord Byron e Heinrich Heine. Em 1876, o catálogo da sua livraria contava com 1.738 títulos.<sup>97</sup>

Martí inicia a carta para Ponce de León de forma muito respeitosa e, antes de qualquer assunto ser tratado, já se adianta em pedir desculpas pela liberdade que toma por escrever: “Ante todo, he de suplicar a V. que me dispense la molestia que le causo, y la libertad que me tomo al escribirle”. No entanto, demonstra também a certeza de ser compreendido pelo seu destinatário a quem julga um patriota de confiança: “Pero tanto significa para mí todo lo que en algo sirva a la felicidad de mi patria – por poco que ello sea – y tanto sé que significa para V.,– que de antemano confío en que V. me habrá de dispensar”.

A república havia sido proclamada na Espanha, e Martí pretendia, com seu escrito *La República española ante la Revolución cubana*, disputar a opinião pública em relação à independência de Cuba.

Nessa carta, é possível acompanhar como os escritos de Martí começam a circular na forma de folheto, tornando-se conhecido em Madrid e em algumas províncias. Junto a essa epístola, envia exemplares do seu folheto no intuito de que possa ser conhecido em Nova York, principalmente pelos que simpatizam com a causa da independência cubana:

---

<sup>96</sup> Não se conhece a data exata da abertura da livraria. Em maio de 1871, estava localizada em 23 Union Square; em abril de 1872, mudou-se para a rua 16, nº 17, entre Union Square e Quinta Avenida; e na primeira quinzena de abril de 1873, mudou-se para o edifício da Broadway 40 e 42, salão 59, onde permaneceu por muitos anos. MESA, Enrique López. **La comunidade cubana de New York: siglo XIX**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002. p. 75, nota 120.

<sup>97</sup> MESA, Enrique López. **La comunidade cubana de New York: siglo XIX**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002. p. 32-33.

Muy Sr. mío.

[...] Pensando hacerlas públicas en forma de hoja suelta para que pudiesen con facilidad llegar a todos, un amigo mío se empeñó en dar la forma de folleto a las páginas que al mismo tiempo que esta carta envió a V.—Así empiezan a correr por Madrid y por provincias, y así espero que, continuando sin descanso en esta tarea, no se encontrarán completamente huérfanas del apoyo popular las opiniones honradas de alguno de los ministros del Gabinete respecto a la emancipación de Cuba, que—por lo mismo que son levantadas y francas opiniones, no las profesa más que un ministro español, entre todos los del Gabinete. — Hecho esto en Madrid, he deseado que fuese conocido en New York por los que más trabajan en pro de la independencia de nuestro país, y he creído al mismo tiempo que con las páginas que he escrito les digo cómo estoy dispuesto, si en algo creen que pueda yo servir, a recibir sus indicaciones sobre lo que más entiendan que convenga a la suerte de Cuba, sobre lo que piensen que ha de precipitar nuestra completa independencia, única solución a la que sin temor y sin descanso he de prestar toda la pobreza de mis esfuerzos, y toda la energía de mi voluntad, triste por no tener esfera real en que moverse.<sup>98</sup>

Do período em que vive na cidade de Zaragoza há também um registro epistolar cujo destinatário é desconhecido na pesquisa. A carta de 1874 permite entrever alguns lampejos sobre as dificuldades enfrentadas em busca de trabalho para custear seus estudos.

Martí escreve para solicitar livros que julga essenciais para iniciar sua carreira de Direito e, em troca dos livros, apenas pode oferecer, como escreve na carta, “los frutos ligeiros de una inteligencia incipiente que confia en producirlos un día”. Disposição e labor é o que oferece para o destinatário: “artículos de buena voluntad por libros de buena ciencia”. Livros em troca de trabalho e boa vontade em troca de boa ciência.

Dos livros que solicita, faz provável menção ao *Diccionario razonado de legislación y jurisprudencia* (4 v.) por Joaquín Escriche y Martín; a obra, em sete volumes, *Códigos o estudios fundamentales sobre el Derecho Civil español*, do catedrático da Universidade de Madrid Benito Gutiérrez y Fernández; e dois livros de Filosofia de Patricio de Azcárate, sendo possível que se referisse a *Exposición histórico-crítica de los sistemas filosóficos modernos*, quatro volumes (1861 – 1862) e *Del materialismo y el positivismo contemporáneos* (1870).<sup>99</sup>

Muy Sr. mío: –

[...] Hace dos meses, se presentó a V. un joven que le pedía trabajo intelectual, de versión, manual, cualquier trabajo que le produjese lo suficiente para el pago de su matrícula en la Facultad de Filosofía y Letras que espontáneamente

<sup>98</sup> Trecho da carta para Néstor Ponce de León publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2009. p. 111-112.

<sup>99</sup> As informações sobre os livros e autores contidos nesta carta são fruto das notas estabelecidas pela edição crítica das Obras Completas de José Martí. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2009.

amaba, y que con insaciable aliento de pobre deseaba para sí. – El joven era yo; no tuvo V. trabajo; pero yo uní a mi título de Lic. En Derecho, mi título de Ldo. en Filosofía, en el mes pasado de setiembre.

Ahora, el día 19 de Oct. salí de Madrid y comenzaré muy pronto, fuera de España, el ejercicio de mi carrera. – Me atrevo a hacer a V. una muy rara proposición. – Para el ejercicio de mi carrera de Derecho, necesito muy esencialmente un Diccionario de Escriche y un libro de Comentarios de Gutiérrez. – Y, sobre esto, me alegraría llevar conmigo los dos de Filosofía de Azcárate. –

Pero en cambio de estos libros producidos, solo puedo yo ofrecer los frutos ligeros de una inteligencia incipiente que confía en producirlos un día [...]<sup>100</sup>

Martí deixa a Espanha no final de 1874. Em sua trajetória, tem início uma peregrinação por vários países latino-americanos onde tenta fixar morada. É nesse momento que o espírito cosmopolita e as reflexões sobre unidade continental ganham maior profundidade a partir da vivência como exilado em *Nuestra América*, como podemos observar nas figuras pertencentes ao *Atlas José Martí*.

---

<sup>100</sup> Trecho da carta a destinatário desconhecido publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2009. p. 129-130.

Figura 10 – Primeira deportação de José Martí.

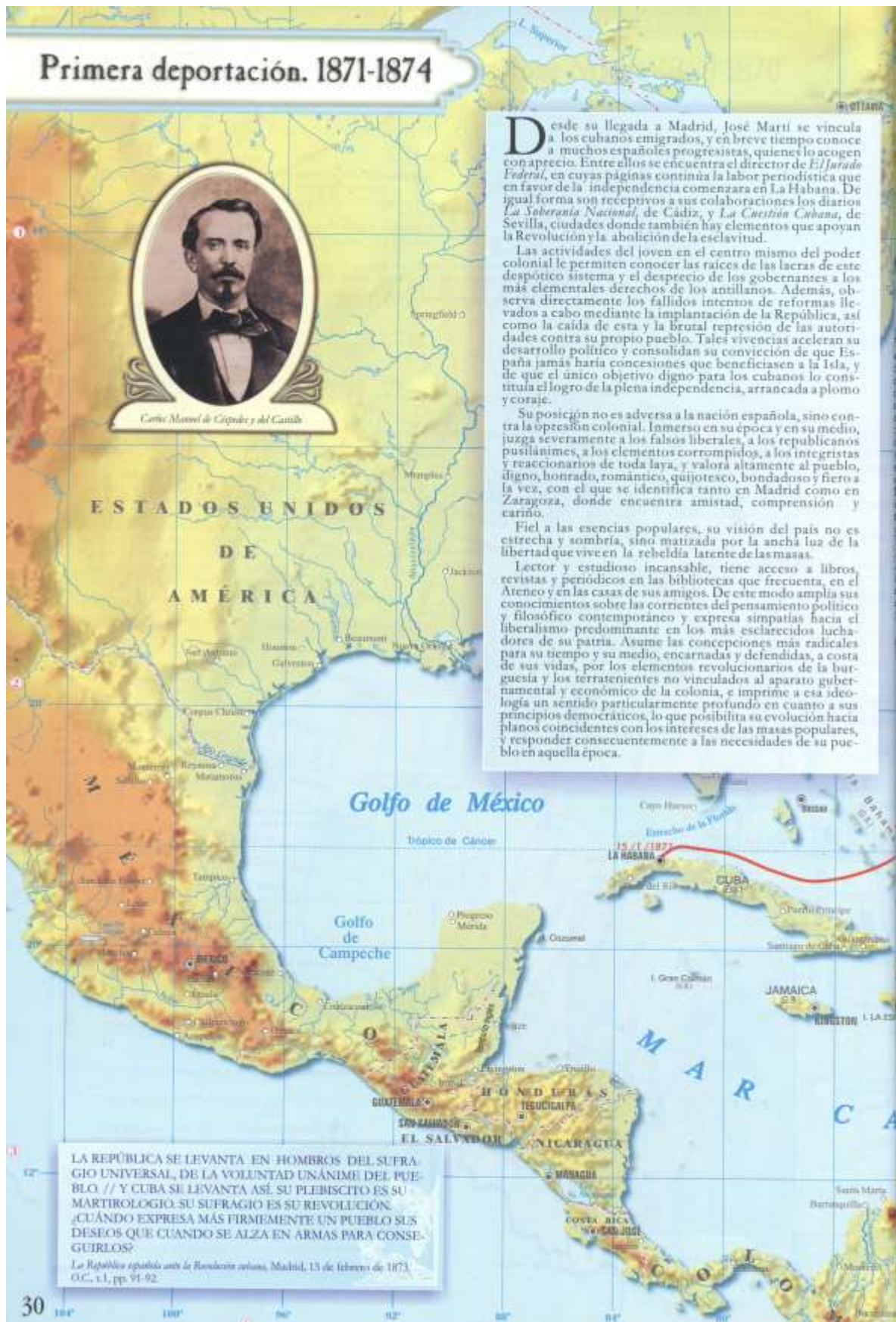
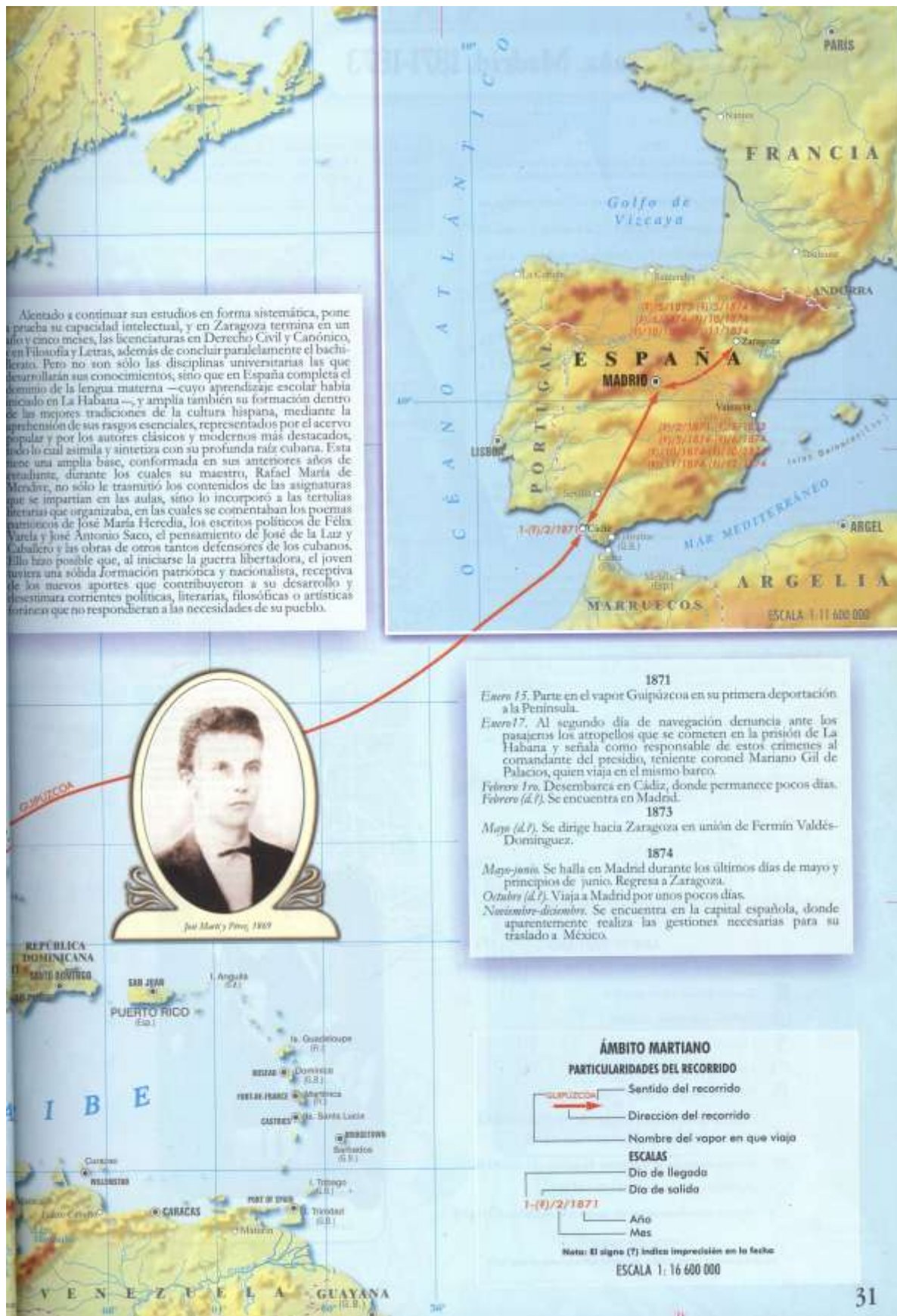


Figura 11 – Primeira deportação de José Martí.



Fonte: Atlas José Martí

Figura 12 – José Martí em Madrid, Espanha.

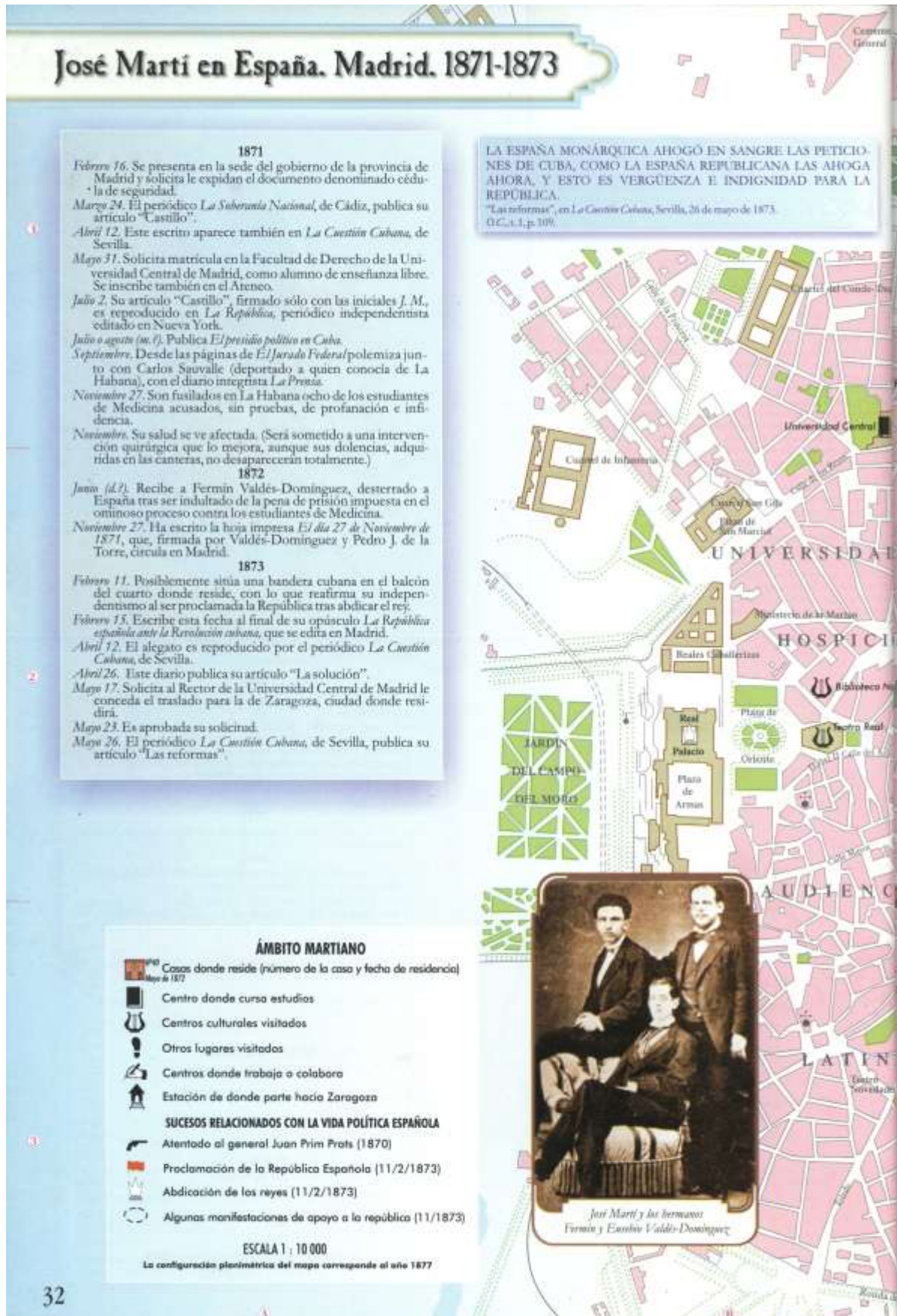
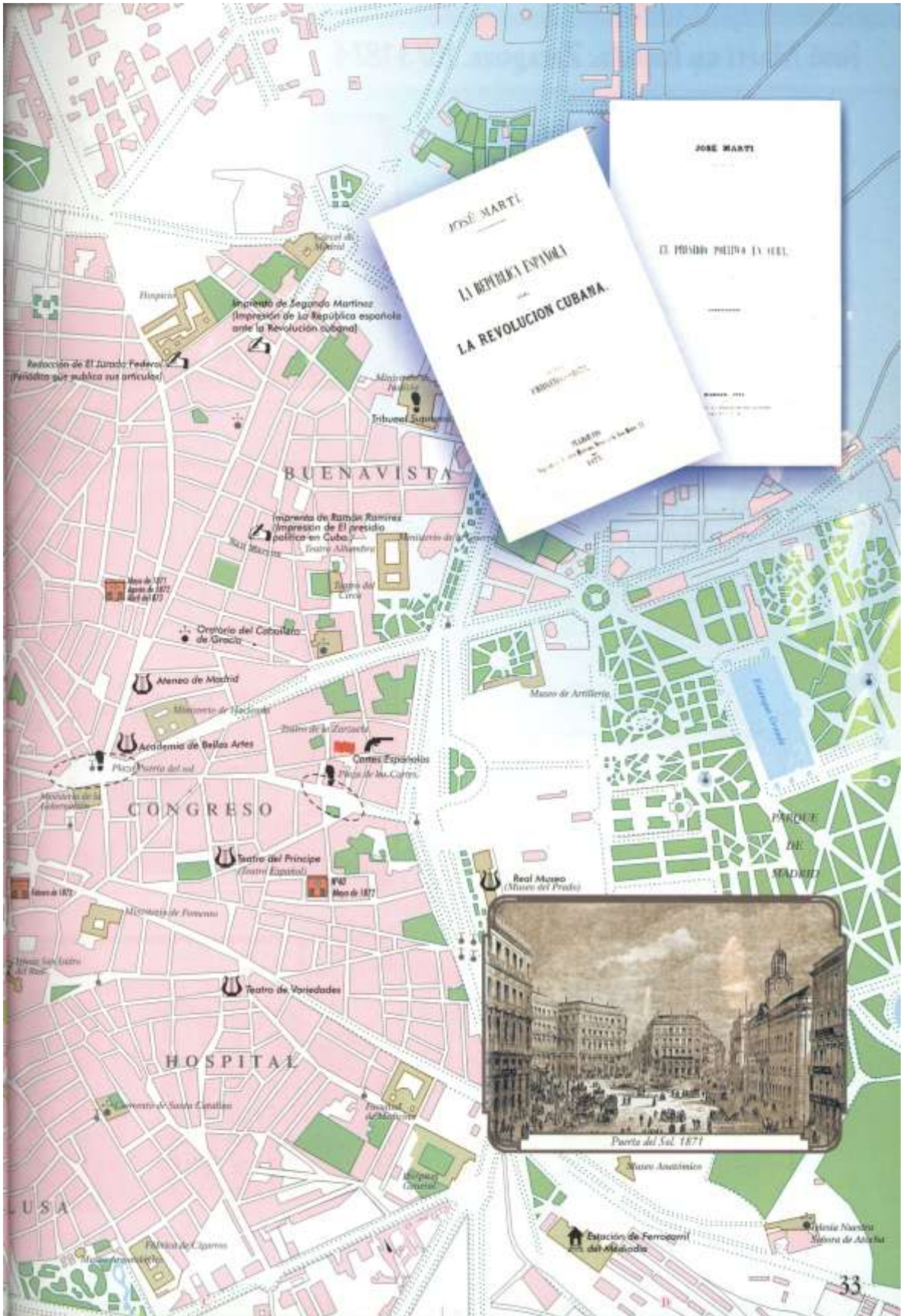


Figura 13 – José Martí em Madrid, Espanha.



Fonte: Atlas José Martí

Figura 14 – José Martí em Zaragoza, Espanha.

## José Martí en España. Zaragoza. 1873-1874

**1873**

*Mayo 28.* Requiere al Rector de la Universidad Literaria de Zaragoza permiso para examinar las asignaturas que había trasladado.

*Junio 8.* Las Cortes proclaman la República Federal.

*Agosto 29.* Solicita a las autoridades de la Facultad de Derecho rendir exámenes, como alumno de enseñanza libre del curso 1872-1873.

*Agosto 30.* Dirige una comunicación al Director del Instituto de Zaragoza en la cual pide se le examinen, sin asistir al curso regular, las asignaturas que le faltan para terminar el bachillerato.

*(m.a.?).* Este año fallece su hermana Lolita.

**1874**

*Enero 3.* El general Pavía disuelve las Cortes mediante un golpe de Estado y el poder pasa a manos del general Serrano. Los republicanos de Zaragoza levantan barricadas en varias calles y comienzan los choques armados.

*Enero 4.* La insurrección es aplastada.

*Enero (d.?).* Habla en una velada que se celebra con el objetivo de recaudar fondos con que auxiliar a los familiares de los caídos en defensa de la República.

*Febrero.* Termina de escribir la primera versión de su drama *Abilora*.

*Abril 22.* Sus padres y cuatro de sus hermanas embarcan hacia Veracruz para fijar residencia en la capital de México.


*Junio 25 y 27.* Aprueba en el Instituto de Zaragoza los dos ejercicios del grado de Bachiller en Artes.

*Junio 30.* Se somete a examen en la universidad y obtiene el grado de Licenciado en Derecho Civil y Canónico.

*Agosto 31.* Presenta una solicitud para matricular en la Facultad de Filosofía y Letras de la propia universidad, como alumno de enseñanza libre.

*Octubre 24.* Realiza el ejercicio final de estos estudios y alcanza el grado de Licenciado en Filosofía y Letras.


*Noviembre-diciembre (m.?).* Viaja a Madrid.



*Universidad Literaria de Zaragoza*



*Aula donde Martí recibió clases de Literatura y Filosofía*



*Teatro Principal*

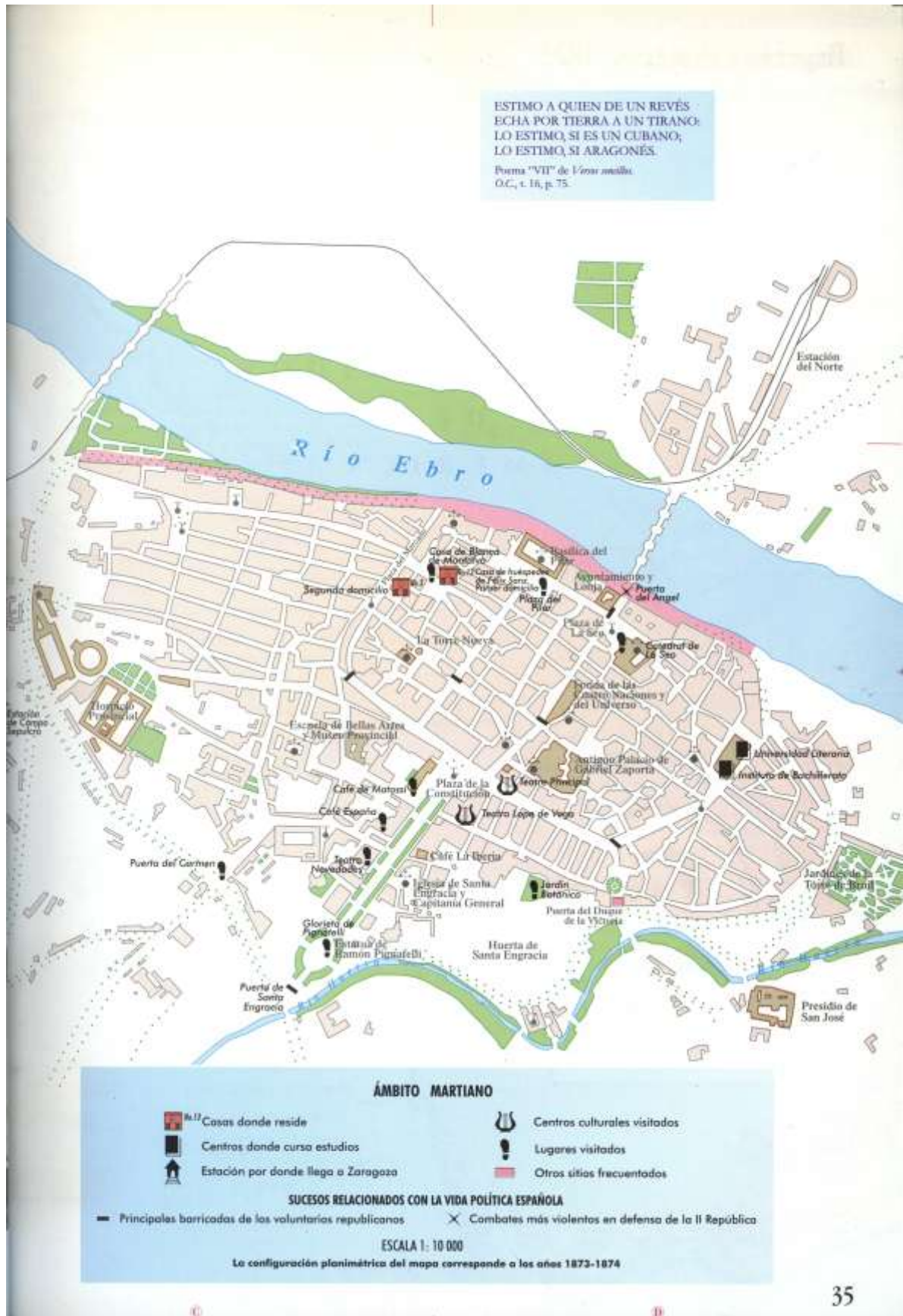


*Martí junto a Fermín Volabí-Domínguez*

34



Figura 15 – José Martí em Zaragoza, Espanha.



#### 4. Os círculos intelectuais e o intercâmbio da leitura

Após deixar a Espanha, o destino do jovem de então 22 anos é o México, país que aprende a amar como segunda pátria. Parte da família de Martí – o pai Mariano Navarro, a mãe Leonor Cabrera e as irmãs Carmen Amelia e Mariana Matilde (Ana) – já o aguardavam no México desde o fim do ano de 1874. A humilde família cubana se instala na Cidade do México no mezanino de um edifício situado à rua da Moneda. Para o sustento material, a família se ocupa de trabalhos de alfaiataria. Num andar superior da mesma edificação em que se instalam, vive o mexicano Manuel Mercado (1838-1909) e sua família – acompanhados também do pintor Manuel Ocaranza – que se tornaria uma das mais belas amizades cultivadas por José Martí.

Mercado nasce na cidade de La Piedad de Cabadas, estado de Michoacán, no seio de uma família de ideais liberais. Alguns de seus familiares partilhavam de ideais patriotas e independentistas tendo inclusive lutado no México durante a Guerra de Reforma (1857-1861), contra a intervenção francesa e o império de Maximiliano. Manuel Mercado se traslada para a Cidade do México aos quinze anos para continuar seus estudos preparatórios durante três anos no *Colegio de San Juan de Letrán*. A partir de 1857, estuda *Leyes* no *Colegio de San Ildefonso*, período em que vive as inconstâncias da Guerra dos três anos, até que triunfe Benito Juárez contra os conservadores. Recebe o título de advogado em 1861 e retorna a Michoacán, onde se dispõe a trabalhar no governo de Juárez.

Entre 1867 e 1868, Mercado casa-se com Dolores García Parra, a quem José Martí chamaria afetuosamente de Lola, e é eleito representante do oitavo distrito de Uruapan, motivo pelo qual regressa à Cidade do México, onde ocupa, durante os governos de Juárez e de Lerdo de Tejada, variados cargos públicos.

Não se sabe ao certo como se deu o encontro entre Manuel Mercado e Mariano Martí – acredita-se que Mariano fazia os trajés de Mercado – mas, a partir da sensibilidade desse encontro, Manuel Mercado pode conhecer as penas daquela família cubana, ler algumas cartas enviadas pelo filho Pepe, que cumpria exílio político na Espanha, assim como conhecer seu folheto *El presidio político en Cuba*, o que possivelmente despertara o interesse de Mercado.

Antes mesmo de o filho aportar no México, a família muda de endereço, no entanto, não se afasta da amizade de Mercado. No início de 1875, a situação econômica da família torna-se mais delicada, e Ana, uma das irmãs mais queridas, falece de uma

complicação cardíaca. Dando provas do valor dos laços da amizade, Manuel Mercado se solidariza e doa um lote de sua propriedade no panteão do Campo Florido para que Ana não fosse sepultada em uma vala comum.

José Martí tem seu primeiro contato com Mercado em fevereiro de 1875 quando aporta no México. Ambos haviam nascido a 28 de janeiro sendo Mercado quinze anos mais velho. O ano de 1875 marca o início de uma amizade que cria raízes profundas e se mantém, após a partida de José Martí, por meio do afeto epistolar.

Na viagem com destino ao México, passa pela França, onde, ainda em 1874, conhece o poeta e jornalista francês Auguste Vacquerie,<sup>101</sup> que pede para que traduza um poema seu para o espanhol, e é apresentado ao célebre escritor Victor Hugo (1802-1885), de quem traduziria *Mes Fils*, no México. Martí refere-se, no prólogo da tradução: “La primera traducción que he hecho de alguna cosa ajena, en París acaba de ser, y fue una hermosa canción de Auguste Vacquerie, este carácter sereno y firme, esta inteligencia valerosa de que el mismo poeta habla en Mis hijos”.<sup>102</sup>

O escritor francês Victor Hugo, personalidade influente e reconhecida das letras francesas do século XIX, é também um intelectual exemplar para o mundo hispano-americano, tendo Martí, desde seu período estudantil, durante o exílio na Espanha, o admirado como paradigma intelectual.

Também no prólogo da tradução de *Mes Fils*, José Martí expressa seus sentimentos sobre a tarefa de traduzir uma obra de Victor Hugo. É uma forma de trazer para a vida, que lhe parece viril, um momento de beleza e alegria. Para o cubano, o célebre escritor não escreve em francês e sim em uma linguagem própria, e traduzi-lo se torna tarefa árdua pelo valor da obra. A tradução é um trabalho intelectual do século XIX – para o caso de Cuba e de Martí, vale mencionar Rafael María de Mendive, tradutor das *Melodias Irlandesas* de Thomas Moore. A tradução<sup>103</sup> fazia parte desse momento intelectual: por meio de tal exercício, é possível se aprofundar da literatura que circula em língua estrangeira e mais: é se aproximar de novas fontes de pensamento.

---

<sup>101</sup> Auguste Vacquerie (1819-1895), poeta e jornalista francês. Vacquerie foi fiel amigo do célebre escritor Victor Hugo e executor do seu testamento literário. Fundou, juntamente com os filhos de Victor Hugo, Meurice e Rochefort, a publicação *Le Rappel* onde publicizou uma dura campanha contra o Segundo Império. Estão entre as obras de Vacquerie *L'enfer et L'Esprit* (1840), *Les drames de la Grève* (1855), *Le fils* (1866) e *Futura* (1890). MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 20. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 358. A tradução da canção do poeta Auguste Vacquerie não foi localizada até o momento pelos estudiosos da obra de José Martí.

<sup>102</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 20. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 11.

<sup>103</sup> Para ver mais sobre Martí tradutor: ANUARIO DEL CENTRO DE ESTUDIOS MARTIANOS. v. 25. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2005. p. 177-190.

La vida viril es todavía hermosa, cuando dentro de ella se es alguna vez niño: yo viví un instante en contento, yo tuve un momento una alegría pueril cuando supe que había de traducir este libro grave y amado del poeta.

Yo lo habré traducido mal; pero al fin yo me he alegrado una vez bien.

Dificultades graves. Traducir es transcribir de un idioma a otro. Yo creo más, yo creo que traducir es *transpensar*; pero cuando Victor Hugo piensa, y se traduce a Victor Hugo, traducir es pensar como él, *impensar*, pensar en él. – Caso grave, – el deber del traductor es conservar su propio idioma, y aquí es imposible, aquí es torpe, aquí es profanar. Victor Hugo no escribe en francés: no puede traducirse en español. Victor Hugo escribe en Victor Hugo: ¡qué cosa tan difícil traducirlo!<sup>104</sup>

No México, começa a envolver-se mais profundamente com o periodismo, tendo a amizade cultivada com Mercado aberto as portas para os círculos intelectuais mexicanos e do periodismo conseguindo inicialmente trabalho na *Revista Universal*. No ano em que Martí inicia a sua colaboração, a *Revista Universal de Política, Literatura y Comercio* circulava diariamente, exceto às segundas-feiras, sendo seu redator e proprietário José Vicente Villada. Martí colaborou na *Revista Universal* com poemas, artigos, boletins parlamentários, publicou sua tradução de *Mes fils* de Victor Hugo e comentou a política mexicana sob o pseudônimo Orestes.

Nos anos em que vive no país (1875-1876), Martí conhece profundamente a causa indígena e aproxima-se também dos círculos operários. Em setembro de 1872, foi fundado o *Gran Círculo de Obreros de México*, motivado pelos acordos de setembro de 1871 da Internacional Socialista. Uma das principais figuras desse círculo foi o trabalhador gráfico Juan de Mata Rivera (1838-1893), que, juntamente com Francisco de P. González (1844 - ?), fundou o periódico *El Socialista*, no qual José Martí colaborou. A publicação, existente desde 1871, funcionou como órgão do Círculo e esteve sob a direção de Juan de Mata Rivera até 1888.

Entre o final do ano de 1875 e o início de 1876, o *Gran Círculo de Obreros de México* convocou os trabalhadores mexicanos para o *Congreso General de Obreros*, que apresentou, a partir de seus delegados, discussões partindo de referências do socialismo utópico, cristianismo, prudhonismo e influências marxistas, como era o caso do trabalhador gráfico Mata Rivera. José Martí foi eleito delegado do Congresso pela *Sociedad Esperanza de Empleados*, no entanto, não existem até o momento fontes conhecidas que atestem a constância da sua participação.<sup>105</sup>

Martí desenvolve uma intensa apropriação e conhecimento da vida política

<sup>104</sup> MARTI, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 20. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 12.

<sup>105</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 2. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2000. p. 355-356.

mexicana, o que abre espaço para que escreva e faça intervenções na imprensa sobre assuntos da política local. Colabora no México, principalmente, com a *Revista Universal*, mas contribui também em menor medida com periódicos como *El Federalista* e *El Socialista*.

Aos 22 anos, desenvolve uma relação mais direta com a crítica quando colabora na *Revista Universal* por meio de um grande número de artigos de crítica ligado às artes em geral. Como tema de um dos primeiros artigos de crítica, o jovem periodista escreve sobre os dramas de Echegaray<sup>106</sup> no qual “al enjuiciar *El libro talonario* y *La esposa del vengador*, experimentó la pugna entre el entusiasmo por las aspiraciones y posibilidades creadoras latentes en esos dramas y la lucidez acerca de sus quiebras y defectos”.<sup>107</sup> São também matéria para seus escritos o teatro de Shakespeare; a música de Mozart e Bach; e a literatura de Agustín Cuenca e José Peón Contreras.

Igualmente no México conhece a cubana, de Camagüey, Carmen Zayas-Bazán (1853-1928), que se tornaria sua esposa. Carmen vivia no país com a família – o pai Francisco Zayas-Bazán, a mãe Isabel Hidalgo e as irmãs Isabel e Rosa – desde o ano de 1871. Já comprometido com Carmen, Martí deixa o país em dezembro de 1876 depois da saída de Lerdo de Tejada do governo.

Do México regressa para Havana de forma clandestina: entra na ilha em janeiro de 1877 usando documentos com seu segundo nome e sobrenome “Julián Pérez”. Martí permanece em Havana somente o tempo para reunir condições materiais de trazer de volta sua família, que ainda está no México, e realizar o seu matrimônio com Carmen Zayas Bazán. Estar em Cuba ainda não é sentir-se em sua verdadeira terra, já que Martí não pensa outro destino digno para a pátria que não seja o da independência.

Em abril de 1877, chega à Guatemala. Ao que parece, decidiu-se pela Guatemala como próximo destino por acreditar que teria uma situação mais estável – aparentemente não seria difícil conseguir trabalho como professor ou advogado. A viagem rumo à Guatemala é realizada por difíceis caminhos, porém em relação direta com a natureza e com os campesinos que conhece ao longo da viagem. Participa da vida intelectual guatemalteca, graças ao nome construído nos meios intelectuais mexicanos e por suas relações de amizade. Martí leva carta de recomendação do pai dos amigos cubanos Valdés Domínguez, o guatemalteco Bernardo,

<sup>106</sup> José Echegaray y Eizaguirre (1833-1916), dramaturgo, político, economista e matemático espanhol. Autor de *El libro talonario*, comédia encenada com êxito em Madrid em 1874. Echegaray compôs mais de setenta obras teatrais, como *La esposa del vengador* (1875), *O locura o santidad* (1877), *En el seno de la muerte* (1879), *El gran Galeoto* (1881), *Mancha que limpia* (1895) e *El loco Dios* (1900). MARTÍ, José. **Obras completas:** edición crítica, t. 3. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2000. p. 247-248.

<sup>107</sup> VITIER, Cintio. **Vida y obra del apóstol José Martí.** La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2006. p. 179.

que havia sido professor do então presidente da Guatemala Justo Rufino Barrios, e carta de Ramón Uriarte, então embaixador da Guatemala no México.

Inicia sua experiência no magistério sendo nomeado no mês de maio catedrático de Literatura francesa, inglesa, italiana e alemã, e de História e Filosofia, na Escola Normal para Professores dirigida pelo cubano José Maria Izaguirre (1830-1905).

É intensa sua atividade na Guatemala, mas decide deixar o país no ano de 1878 – entre outros fatos tem uma mudança radical de opinião acerca do presidente Barrios, e deixa o seu posto na Escola Normal por conta da demissão de José Maria Izaguirre – além de dificuldades financeiras. A mudança de opinião em relação ao presidente se deu pela forma violenta com que Barrios puniu as pessoas que haviam conspirado contra ele e sua família, transformando a busca dos conspiradores em um processo de “caça às bruxas”.

Martí pensa em deixar a Guatemala pelo Peru, no entanto já está casado com Carmen Zayas Bazán – que está grávida do primeiro e único filho do casal – e por pressões familiares e perspectivas econômicas, acaba por retornar a Cuba, aonde chegara ao fim da Guerra dos Dez Anos.

A estadia em Havana não se prolonga por muito tempo. Em agosto de 1879, tem início a contenda pela independência conhecida como *Guerra Chiquita*, e Martí é novamente deportado para a Espanha sob a acusação de estar envolvido com o movimento de insurreição. Consegue escapar clandestinamente via França, donde segue viagem rumo à cidade de Nova York nos Estados Unidos.

Vive o ano de 1880 em Nova York, onde assume interinamente a presidência do Comitê Revolucionário Cubano quando o General Calixto Garcia parte para Cuba. No entanto, 1880 ainda não é o ano em que triunfam os ideais de independência na ilha.

Em janeiro de 1881, viaja sem a esposa, Carmen, e o filho, José Francisco, para a Venezuela, onde vive a maior parte do ano e mantém boas relações com a imprensa local, sociedades literárias, conquistando prestígio na vida social de Caracas, em especial, entre a juventude. Martí chega a ministrar aulas de francês e literatura no Colégio Santa Maria e um curso de oratória.

Funda no país a *Revista Venezolana* (1881), que “era um velho sonho de seus dias na Guatemala, quando lançara um prospecto anunciando a saída de uma publicação que difundiria na América Latina os avanços ocorridos em outras latitudes e que contribuiria para o esclarecimento da identidade continental.”<sup>108</sup>

---

<sup>108</sup> RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. **Martí e as duas Américas**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 159.

A Revista, logo no seu primeiro número, é bem recebida pela imprensa e sociedade local. O segundo número incluía um largo ensaio sobre o escritor Cecilio Acosta (1818-1881), considerado o símbolo da oposição ao regime do presidente Guzmán Blanco na Venezuela. Na *Revista Venezolana*, são muitas as honras rendidas ao intelectual. Chorar seria pouco; a sincera homenagem seria o conhecimento profundo de sua obra. O grande feito de Acosta teria sido, no entendimento de Martí, o trabalho na formação dos homens e sua incansável doação aos vencidos.

[...] Ha muerto un justo: Cecilio Acosta ha muerto. Llorarlo fuera poco. Estudiar sus virtudes e imitarlas es el único homenaje grato a las grandes naturalezas y digno de ellas. Trabajó en hacer hombres: se le dará gozo con serlo. ¡Qué desconsuelo, ver morir, en lo más recio de la faena, a tan gran trabajador!  
 Sus manos, hechas a manejar los tiempos, eran capaces de crearlos. Para él el universo fue casa; su patria aposento; la historia, madre; y los hombres hermanos, y sus dolores, cosas de familia, que le piden llanto. (...) Negó muchas veces su defensa a los poderosos: no a los tristes. A sus ojos, el más débil era el más amable. Y el necesitado, era su dueño. Cuando tenía que dar, lo daba todo: y cuando nada ya tenía, daba amor y libros.<sup>109</sup>

Quando parte de Caracas, escreve em carta em 27 de julho de 1881 a Fausto Teodoro de Aldrey: “Da América soy hijo: a ella me debo. Y de la América, a cuya revelación, sacudimiento y fundación urgente me consagro, esta es la cuna”.<sup>110</sup> As experiências vividas na Venezuela, no México e na Guatemala, foram de extrema importância para o amadurecimento de seu pensamento continental (Figura 16-33). Ao deixar a Venezuela, Martí retorna para Nova York, onde fixaria residência por aproximadamente quinze anos, regressando a Cuba para lutar na guerra de independência em 1895.

<sup>109</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 8. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2003. p. 93.

<sup>110</sup> *Ibid.*, p. 110.

Figura 16 – José Martí no México.

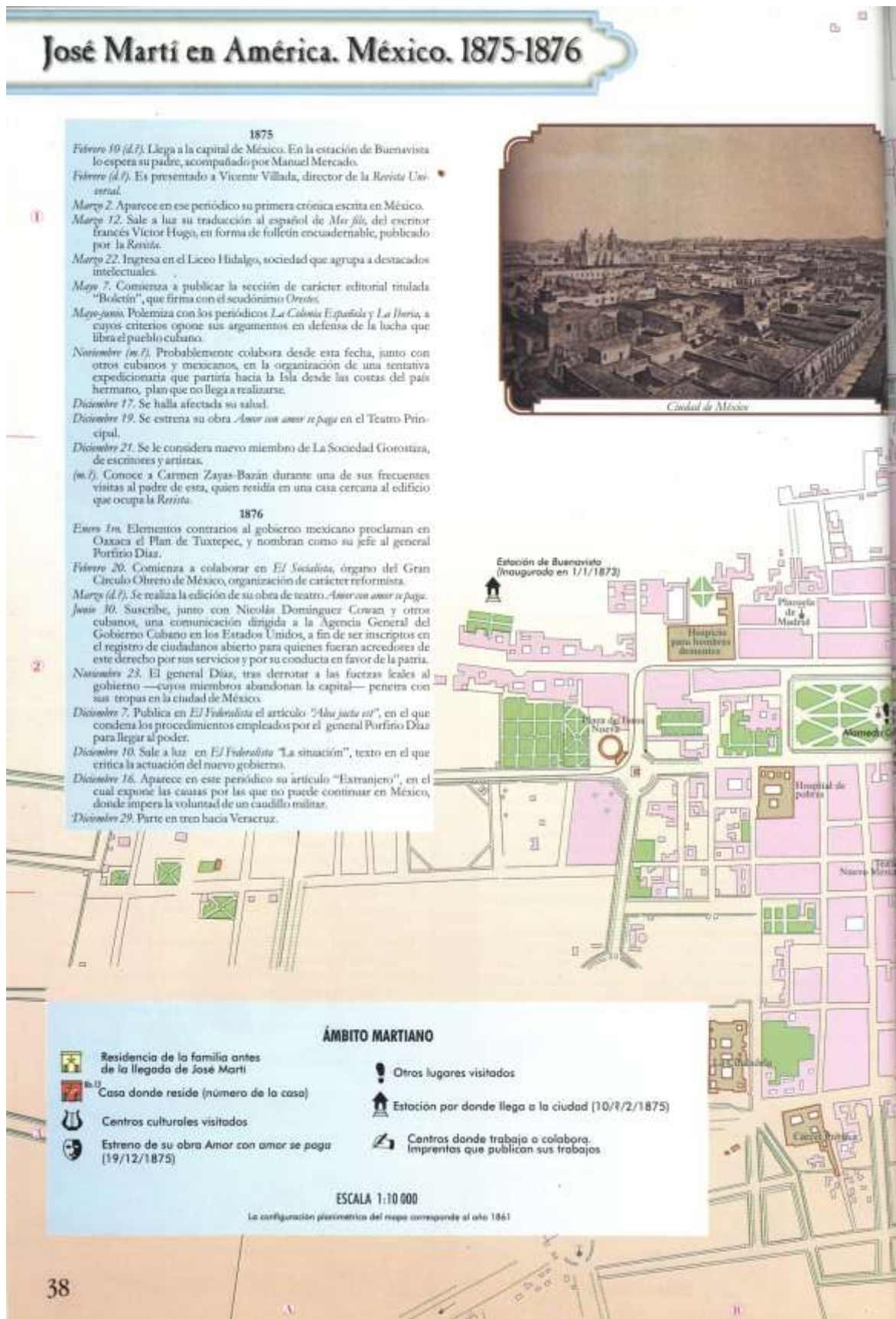
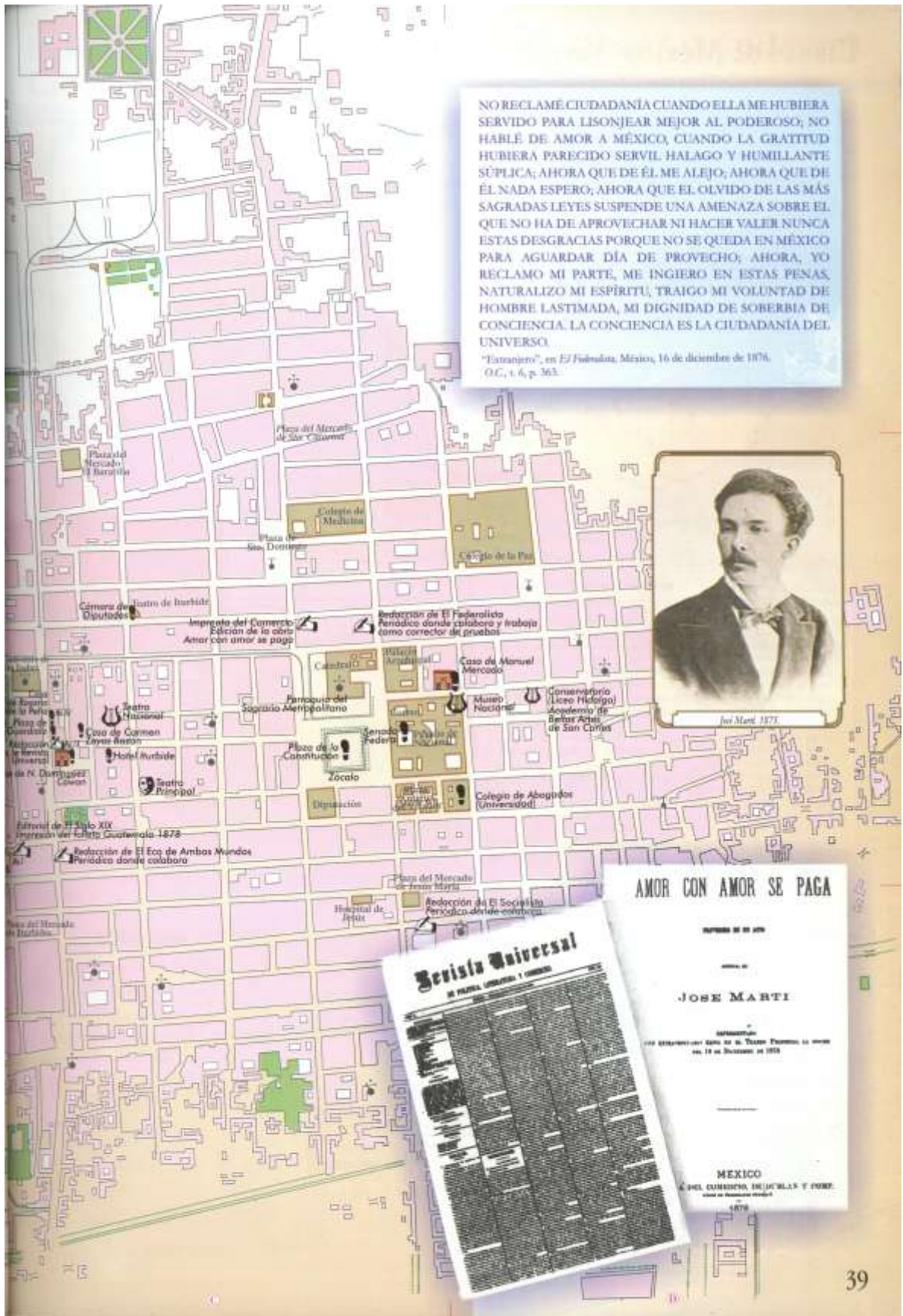


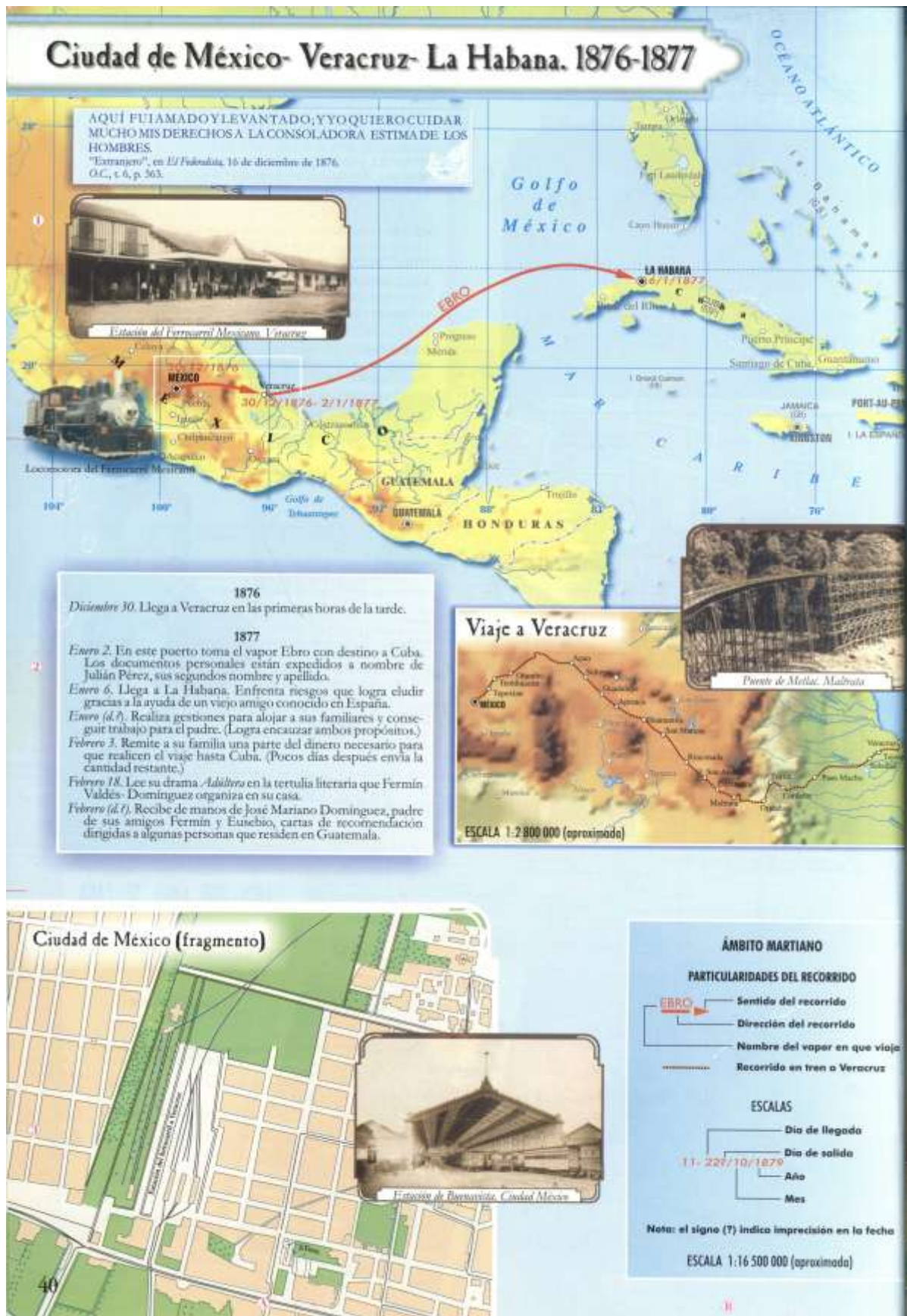


Figura 17 – José Martí no México.



Fonte: Atlas José Martí

Figura 18 – José Martí em trânsito por Cidade do México, Veracruz e Havana.



Fonte: Atlas José Martí

Figura 19 - José Martí em trânsito por Cidade do México, Veracruz e Havana.

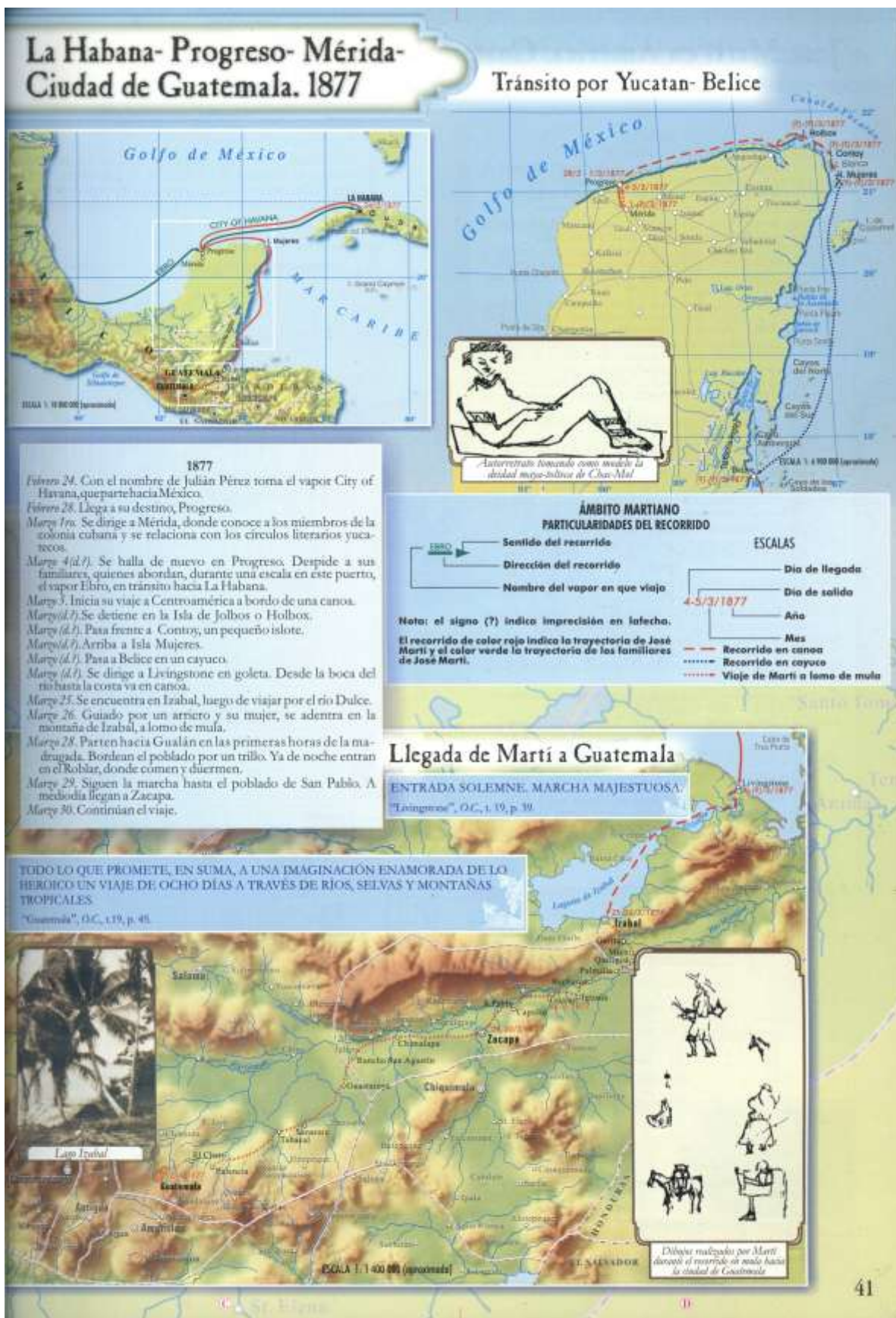


Figura 20 – José Martí en Guatemala. 1877-1878.

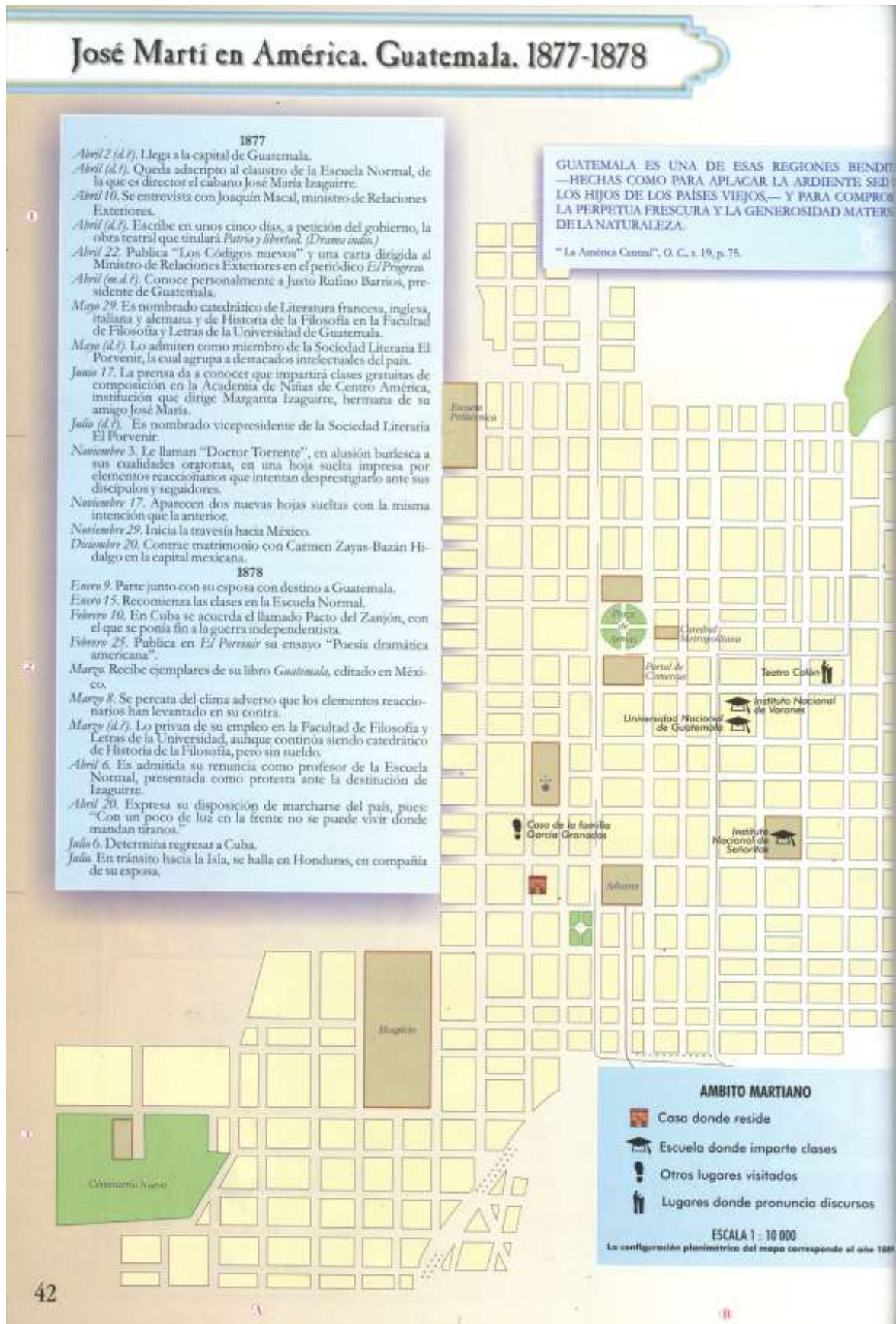


Figura 21 – José Martí na Guatemala.

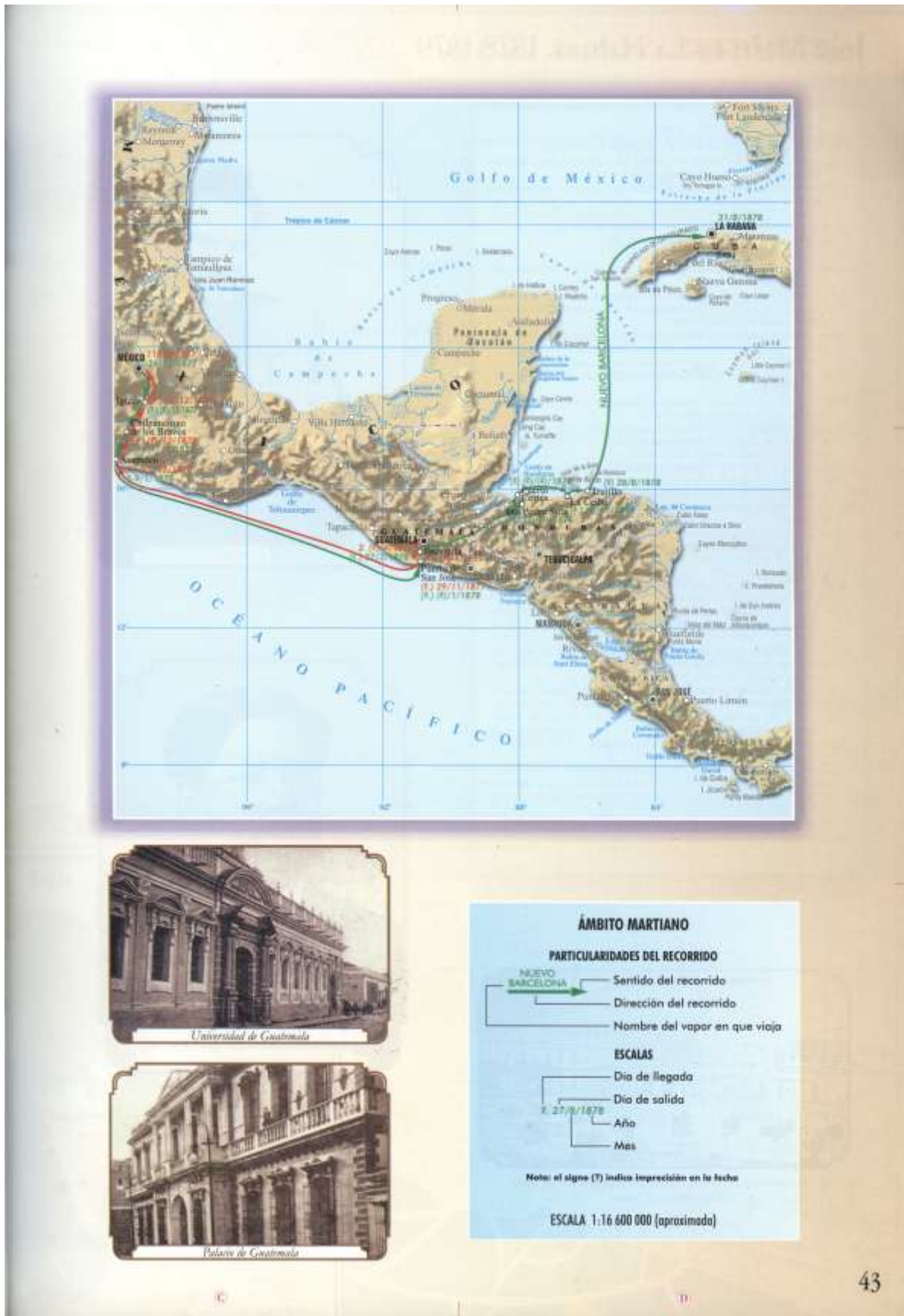


Figura 22 – José Martí em Havana, Cuba.

## José Martí en La Habana. 1878-1879

1878

- Agosto 31.* Llega a La Habana, en compañía de su esposa.  
*Septiembre 21.* Es declarada sin lugar su solicitud para ejercer como abogado, por carecer de título.  
*Octubre (m. 1).* Se encuentra inmerso en las labores conspirativas junto a otros cubanos que responden al llamamiento del Comité Revolucionario Cubano, radicado en Nueva York, para organizar una nueva guerra anticolonialista.  
*Noviembre 22.* Nace su único hijo, José Francisco.

1879

- Enero 15.* Es elegido secretario de la Sección de Literatura del Liceo de Guanabacoa.  
*Enero 17.* Trabaja como pasante en el bufete de Nicolás Azcárate, quien había llegado a La Habana el 6 de octubre. (Allí conoce a Juan Gualberto Gómez.)  
*Enero 22.* Pronuncia un discurso en el que rinde homenaje a su amigo fallecido, el poeta Alfredo Torroella, en el Liceo de Guanabacoa.  
*Enero 30.* Es admitido como miembro en el Liceo Artístico y Literario de Regla.  
*Febrero 6.* Lo autorizan oficialmente para dar clases de segunda enseñanza en colegios privados.  
*Febrero 8.* Participa en la sesión inaugural del Liceo Artístico y Literario de Regla. En esta fecha se encuentra entre los profesores del colegio Casa de Educación.  
*Marzo (m. 2).* Trabaja en el bufete de Miguel F. Viondi.  
*Marzo 18.* Es elegido vicepresidente del Club Central Revolucionario, constituido en una reunión de conspiradores. (Esta organización es disuelta días después, por orientaciones del Comité.)  
*Abril 21.* Expresa su rechazo a la política de conciliación con el régimen colonial en un discurso pronunciado en el banquete en honor del periodista Adolfo Márquez Sterling, director del periódico *La Discusión*.  
*Abril 27.* Expone las aspiraciones independentistas de su pueblo en su intervención en una velada del Liceo de Guanabacoa.  
*Junio 1.º.* La Sociedad Benéfica y de Recreo La Caridad, del Cerro, le expide certificado de socio facultativo de la Sección de Literatura.  
*Junio (m. 1).* Posiblemente desde esta fecha realiza las funciones de subdelegado del Comité Revolucionario de Nueva York, que ha nombrado delegado a José María Aguilera.  
*Julio 24.* Le es anulada por el Gobernador General la autorización para dar clases de segunda enseñanza con validez académica.  
*Agosto 24 y 26.* Se inicia el movimiento bélico conocido como Guerra Chiquita.  
*Septiembre 17.* Es detenido en su casa y lo trasladan a la estación de policía.  
*Septiembre 18-24.* Recibe la visita de unas trescientas personas en el corto tiempo que está detenido. El Capitán General dispone su deportación a Ceuta, sin instruirlo de cargos ni celebrarle juicio.  
*Septiembre 24.* Se le expide pasaporte para el traslado a España.  
*Septiembre 25.* Más de cincuenta amigos van a despedirlo.



Martí con su hijo



Juan Gualberto Gómez



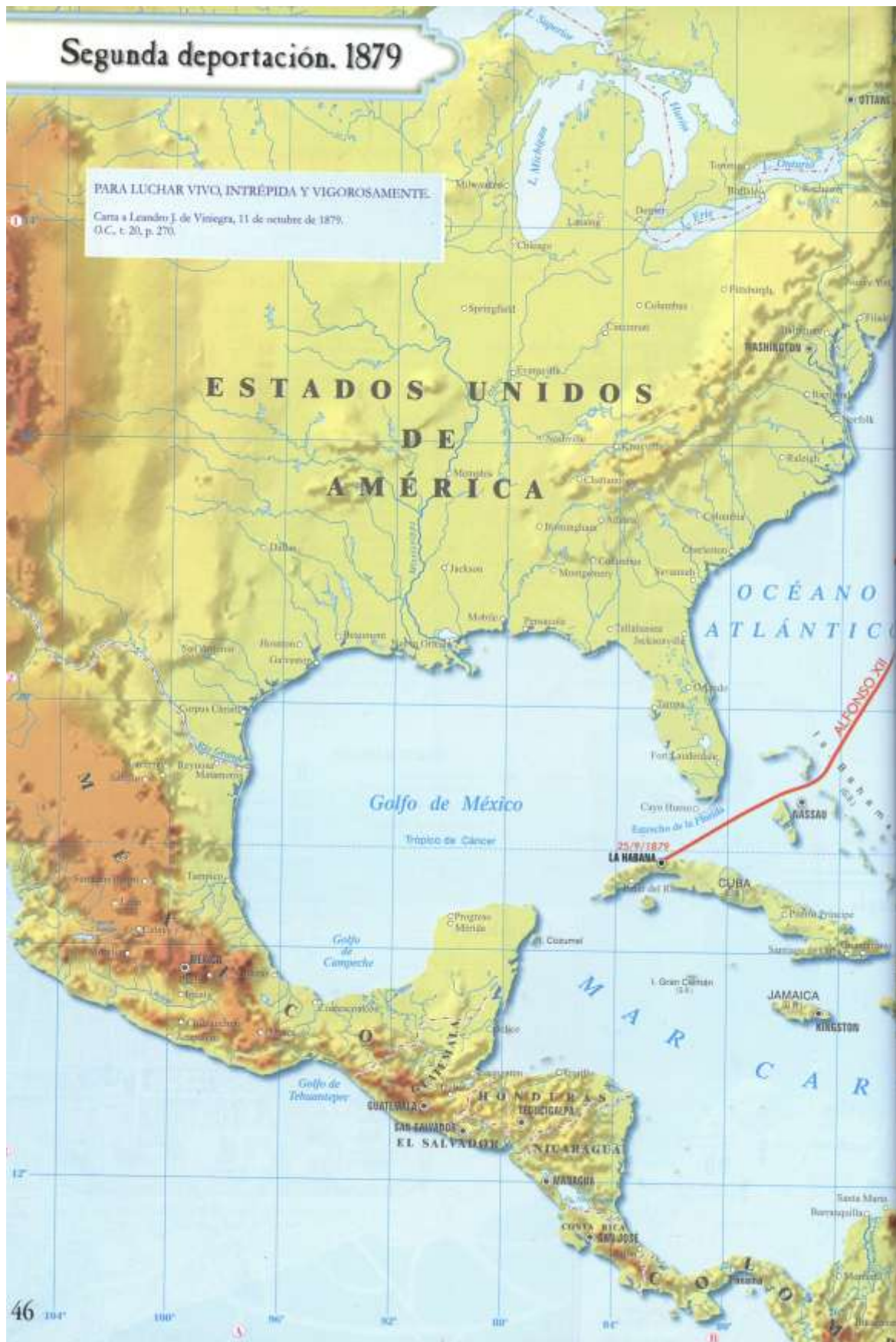
Vista panorámica del Paseo de Isabel II mostrando el edificio del Teatro  
Teatro y el casino El Casino

Figura 23 – José Martí em Havana, Cuba.



Fonte: Atlas José Martí

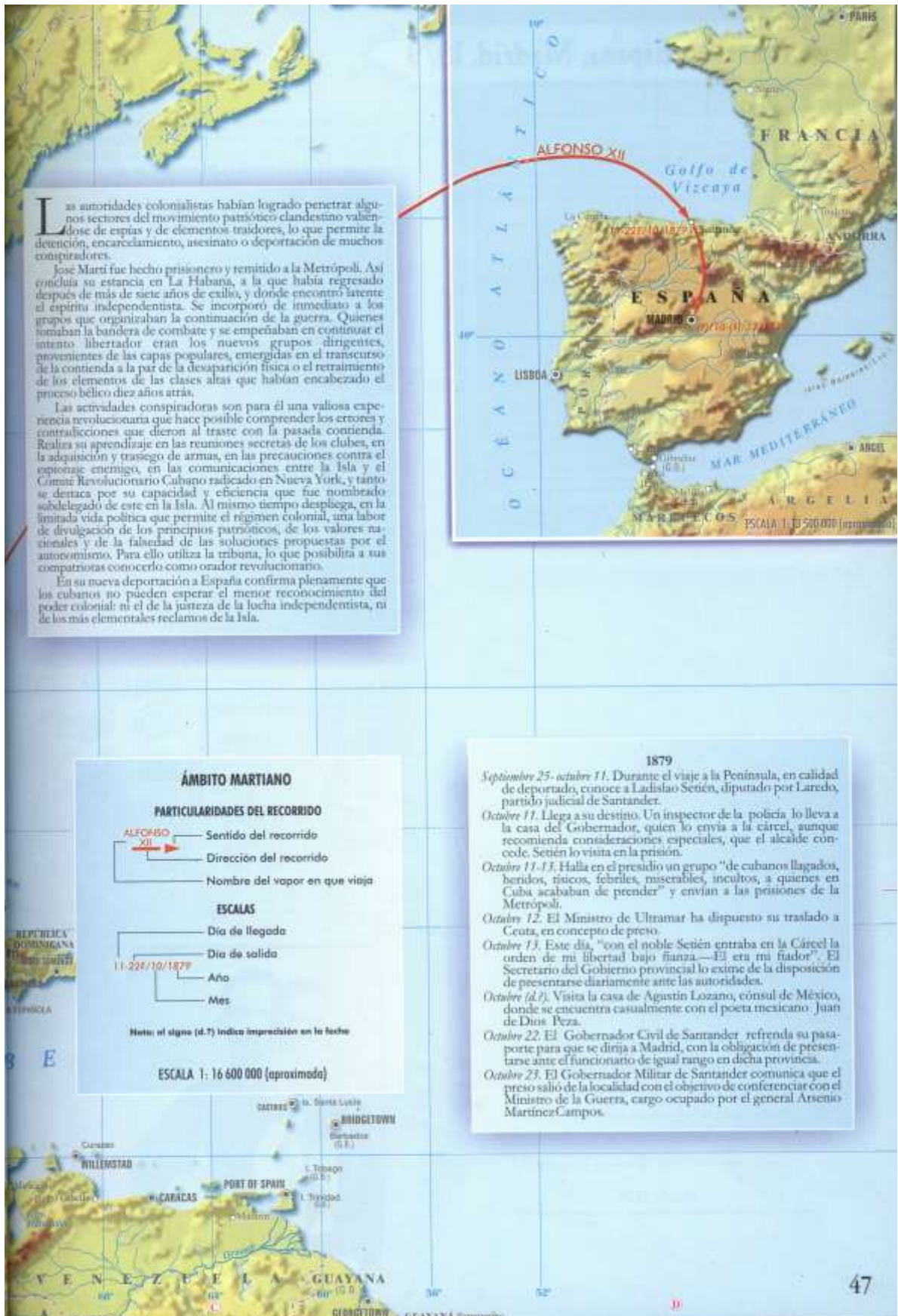
Figura 24 – Segunda deportação de José Martí



Fonte: Atlas José Martí



Figura 25 – Segunda deportação de José Martí



Fonte: Atlas José Martí

Figura 26 – José Martí em Madrid, Espanha, por segunda vez

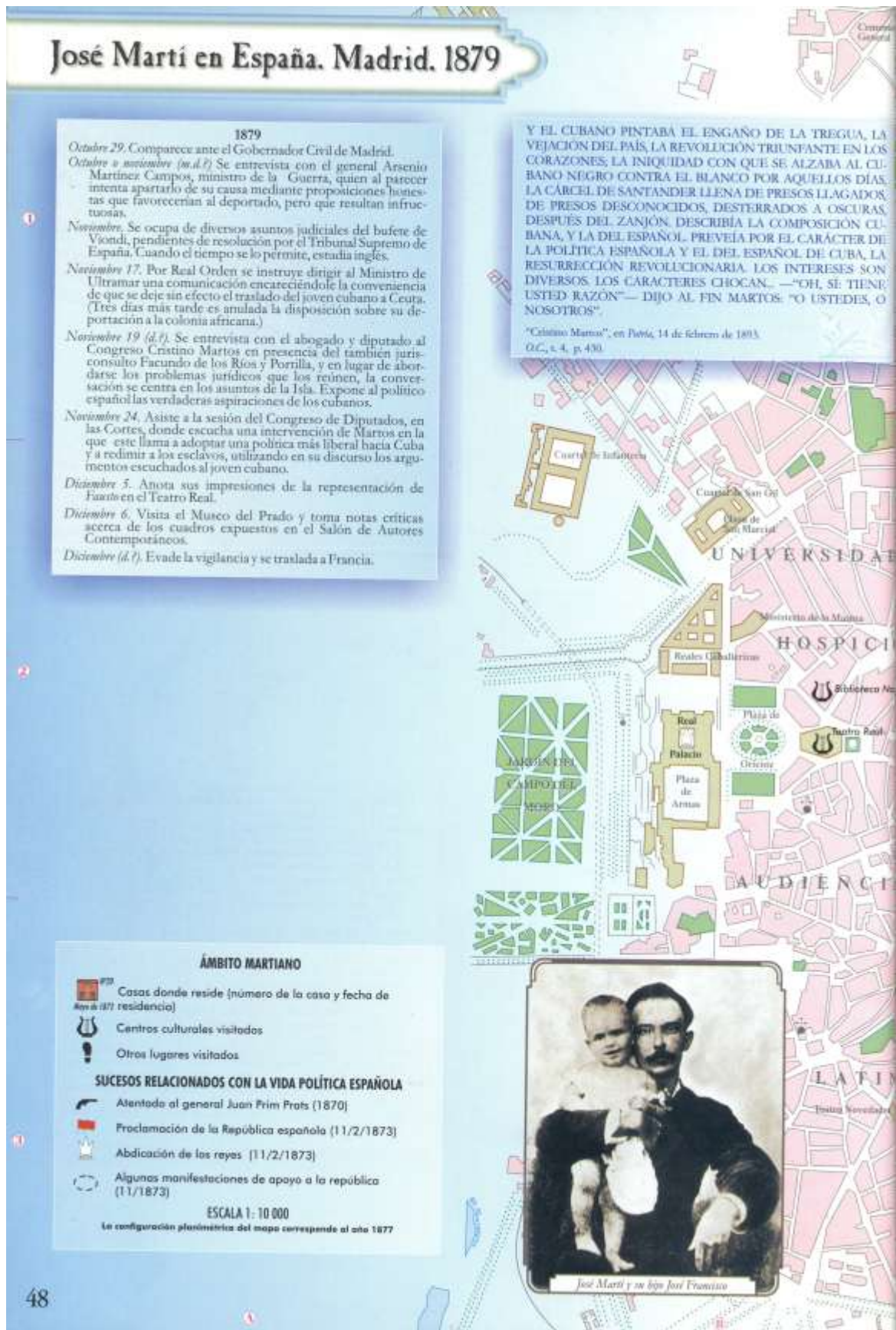
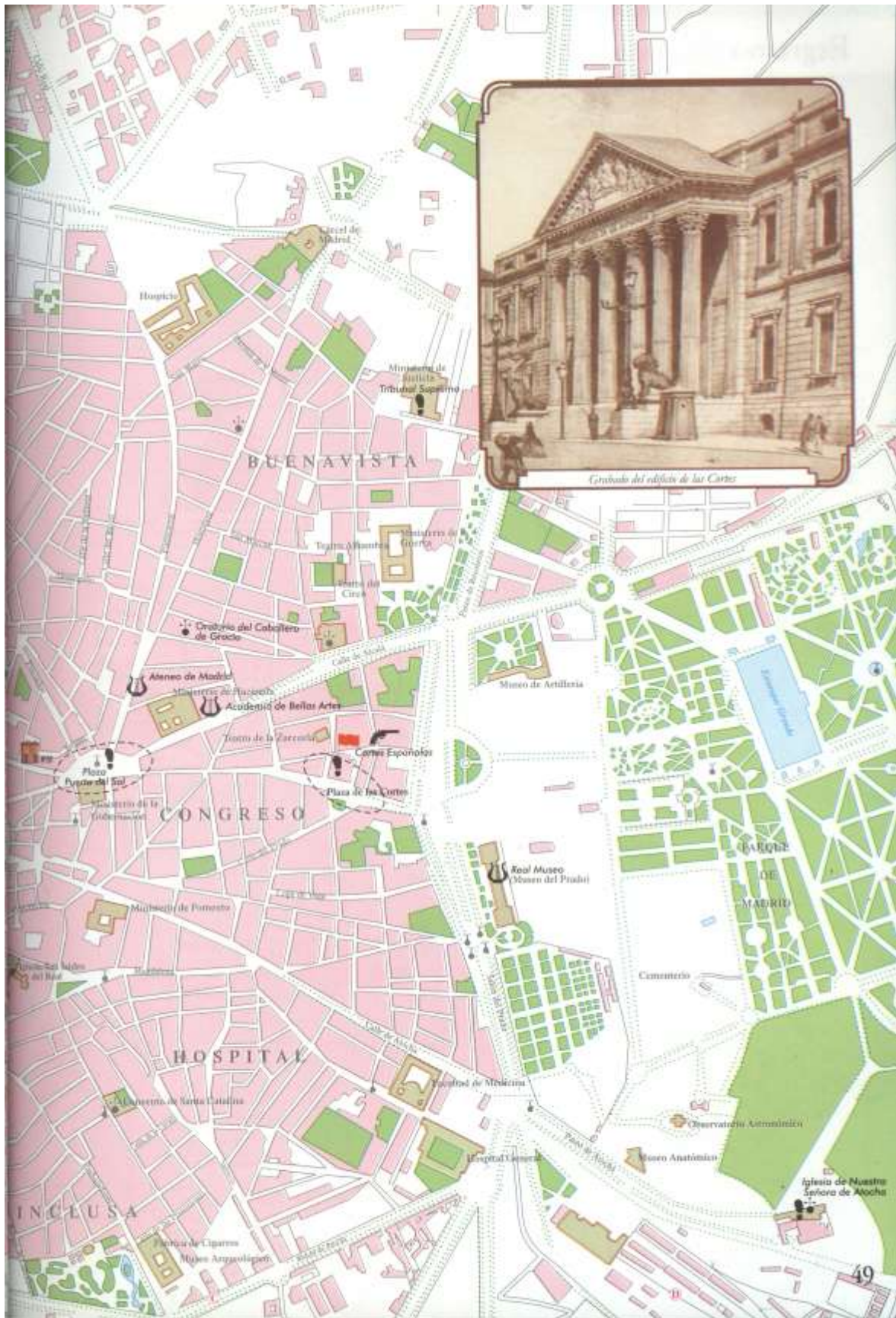
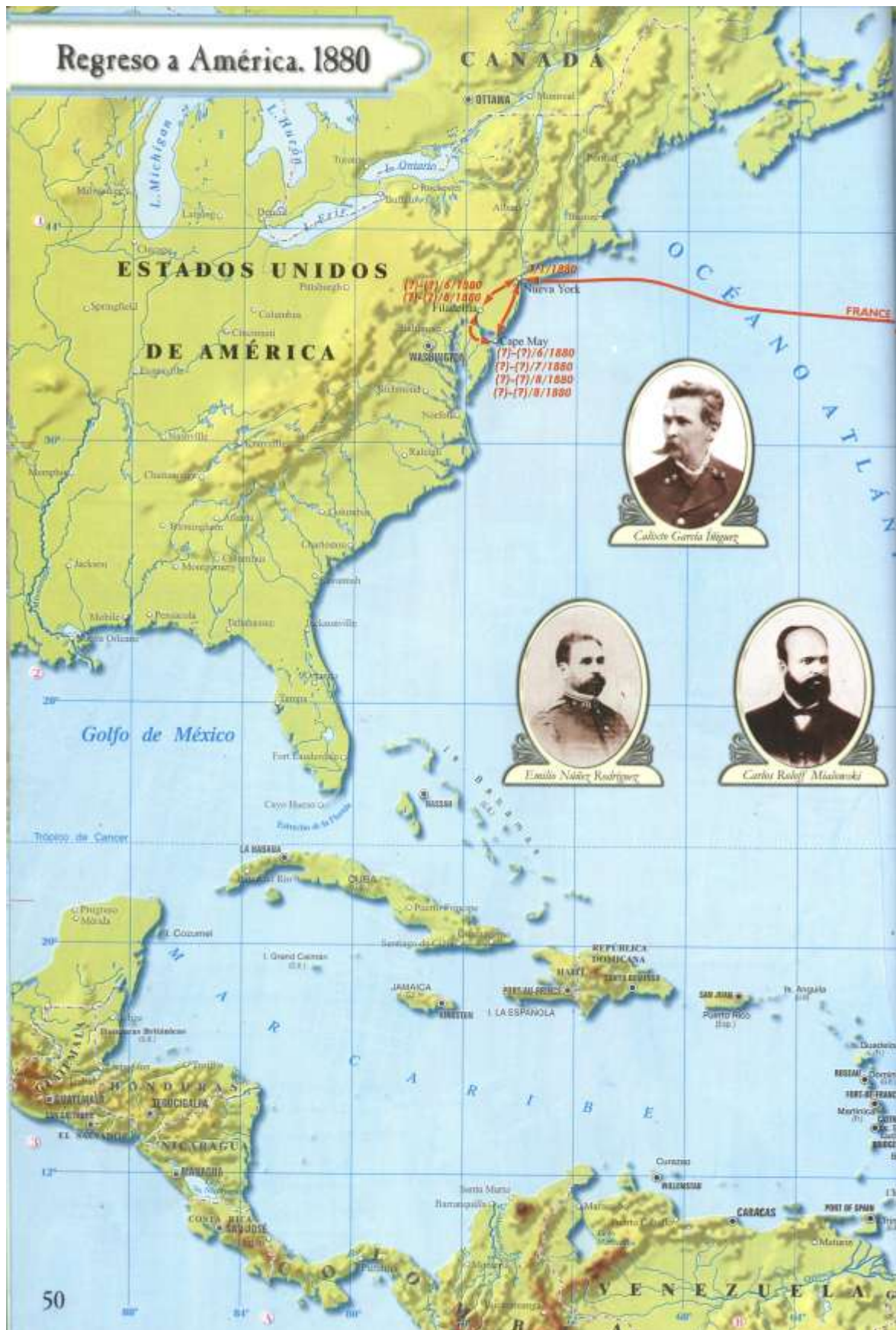


Figura 27 - José Martí em Madrid, Espanha, por segunda vez



Fonte: Atlas José Martí

Figura 28 – Martí rumo ao continente americano



Fonte: Atlas José Martí

Figura 29 - Martí rumo ao continente americano

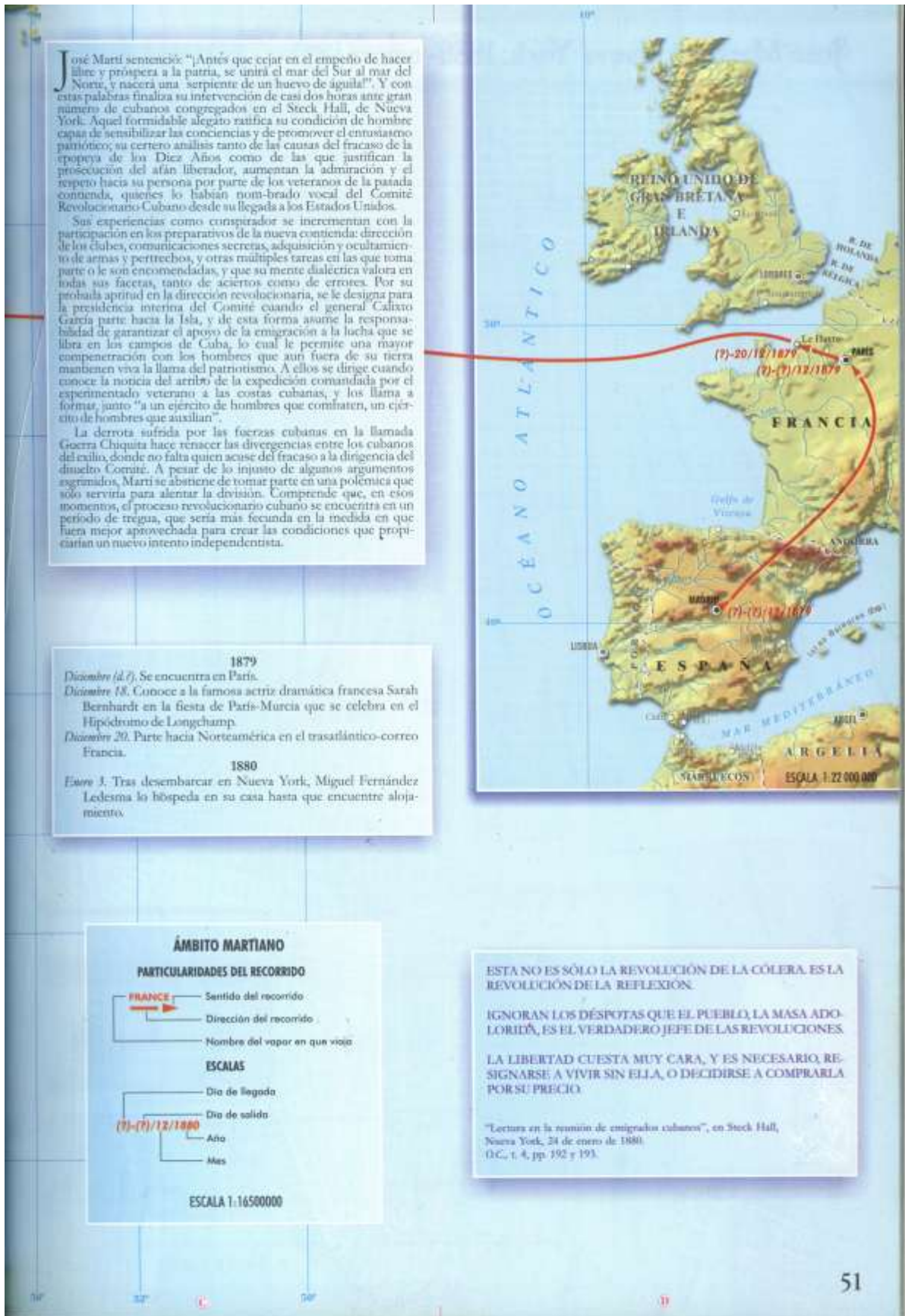


Figura 30 – José Martí em Nova York, EUA.

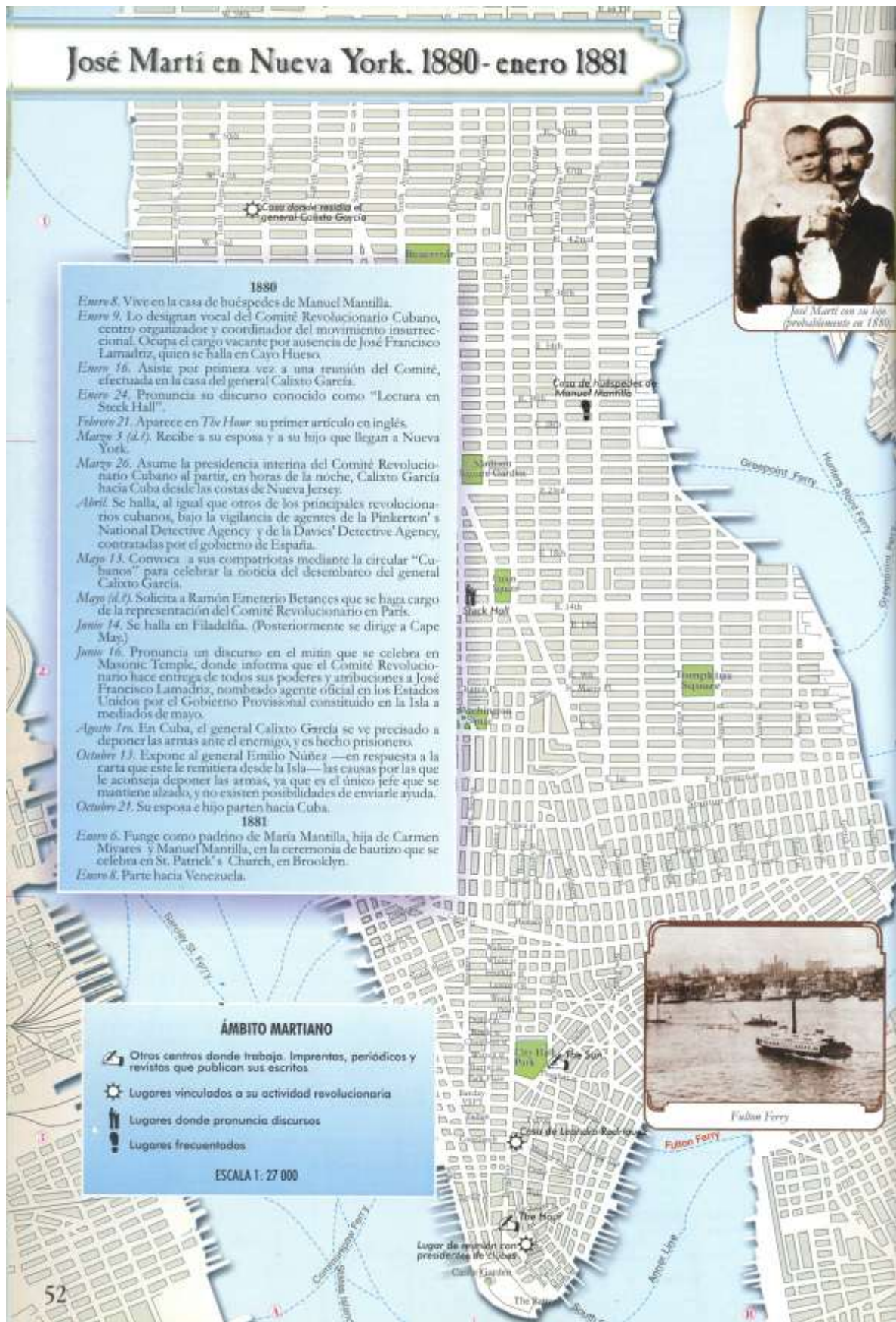
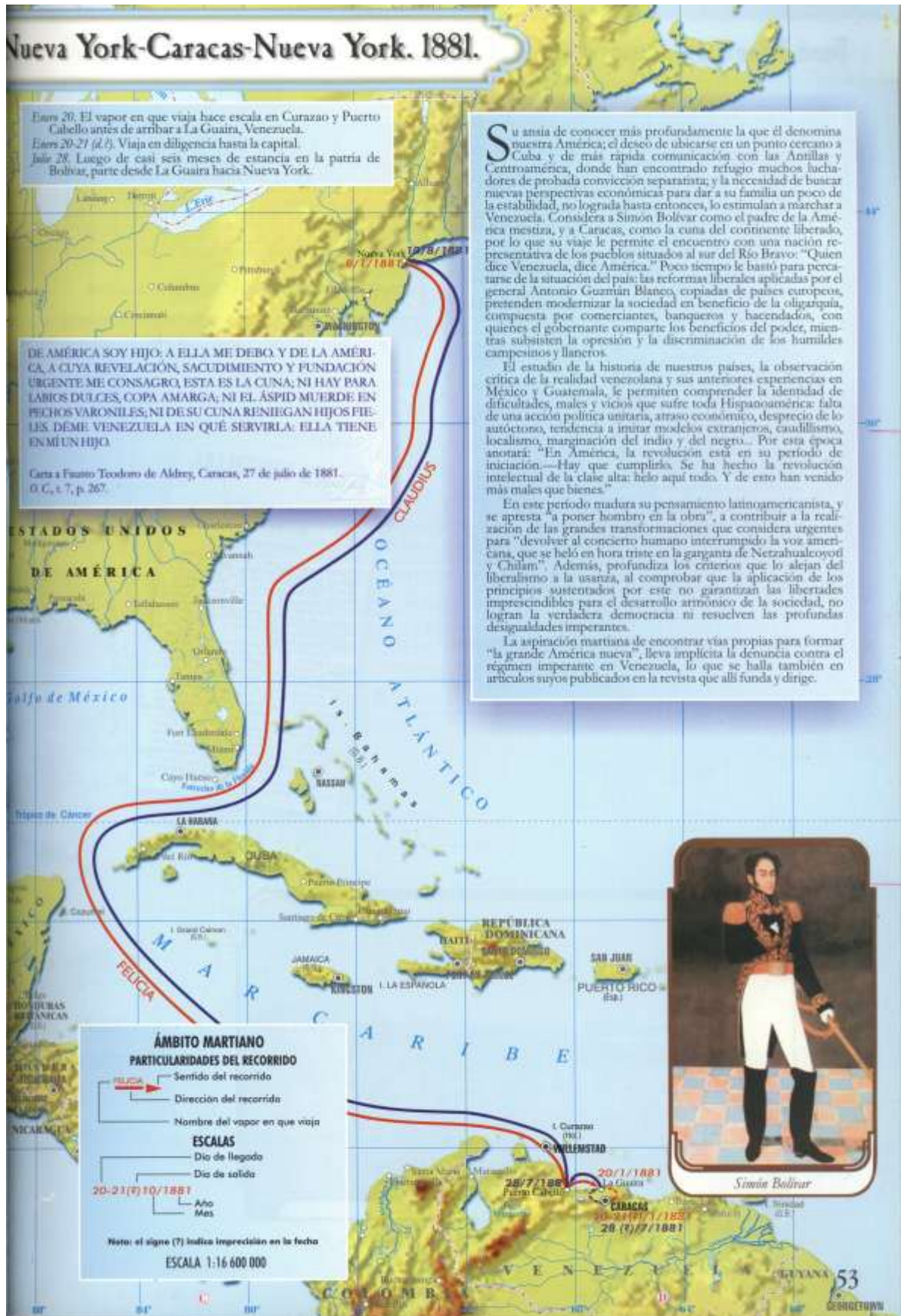


Figura 31 – José Martí em trânsito desde Nova York até Caracas



Fonte: Atlas José Martí

Figura 32 – José Martí em Caracas, Venezuela

## José Martí en América: Caracas, 1881

**Enero 21 (d.1).** Se dirige al lugar donde se encuentra la estatua de Bolívar, para rendirle tributo al Libertador.

**Enero 28.** Saluda su arribo a Caracas en las páginas de *La Opinión Nacional*, cuya redacción ha visitado recientemente.

**Febrero (m.7).** Trabaja como profesor de Gramática francesa y de Literatura en el colegio Santa María, dirigido por Agustín Aveledo.

**Marzo (m.7)** Imparte clases de literatura en el Colegio Villegas, de Guillermo Tell Villegas, en el que establece una cátedra de Oratoria.

**Marzo 21.** Pronuncia un discurso en la velada artística convocada por el Club del Comercio para hacer su presentación pública. Logra un éxito completo que lo consagra ante aquel auditorio como gran orador y poeta.

**Mayo 4.** Pronuncia las palabras de despedida en la velada que ofrece el Club del Comercio al artista Rafael Michelena, quien parte hacia Italia.

**Junio 15 y 28.** Aparecen en *La Opinión Nacional* los artículos titulados "El centenario de Calderón", con los que comienza sus colaboraciones en este periódico.

**Julio 1ra.** Publica el primer número de la *Revista Venezolana*, que dirige, y cuyas treinta y dos páginas se deben a su pluma.

**Julio 15.** Avisa en las páginas de *La Opinión Nacional* una pequeña demora en la salida de la publicación que dirige.


**Julio 21.** En "El carácter de la *Revista Venezolana*" expone sus ideas acerca de la renovación literaria que inicia en América. Da a conocer un elogioso texto dedicado a Cecilio Acosta —honesto intelectual venezolano cuyos ideas y actitud liberales le habían hecho acreedor del odio del dictador general Antonio Guzmán Blanco—. Este segundo número de la publicación recoge artículos y poemas de Guillermo Tell Villegas, Diego Jugo Ramírez, Lisandro Alvarado y Eloy Escobar.

**Julio 27 (d.7).** El edecán del general-presidente le comunica que debe abandonar el país. En horas de la noche entrega a la redacción de *La Opinión Nacional* una carta en la que se despide de quienes le han dado muestras de afecto, a la vez que comunica la suspensión de la *Revista Venezolana* y la devolución del dinero a los abonados.


**Julio 28.** Parte hacia los Estados Unidos.

CUELTAN QUE UN VIAJERO LLEGÓ UN DÍA A CARACAS AL ANOCHECER, Y SIN SACUDIRSE EL POLVO DEL CAMINO, NO PREGUNTO DONDE SE COMÍA NI SE DORMÍA, SINO COMO SE IBA ADONDE ESTABA LA ESTATUA DE BOLIVAR, Y CUENTAN QUE EL VIAJERO, SOLO CON LOS ARBOLES ALTOS Y OLOSOSCOS DE LA PLAZA, LLORABA FRENTE A LA ESTATUA, QUE PARECIA QUE SE MOVIA, COMO UN PADRE CUANDO SE LE ACERCA UN HIJO, EL VIAJERO HIZO BIEN, PORQUE TODOS LOS AMERICANOS DEBEN QUERER A BOLIVAR COMO A UN PADRE, A BOLIVAR, Y A TODOS LOS QUE PELEARON COMO EL PORQUE LA AMERICA FUESE DEL HOMBRE AMERICANO.

"Tres héroes" en *La Edad de Oro*, Nueva York, julio de 1889  
O. C., t.18, p. 304.



Caracas de La Guaira, Lugar por donde entra, y parte de Caracas



Valle de Caracas

54






Figura 33 – José Martí em Caracas, Venezuela.



Martí tem compreensão da tarefa urgente que é fundar em bases sólidas a unidade continental. Os anos nos Estados Unidos alargam ainda mais essa compreensão, visto que “em Nova York, portanto, Martí confirmou a ideia expressa na Guatemala de que a sociedade do Norte não é semelhante aos povos do Sul, constituindo, ambos, identidades histórico-culturais diferentes.”<sup>111</sup>

É por meio dos periódicos que José Martí tem a possibilidade de difundir seu pensamento político junto aos leitores de boa parte da América, uma vez que seus artigos são publicados em diferentes repúblicas americanas – principalmente a partir do ano de 1881 quando passa a residir em Nova York.

Os anos em que fixa residência nos Estados Unidos representam um período de intensa correspondência para periódicos, tendo Martí se tornado, naquela época, um escritor largamente lido no Continente. É correspondente de vários jornais, como *La Nación*, de Buenos Aires, *El Partido Liberal*, do México, *La Opinión Nacional*, de Caracas, *La Opinión Pública*, de Montevideú e *La República*, de Honduras. Martí também dominava o inglês e o francês, o que permitia sua entrada na batalha das ideias para além dos escritos em língua espanhola.

Com a vivência nos Estados Unidos, o intelectual revolucionário consegue visualizar e compreender o perigo imperialista que o “vizinho do Norte” oferece para Cuba e para toda a América. Dos anos passados nos EUA e da experiência em vários países do Continente, decorre seu juízo sobre o imperialismo e sua visão sobre *Nuestra América*. De uma admiração ao aparente ideal de liberdade vigente no País – Martí amava a pátria idealizada por Lincoln – o intelectual não tarda a perceber a miragem e elabora seu juízo crítico em relação ao imperialismo estadunidense. O estudo de Roberto Fernández Retamar contextualiza de modo adequado a inflexão crítica no pensamento martiano acerca das transformações do capital em sua fase imperialista:

Martí mora nos Estados Unidos justamente no momento em que a nação passa de seu capitalismo pré-monopolista para o capitalismo monopolista e imperialista que a levará, inexoravelmente a se balançar sobre o mundo; primeiro sobre a América Latina e o Caribe, e em particular sobre Cuba. O fato de que sua pátria permaneça como colônia ostensiva, agudiza dramaticamente sua sensibilidade e sua compreensão desses problemas, fazendo de Martí o primeiro antiimperialista cabal do Continente.<sup>112</sup>

---

<sup>111</sup> RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. **Martí e as duas Américas**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 174.

<sup>112</sup> MARTÍ, José. **Nossa América**: antologia. Introdução de Roberto Fernández Retamar. São Paulo: Hucitec, 1983. p. 18.

Para tentar compreender com mais profundidade o pensamento de Martí, faz-se necessário o conhecimento sobre as suas ideias acerca da noção de Pátria e seu conceito de *Nuestra América*. Essas são concepções desenvolvidas ao longo de sua trajetória, desde o poema dramático *Abdala*, ode de amor à pátria, que publica no periódico *La Patria Libre*, em Havana a 23 de janeiro de 1869, onde afirma:

El amor, madre, a la patria  
No es el amor ridículo a la tierra,  
Ni a la yerba que pisan nuestras plantas;  
Es el odio invencible a quien la oprime,  
Es el rencor eterno a quien la ataca;-  
Y tal amor despierta en nuestro pecho  
El mundo de recuerdos que nos llama  
A la vida otra vez, cuando la sangre  
Herida brota con angustia el alma;-  
La imagen del amor que nos consuela  
Y las memorias plácidas que guarda!<sup>113</sup>

Esse trecho do poema escrito dias antes de completar dezesseis anos, demonstra o jovem Abdala defendendo sua pátria Núbia [alusão à Cuba] e a tentativa em explicar à sua mãe [Espirta] e irmã [Elmira], que tentam, em vão, detê-lo, o significado do amor que o impulsiona a lutar pela pátria. É provável que tenha sido tal amor que haja impulsionado e alimentado Martí por seus curtos, porém intensos, 42 anos de vida revolucionária dedicados à causa da independência de Cuba, sofrendo o exílio e a distância dos seus afetos na maior parte da sua vida. Sentimento de amor o qual Martí amplia para quem ele denominaria *Pátria grande*, *Madre América* e *Nuestra América*. A Pátria martiana ultrapassa as fronteiras geográficas e cresce com o sonho de uma unidade continental entre os povos forjada em sentimento e na formação de uma espécie de alma continental.

A ideia de unidade continental é debatida constantemente em seus textos nos quais desenvolve um verdadeiro projeto de unidade americana. A expressão *Nuestra América* cunhada por Martí e que deu título, em 1891, a um dos seus ensaios mais conhecidos até hoje, é a nomeação desse projeto de união dos povos do Continente. O sentimento continental propõe defender e despertar em *Nuestra América* uma sensível percepção onde a luta pela independência cubana ou a luta contra qualquer regime opressor nas repúblicas do Sul estão historicamente ligadas. Muito mais sólido para Martí do que as fronteiras geográficas era a unidade de valores e de espírito construídas pelos povos de *Nuestra América*, como nos mostra Eugênio Rezende de Carvalho:

---

<sup>113</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 29.

O verdadeiro cimento de uma unidade e de uma identidade estaria, no discurso de Martí, num plano que se aproxima mais do histórico, cultural e, mesmo espiritualista. Falava constantemente em *uma alma continental*, um espírito novo, americano, que habitara em uma nova América. Na ótica martiana, o que caracterizava e definia a *Nossa América* seria, assim, a sua unidade de valores, propósitos e interesses, construída ao longo de sua história comum.<sup>114</sup>

Mas como fazer prosperar nas repúblicas do Sul esse ideal de *Nuestra América*? O intelectual revolucionário tenta apontar o caminho por onde os povos devem andar e trabalhar na busca de alcançar tal horizonte de união. O conhecimento da própria história, características e valores é o passo inicial para *Nuestra América*. Como aponta em seu discurso *Madre América*, realizado em 1889 no sarau artístico-literário da *Sociedad Literaria Hispanoamericana*: “Para onde vai a América e quem a une e guia? Sozinha e como um só povo, levanta-se. Luta sozinha. E, sozinha, vencerá”.<sup>115</sup>

Martí alerta para o perigo que correm as nossas repúblicas se os jovens de *Nuestra América* saem “adivinhandando as coisas com óculos ianques ou franceses, e pretendem dirigir um povo que não conhecem”. Não é que se deva ignorar os exemplos e experiências estrangeiras, mas um dos notórios ensinamentos de José Martí é que, para problemas próprios, fazem-se necessárias soluções próprias.

É preciso conhecer a própria história, diria Martí. Para ele, o conhecimento é um caminho de libertação face às tiranias; é o que afirma em seu ensaio *Nuestra América*:

[...] Resolver o problema depois de conhecer seus elementos é mais fácil do que resolver o problema sem conhecê-los. Vem o homem natural, indignado e forte e derruba a justiça acumulada nos livros, porque não é administrada de acordo com as necessidades patentes do país. Conhecer é resolver. Conhecer o país, e governá-lo conforme o conhecimento, é o único modo de livrá-lo de tiranias. A universidade européia deve dar lugar à universidade americana. A história da América, dos incas para cá, deve ser ensinada minuciosamente, mesmo que não se ensine a dos arcontes da Grécia. A nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. Nos é mais necessária. Os políticos nacionais substituirão os políticos exóticos. Enxerte-se em nossas repúblicas o mundo; mas o tronco terá que ser o de nossas repúblicas.<sup>116</sup>

Para fortalecer o “tronco de nossas repúblicas”, a dimensão pedagógica e exemplar é parte significativa do pensamento de Martí, pois este a considerava imprescindível para a formação de um novo homem e de uma nova mulher de *Nuestra América*. No intuito de que a união continental fosse realizada em bases sólidas, homens, mulheres e crianças das

<sup>114</sup> CARVALHO, Eugênio Rezende de. *Nossa América: a utopia de um novo mundo*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2001. p. 57.

<sup>115</sup> MARTÍ, José. *Nossa América: antologia*. Introdução de Roberto Fernández Retamar. São Paulo: Hucitec, 1983. p. 190-191.

<sup>116</sup> *Ibid.*, p.196-197.

repúblicas do Sul teriam na educação um horizonte libertador, pois, para Martí, “el pueblo más feliz es el que tenga mejor educado a sus hijos”.<sup>117</sup>

Tal dimensão do pensamento martiano pode ser encontrada, além dos seus escritos pedagógicos, na Revista *La Edad de Oro*, periódico que escreveu para os meninos e meninas de *Nuestra América*, publicado entre os meses de julho e outubro de 1889 em quatro edições.<sup>118</sup> Sob a perspectiva da Pátria e do caráter exemplar na Revista, é possível apontar a narrativa que inaugura o primeiro número de *La Edad de Oro*, chamada *Os três heróis* – Simón Bolívar, Hidalgo e San Martín.<sup>119</sup> A construção de Martí acerca da figura do herói para as crianças é baseada pelo caráter e valor do homem que luta pela liberdade de sua pátria e ao lado do povo.

Um homem de valores e princípios nascidos e alimentados no seio da liberdade de um povo, assim se podem enunciar as raízes do pensamento e ação martiana. O seu pensamento social está conectado aos valores e características que expõe, por exemplo, quando personifica como heróis – a exemplo de *La Edad de Oro* – os homens, que, ao lado do seu povo, ousaram lutar contra as correntes que impediam os verdadeiros ideais de liberdade. Homens que, fundamentados na própria humanidade e no desejo mais plural de independência, pudessem resistir a toda sorte para o cumprimento de suas tarefas.

Martí compreendeu que a sua tarefa era urgente não só para Cuba, mas também para toda *Nuestra América*. E não estava só: a imigração cubana exerceu papel fundamental na organização da guerra de independência, e, durante os anos em Nova York, aproxima-se cada vez mais dessa comunidade de desterrados. A comunidade cubana, na Nova York do século XIX, tem seus lugares de encontro, tanto para reuniões familiares como para os atos políticos e culturais, como é exemplo o salão do *Clarendon Hall*<sup>120</sup> – antigo *Masonic Hall* – ao qual Martí se referiu como o *salão dos desterrados e dos pobres*, em sua carta para o periódico mexicano *El Partido Liberal* em 17 de outubro de 1886.

A força da palavra reúne as pessoas no século XIX para dizer dos seus ideais e compartilhar de uma cultura de resistência. As tertúlias, ou as *leiturias em coro*, que acontecem em Nova York em salões como *Military Hall*, *Masonic Temple*, *Tammany Hall*, *Claredon Hall*, *Pythagoras Hall*, *Harmand Hall* e o *Salón Jaeger's* são exemplos dessa

<sup>117</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**, t. 19. La Habana: Editorial Nacional de Cuba. 1964, p. 375.

<sup>118</sup> Sobre o estudo no Brasil da Revista *La Edad de Oro*, ver *A Formação do homem latino-americano a partir da Revista La Edad de Oro*, de Fábio Inácio Pereira e José Martí: um olhar cosmopolita em *La Edad de Oro*, de Maria Angélica Guidolin dos Santos.

<sup>119</sup> José de San Martín (1778-1850) liderou os movimentos de independência na Argentina e Chile.

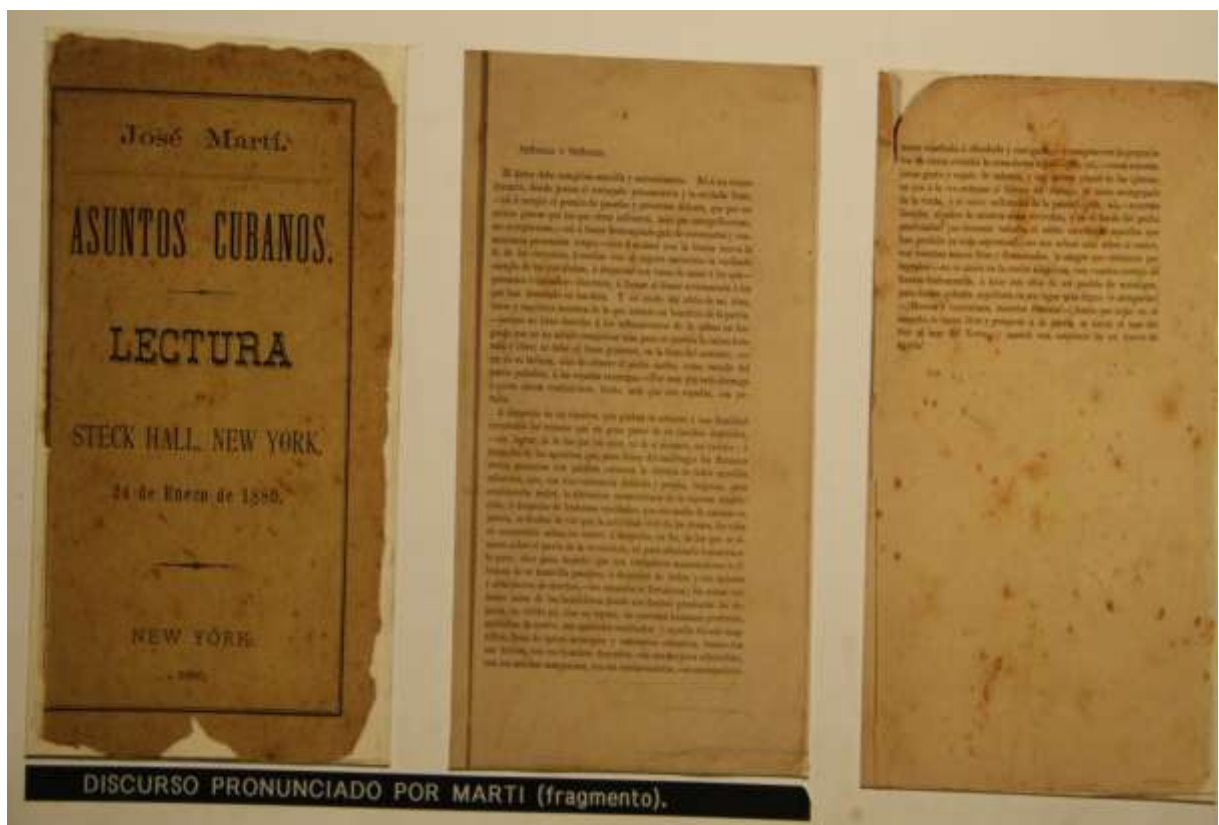
<sup>120</sup> Situado em 114 e 116 West 13<sup>th</sup> St., entre 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> avenidas. Fonte: Mesa, Enrique López Mesa. *La comunidade cubana de New York: siglo XIX*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002.

cultura de resistência.

Em 1880, em Nova York, é o costume das leituras em comum que forma um sentido da comunidade cubana no exílio. Em 24 de janeiro de 1880, apresenta sua leitura sobre *Asuntos Cubanos* em *Steck Hall*, tratando da questão central no período: a independência.

Debe hacerse en cada momento, lo que en cada momento es necesario. No debe perderse el tiempo en intentar lo que hay fundamento harto para creer que no ha de ser logrado. Aplazar no es nunca decidir, – sobre todo cuando ya, ni palpitantes memorias, ni laboriosos rencores, ni materiales y cercanas catástrofes, permiten nuevo plazo. [...] La libertad cuesta muy cara, y es necesario, o resignarse a vivir sin ella, o decidirse a comprarla por su precio.<sup>121</sup>

Figura 34 – Fragmento da Leitura de Martí em Steck Hall (1880)



Acervo: Memorial José Martí, Havana.

<sup>121</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 6. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002. p. 145.

Figura 35 – José Martí em Nova York (1881 – 1895)

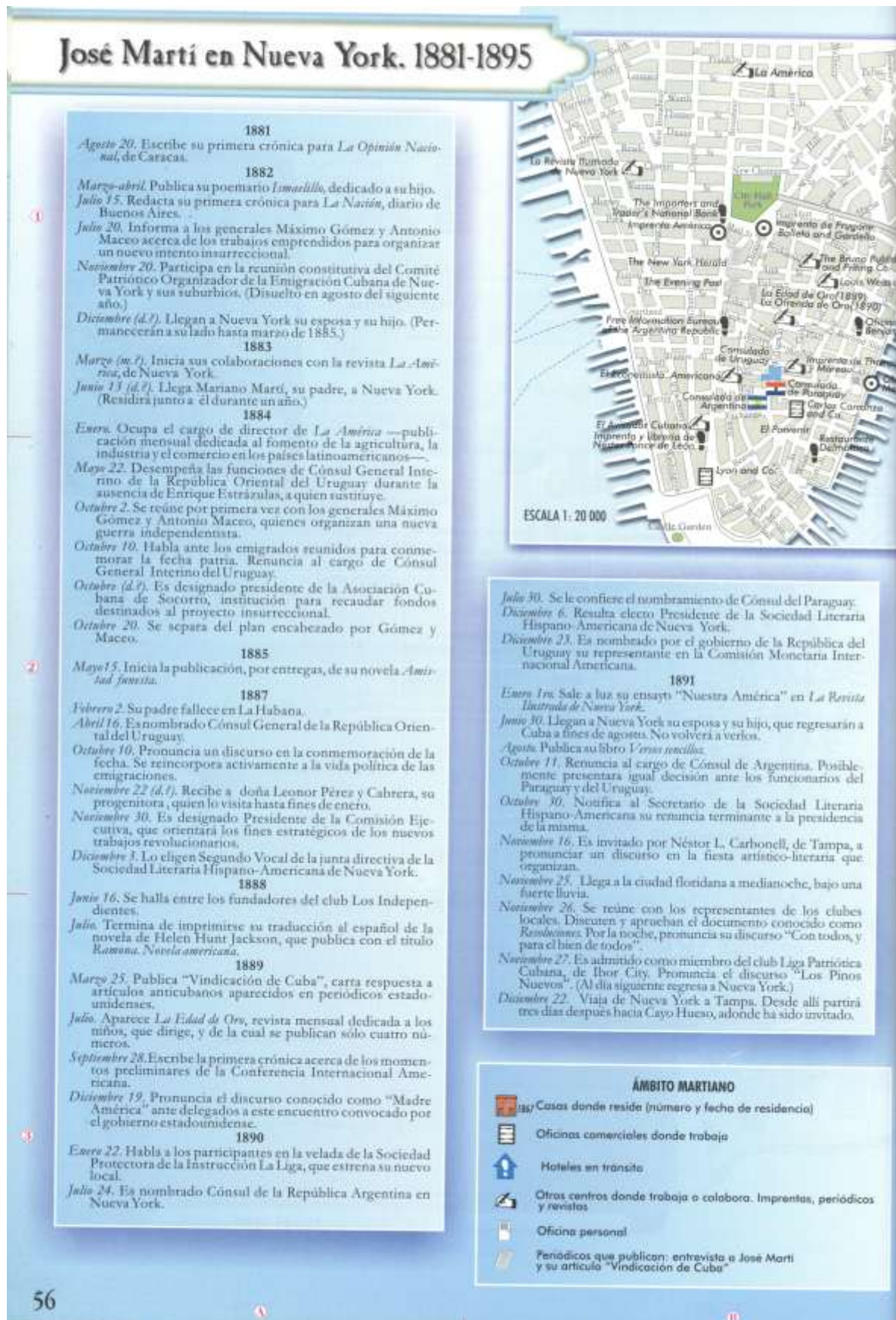


Figura 36 – José Martí em Nova York (1881 – 1895)



Fonte: Atlas José Martí



Figura 37 – Principais centros da emigração cubana

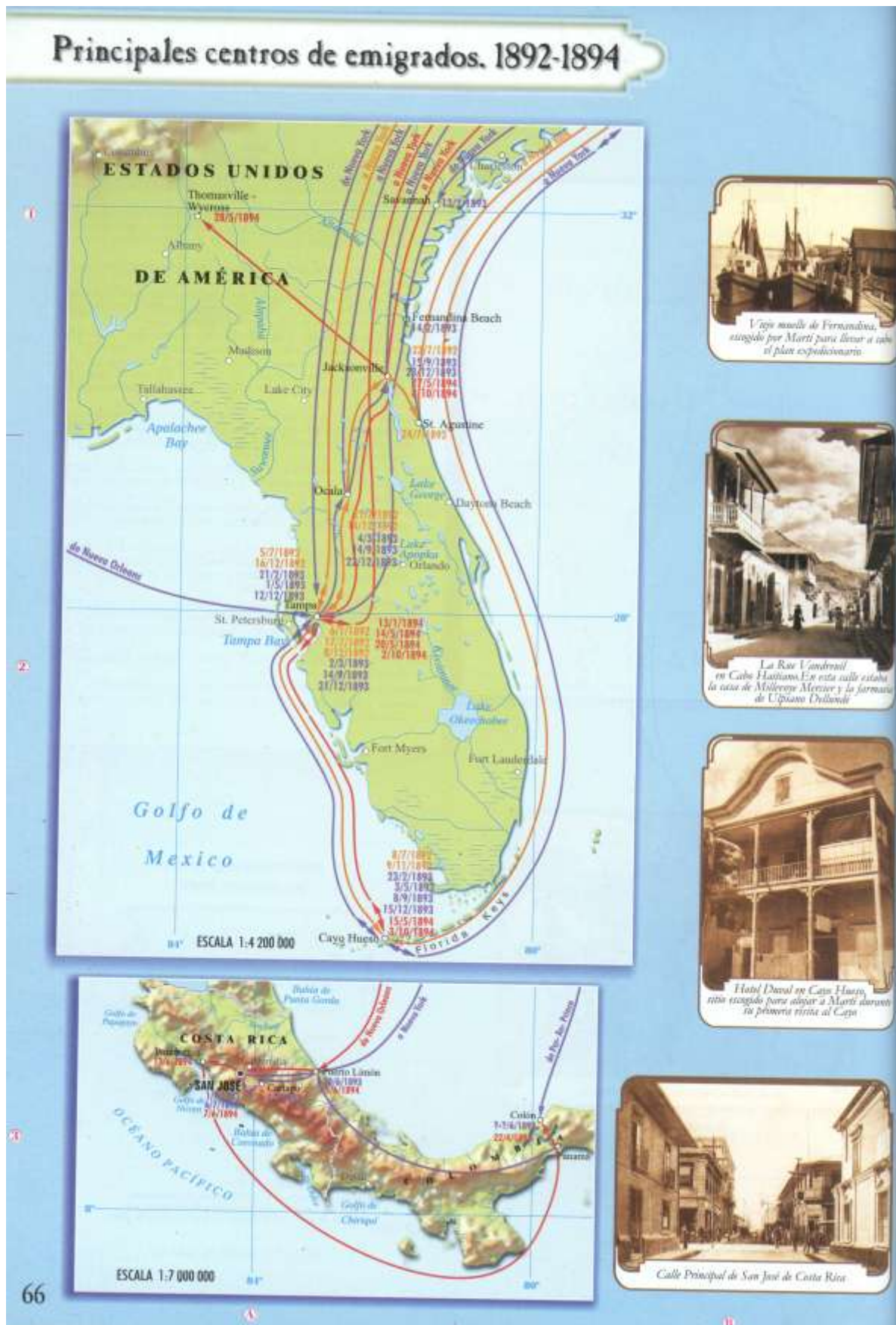
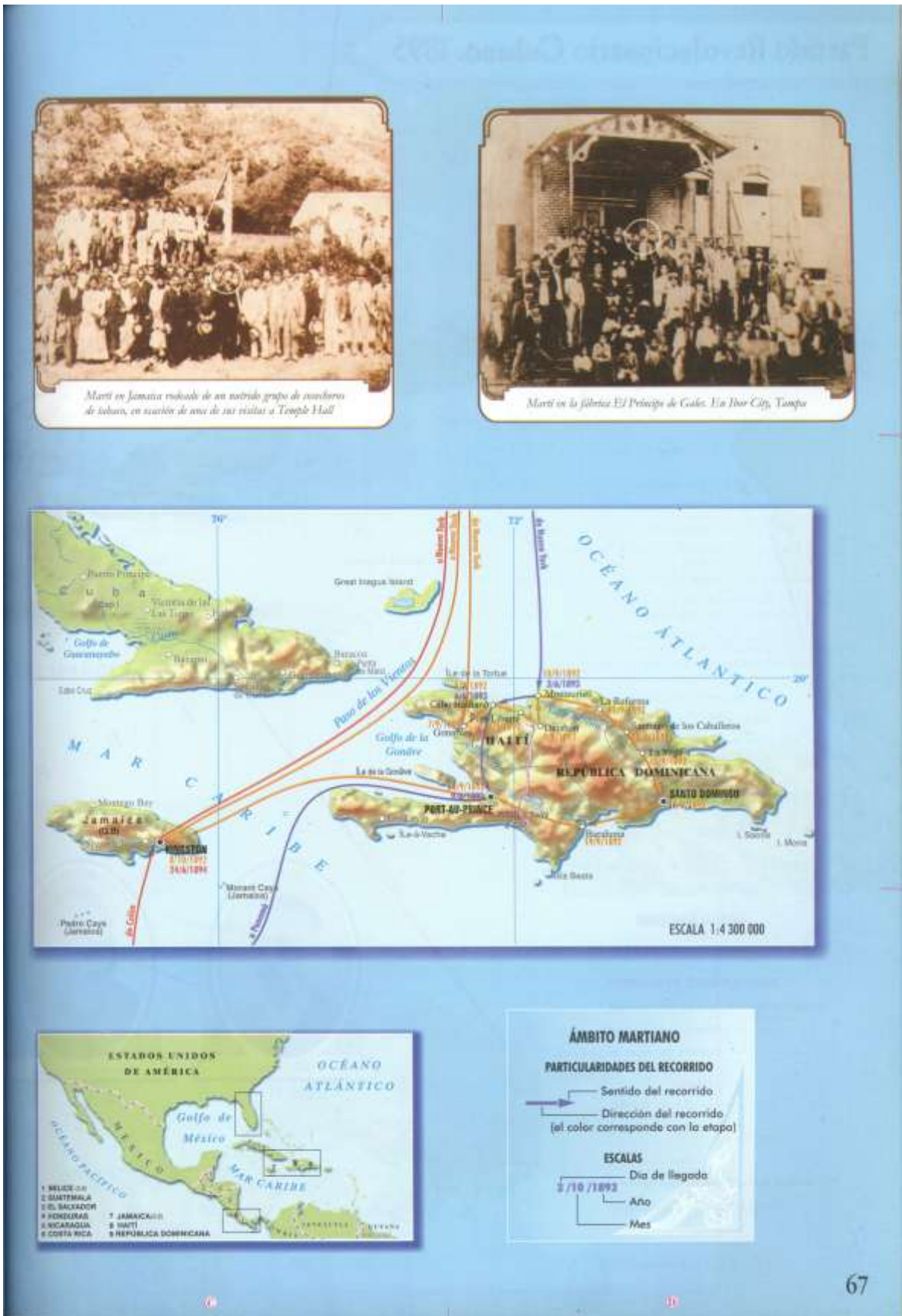


Figura 38 – Principais centros da emigração cubana



Fonte: Atlas José Martí

Poucos anos antes da guerra de independência, no dia 26 de novembro de 1891, no *Liceo Cubano* em Tampa, Martí profere o discurso conhecido como *Com todos e para o bem de todos*, no qual fala sobre o amplo significado que toma a palavra “cubano”:

[...] Se diz “cubano” e, uma doçura, como de suave irmandade, nos invade as entranhas e se abre sozinho o mealheiro e nos apertamos para caber mais um lugar na mesa e nascem asas em nosso coração enamorado para amparar aquele que nasceu na mesma terra que nós, ainda que o pecado o transtorne ou que a ignorância o extravie, ou que a ira o enfureça, ou que o ensanguente o crime! É como se os braços divinos, que não vemos, nos apertem a todos sobre um peito onde ainda corre o sangue e onde ainda se ouve soluçar o coração!<sup>122</sup>

É nesse ambiente de fraternidade, que se adensa, em Martí, o sentido da solidariedade, e quando as letras se transformam em ação. Nos últimos anos de sua vida, dedica seu esforço aos preparativos da guerra de independência de Cuba.

Neste capítulo, nosso intento face ao exame da trajetória de José Martí, radica na compreensão do intelectual revolucionário atento às urgências de seu tempo, o caráter de sua formação e o ambiente intelectual do século XIX. Na intensa trajetória de 42 anos, entrelaçou vida e obra à luta independentista, vivendo a experiência do exílio e a ausência dos afetos, nutrindo a esperança com a força da palavra impressa.

---

<sup>122</sup> MARTÍ, José. **Nossa América**: antologia. São Paulo: Hucitec, 1983. p. 221.

## CAPÍTULO 2: OS DESÍGNIOS DA ESCRITA EPISTOLAR

“...de la amistad impalpable es la fuerza, y contra el mundo sutil del desamor; – en la pelea invisible en que va revuelta nuestra vida, – hay que ir levantando fortalezas de cariño.”

(José Martí)

### 1. A escrita relacional no epistolário martiano

A força da palavra escrita exerce relevante influência para pensar a trajetória de José Martí, como é possível atestar quando do exame do seu epistolário. Ao longo da pesquisa, no intuito de alargar os aportes teóricos que pudessem contribuir com um panorama geral de estudos acerca das fontes epistolares, ressalto alguns estudos que colaboram no sentido de aprofundamento do trabalho.

Da historiografia portuguesa, destacamos estudos originais, que se debruçam sobre a epistolografia, como é o caso de Maria Filomena Mónica, que indica as cartas como fonte de grande relevo aos pesquisadores que se interessam pelo século XIX.<sup>123</sup> Para a autora, as cartas são fontes preciosas para refletir sobre a vida social de modo distinto da análise apoiada nos livros, jornais e opúsculos, porquanto: “Nelas se reflectem as preocupações comezinhas, os tiques inconscientes, os sonhos obscuros.”<sup>124</sup> As cartas nos permitem examinar o modo de viver dos sujeitos sociais de uma época. Um dos elementos do estudo constata “quão distante eram os mundos masculinos e femininos no século XIX.”<sup>125</sup>

O estudo de Maria José Marinho e Fátima Lopes ajuda a refletir sobre o tratamento e a forma de análise do espólio de um intelectual: a intenção de reconstruir e pensar uma personalidade por meio de suas cartas deve levar em conta a observação do contexto social e político em que esteve inserido.<sup>126</sup> Para as autoras, face à correspondência estudada, é possível conhecer a relação afetuosa e os sentimentos que a mesma reverberava

<sup>123</sup> Maria Filomena Monica no estudo sobre a correspondência de Jaime Batalha Reis (1847-1935) para Celeste Cinatti (1848-1900).

<sup>124</sup> MÓNICA, Maria Filomena. Cartas de Jaime Batalha Reis a Celeste Cinatti. In: **Revista da Biblioteca Nacional**, S. 2, v. 8, n. 1. Lisboa: Diglivro, 1993. p. 42.

<sup>125</sup> MÓNICA, Maria Filomena. Cartas de Jaime Batalha Reis a Celeste Cinatti. In: **Revista da Biblioteca Nacional**, S. 2, v. 8, n. 1. Lisboa: Diglivro, 1993. p. 43. No estudo, Maria Filomena Mónica, nos mostra que apesar de Jaime Batalha formar parte de um grupo de jovens que falava de socialismo, de realismo e nihilismo, e que atacava a sociedade liberal instaurada, isso não o impede na tentativa de fazer com que a namorada aceite um papel menor perante a sociedade.

<sup>126</sup> LOPES, Fátima; MARINHO, Maria José. João de Barros: um espólio epistolar. In: **Revista Biblioteca Nacional**, S. 2, v. 3, n. 2. Lisboa: Diglivros, 1988. p. 101-136.

entre os amigos.<sup>127</sup>

Para Fernando F. Portugal, a epistolografia portuguesa é fonte promissora para o estudo da trajetória da mentalidade portuguesa. Tal afirmação se deve ao fato de que essa epistolografia é dotada de vigorosa versatilidade. Neste ponto, é de plena validade a assertiva do autor para nossa investigação.<sup>128</sup>

O estudo de Manuel Villaverde Cabral, ao tratar o intercâmbio epistolar entre dois intelectuais portugueses, observa que uma questão relevante contida nesta correspondência inédita é a “inesperada convergência de ideias entre dois homens que, embora ligados pela amizade, sempre se situaram, aparentemente, nos dois pólos opostos do espectro ideológico da época.”<sup>129</sup> Tal constatação parte da análise das cartas que mostraram uma série de alusões a uma espécie de “tema favorito” entre os missivistas.

O estudo de Ernesto de Castro Leal é de interesse para os estudos epistolares, como nesta Dissertação, ao observar que a construção historiográfica do nosso tempo não deve excluir o publicismo – que, no século XIX, diz respeito à produção intelectual em periódicos – e a correspondência trocada por figuras intelectuais relevantes em seu tempo.<sup>130</sup>

Outros estudos de interesse ao nosso campo de pesquisas são aqueles que se debruçam sobre significativos conjuntos documentais e neles, evidenciam casos de “vocação epistolográfica”, como afirma Luísa Ducla Soares, em referência ao intelectual português António Sérgio, que chegou a escrever dezessete cartas em um só dia.<sup>131</sup> Em acréscimo, pode-se afirmar que tal vocação, manifesta em José Martí pode ser observada não apenas quanto ao volume da correspondência, como ainda às circunstâncias em que se realiza; por muitas vezes, driblando condições adversas, chega-se a pensar em cartas imaginadas ao destinatário do afeto ou, costume comum, ler a mesma carta repetidas vezes como se fora possível reter a imagem, o gesto, a tonalidade ou mesmo fixar de modo perene o conteúdo do escrito.

---

<sup>127</sup> No caso de João de Barro sua correspondência passiva – um conjunto de 3103 documentos datados entre 1897 e 1960, que, todavia, ainda não representam o total de cartas conhecidas – é reconhecida como de significação no conjunto inventariado e disponível para investigação.

<sup>128</sup> PORTUGAL, Fernando F. As duas versões de uma carta camoniana. In: **Revista da Biblioteca Nacional**, S. 2, v. 3, n. 2. Lisboa: Diglivro, 1988, p. 8. Ao observar a carta camoniana em questão, Fernando F. Portugal, nos recorda de outras correspondências que tragam alguma semelhança com a missiva estudada: são lembradas as cartas de Fernão Rodrigues, António Ribeiro Chiado e Fernão Cardoso, todos provenientes de uma “escola epistolográfica”.

<sup>129</sup> CABRAL, Manuel Villaverde. Uma inesperada amizade política Basílio Teles e Luís de Magalhães segundo a sua correspondência inédita 1891 – 1923.. In: **Revista da Biblioteca Nacional**, S. 2, v. 6, n. 1. Lisboa: Diglivro, 1991. p. 49.

<sup>130</sup> LEAL, Ernesto Castro. Uma Atitude Política Solidária: cartas inéditas de Quirino de Jesus a Gomes da Costa 1922 – 1928. In: **Revista Biblioteca Nacional**, S. 2, v. 9, n. 2. Lisboa: Diglivro, 1994. p. 39-59.

<sup>131</sup> SOARES, Luísa Ducla. Cartas de António Sérgio a Castelo Branco Chaves: 1924 – 1955. In: **Revista Biblioteca Nacional**, S. 2, v. 4, n. 2. Lisboa: Diglivros, 1989. p. 47-78.

Uma possibilidade quanto aos estudos de História Intelectual é suscitada no exame das correspondências. Nelas, uma característica marcante, conforme Luísa Ducla, é que o caráter afetivo não impede a polêmica e o exercício da crítica, ou seja, antes de tudo, uma interlocução intelectual crítica e sincera. Essas missivas trazem também a possibilidade de desvelar experiências, debates e contradições que cercam uma geração.<sup>132</sup>

O estudo notável de Lúcia Miguel Pereira aporta uma interessante chave de leitura para compreender possíveis relações entre a vida de um escritor e sua obra, face ao estudo de sua correspondência particular, quando esta pode figurar como “entrada para a intimidade”, ainda que guardem um tom mais reservado, pois, mesmo assim, as cartas continuam suscitando possibilidades de vislumbrar certos nuances de seu modo de vida, os gostos literários, a rotina de trabalho, as tristezas e alegrias compartilhadas com o destinatário.<sup>133</sup> As missivas podem trazer notas (auto)biográficas, visto que as impressões sobre seus lugares de eleição, seu amor pela terra de nascimento, os registros acerca dos anos do exílio e as relações que constroem nas idas e vindas entre tantos lugares, é o que se depreende em muitas das cartas enviadas por José Martí a Manuel Mercado, amigo dileto.

As notas de pesquisa de Marco Antonio de Moraes, insertas na Coleção Correspondência de Mário de Andrade, constituem outra relevante contribuição metodológica, inclusive pela análise de cartas, bilhetes, cartões-postais e telegramas, permitindo ao leitor o conhecimento do suporte material – selo, carimbo, anotações e as avarias do tempo – e aquilatar a humanidade guardada nas correspondências.<sup>134</sup> A carta figura, muitas vezes, também como lugar de experimentação literária onde se discutem elementos do verso e da prosa, além da experimentação linguística e de revelações confessionais.<sup>135</sup> É o que se pode observar em nossa pesquisa em tantas cartas de José Martí aos seus pares intelectuais, como apresentadas neste capítulo de nosso estudo.

Segundo os estudiosos da obra de Mário de Andrade, o escritor não deixou nenhum documento exclusivamente memorialístico, no entanto, suas cartas abordam uma

---

<sup>132</sup> Outro estudo sobre a produção epistolar do intelectual português António Sérgio é o realizado no livro *Correspondência para Raul Proença* que reúne 183 documentos entre cartas, bilhetes-postais e similares durante o período entre os anos de 1911 e 1940, além de alguma correspondência para terceiros. SÉRGIO, António. **Correspondência para Raul Proença**. Organização e introdução de José Carlos González. Estudo de Fernando Piteira Santos. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Biblioteca Nacional, 1987.

<sup>133</sup> PEREIRA, Lucia Miguel. **A leitora e seus personagens**: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992.

<sup>134</sup> MORAES, Marco Antonio de. (Org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: EDUSP; IEB, 2000, p. 11.

<sup>135</sup> A troca de cartas que teve início em maio de 1922 após a Semana de Arte Moderna, “testemunham a história da amizade entre duas figuras de proa do modernismo brasileiro”. MORAES, Marco Antonio de. (Org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: EDUSP; IEB, 2000. p. 14.

perspectiva autobiográfica, uma forma de escrita de testemunho. Tais estudos foram de grande inspiração em nossa lida com as cartas de José Martí, fortalecendo, inclusive, nosso propósito de selecionar para esta pesquisa aquele conjunto epistolar que definimos como letras do afeto.

Nesta chave de escrita de testemunho, ressaltamos o estudo de Alfredo Bosi, em vista de *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos.<sup>136</sup> Partindo da questão “como a memória de fatos históricos se fez construção literária pessoal sem descartar o seu compromisso [de Graciliano Ramos] com o que vulgarmente se entende por *realidade objetiva?*”, Bosi pensa o testemunho em perspectiva relacional: memória individual e história.

Tendo em vista a pertinência da questão, Alfredo Bosi oferece como exemplo um concurso realizado pela *Casa de las Américas* de Havana, Cuba, quando os jurados adotaram a expressão *literatura de testemunho*, para acolher um grande número de originais cuja escrita se fixava entre memória e engajamento. O testemunho e, certamente, essa reflexão se estende às cartas, é dotado de complexidade textual por se tratar de um gênero de fronteira.<sup>137</sup>

A fonte epistolar, na abordagem de Cira Romero, assim como os diários e anotações de viagem, torna-se fundamental para o conhecimento do âmbito de relações interpessoais, de episódios de caráter privado e público, da visão de mundo e seus câmbios, podendo, inclusive, colaborar na elucidação de fatos narrados no interesse de uma história oficial. O discurso epistolar converte-se em escrita relacional que, em forma de monólogo, destaca um testemunho. O citado estudo afirma que:

El discurso epistolar, caracterizado por la sensibilidad de lo epidérmico y lo, en apariencia, intranscendente, constituye una especie de identidad individual, original, única, que se aparta de la tradición artística para convertirse en una narración informativa, en una relación, un monólogo con preeminencia de lo testimonial, que se entrega de un modo sui generis, y donde los destinatarios (¿narratarios?) se erigen en interlocutores pasivos.<sup>138</sup>

A carta carrega, entre outros, esse desígnio de *narração informativa* onde, como já observamos em outros estudos, o tom dialogante da escrita e seu misto de informação e relato pessoal dão vida a esse gênero, como afirma Cira Romero. Um gênero que funciona à maneira de ponte na comunicação interpessoal. A pesquisadora destaca ainda, o caráter de

<sup>136</sup> BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em memórias do cárcere. In: **Revista do Livro**, n. 44, ano 14, jan. 2002. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura; Fundação Biblioteca Nacional; Departamento Nacional do livro, 2002.

<sup>137</sup> BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em memórias do cárcere. In: **Revista do Livro**, n. 44, ano 14, jan. 2002. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura; Fundação Biblioteca Nacional; Departamento Nacional do livro, 2002. p. 124.

<sup>138</sup> ROMERO, Cira. (Org.). **Laberinto de fuego**: epistolario de Lino Novás Calvo. La Habana: Centro Cultural Pablo de la Torriente, 2008. p. 3.

interlocução das cartas que abrem novas leituras aos pesquisadores, além de seu potencial subjetivo que contribui para enriquecer a percepção sobre os missivistas, sua época e suas singularidades.

Si bien las cartas conforman un universo de una autenticidad personal incuestionable, ostentan, a la vez, un carácter participativo. En su diversidad discursiva, ellas descubren lo que nuestros ojos no ven, lo que nuestra razón intuye, lo que nuestras emociones delatan; y pueden ayudar a constituir nuestra propia imagen y también otras. Cargadas de una infinita subjetividad que contribuye a enriquecer la percepción del lector y a reevaluar el papel del autor, sin que por ello se dude de su «objetividad», las cartas pueden servir para romper (o crear) el mito de este último. Como sistema de puentes tendidos para la comunicación humana, continúan siendo hasta hoy – no obstante haberse perdido la grafomanía epistolar de otras épocas – un medio insuperable para el conocimiento.<sup>139</sup>

O estudo de Sophia Angelides considera a epistolografia e, no caso, as cartas de um escritor, um caminho para perscrutar traços valiosos da personalidade do missivista, de sua ambiência e dos elementos que influenciaram seu trabalho criativo, entre outras marcas. Abordando em *Carta e Literatura* uma questão de interesse, indaga: “É a carta apenas um documento extraliterário, ou pode ser também obra ou fragmento de literatura?”<sup>140</sup> Percorrendo tal questão, a autora busca em M. P. Alekséiev – na introdução às cartas de Turguêniev – sua consideração sobre a carta como documento histórico, argumentando o quanto se aproxima da literatura e, por vezes, tornando-se uma forma especial de criação artística capaz de antecipar futuras particularidades de gênero e estilo. Essa mescla, esse limiar entre informação, literatura e sentimento, tornam o epistolário uma fonte histórica bastante rica sob diversas abordagens, como demonstra Sophia Angelides:

O próprio caráter espontâneo e fragmentário, a alternância da linguagem poética e não-poética, os clichês, tudo isto é inerente ao gênero epistolar. A passagem da simples comunicação não-literária para a linguagem literária, e vice-versa, confere à carta um aspecto particular, misto de documento informativo e texto literário.<sup>141</sup>

Ainda com Angelides, uma reflexão metodológica instigante para este trabalho aponta para o fato de que o destinatário atua de modo fundamental no discurso epistolar. A relação do remetente com o destinatário vai reger o conteúdo e orientar “o grau de

<sup>139</sup> ROMERO, Cira. (Org.). **Laberinto de fuego**: epistolario de Lino Novás Calvo. La Habana: Centro Cultural Pablo de la Torriente, 2008. p. 3.

<sup>140</sup> ANGELIDES, Sophia. **Carta e literatura**: correspondência entre Tchékhev e Górkí. São Paulo: Edusp, 2001. p. 14.

<sup>141</sup> *Ibid.*, p.23-24.



literariedade, de fragmentação, de espontaneidade, bem como o teor e o tom do discurso.”<sup>142</sup> Outras variáveis também são decisivas na construção do discurso epistolar – as circunstâncias de escrita.

Quanto ao epistolário martiano analisado neste estudo, com o apoio da leitura de Cintio Vitier, entendemos as cartas enviadas ao seu amigo Manuel Mercado no conjunto de cartas íntimas, aquelas cujo significado “llega a ser, durante los años más angustiosos de New York, como un río catártico y secreto en su escritura, el que en su importante conjunto ha de leerse como confesión, autobiografía y testimonio.”<sup>143</sup> Os tons confessional, autobiográfico e testemunhal compõem os eixos de análise do referido epistolário, como uma vida também vivida por escrito.<sup>144</sup>

O citado autor indica ainda a peculiaridade do gênero epistolar relacionado à literatura. A carta carrega uma singularidade: seu destinatário – pessoal ou coletivo – é também seu leitor. O conteúdo de uma carta pode ser dos mais variados, contudo, como argumenta Vitier, supõe-se, na carta, uma intenção informativa, um âmbito reservado e um tom dialogante. Quando esses elementos presentes no texto epistolar ganham destaque, pela estética ou pelo conteúdo histórico, tornando seu conteúdo conhecido a variados leitores que o autor da carta desconhece, é possível dizer da existência de um texto epistolar literário.

No caso do epistolário martiano, o caráter literário mais essencial, segundo Vitier, é a mescla entre o informativo, o efusivo e o reflexivo que se dá a partir do cruzamento de situações práticas, tarefas urgentes e questões íntimas relativas a condutas pessoais, sendo esses elementos constitutivos na epistolografia martiana.

A reflexão de Cintio Vitier sobre a amizade epistolar entre José Martí e Manuel Mercado aponta as dimensões íntimas e os conteúdos históricos do período e afirma o epistolário como lugar de entrelaçamento entre a experiência histórica, social e íntima do escritor.

Los contenidos íntimos e históricos se entrelazan en el epistolario martiano, como en la encrucijada natural de su destino. Con esto queremos subrayar el peso vivencial que hubo siempre la gestación de sus ideas políticas. Así, por ejemplo, cuando se considera el proceso de su ideario antiimperialista, suele concedérsele mayor o exclusiva atención a su análisis de los factores objetivos de la vertiginosa realidad norteamericana de la que fue testigo y cronista.<sup>145</sup>

<sup>142</sup> *Ibid.*, p. 25.

<sup>143</sup> MARTÍ, José. **Correspondencia a Manuel Mercado**. Introducción Cintio Vitier. México: DGE Ediciones; Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 17.

<sup>144</sup> As cartas enviadas de Manuel Mercado para Martí não foram conservadas.

<sup>145</sup> MARTÍ, *op. cit.*, p. 22.

O *peso vivencial* na formação das ideias políticas de Martí dá o tom de sua escrita. Para compreender sua trajetória intelectual, são imprescindíveis os caminhos que o próprio escritor dá a conhecer de si para seus destinatários. A partir dessas trilhas compartilhadas, o epistolário ocupa uma posição de *centro nervoso* da escrita martiana. Essa centralidade do epistolário martiano acontece, para Vitier, na medida em que o público e o íntimo não são antagônicos em Martí, e sim orgânicos e articulados.<sup>146</sup>

Das cartas pessoais de Martí, destaco aqui aquelas que podem ser entendidas no registro da escrita romântica; trata-se das cartas destinadas a Rosário de La Peña y Llerena (1847-1924), por quem nutriu intenções amorosas no México. Para Rosário, escreve em 1875: “Amo en las letras que V. escribe. Esto podría llegar a ser el principio de toda una plenitud en el amar.”<sup>147</sup>

Essa escrita é também entendida como fruto do romantismo nas letras do período, como se pode observar desde a influência de Manuel Acuña, Juan de Dios Peza, Manuel María Flores e Salvador Díaz Mirón, na obra poética de José Martí.<sup>148</sup>

Sobre essa atmosfera do romantismo, Gerald Martin afirma que, de modo geral, os escritores latino-americanos incorporaram, em sua escrita, os elementos da espontaneidade e intuição, o que explicaria a influência persistente do romantismo no século XIX; ao final do século, a tendência romântica continuava sendo um aspecto permanente da autoimagem latino-americana, em conexão com a independência, apesar de ter adquirido novos aspectos.<sup>149</sup>

Um conjunto de cinco cartas é destinado a Rosario; nelas, é possível apreciar um ideal romântico na escrita de Martí, fruto do momento de encantamento com esta mulher, como se vê a seguir: “Si penso en V. ¿por qué he de negarme a mí mismo que pienso? – Hay un mal tan grave como precipitar la naturaleza: es contenerla. A V. se van mis pensamientos ahora: no quiero yo apartalos de V.”<sup>150</sup>

Em suas cartas, deseja a *plenitude de amar*, inspirada por Rosario, fonte de

<sup>146</sup> VITIER, Cintio. **Vida y obra del apóstol José Martí**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2006. p. 259-260.

<sup>147</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 4. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 396.

<sup>148</sup> Para compreender melhor sobre a aproximação da poética martiana e os escritos de Manuel Acuña, Juan de Dios Peza, Manuel María Flores e Salvador Díaz Mirón, consultar o estudo realizado por Caridad Atencio intitulado “De algunos poetas mexicanos en Martí” publicado em Havana pelo Centro de Estudios Martianos – edições Ala y Raíz – no ano de 2010.

<sup>149</sup> MARTIN, Gerald. A literatura, a música e a arte na América Latina, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie. (Org.). **História da América Latina**. v. IV. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – Edusp; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009. p. 490-492.

<sup>150</sup> MARTÍ, *op. cit.*, p. 394.

esperança para esquecer as angústias da vida. Não deseja, como dito em carta, sucumbir às fraquezas dos males do amor. Aqui, uma alusão ao poeta mexicano Manuel Acuña (1849-1873), que se suicidara em 1873, na Cidade do México, motivado como afirmado à época, pelo insucesso amoroso com Rosario, a quem dedicara seu poema *Nocturno*.

Sobre Manuel Acuña, Martí escreve um artigo no periódico mexicano *El Federalista*, em seis de dezembro de 1876. Em relação ao poeta que não chega a conhecer pessoalmente, volta a refletir sobre os sacrifícios impostos pela vida: “porque el peso se ha hecho para algo: para llevarlo; porque el sacrificio se ha hecho para merecerlo; porque el derecho de verter luz no se adquiere sino consumiéndose en el fuego.”<sup>151</sup> Repleto de amor fraternal, escreve seu artigo sobre aquele que, segundo Martí, estava “enfermo de dos tristes cosas: de pensamiento y de vida”.<sup>152</sup>

Em trecho do artigo de *El Federalista*, é possível apreciar os ensinamentos os quais Martí gostaria de ter compartilhado com Acuña. Contra os martírios provocados pelas condições adversas impostas pela ordem social vigente, faz-se necessário enfrentar a vida com uma impetuosa vontade de viver. Renascer das tormentas e ter novamente prazer no coração: seriam esses alguns dos ensinamentos possivelmente compartilhados por Martí.

Le habría yo enseñado cómo renacen, tras rudas tormentas, el vigor en el cerebro, la robustez y el placer en el corazón. Las esferas no vienen hacia nosotros, es preciso ir a las esferas. Si la fortuna nos produjo en accidentes desgraciados, la gloria está en vencer, y la generosidad en dar lección a la fortuna. Si nacimos pobres, hagámonos ricos; si nacimos abandonados, apoyemos a los demás; si sentimos el sol en el alma, qué gran crimen echar tierra oscura sobre el sol. Se es responsable de las fuerzas que se nos confían: el talento es un mártir y un apóstol: ¿quién tiene derecho para privar a los hombres de la utilidad del apostolado y del martirio?<sup>153</sup>

Na casa de Rosario de La Peña, aconteciam frequentes tertúlias literárias onde se reuniam escritores, poetas, figuras de proa do movimento literário e do pensamento liberal mexicano, como o político e escritor Guillermo Prieto (1818-1897); o professor e escritor Manuel Altamirano (1834-1893), que presidia as sessões literárias; o escritor e político Ignacio Ramírez (1818-1879), conhecido também pelo pseudônimo de *El Nigromante*; o poeta Juan de Dios Peza (1852-1910), companheiro de Martí na *Revista Universal*; entre outros.<sup>154</sup> As tertúlias literárias formavam parte da vida intelectual mexicana. Também eram

<sup>151</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 3. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2000. p. 206.

<sup>152</sup> *Ibid.*, p. 207

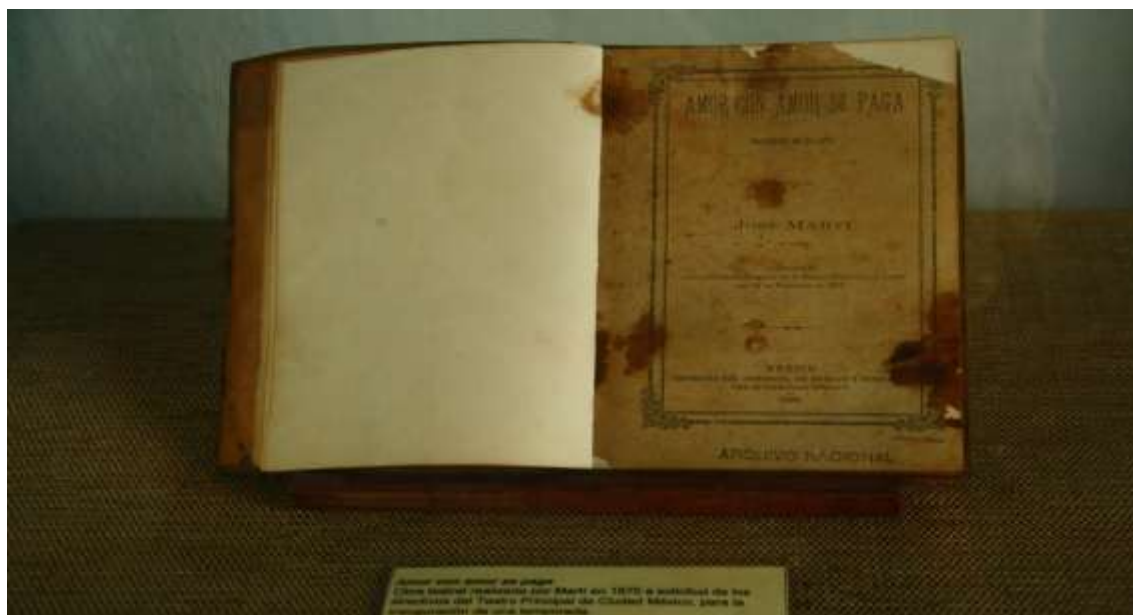
<sup>153</sup> *Ibid.*, p. 207

<sup>154</sup> Para mais informações sobre o tema consultar MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 3. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2000. p. 256.

lugares desse convívio das letras o Teatro Nacional, o Museu Nacional, e o *Liceo Hidalgo*.<sup>155</sup>

No ano de 1875, Martí passou a integrar o *Liceo Hidalgo*, onde, em dezenove de dezembro de 1875 estreou sua peça teatral *Amor con amor se paga* (Figura 39), escrita a pedido de seu amigo Enrique Guasp de Peris (1845-1902), ator espanhol que residia no México. A obra planejada para ser encenada em ato único, foi representada no Teatro Principal pelos atores Concepción Padilla e Enrique Guasp, como parte de um projeto de estímulo ao teatro mexicano liderado por Guasp. A peça, que inicia com os personagens pretendendo representar uma obra a partir de um provérbio, teve entre o público na noite de estreia os pais e irmãs de Martí, Pedro Santacilia e a família de Benito Juárez,<sup>156</sup> e Carmen Zayas-Bazán, sua futura esposa.<sup>157</sup>

Figura 39 – Exemplar de *Amor con Amor se Paga* (1875)



Acervo: Museu Casa Natal José Martí

A maior parte das cartas que José Martí envia, entre os anos de 1875 e 1895, são endereçadas a destinatários individuais, no entanto algumas, certamente, são lidas dentro de seu pequeno círculo afetivo. É possível uma amostra desse tipo de leitura quando, em carta de 1876, pede a Mercado: “Léale esta carta al cariñoso Peón”.<sup>158</sup> José Peón Contreras (1843-

<sup>155</sup> Fundado em 1850, tornou-se a sociedade literária mexicana mais destacada na segunda metade do século XIX tendo como publicação a Revista *La Ilustración Mexicana*.

<sup>156</sup> O poeta cubano Pedro Santacilia era genro de Benito Juárez.

<sup>157</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 3. La Habana: Centro de Estudios Matianos, 2000. p. 257-258.

<sup>158</sup> Trecho da carta para Manuel Mercado em 07 de maio de 1876, publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 4. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 406.

1907), o médico e dramaturgo com quem desenvolve relação fraterna nos anos em que vive no México.

As obras de dramaturgia de José Peón Contreras, sobre as quais Martí escreveu alguns artigos na *Revista Universal*, versavam sobre temas históricos no contexto da conquista e da colonização. Entre suas obras teatrais, é apontada como de maior destaque *La Hija del Rey*. No tocante a peça, Martí escreve um misto de *reseña y tributo*.<sup>159</sup> Na mesma Revista, discorreria sobre a comédia *Luchas de Honra y Amor*, também de Contreras.

Da participação de José Martí nos círculos intelectuais no México, como se viu, resultam laços fraternos tendo destaque neste trabalho a amizade dedicada a Manuel Mercado, fortalecida pela troca de missivas. Deste assunto trataremos no tópico seguinte.

## 2. Uma recordação de amizade nas Cartas a Manuel Mercado

Sobre a escrita de si ou escrita auto-referencial, Angela de Castro Gomes observa tal prática no contexto do século XVIII<sup>160</sup> “quando indivíduos “comuns” passaram a produzir, deliberadamente, uma memória de si” e a “a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos”,<sup>161</sup> sendo esse um processo longo e complexo que se estende ao século XIX.

A escrita auto-referencial, como vista nos diários, cartas e registros autobiográficos e aquela que diz respeito a uma memória de si (fotografias e cartões-postais) materializam, nos chamados atos biográficos, a história de um indivíduo e o meio ao qual pertence. Tais práticas de escrita de si permitem traçar trajetórias individuais, pois, nos suportes dessa escrita, podem-se observar dimensões de um percurso de vida e suas inflexões, a partir de perspectivas políticas, pessoais, morais, entre outras.

No sentido de pensar a relação escritor e destinatário, a discussão de Phillippe Lejeune propõe que “À diferença de outros contratos de leitura, o pacto autobiográfico é contagioso. Ele sempre comporta um fantasma de reciprocidade, vírus que vai pôr em estado de alerta todas as defesas do leitor.”<sup>162</sup>

<sup>159</sup> MARTÍ, *op. cit.*, p. 171.

<sup>160</sup> Angela de Castro Gomes sugere essa datação baseando-se num consenso presente na literatura que trata da escrita de si, no entanto, compreende e assinala em seu texto que essa datação não é simples de ser realizada podendo sim ser estabelecida uma história mais antiga para a escrita de si. GOMES, Angela de Castro. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 11.

<sup>161</sup> GOMES, Angela de Castro. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 10.

<sup>162</sup> LEJEUNE, Phillippe. NORONHA, Jovita Maria Gerheim. (Org.). **O pacto autobiográfico: de Rousseau à**

Entendo que esse *contrato de leitura* é válido também para se pensar o gênero epistolar, pois, na troca de correspondência, firma-se um pacto em que remetente e destinatário desenvolvem uma comunicação dando a conhecer os fatos selecionados. Na troca de correspondência, o remetente espera que seu destinatário faça uso de idêntica sinceridade para continuar o diálogo instaurado. É nessa intenção de comunicar que o pacto autobiográfico se fortalece quando se trata de correspondência.

Nas palavras grafadas em circunstâncias distintas, José Martí compartilha letras vivas com diferentes destinatários. O extenso *corpus documental* formado pelo epistolário martiano é considerado por estudiosos de sua obra como elemento central para a valoração e compreensão dos seus escritos. Com a distância irremediavelmente prolongada pelo exílio, as cartas apontam um horizonte para refletir acerca da escrita mais subjetiva em Martí como demonstra Cintio Vitier em reflexão acerca das missivas enviadas de Martí para Mercado: “las palabras pueden abrazar mejor y más hondamente que los brazos, cuando son palabras vivas, gestuales, almadas.”<sup>163</sup> Esse vínculo eletivo entenece as relações e abre caminho ao aprofundamento da amizade no exercício da escrita epistolar. É a vida que vai por impresso, que toma a materialidade da tinta e do papel para alimentar a vida intelectual do período.

Logo na abertura das cartas que escreve para Mercado, podemos observar a escrita como uma necessidade existencial: é preciso contar de si. Após deixar o México, Martí escreve de Havana em 1877: “Mi excelente amigo.– Quería yo escribirle por este paquete con toda la extensión que sus constantes cartas tienen merecida, y toda la holgura en que escribiendo a V. se siente mi cariño.”<sup>164</sup> Ainda de Havana, vai tecendo os laços a partir de suas afinidades eletivas, afetos que compreende como a família possível de ser escolhida:

Mi muy querido amigo.

Cuando se va por el mundo, se va haciendo familia:—aquí se halla una esposa, allí un hermano;—dígame V. cómo no ha de volver el alma los ojos a donde ha hallado esposa y hermano juntamente.—Cada vez que recibo carta suya, me aplaudo a mí mismo por haber sabido merecer de hombre tan puro, tan entrañable afecto.<sup>165</sup>

Aqui é possível refletir sobre dimensões de uma escrita autobiográfica martiana. Martí escreve sobre si para os seus destinatários, que, no caso, são também seus leitores. Em Cintio Vitier, encontramos caminhos para pensar essa perspectiva principalmente na

Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 74.

<sup>163</sup> MARTÍ, José. **Correspondencia a Manuel Mercado**. Introducción Cintio Vitier. México: DGE Ediciones; Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 21.

<sup>164</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 23.

<sup>165</sup> *Ibid.*, p. 25.

correspondência enviada ao amigo Manuel Mercado. Esse é o epistolário íntimo de maior relevância para refletir sobre tais dimensões.

Do *corpus documental* selecionado nesta pesquisa, a correspondência de Martí a Manuel Mercado é aquela que abrange o mais largo período, entre os anos de 1877 e 1895. Será também o amigo mexicano o destinatário a quem o intelectual confiará muitos de seus anseios relativos à independência de Cuba, as suas relações familiares, ao seu trabalho no periodismo, entre outros assuntos. É também nessas que encontramos “el lugar donde su experiencia histórica-social y su intimidad se entrelazan”,<sup>166</sup> como afirma Cintio Vitier. Na mesma direção, a pesquisadora cubana Fina García Marruz destaca, nesse epistolário, um vínculo indissociável entre a experiência pessoal e histórica, possibilitando pontos de inflexão na trajetória martiana:

Los hilos de seda van uniendo, en forma que no es posible separar, la relación personal a la tarea histórica, la misión cubana a la misión americana, el compromiso con su tiempo al desinterés que lo trasciende, la liberación política a la redención moral.<sup>167</sup>

As cartas para Manuel Mercado foram publicadas, pela primeira vez, em 1946, pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), 51 anos após a morte de Martí. A documentação estava aos cuidados de Manuel Mercado e, após sua morte, no ano de 1909, esteve sob a guarda de seus filhos até ser doada no ano de 1945 a Cuba por Alfonso Mercado. A publicação das cartas destinadas a Manuel Mercado permitiu trazer à luz nuances da amizade entre os dois intelectuais, desde seu contato epistolar durante os últimos vinte anos da vida de José Martí.

A singularidade do conjunto documental deu vida a um projeto editorial onde, como demonstra Cintio Vitier, o escrito epistolar não se encerra no destinatário original e se destina a um público leitor mais vasto e desconhecido do próprio autor – que, geralmente, surge após a morte do missivista – tornando-se um texto epistolar literário.<sup>168</sup> Além disso, o projeto editorial proporcionou novos elementos biográficos de Martí e Mercado.<sup>169</sup>

<sup>166</sup> MARTÍ, *op. cit.*, p. 25.

<sup>167</sup> MARRUZ, Fina García; VITIER, Cintio. **Temas martianos**. La Habana: Centro de Estudios Martianos – Ediciones Especiales, 2011. p. 404.

<sup>168</sup> MARTÍ, José. **Correspondencia a Manuel Mercado**. Introducción Cintio Vitier. México: DGE Ediciones; Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 17-18.

<sup>169</sup> A partir da publicação dessas cartas é possível também formar um retrato do mexicano Manuel Mercado construído por meio das opiniões de Martí sobre o amigo. Na breve biografia de Manuel Mercado, escrita por Alfonso Herrera Franyutti na edição da correspondência de Martí para Mercado publicada em parceria entre Cuba e México no ano de 2001, Mercado é qualificado como “el caballero del silencio”. Do silêncio porque, segundo Franyutti, Manuel Mercado tornou-se uma figura pouco lembrada no meio mexicano a não ser para os

Desse conjunto, a primeira carta de Martí destinada a Manuel Mercado data de sete de maio de 1876, no México, onde vivia desde fevereiro de 1875. No período, é conhecida sua colaboração no periodismo mexicano como *Revista Universal*, *El Socialista* e *El Federalista*, o convívio junto aos círculos intelectuais locais, como integrante do *Liceo Hidalgo* e *Sociedad Gorostiza*. É ainda o momento em que Martí conhece a cubana Carmen Zayas-Bazán, que se tornaria sua esposa.

O trânsito de cubanos no México se intensifica a partir da primeira metade do século XIX, impulsionado pela independência do país. Apesar de ter deixado de ser colônia espanhola, o México atravessou, no período pós-colonial, tentativas de reconquista por parte da Espanha, tendo a ilha de Cuba um papel geográfico estratégico para tal intento. Cuba era conhecida como a “chave do Golfo”, sendo um relevante apoio geográfico para a expansão da Espanha. Para o México, era estratégico que a ilha deixasse de pertencer à metrópole espanhola, tendo o país, por vezes, analisado formas de ações políticas para intervir em Cuba como o impulso a subversão interna, anexação, cooperação para independência, entre outras.<sup>170</sup> Com a eclosão da guerra de independência em Cuba no ano de 1869, o México, onde os ideais liberais e republicanos tinham vasta expansão, deu sinais de simpatia e solidariedade à causa da independência cubana. Ocupava o poder então Benito Juárez que, apesar de não ter manifestado publicamente seu apoio aos patriotas cubanos, parecia guardar solidariedade à causa da independência de Cuba.

Destacamos aqui o convívio de José Martí, no México, junto aos círculos intelectuais – os principais lugares da sociabilidade literária e do desterro. As tertúlias literárias, reunindo intelectuais, alimentavam os debates das ideias em voga no plano da política e da literatura. Dentre os primeiros escritos de Martí na *Revista Universal*, destacam-se tais temas – a independência de Cuba, o teatro e a literatura mexicana.

Na edição da *Revista* de onze de maio de 1875, sob o pseudônimo Orestes, noticia, entre outros assuntos, uma velada social no Teatro do Conservatório, organizada pelo *Liceo Hidalgo* e pela *Sociedad Filarmónica*, em homenagem ao patriota mexicano Miguel Hidalgo y Costilla e onde se apresentaria a poetisa Josefina Pérez, de Xalapa.

El Liceo Hidalgo. – Monumento. – Vuelta a las escuelas. – Empresa patriótica. – Teatro mexicano.

---

interessados no tema martiano. MARTÍ, José. **Correspondencia a Manuel Mercado**. Introducción Cintio Vitier. México: Centro de Estudios Martianos; DGE Ediciones, 2001. p. 39.

<sup>170</sup> MORALES, Salvador E. **Espacios en disputa: México y la independencia de Cuba**. México: Centro de Investigación Científica “Ing. Jorge L. Tamayo”, A. C.; Secretaría de Relaciones Exteriores, 1998. p. 31.



¿Por qué estuvo tan triste y tan solo el Liceo Hidalgo? Se honra la memoria de un padre de la patria, se habían unido para honrarla dos sociedades distinguidas, iba a presentarse al público una poetisa joven y simpática: ¿por qué aquel salón que llenó tres veces una discusión sobre cuestiones abstractas, estaba abandonado y frío cuando, con honrar a su fundador, honra los albores vigorosos de la noble independencia mexicana?

Hidalgo fue de esa familia de hombres que sacuden al aire una bandera, miran de frente al sol, y al sol arrancan luz para su gloria, y al aire arrancan el secreto de la independencia de un país.

No son hombres distintos en América el anciano de Mount Vernon, el sacerdote Dolores, y el héroe que en las llanuras del Mediodía fatigaba con la carrera su caballo, y su cerebro con el peso de los pueblos surgidos a su altiva voluntad, potentes y desenvueltos de miseria. – No son hombres distintos en América, Washington, Bolívar e Hidalgo. – Es la fuerza de honra herida abierta por impulso igual en tres potentes formas. Un hombre es el instrumento del deber: así se es hombre.

---

¿Por qué estuvo tan triste el Liceo? Vale más pensar que por torpeza de los encargados de repartir invitaciones. Ni un instante se imagine que México ha olvidado al héroe nacional; pero la seguridad de que la fiesta era de invitación, privó a las personas que no la recibieron de asistir al Conservatorio: los repartidores anduvieron torpes en dar en buen tiempo y lugar las esquelas de convite que atentamente envió el Liceo, – y de esta causa pequeña y subalterna nació la escasez de concurrencia que asistió a la sesión. Da pena un salón vacío: vive siempre en el espíritu ansia secreta de brillantez y plenitud.<sup>171</sup>

A partir de 1877, tem início um maior volume de cartas destinadas para Mercado, pois, nesse ano, Martí deixa o México – voltando, brevemente, no fim do ano para a realização de seu matrimônio com Carmen. Da festa das bodas, se conhece o autógrafo de Mercado no álbum de casamento, escrita de felicitação, despedida e seu melhor afeto ao novo casal.

Carmen:

Son ya ciertos los sueños de ventura. Alcáncela V., hoy, tan cumplida como merece, uniendo para siempre su suerte, a la del elegido de su alma, ese ser privilegiado en quien admirablemente concurren las más hermosas y brillantes dotes de la inteligencia y del sentimiento. Él también va a ser muy feliz, él que en las miradas de V., hallará amplia compensación a sus dolores terribles de otros tiempos y a las amargas que todavía pueden estarle reservadas: él para quien la inefable ternura de V., sus sólidas virtudes, su belleza ideal y su talento distinguido serán dulce y poderoso estímulo en la realización de los altos y nobles pensamientos que se abrigan en ese espíritu gigante.

¡Felices, muy felices ambos! ¡Envidiable pareja que por doquier irá sembrando perfumadas simpatías y fecundísimos ejemplos y por doquier recogiendo himnos sinceros y entusiastas de alabanza y de amor...!

Adiós, Carmen, adiós, Pepe: Haya siempre en Vds. Un recuerdo para los que aquí gozan con su dicha, y que no la turben las lágrimas cariñosas de los corazones

---

<sup>171</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 2. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2000. p. 36-37.

amigos que aquí dejan.<sup>172</sup>

No final do ano de 1876, Martí parte do México com *la suerte desafiada*,<sup>173</sup> por conta dos riscos de uma nova prisão, rumbo a Havana, onde organizará o retorno de sua família, que permanece no México. Martí vive no México durante os últimos anos do governo de Lerdo de Tejada (1823-1889), continuador de Benito Juárez. Sua reeleição, no ano de 1876, provocou um protesto entre os militares liderados por Porfírio Díaz (1830-1915). Na batalha de *Tecoac*, vencem as forças militares aliadas a Porfírio Díaz,<sup>174</sup> levando-o ao poder por três décadas. Martí, em linhas gerais, apoiava a política do governo de Tejada, sendo seus amigos mexicanos, favoráveis ao governo destituído. Em 10 de novembro de 1876, publica o artigo *La Situación* no periódico *El Federalista* – e reproduzido em *El Socialista* – sobre as medidas arbitrárias da detenção e do desterro adotadas pelo governo de Porfírio Díaz.<sup>175</sup> No artigo, Martí questiona: “¿Qué venía a restaurar, si todo lo vulnera? ¿Qué libertad respeta, si no deja libre más que la voluntad de admirarlo servilmente?”<sup>176</sup> Já decidido a deixar o México, publica, em 16 de dezembro, no *El Federalista*, o artigo *Extranjero*. O cerceamento dos direitos de livre pensamento e movimento inspiram o verbo de Martí neste que seria seu último artigo antes de deixar o país:

¿Qué trae este extranjero a la mesa donde jamás probó manjar? Trae la indignación, la gran potencia; trae una fuerza íntima, que ni se busca vías, ni se prepara lechos, ni huronea conveniencias, ni razona. Los mendigos le comparan a sí mismos; los honrados le abrazan con cariño; – al mendigo, un mendrugo de desdenes; – al honrado, el abrigo del amor.

La indignación, fuerza potente. Se levanta un hombre sobre la gran voluntad múltiple de todos los hombres; mi voluntad ingobernable se ve gobernada por una altanera voluntad; mi espíritu libérrimo siente contenidos todos sus derechos de libre movimiento y pensamiento; la sangre de mi alma se detiene obstruida en su curso por la sonrisa satisfecha de un jinete feliz y vencedor. Y cuando yo veo a la tierra americana, hermana y madre mía, que me besó en día frío los labios, y a cambio de respeto y de trabajo, me fortificó con su calor; cuando yo veo a esta grande corriente de hombres libres, como azotados y abatidos por las calles, con su personalidad mustia y enferma, con su pensamiento flagelado y vejado, o con su voluntad

<sup>172</sup> PASCUAL, Luis Garcia. **Destinatario José Martí**. La Habana: Ediciones Abril, 2005. p. 491-492.

<sup>173</sup> MARTÍ, José. **Correspondencia a Manuel Mercado**. Introducción Cintio Vitier. México: DGE Ediciones; Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 65.

<sup>174</sup> Porfírio Díaz conheceu Benito Juárez na Universidade e tornou-se seu seguidor. Díaz lutou na guerra contra os Estados Unidos (1847), lutou contra os inimigos da constituição mexicana de 1855 a 1861 e ainda contra a invasão francesa no México. Porfírio Díaz entregou o comando a Juárez em 1867 e se voltou apenas para a sua vida privada de onde saiu no ano de 1871 para combater o próprio Juárez e a sua reeleição. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 2. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2000. p. 314-315.

<sup>175</sup> Entre esses desterrados está o cubano Pedro Santacilia Palacios – genro de Benito Juárez – que logo quando acaba o governo de Sebastián Lerdo de Tejada é confinado na cidade de Guanajuato (México). MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 2. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 331.

<sup>176</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 2. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 296.

omnipotente y augusta trocada en sierva inerme, en empujada masa, en arena y en pasto de corcel; cuando las voluntades son burladas, olvidada la conciencia, irrespetado el propio fuero, las leyes suspendidas, las hipocresías mismas de las leyes autocráticamente desdeñadas; – la conciencia, voz alta, se sacude; la indignación, gran fuerza, me arrebató; sonrojo violentísimo me enciende, y sube a mis mejillas ardorosas la vergüenza de todos los demás. Soy entonces ciudadano amorosísimo de un pueblo que está sobre todos los pueblos de los hombres; y no bastan los hombres de un pueblo a recibir en sí toda esta fuerza fraternal. Es una voz imprudente y divina; es un mandato incontrastable y sobrehumano; es la obligación de este contrato vitalicio, firmado entre el espíritu del hombre y el espíritu inmenso de su Dios.

¡Humanidad, más que política! ¡Indignación, más que miseria! Esta es mi fuerza; aquella es mi amor. Por eso me sentí herido en el pecho, la tarde en que a la luz opaca del crepúsculo, porque el sol mismo le negaba las luces, leí aquel decreto inolvidable en que un hombre se declara, por su exclusiva voluntad señor de hombres; por eso, cercano ya mi día de despedida, tomé amorosamente la pluma de la indignación entre mis manos, y escribí La situación, y otros artículos anteriores, y otras cosas más, –que en la vida y sobre la vida flota fiero el misterio de la humana dignidad.

Eso fue mío, y sería mío cuanto flagele al que flagela, y avergüenza a los hombres mis hermanos.<sup>177</sup>

Rumo a uma breve estada em Havana, Martí leva consigo a decisão do próximo destino, a Guatemala. Aquele país significava, naquele momento, uma possibilidade acolhedora, uma vez que havia reconhecido, publicamente, no ano de 1875, a independência de Cuba, no governo de Rufino Barrios.

Ainda do México, na cidade de Veracruz, Martí escreve para Mercado em 1º de janeiro de 1877. Essa é a primeira carta mais substancial para o amigo; a partir dela, percebe-se uma atmosfera de pacto biográfico, onde se “supõe uma intenção de comunicação, imediata ou diferida”,<sup>178</sup> na escrita martiana. Para o amigo que tem direito de saber tudo – como escreve Martí –, o desejo de compartilhar *a sorte desafiada*:

Mercado. –

Está la suerte desafiada, y pronto estará probablemente vencida:–voy al fin a La Habana, con documentos legales, y nombre de Julián Pérez, segundos nombres míos, con lo cual me parece que hago a mí mismo una menor traición: – siempre es bueno ser, aun en casos graves, lo menos hipócrita posible.– Vd. sabe sin duda, porque V. tiene derecho a saber todo lo mío, cuánto se luchó la última noche para lograr que desistiese yo de mi viaje.<sup>179</sup>

O horizonte de esperança, portanto, estaria na Guatemala. Para empreender esse novo caminho, segue alimentado, como escreve para Mercado, de esperança na futura esposa

<sup>177</sup> *Ibid.*, p. 299-300.

<sup>178</sup> LEJEUNE, Phillipe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 82.

<sup>179</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 13.

e das cartas de recomendação dos amigos Pablo Macedo González de Saravia<sup>180</sup> e Juan Ramón Uriarte.<sup>181</sup>

Partir e não deixar, assim acontece em relação à saída do México, lugar onde participou do periodismo, discutiu a política e as letras, experimentou a escrita do verso e do teatro. Do convívio nas tertúlias, livrarias e tipografias, ressalta a figura de Manuel Mercado, grata amizade de quem afirma nesta carta: “llevo a V. y a los suyos, y para mí en la gratitud hay gran placer. Ha hecho V, bien en serme bueno: lo merezco, y lo retribuiré amorosamente.”<sup>182</sup>

Um tópico a assinalar, nessa correspondência pesquisada, diz respeito ao intercâmbio intelectual firmado entre Martí e seus destinatários. A Manuel Mercado agradece, nessa carta de janeiro de 1877, as leituras que mudaram o sabor da sua viagem – Santacilia, Justo Sierra e Altamirano:

Venía yo de México con los trabajos que deja en el alma ser desagradecido: gracias a V., distraje estas penas con el sabroso castellano de Santacilia, la poesía cerebral de Justo Sierra y la agreste, caliente y pintoresca dicción de Altamirano. Como venía lleno de fuerza, venía lleno de admiración. Es un hombre bueno aquel que admira mucho, y yo debí ser muy bueno antes de ayer. Es grandiosa esa vía: – ¿cómo no he escrito una obra asombrosa sobre esse atrevimiento extraordinario? Eso de la medida de la conturbación y abatimiento de mi espíritu.<sup>183</sup>

Os livros presenteados por Mercado são de escritores do círculo intelectual de ambos no México. O poeta cubano Pedro Santacilia Palacios (1826-1910) também está exilado em razão das perseguições por *actividades conspirativas* – preso no *Castillo del Príncipe*, em Cuba, e, no ano de 1852, é deportado para a Espanha, daí escapando em fuga para os Estados Unidos, radicando-se inicialmente em Nova York, onde crescia a comunidade cubana, e em Nova Orleans. Segue ao México quando Benito Juárez chega ao poder, onde experimentaria intensa vida intelectual.<sup>184</sup> *A poesia cerebral* do escritor e educador mexicano

<sup>180</sup> Pablo Macedo González de Saravia (1851-1918) foi juriconsulto mexicano, professor de Direito Penal e Economia Política, redator do periódico *El Foro* e diretor da Escuela Nacional de Jurisprudencia (1901-1904).

<sup>181</sup> Juan Ramón Uriarte (1846-?), político e escritor guatemalteco, foi embaixador da Guatemala no México durante o governo de Rufino Barrios período no qual conheceu José Martí. É Juan Ramón Uriarte que escreve a nota introdutória da brochura *Guatemala*, de autoria de Martí, impressa no México.

<sup>182</sup> MARTÍ, José. **Correspondencia a Manuel Mercado**. Introducción Cintio Vitier. México: DGE Ediciones; Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 68.

<sup>183</sup> MARTÍ, José. **Correspondencia a Manuel Mercado**. Introducción Cintio Vitier. México: DGE Ediciones; Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 68.

<sup>184</sup> No México, Pedro Santacilia Palacios, foi redator dos periódicos *El Heraldo* e *El Nuevo Mundo*, e diretor de *Diario Oficial*, *El Cura Tamajer* e *La Chinaca*. Ainda do período no México são conhecidas as obras *La clava del indio* (1862) e *Del movimiento literario en México* (1868). Pedro Santacilia nasceu em Santiago de Cuba, no entanto, aos sete anos, seu pai foi desterrado para a Espanha acusado de inconfidência. Santacilia regressou a Cuba em 1845, dedicou-se ao magistério na ilha e colaborou com publicações como *El Orden*, *Semanario*

Justo Sierra Méndez (1848-1912), inicialmente poeta romântico, influenciado por Víctor Hugo e Gaspar Nuñez de Arce, até derivar para um parnasianismo de tom mais clássico.<sup>185</sup> E a *calorosa e pitoresca dicção que ameniza as penas* é a do mestre e escritor mexicano Ignacio Manuel Altamirano (1834-1893). Sua obra perpassa a poesia, novela, conto, ensaio, quadros de costumes, crítica e história, tendo Altamirano escrito duas novelas longas – *Clemencia* (1869) e *El Zarco* (1901) – e várias outras curtas novelas sob o título *Cuentos de invierno*. Sua participação na vida intelectual mexicana é intensa, tendo Altamirano sido o responsável pelo restabelecimento do *Liceo Hidalgo* – lugar de convívio dos intelectuais – onde trabalhou para incentivar as letras nacionais.<sup>186</sup>

Das amizades semeadas no México lembra, nessa carta, do pintor Manuel Ocaranza (1841-1882), a propósito da beleza das paisagens que avista em seu caminho de viagem – certamente Ocaranza teria, em sua paleta, um belo motivo, assim como, escrevendo para Mercado sobre tais belezas, estaria escrevendo um *libro ejemplar*.

O pintor Manuel Ocaranza fez parte do núcleo afetivo de Martí no México. Ocaranza e Mariana Matilde, irmã de Martí, se apaixonaram logo da chegada da família ao país; no entanto, Mariana Matilde falece prematuramente. Ocaranza residia e mantinha seu estúdio em casa de Manuel Mercado o que seguramente o aproximou ainda mais de Martí.<sup>187</sup>

Manuel Ocaranza haría en ese camino mucha falta: los que sienten la naturaleza tienen el deber de amarla; las alboradas y las puestas son el verdadero estudio de un artista; un pintor en su gabinete es un águila enferma. Dígame V. que es muy bella la salida de Orizaba, y que la contemplación de estas purezas haría a su alma un bien incalculable. El hombre se hace inmenso contemplando la inmensidad. Jamás vi espectáculo más bello. Coronaban montañas fastuosas el pedregoso escirro y

---

*Cubano e El Redactor*. Enquanto viveu desterrado na cidade de Nova York exerceu larga atividade intelectual vinculada com a luta independentista pronunciando conferências no Ateneo – fundado pelos imigrantes cubanos – e colaborou nas publicações *El Filibustero*, *El Guao* e *La Verdad*. Durante a guerra pela independência de Cuba no ano de 1895 foi agente da República em armas perante o governo mexicano. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 2. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 331.

<sup>185</sup> Justo Sierra foi companheiro de Manuel Gutiérrez Nájera na *Revista Azul* onde escreveu poemas de filiação modernista que influenciaram os poetas mais jovens. Dedicou-se preferencialmente, em sua fase mais madura, à educação e à história colaborando na fundação, em 1910, da Universidad Nacional Autónoma do México. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 2. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 313-314.

<sup>186</sup> Altamirano publicou juntamente com seu mestre Ignacio Ramírez (1818-1879) e com Guillermo Prieto o periódico *El Correo de México* (1867); fundou com Gonzalo Esteva a Revista *El Renacimiento* (1869) que significou uma renovação das letras nacionais onde deu voz a escritores de todas as tendências, quer fossem liberais ou conservadoras. Participou da fundação de *El Federalista*, *La Tribuna* e *La República* e colaborou em *El Artista*, *El Domingo*, *El Libre Pensamiento*, *El Semanario Ilustrado*, *El Monitor Republicano*, *El Siglo XIX*, *El Nacional*, *La Libertad*, *El Liceo Mexicano* e *El Diario del Hogar*. Quando Ignacio Manuel Altamirano veio a falecer Martí dedicou uma homenagem no periódico *Patria* em 24 de março de 1893. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 2. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 320.

<sup>187</sup> Ao saber da morte do amigo ocorrida na Cidade do México, no ano de 1882, José Martí escreveu o poema *Flor de hielo* que compõe os seus *Versos Libres*.

sombrío nible; circundaban las nubes crestas rojas y se mecían como ópalos movibles; había en el cielo esmeraldas vastísimas azules, montes turquinos, rosados carmíneos, arranques bruscos de plata, desborde de los senos del color; sobre montes oscuros, cielos claros, y sobre cuevas tapizadas de violetas, arrebatadas ráfagas de oro. Gocé así la alborada, y después vino el sol a quitar casi todos sus encantos al paisaje, beso ardiente de hombre que interrumpía un despertar voluptuoso de mujer. El ópalo es más bello que el brillante.– Manuel debía copiar estos paisajes; él, que siente el contraste con vigor de sol y capricho femenino, y que sabe el color del alma y el del cuerpo, escribiría bien a la Naturaleza en su paleta;–como escribiéndole a V., haría yo a mi vez un libro ejemplar.<sup>188</sup>

Um elemento singular nas missivas de Martí são as linhas finais de despedida. Muitas vezes, referem-se aos afetos comuns entre remetente e destinatário, é quando a escrita parece tomar uma forma mais expansiva. No trecho final dessa carta de despedida, escrita durante as últimas horas antes de deixar o México, pede a Mercado para que cultive a lembrança do amigo entre seus filhos – Manuel e Alicia Mercado García – e fortalece, por meio da escrita, os laços fraternais.

[...] son ahora las 3 de la mañana, y a las 7 embarcamos; digo adiós a este México a que vine con el espíritu aterrado, y del que me alejo con esperanza y con amor, como si se extendiera por toda la tierra el cariño de los que en ella me han querido. Ruegue a Manuel Ocaranza en mi nombre que valga todo lo que vale; dé afectuosas gracias a Macedo; hable de mí a Manuelito, bese las manos a los pequeñuelos, y a Alice en su boca de clavel. Deséeme una fortuna igual al cariño que le tengo, que entonces será muy afortunado; sepa *Lola* en cuánto la estimo, que es tanto como la fortuna que deseo, – y ella y V. vean en mí un constante, leal y amante hermano, que no estará nunca lejos de su estimación, ni lo está ahora tampoco de sus brazos. – Quiérame de este modo.<sup>189</sup>

De Havana, no ano de 1877, são conhecidas três cartas destinadas a Mercado, onde os temas principais são a viagem da família de Martí de volta a Havana, seus sentimentos em relação à Carmen, a situação política de Cuba e a dúvida entre seguir viagem para Guatemala ou regressar ao México.

Martí segue viagem para a Guatemala e envia correspondência para Mercado durante parada na cidade de Progreso, no México, em 28 de fevereiro de 1877. Ao longo das cartas, é possível perceber que escreve nas horas, lugares e jeitos os mais diversos. Não se imaginem aqui cartas saídas da pena em confortável escrivãzinha; como diz ao amigo: “Escribo a V. de pie, en la Admón. de Correos, ya que milagrosamente hay buque para

<sup>188</sup> MARTÍ, José. **Correspondencia a Manuel Mercado**. Introducción Cintio Vitier. México: DGE Ediciones; Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 68-69.

<sup>189</sup> MARTÍ, José. **Correspondencia a Manuel Mercado**. Introducción Cintio Vitier. México: DGE Ediciones; Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 70.

Veracruz.”<sup>190</sup> E assim, em outras cartas, vamos encontrá-lo ora escrevendo ao trabalho no comércio,<sup>191</sup> na pausa de uma viagem de barco, a pé ou montado em mula, no escuro do quarto ao acabar a luz da vela e nos acampamentos da guerra de independência de 1895.

Exemplo de uma dessas viagens repletas de adversidades para chegar ao destino é aquela rumo a Guatemala. Na carta enviada da cidade de Progreso, conta para Mercado: “De aquí en canoa a Isla de Mujeres; luego, en cayuco, a Belice; en lancha, a Izabal; a caballo, a Guatemala.”<sup>192</sup> Durante essa viagem, Martí escreve uma série de anotações, inclusive com desenhos, sobre o que observa pelo caminho. Essas anotações estão reunidas em parte como escritos de viagem, e em um Diário dedicado aos irmãos Valdés Domínguez, que serão tratadas no capítulo seguinte desta Dissertação.

Nessa carta de fevereiro de 1877, é possível acompanhar um pouco o modo de escrita itinerante de Martí: comenta sobre um livro de pensamentos e narrativas que escreve no trajeto – provavelmente as anotações – e sobre a certeza de que, no México, deixou leitores – *almas claras* – para quem sua pena nunca será misteriosa. A escrita do livro, como dá a entender na carta, é mais do que a vista alcança; contará, para além do visto, o pensamento. Imbuído do pacto da amizade epistolar que se vai firmando, Martí pede ao amigo notícias de seus fardos e sinas do viver.

Hábleme de V., de sus pesares, de sus esperanzas, de sus hijos. Su situación era, unido al mío, mi pensamiento grave en México: – me roba V. algo de mí no hablándome de V. – Mañana voy a Mérida; y de aquí a 5 días volveré a embarcarme para Isla de Mujeres, oasis de este mar. Crece el alma en grandeza con la contemplación de los grandores naturales. – Escribo al correr de la pluma, un libro de pensamiento y narración. Más que lo que veo, cuento lo que pienso. Dirán que no lo entienden, pero yo sé que tengo en México almas claras para quienes nunca será un misterio un libro mío.<sup>193</sup>

Da Guatemala, segue uma primeira carta para Mercado, datada de abril de 1877, quando anuncia o empenho na amizade perene, aquela que se dispõe a trocar fundas impressões do mundo e de si: “Puse aquí el pie, y hallé su carta; así, sobre penas y años, me

<sup>190</sup> *Ibid.*, p. 79.

<sup>191</sup> Em carta de 22 de abril de 1886 para Mercado escreve sobre a possibilidade de trabalhar para periódicos e, caso isso não venha a acontecer, seu possível, e temido, retorno como trabalhador na área do comércio: “Si no me saca Vd. por sobre su cabeza esto de los diarios, tendré de nuevo – sin que nadie, eso sí, note mi desfallecimiento – que acudir a una colocación vulgar de comercio, de muchas horas y retribución mezquina, adonde vuelva mi vida a lo que ha sido en estos últimos tiempos, avenida de pesebre, a que se la coman los caballos”. MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 88.

<sup>192</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 79.

<sup>193</sup> MARTÍ, José. **Correspondencia a Manuel Mercado**. Introducción Cintio Vitier. México: DGE Ediciones; Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 80.

verá V. siempre, desde esta y toda tierra, su hermano activo y cariñoso.”<sup>194</sup> Martí permanece na Guatemala até o fim de 1877 quando parte em rápida estada no México, para seu casamento com Carmen Zayas-Bazán; regressando, acompanhado da esposa, no início de 1878.

Segundo escreve ao amigo, a vida na Guatemala é povoada de ausências. O ambiente a que se acostumara, entre papéis, tipos, tertúlias e acalorados debates no México, o bulício dos círculos literários, o ruído das oficinas tipográficas, a troca de impressões sobre os novos livros chegados no último pacote, tudo isto faz imensa falta ao espírito criador de José Martí.

No es que Guatemala sea pequeña, ni escasas su gente: es que es un pueblo que se ha movido poco, y como sus elementos han sido permanentes, aún le duran y con facilidad son conocidos. Sin círculo literario, sin hábito de altas cosas, – aunque con aliento y anhelo para todas, – sin prensa, sin grandes motivos naturales, – mis soberbias tienen que ser muy prudentes para no parecer aquí presunciones.<sup>195</sup>

Em carta de agosto de 1877, ainda da Guatemala, Martí modula o tom de sua relação com os destinatários de suas missivas pessoais: é à semelhança de almas seu melhor afeto. Daria continuidade, naquele período, a formação de uma *família epistolar* onde os laços são estreitados nas trocas das cartas e até no desejo de escrevê-las. Ao longo de seu epistolário, é frequente um comentário sobre as cartas não escritas, porém enviadas no desejo, porquanto o pensamento sempre está posto em seus destinatários. A família epistolar martiana se alarga a medida das experiências vividas e cultivadas, como se vê por meio do largo inventário apresentado neste trabalho no ANEXO I, para que se aquilate sua disposição em dizer, por escrito, os afetos, as ausências, a saudade, os sonhos...

Nesse momento, Martí escreve a Carmen, a sua mãe, Leonor, ao amigo Fermín Valdés e a Manuel Mercado. Dessa correspondência, depreende-se a melancolia das ausências, da distância que já não se pode amenizar nem mesmo pelo envio das cartas. “As almas doentes movem dificilmente as mãos, no entanto, são as que mais precisam de consolo”, escreve o missivista ao amigo Mercado. Nos dias solitários, é nas lembranças amistosas que conforta suas ausências: pensa, com especial carinho, na família de Mercado e nos amigos José Peón Contreras, Felipe Sánchez Solís<sup>196</sup> e Francisco Montes de Oca.<sup>197</sup> O ato

<sup>194</sup> *Ibid.*, p. 81.

<sup>195</sup> Trecho de carta enviada a Manuel Mercado em 19 de abril de 1877 (Guatemala), publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 85.

<sup>196</sup> Felipe Sánchez Solís (1816 -?), nasceu em Zumpango de la Laguna, México, em uma família indígena. Foi um dos impulsionadores para a criação do *Instituto Científico Literário de Toluca* (1846), instituto do qual foi



de recordar é ainda assim o refúgio quando as alegrias andam de passeio, é o que dirá ao *amigo muy querido*:

Hoy andan de paseo alegrías, y están tenazmente despiertas las tristezas. – Breve, pues. – Mis amarguras son estas de mi vida, que provienen precisamente de vivir. Si fueran piedra preciosa, serían ópalo. De soledad me vienen, y V. sabe, los muy queridos nombres que evoco y acaricio en estos días. – No es el de V. el menos recordado.

Descuido tal vez el escribirle; pero a Carmen ha de hacer V. reclamo: desde que envié el primer beso a mi corazón lo tiene perturbado y estremecido. Solo a ella, a mi madre, a V. y Fermín escribo. La familia unida por la semejanza de las almas es más sólida, y me es más querida, que la familia unida por las comunidades de la sangre – a más, mi carta para Vd. sería mi espíritu: así es que las de V. están escritas en las cartas de mi Carmen. – Es V. ya, lo será para siempre, mi hermano activo. No se fíe de cartas más o menos. Las almas enfermas mueven difícilmente las manos: pero son las que necesitan más consuelo. – Aquí, ni el placer de hacer vivir a los otros me hace vivir a mí, – porque no se dejan hacer vivir. Su México es muy bello: le hace falta solamente un poco de virtud espartana para hacer sólida su animada cultura ateniense. –

Me daría a estos pensamientos, porque ellos son los únicos que consuelan esta clase de dolores, por su naturaleza, y por lo noble del que los ha de oír. –

Pero no he de decir a V. que en diciembre me verá, hasta que en largas cartas me ha dicho muchas cosas suyas. – V. no tiene el derecho de enojarse por mi silencio, porque V. ha sabido siempre penetrar más allá de mis labios.

Hoy mi carta sería muy personal: por eso la acabo. Pienso mucho en Peón, Sánchez Solís y Montes de Oca. – Y antes que en todo, y con muy amantes expresiones, en su hermosa familia. –

Salude a los que me quieren; vivo afecto a Lola, y un abrazo a Manuel, a quien supongo reconciliado con la idea primitiva de su gran cuadro: ¿no?

Perdone las vaguedades a su hermano cariñosísimo

J. Martí<sup>198</sup>

Nesta pesquisa, entendemos que Manuel Mercado parece ser o único com quem Martí se dispõe a compartilhar em cartas de tom mais pessoal, apesar de, como demonstra na própria carta, tentar fugir do excesso de assuntos íntimos. Martí termina a missiva antes de ela se tornar *excessivamente pessoal*, nos moldes de seu tempo. É, principalmente, nas epístolas escritas para Manuel Mercado que encontramos uma mescla dos assuntos que toldam o espírito – desde a vida pessoal, os conflitos do convívio doméstico, o nascimento do filho, as

---

o primeiro diretor. Fundou a *Sociedad Artística Industrial para Artesanos* e se destacou como arqueólogo. Se dedicou a estudar temas sobre a história do México que foram publicados em periódicos da época. Conheceu Martí logo da sua primeira passagem pelo México. Fonte: PASCUAL, Luis García. **Entorno Martiano**. La Habana: Ediciones Abril, 2003. p. 230; MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 419.

<sup>197</sup> Francisco Montes de Oca (1837-1885), médico mexicano. Chefe do corpo Médico Militar (1882) e conhecido como um dos melhores cirurgiões da sua época. Operou José Martí em 1875 do sarcocele adquirido como consequência dos trabalhos forçados nas pedreiras de San Lázaro, em Havana. Fonte: MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 405.

<sup>198</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p.107-108.

apreensões da vida itinerante, as exigências da política.

Ao decidir partir da Guatemala, Martí está convicto em seguir viagem ao Peru. No entanto, por questões familiares – está próximo o nascimento de seu filho –, decide voltar a Havana. Martí vê sua situação na Guatemala como insustentável: a conjuntura política guatemalteca vive um período de tensão após o atentado ao então presidente Justo Rufino Barrios e sua família. Logo ao tomar conhecimento da conspiração, Martí e outros professores da *Escuela Normal*, como o cubano José Maria Izaguirre, assinaram um documento de adesão a Justo Barrios. Todavia, o presidente guatemalteco atua com extremo rigor na repressão dos envolvidos na conspiração, executando os conspiradores em praça pública.

Em vista desse cenário, José Martí e José Maria Izaguirre retrocedem no apoio ao presidente Barrios provocando assim uma retaliação por parte do governo: Izaguirre é destituído da direção da *Escuela Normal* e, em solidariedade, Martí renuncia ao seu cargo na escola. Além disso, no intuito de desprestigiar Martí, circulam panfletos apócrifos onde o apelidam jocosamente de “Doctor Torrente”, em alusão às suas qualidades de oratória.

Em carta para Mercado, em julho de 1878, da Guatemala, o missivista dá a conhecer as pressões familiares para seu regresso a Cuba. Em 1878, em Cuba, acaba de ser assinado o *Pacto de Zanjón*, pelo fim da Guerra dos Dez Anos (1868-1878) e instauração de um período de “paz” na ilha. O pacto é aceito pela maioria dos cubanos em armas, à exceção de alguns oficiais, como Antonio Maceo. Martí também pouco acredita na paz instaurada em Cuba, mas, escutando os apelos familiares, decide regressar a ilha.

Trocado esto, con más rapidez desde los asuntos de noviembre, en una gran hacienda, donde todo obedece al látigo de un caprichoso moral, – yo decidí irme. – ¿A dónde? – A Cuba, me decían mis deberes de familia, mi hijo que me va a nacer, las lágrimas de Carmen, y la perspicacia de su noble padre. – A todas partes menos a Cuba, me decían la lógica histórica de los sucesos, mis aficiones libérrimas, el doloroso placer con que me he habituado a saborear mis amarguras, mi absoluta creencia, –fundada en la naturaleza de los hombres – de que era imposible la extinción de la guerra en Cuba. – Y, sin embargo, la guerra se ha extinguido; la naturaleza ha sido mentira, y una incomprensible traición ha podido más que tanta vejación terrible, que tanta inolvidable injuria! – Transido de dolor, apenas sé lo que me digo. – ¿He de decir a V. cuánto propósito soberbio, cuánto potente arranque hierve en mi alma? ¿que llevo mi infeliz pueblo en mi cabeza, y que me parece que de un soplo mío dependerá en un día su libertad?

– ¿No ha de llegar nunca para mí el momento de que yo me produzca en las circunstancias favorables, – árbitras caprichosas de la fama y suerte de los hombres? – No a ser mártir pueril: – a trabajar para los míos, y a fortificarme para la lucha voy a Cuba. – Me ganará el más impaciente: no el más ardiente. – Y me ganará en tiempo: no en fuerza y en arrojo.

Ayer mismo, sobre los ruegos de Carmen que lloraba, sobre lo que mi madre llora sin decírmelo, sobre mi palabra misma empeñada al generoso Zayas, me resistía a todo intento de ir a Cuba, y tenía firmemente decidido ir al Perú. – Ya me esperaban, y preparaban acogida. – Ahora, amigo mío, os fundamentos de mi esperanza se han

venido a tierra. Ahogo mi vehemencia: escucho a mi prudencia, – y me pliego nuevamente a las necesidades de los demás. – Las cartas que me escriba en adelante, envíelas a Fermín: – allá iré a leerlas.

¡Creen que vuelvo a mi patria! ¡Mi patria en tanta fosa abierta, en tanta gloria acabada, en tanto honor perdido y vendido. Ya yo no tengo patria: – hasta que la conquiste. – Voy a una tierra extraña, donde no me conocen; y donde, desde que me sospechen, me temerán.<sup>199</sup>

De Havana, Martí conta ao amigo o pesar em estar de volta; considera essa decisão um grave erro. Embora residindo na ilha, não está livre da condição de desterrado. Vive, nesse momento, o exílio mais amargo em sua própria terra. Desse período, suas cartas falam do encontro do sentido de pátria no desterro, certamente, referindo-se aos graus de convivência com outros desterrados e as amizades frutuosas do exílio. Para Mercado, escreve em tom confessional, face ao vazio do tempo – sem alegria para o espírito, pois “aquí ni hablo, ni escribo, ni fuerzas tengo para pensar”:

Primera debilidad, y error grave de mi vida: la vuelta a Cuba. – Hoy, mi pobre Carmen, que tanto lloró por volver, lamenta de haber llorado tanto. –Nadie quiere convencerse de que prever es ver antes que los demás. – Todo me lo compensan mi mujer heroica, y mi lindísimo hijo bastante bello y bastante precoz – ¡mi nube humana de 2 meses! – para consolar todas mis penas. – Pero aquí me veo, sin alegría para el espíritu, queda la pluma y aherrojados los labios, arrastrando difícilmente una vida que se me hace cada día más trabajosa. – Yo no he nacido para vivir en estas tierras. Me hace falta el aire del alma. Hay que refugiarse en la sombra, allí donde está el sol lleno de manchas. ¡La vida española, después de vivir la vida americana! ¡El rebajamiento de los caracteres después de haber visto tantos bosques y tan grandes ríos! ¡El destierro en la patria, mil veces más amargo para los que como yo, han encontrado una patria en el destierro! Aquí ni hablo, ni escribo, ni fuerzas tengo para pensar.<sup>200</sup>

Nas missivas, podemos encontrar mostras vivas da amizade firmada entre Martí e Mercado. Os laços desde o convívio no México se fortaleceram ao longo dos anos, e a troca de correspondência é sua prova material. Tais laços afetivos foram adensados pelas lembranças do afeto – retratos, livros e sonhos em comum. As cartas de Martí reiteram o convívio da lembrança em respostas mais extensas, quando possa suprir a ausência pelos detalhes da vida cotidiana; em suma, é uma afinidade que ameniza necessidades do espírito. Ainda que se encontrem hiatos no tempo das cartas, a lembrança do vivido revigora os afetos. Ao amigo, confessa que “Alguna vez he de decir en verso todas estas cosas, porque en verso están bien, y son versos ellas mismas”:

<sup>199</sup> Trecho da carta datada em 6 de julho de 1878, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 123-124.

<sup>200</sup> Trecho da carta para Manuel Mercado em 17 de janeiro de 1879, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 153.

Mi hermano queridísimo. –

Va para años que no ve V. letra mía: y, sin embargo, no tiene mi alma compañero más activo, ni confidente más amado que V. – Todo se lo consulto, y no hago cosa ni escribo palabra sin pensar en si le sería agradable si la viese. Y cuente de veras con que si algo mío creyera yo que habría de desagradar a V. – no lo haría de fijo. Pero no se me ocurre nada, ni pongo en planta nada, que no vaya seguro, si obra de actividad, de su aplauso; – si pecado, porque soy pecador, por humano, – de su indulgencia. Este comercio me es dulce. Este agradecimiento de mi alma a V. que me la quiere, me es sabroso. Su casa es un hogar para mi espíritu. Todos los días me siento a su mesa, sin ocurrírseme que V. puede estar, por mi silencio aparente, enojado conmigo; ni que me recibiría V. fríamente. Y me parece que tengo derecho a V., – por el que doy a V. constante y creciente sobre mí. – No es que me acuerde de V. en marcada hora del día. Es que sé que V. consolaría mis tristezas, si las viera de cerca, y aún siento que las consuela con su afecto lejano: y es debilidad humana, o acaso fortaleza, pensar en lo que redime del dolor al punto en que el dolor se sufre. Por eso estoy pensando constantemente en V. – como viajero fatigado en puerto, y desterrado en patria, y amante de dama que le engaña en aquella que no le engaña cuando él la amaba. Alguna vez he de decir en verso todas estas cosas, porque en verso están bien, y son versos ellas mismas. Ahora no, – porque estoy lleno de penas, y todo iría empapado de lágrimas. –Y yo tengo odio a las obras que entristecen y acobardan. Fortalecer y agrandar vías es la faena del que escribe.<sup>201</sup>

Como *poeta em atos*, Martí compreende a escrita como *faina e sendero*, donde se podem fortalecer homens e mulheres para a vida. O exercício da escrita é componente também de um estado de espírito: num momento em que a vida lhe cai com muitas penas, Martí, escolhe o silêncio. Esse silêncio anunciado ao iniciar a carta é fonte de fortalecimento e lealdade, já que não seria sincero escrever e não contar ao amigo os pesares da vida.

Por eso no escribo – ni a mi madre, ni a Vd., ni para mí mismo, – porque pensar en las penas quita fuerza para sufrirlas, y ni podría escribirle sin contárselas, porque me parecería deslealtad, ni escribirle para contárselas, por aborrecimiento a querellas femeniles, o por miedo de que mis pesares creciesen, con hablarle de ellos.<sup>202</sup>

Estudando as cartas de Martí a Manuel Mercado, vemos uma relação de estreita amizade entre intelectuais. Mercado, que parecia entender bem a letra complicada do amigo<sup>203</sup>, é uma espécie de editor ou conselheiro para Martí. A partir do momento em que este viaja rumo a Guatemala (1877), é possível encontrar, nas cartas, assuntos relativos a alguns de seus escritos, pedindo a opinião do amigo ou mesmo a tarefa editorial de seus escritos, como o folheto *Guatemala* (Figura 40), dado à estampa em *El Siglo XIX* e pela Imprenta de I.

<sup>201</sup> MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 245-246.

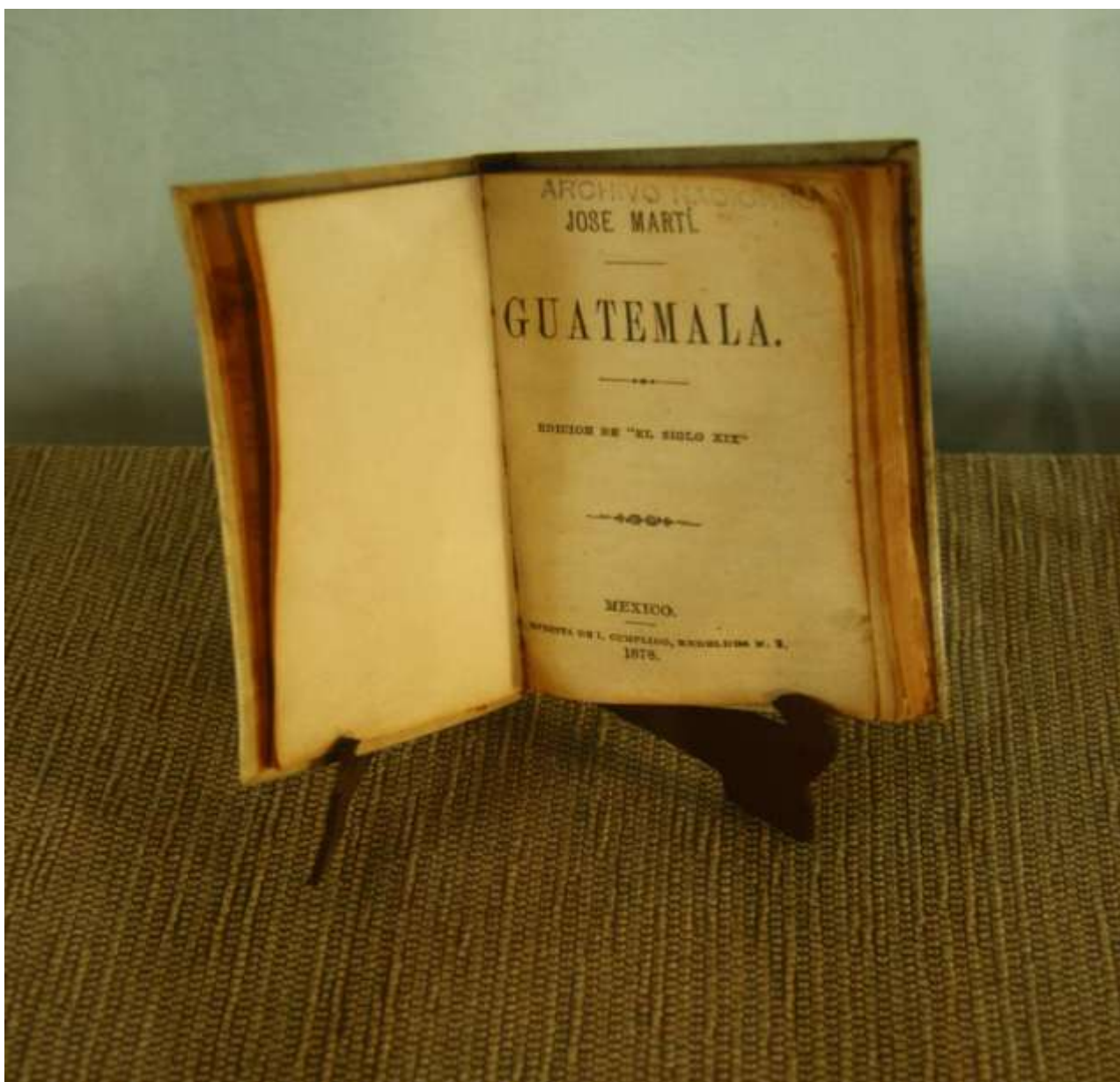
<sup>202</sup> Trecho da carta para Manuel Mercado em 11 de agosto de 1882, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1877). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 245-246.

<sup>203</sup> Ao longo das cartas Martí se queixa constantemente de erros envolvendo troca de palavras em sua correspondência publicada em periódicos, especialmente no *El Partido Liberal* do México. Com o volume de mal entendidos, Martí solicita a Mercado que possa cuidar para que a publicação dos artigos não saia equivocada. Ver em Recados a Manuel Mercado publicado em MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 179.

Cumplido, no México, em 1878.

Tengo ya recibida gran parte del libro, y de él me asombra – no que haya salido con algunas erratas, sino que haya salido con tan pocas: – el cariño de V. penetró mi espíritu, y lo vio a través de mi escritura incomprensible. Quien no supiera quererme no hubiera sabido leer así.<sup>204</sup>

Figura 40 – Folheto Guatemala (1878)



Acervo: Museu Casa Natal José Martí, Havana.

Martí viveu quase sempre em difíceis condições materiais. Durante o período em que residiu em Nova York, trabalhou dois anos no escritório da casa comercial de Carlos

<sup>204</sup> Trecho da carta para Manuel Mercado em 8 de março de 1878, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1877). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 113.

Carranza. O ofício no comércio é a garantia da sobrevivência já que o que ganha escrevendo para o periódico *La Nación*, de Buenos Aires, envia para sua família em Havana.

O estudo de Julio Ramos, ao tratar das condições de possibilidades do discurso martiano e de sua politização, ressalta seu contato com o mundo do trabalho, o regime de mercado e a fragmentação urbana. Para Ramos, quando pretendemos entender melhor a vida de Martí, é preciso insistir no aspecto mundano de sua vida, uma vez que a representação de Martí como herói, e mesmo numa ótica quase religiosa, dificulta o conhecimento de aspectos de sua trajetória.<sup>205</sup>

A experiência em Nova York, a partir de suas ocupações, especialmente nos primeiros anos após sua chegada em 1881, é relevante para essa perspectiva. Até 1887, quando seu trabalho jornalístico já se encontrava reconhecido o suficiente para garantir seu sustento, experimenta uma árdua rotina de trabalho. Para Julio Ramos, o exílio em Nova York agudizou a situação material de Martí, que, por vários anos, não conseguiu viver somente da escrita. No ano de 1884, escreve para Mercado, contando de sua atividade sufocante no comércio onde compreende que as potencialidades do seu trabalho são neutralizadas. “É como tirar água, com um balde sem fundo, de um poço vazio”, diria sobre sua ocupação ao amigo:

Y tengo cosa importante que decirle, aunque no para V., porque entonces ya se lo diría; pero no es para escrita tan de prisa. – Es que ya me voy quedando calvo, y tengo miedo de salir de la vida sin haber tenido ocasión de cumplir mi deber: – Porque no es racional que el que tiene fuerzas para llevar a la espalda un quintal, sea empleado en sacar agua, con un balde sin fondo, de un pozo vacío. – Así anda mi cerebro, entre estos quehacercillos de comercio: – Hemos de enderezarlo.<sup>206</sup>

Martí demora a pedir-lhe ajuda. Somente depois de várias cartas anunciando que tem algo para escrever e que se sente constrangido em fazê-lo, é que fala sobre a possibilidade de se tornar correspondente de periódicos mexicanos. Ressalte-se que, a essa altura, Martí já é correspondente do *La Nación*, de Buenos Aires, e que outros jornais e revistas publicam seus escritos, sem remunerá-lo, apenas replicando livremente material já publicado na imprensa. Além do que, Martí renuncia ao seu cargo no consulado do Uruguai, que também lhe rendia alguns proventos, porque, segundo escreve ao amigo, o Uruguai mantinha relações amistosas com a Espanha.

Martí quer escrever para viver, pois acredita que trabalhar pelas próprias vias, que

<sup>205</sup> RAMOS, Julio. **Desencontros da modernidade na América Latina**: literatura e política no século 19. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 102-103.

<sup>206</sup> Trecho da carta para Manuel Mercado em 1884, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 274.

para ele é a escrita, é a forma possível de dar frutos. E, nesse momento, o meio mais eficaz da escrita como trabalho é o jornalismo. O trabalho no comércio, entendido por Martí como uma ocupação onde facilmente encontra pessoas bruscas e egoístas, vai destruindo inutilmente o potencial de seu labor:

Ahora, ¿querrá V. ayudarme? ¿querrá V. ponerse de mi lado, a ver si puedo, recogiendo labores de aquí y de allá; ya en los periódicos de aquí, ya en los de fuera, evitar el uncirme de nuevo, con estos pensamientos que me queman y estas visiones blancas que me empujan, a una mesa de comercio, en que me iría muriendo; por ser en ellas constantes la brusquedad y el egoísmo, de los que cada muestra y palabra me dan en el corazón, que no sé ya cómo me vive? –De este pensamiento era del que le hablaba desde hace dos años, pensando siempre en una manera de arreglar mis labores, de modo que me permitiesen trabajar en mis propias vías, que es el único modo de dar fruto.<sup>207</sup>

É o próprio Martí quem sugere o trabalho no periodismo. Uma das ideias é escrever largamente como se fosse publicar uma revista. Os assuntos seriam buscados na política, estudos sociais, notícias do mundo das letras, do teatro, resenhas de livros e aspectos peculiares da cultura estadunidense. A ideia é publicar os escritos em vários periódicos latino-americanos em direção a um vasto público em formação, os leitores de *Nuestra América*. Julio Ramos escreve, a partir dessa mesma carta de Martí, sobre o surgimento da crônica na escrita martiana. É a “crônica da vida moderna, produzida para um leitor ‘culto’, desejoso da modernidade estrangeira.”<sup>208</sup> No entanto, ressalta que o gesto publicitário do “moderno”, ligado à ideologia e à forma da viagem importadora, gênero popular entre os seus contemporâneos, não define de todo a Martí, que acaba por levar a crônica a regiões inesperadas, trazendo à tona elementos críticos a modernidade.

Em carta de 1886, indica o que o motiva a permanecer em Nova York, apesar de não estar plenamente satisfeito com sua vida na cidade. Certamente, como sugere Julio Ramos, a vivência de Martí em Nova York muito contribuiu para a radicalização do seu pensamento a partir do momento em que convive com os trabalhadores imigrantes e quando observa em profundidade as entranhas do sistema.

A vida na cidade estadunidense é considerada por Martí como uma espécie de veneno provado em sua batalha diária pela sobrevivência, contudo, sabe que está estabelecido em uma cidade central e cosmopolita. Não pensa em retornar para outro país latino-americano

<sup>207</sup> Trecho da carta para Manuel Mercado em 13 de novembro de 1884, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 286.

<sup>208</sup> RAMOS, Julio. **Desencontros da modernidade na América Latina**: literatura e política no século 19. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 105.

em razão da escassa experiência da *república dos intelectuais* e também não pretende fazer carreira na política ou no mundo jurídico.

As experiências que viveu anteriormente, em países como a Guatemala e a Venezuela, donde sua saída decorre dos posicionamentos políticos contrários aos governos instaurados, também reforçam sua pouca inclinação a partir em busca de outros lugares, pois entende que, quase sempre, encontraria dificuldades para usar livremente seus principais instrumentos de trabalho: o verbo e a pena. A esse respeito diz:

Todo me ata a New York, por lo menos durante algunos años de mi vida: todo me ata a esta copa de veneno: – Vd. No lo sabe bien, porque no ha batallado aquí como yo he batallado; pero la verdad es que todos los días, al llegar la tarde, me siento como comido en lo interior de un tósigo que me echa a andar, me pone el alma en vuelcos, y me invita a salir de mí. Todo yo estallo. De adentro me viene un fuego de fiebre, ávido y seco. Es la muerte a retazos. Sólo los días en que no bajo a negocios, o veo a poca gente, o ando mucho al aire ahora que hay primavera, padezco menos de este horror de espíritu: ¡qué rendas he necesitado tener para sujetar la mente a freno! ¡el día que yo escriba este poema! – Bueno, pues, todo me ata a New York: las consecuencias de los errores políticos de nuestro país; – la cercanía a esa tierra mía, que no sabe de mí, y por la que muero; – la repugnancia a salir a correr nuevas aventuras, con la casa al hombro, que no admite esperas; – la repugnancia, aún mayor, a vivir en países adonde no llevamos arte práctica ni un derecho mecánico a la vida, sino una pequeña inteligencia más, que en esos países sobra, y sólo da de comer cuando se pone en alquiler o en venta para usos de gobierno, que a un extranjero están vedados: – todo, más las consecuencias naturales de cinco años de vida en un lugar céntrico, me ata por ahora a New York.– A otras tierras, ya sabe V. por qué no pienso en ir. Mercado literario, aún no hay en ellas, ni tiene por qué haberlo. En el mercado político, yo no me he de poner. En el mercado judicial, los abogados buenos sobran. Ya sé yo que de puro servicial y humilde, un pan siempre habría de conseguir. Pero mis instrumentos de trabajo, que son mi lengua y mi pluma, o habrían de quedarse en el mismo silencio y encogimiento en que están aquí, o habrían de usarse en pro o en contra de asuntos locales en que no tengo derecho ni voluntad de entrar, y en los que, sin embrago, como ya me sucedió en Guatemala y en Venezuela, ni el silencio me es permitido, porque se juzga, cuando ya se tiene cierto nombre y respeto, que es censura al gobierno el silencio decoroso.<sup>209</sup>

Da leitura atenta de suas cartas, podemos perceber, pelo próprio Martí, sua intensa rotina de trabalho e o espaço que a correspondência pessoal ocupa em sua vida: escrever cartas é um modo de se sentir vivo. As cartas ocupam o horário do descanso do corpo, no entanto, escrever é também alento para a alma e a possibilidade de depositar sua fé no outro que o lê.

Ya es más de medianoche, y llevo una hora y media de escribirle. Me siento consolado. De nadie esperaré nunca nada; y si, a ocultas de mí mismo, esperaré algo de alguien, eso es precisamente lo que no he tenido. Pero de V. he tenido siempre, aún en cariño, más de lo que he esperado. Tengo en V. una fe que ya en muchas cosas y

<sup>209</sup> Trecho da carta para Manuel Mercado em 22 de abril de 1886, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 332-333.



hombres he perdido. Veá, pues, como me le doy sin reserva, y respondo, al fin, en parte a lo que desde hace años me viene preguntando, sobre interior de mí mismo. Todo lo que falta se lo diré en cuanto lo vea, que es mucho y mortal: pero yo recojo del suelo mis propios pedazos, y los junto, y ando con ellos como si estuviera vivo.<sup>210</sup>

A carta é, muitas vezes, em face de circunstâncias diversas, um meio de buscar a presença dos interlocutores mais caros. Podemos observar tanto na correspondência para Manuel Mercado como para Miguel F. Viondi,<sup>211</sup> Martí falando das cartas escritas em pensamento, aos amigos de *alma fiel*:

Pero la pluma es una esclavitud – y, aunque parezca pueril, sufro por tener que escribir mal con la pluma lo que con mi pensamiento agradecido escribo bien. – Estas cartas no escritas deben haber llegado a ellos – si tiene alma fiel. De querer, podré dejar. – De agradecer, no dejaré jamás. – Es tal vez la alegría más grande que me llevaré de la tierra: la bondad de los hombres.<sup>212</sup>

É o que se observa também no escrito ao amigo Gabriel de Zéndengui<sup>213</sup> sobre as amorosas cartas que não chegam, visto que o pensamento “no gusta de manos, sino de alas”:

Mi querido Gabriel.

Si los vientos han sido leales, te habrán llevado una amorosa carta mía. Te la debo especialmente, y te la he pagado muchas veces. Si el pensamiento no va a la pluma, sino al aire, es porque no gusta de manos, sino de alas.<sup>214</sup>

A intensa escrita epistolar, como é evidente, não supre a ausência do outro na vida de Martí. Para se dedicar à escrita dos afetos distantes, nunca lhe sobram horas de calma: é sempre uma escrita entrecortada, roubada ao tempo do trabalho, minutos antes de o correio

<sup>210</sup> Trecho da carta para Manuel Mercado em 22 de abril de 1886, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 334.

<sup>211</sup> Miguel Francisco y Vera Viondi (1846-1919), advogado cubano. Nasceu em Havana e estudou no colégio El Salvador, de José de La Luz y Caballero. Em 1870 se graduou como advogado. José Martí conheceu Miguel F. Viondi em 1878 quando foi trabalhar em seu escritório, em Havana, Empedrado n.º 2, esquina com Mercaderes, onde conspirou pela independência de Cuba juntamente com Juan Gualberto Gómez, que também trabalhava no mesmo escritório. Apesar das diferenças ideológicas, Martí e Viondi viveram grande amizade. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 6. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002. p. 248.

<sup>212</sup> Trecho da carta enviada em 24 de abril de 1880 a Miguel F. Viondi, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 178.

<sup>213</sup> Gabriel de Zéndengui y Gamba (1851-1922), advogado, poeta e jornalista cubano. Kursou seus estudos no colégio *San Francisco de Asís*, em Havana, os quais precisou interromper por conta da Guerra dos Dez Anos (1868-1878). Continuou seus estudos na Espanha, onde recebeu o título de advogado, retornou a Havana e depois viajou a Nova York. Em 1888, estabeleceu-se na Argentina, onde foi redator do periódico *La Nación*, de Buenos Aires, e, posteriormente, correspondente em Londres. Foi um dos poucos amigos a quem Martí tratou de maneira mais informal (tu). MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 13. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 261.

<sup>214</sup> Trecho da carta enviada em 1º de dezembro de 1881 a Gabriel de Zéndengui, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 213.

fechar ou mesmo nas noites após um dia de muitos afazeres. No papel, não cabe tudo o que se pensa, e as cartas parecem sempre curtas, como escreve a Diego Jugo Ramírez<sup>215</sup> em dezembro de 1881:

Yo no le he escrito, Jugo, porque quería escribirle sin premura, y con regalo. Esperaba en vano como siempre, horas de calma. Aquí el trabajo; allí el dolor, que es un mayor trabajo, me echaban apresurado y fatigado sobre la hora del correo. Para decir cuánto quería, no tenía tiempo. Para no decirlo, no debía escribir. Tengo tal fe en mis agradecimientos, que sé que aquellos que me los han inspirado han de sentirlos, aun cuando yo no se los diga.  
Y luego – las cartas me parecen siempre pequeñas. Esto viene de haber vivido tanto en cárcel; que me fatigo de ellas.<sup>216</sup>

A escrita é também árduo trabalho, fonte de sobrevivência, consumindo os dias e as noites. Tal é expresso para seus destinatários, a quem confessa que o ofício da escrita, por vezes, impede o prazer da carta do afeto. Para Amador Esteva,<sup>217</sup> em julho de 1889, escreve: “aunque de tanto escribir le tengo ya ojeriza a la pluma, y se quedan por eso los que más quiero sin mis cartas<sup>218</sup> e, para Juan Bonilla,<sup>219</sup> em carta de agosto de 1889, completa essa ideia: “Vd. no tiene por qué saber que de tanto escribir ha llegado a parecerme el papel vehículo pobre para los afectos mejores del alma.”<sup>220</sup>

Na escrita das cartas para suas afinidades eletivas sobressai o traço do afeto e o desejo de compartilhar sensibilidades. Trataremos no tópico seguinte, do intercâmbio de

<sup>215</sup> Diego Jugo Ramírez (1836-1903), escritor, militar e político venezuelano. Estudou Filosofia no Colégio Nacional de Maracaibo. Em 1858, cursou a carreira militar na Academia de Matemáticas de Caracas e serviu ao exército até 1863, quando se retirou com o grado de coronel. Desempenhou diversos cargos públicos na Venezuela, inclusive no governo de Antonio Guzmán Blanco. Reuniu parte de sua obra lírica em vários volumes como *Violetas, páginas de juventude* (1879), *Arpegios* (1879) e *Hojas de estío* (1884). Foi membro da *Academia Venezolana de la Lengua* (1900). Fonte: MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 13. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 227.

<sup>216</sup> Trecho de carta enviada em 9 de dezembro de 1881 a Diego Jugo Ramírez, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 218.

<sup>217</sup> Amador Esteva y Mestre (1846-1909). Natural de Santiago de Cuba, Amador Esteva, emigra para os Estados Unidos, se estabelecendo na cidade de Nova York onde conhece Martí. Retorna a Cuba e se instala na cidade de Guantánamo. No ano de 1889, Martí envia vinte exemplares da *Revista La Edad de Oro* no intuito de que Amador possa buscar um agente em Guantánamo para a circulação da Revista, tarefa que, ao que parece, o próprio amigo se encarregou. PASCUAL, Luis García. **Entorno martiano**. La Habana: Ediciones Abril, 2003. p. 88.

<sup>218</sup> Trecho da carta para Amador Esteva em 27 de julho de 1889, publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 349-350.

<sup>219</sup> Juan Bonilla (1869-?). Nasceu em Cayo Hueso, reduto da imigração cubana, e ali realizou os primeiros estudos de inglês e espanhol. Em 1881 se muda para Nova York onde anos depois conhece José Martí. Foi fundador em Nova York da Sociedad de Instrucción y Recreo, La Liga, onde também deu aulas Martí. Colaborou nos periódicos *El Pueblo*, na *Revista de Cayo Hueso*, *La Fraternidad* (Havana) e *La Igualdad* (Havana). Foi subdiretor do periódico patriota *La Verdad*. Colaborou com José Martí nas tarefas organizativas para a independência de Cuba. Em Havana, publicou um pequeno livro intitulado *Cartas de José Martí a Juan Bonilla*. PASCUAL, Luis García. **Entorno martiano**. La Habana: Ediciones Abril, 2003, p. 41-42.

<sup>220</sup> Trecho da carta para Juan Bonilla em 15 de agosto de 1889, publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 351-352.

livros e leituras como sugerido largamente no Epistolário analisado.

### 3. Rastros de leituras

Nas cartas enviadas por Martí, são constantes as referências de leituras e autores, característica central em sua escrita epistolar. Martí é o dedicado leitor que cruza as leituras com a experiência vivida. Neste tópico de nosso trabalho, oferecemos uma mostra de suas leituras afirmadas em cartas, como os seguintes autores: Miguel de Cervantes, José Echegaray, Thomas Gage, José Maria Heredia, Mark Twain, Walt Whitman, Domingo Faustino Sarmiento, Victor Hugo, Heinrich Heine, Julio Verne, José de la Luz y Caballero, Lord Byron, Charles Dudley Warner, Henriette Guizot de Witt e Ralph Waldo Emerson.

As leituras informam, muitas vezes, a composição da escrita sensível aos destinatários, como é exemplo em carta enviada a Manuel Mercado, quando pede opinião ao amigo sobre o folheto *Guatemala*, Martí refere-se a Miguel de Cervantes e a dedicatória na novela *Los trabajos de Persiles y Sigismunda (1616)*.<sup>221</sup>

Hermano mío.–

Como Cervantes, con el pie en el estribo, pero, – no como él, – en el estribo de la vida, – allá le envío, para que sufra, trabaje y me perdone unos borradores recompuestos del según folletín.– No sé como saldrá V. de ese apuro.<sup>222</sup>

Desde Havana, em 1878, escreve outra vez para Mercado lembrando o envio de alguns trechos de um livro de Thomas Gage (1597-1656). Thomas Gage, missionário inglês, viajou por lugares da América como Guatemala, Nicarágua, Costa Rica e, ao longo de doze anos, atuou como professor de latim no convento de Chiapas.

O trecho da obra de Thomas Gage que envia para o amigo é, provavelmente, extraído do livro *Nueva relación que contiene los viajes de Tomás Gage en la Nueva España*, publicado em Paris, no ano de 1838 (Figura 41).<sup>223</sup>

– Anda mal mi memoria, y toda clase de penas – menos las de amor – me la traen mal barajada; pero me parece recordar que en carta mía de Guatemala, le envié copia de unos reglones del libro de Gage, divertidísimo por cierto, que me sugirieron este pensamiento.

– Sería un cuadrito que bien pudiera ir a París: intencionado por el asunto, – y –

<sup>221</sup> Referência à dedicatória de Miguel de Cervantes para Pedro Fernández de Castro. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 195, nota 2.

<sup>222</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 195.

<sup>223</sup> MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1877). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 130, nota 7.

como pocos – ocasionado a multiplicidad y riqueza de detalles. Y a estudios de expresión: ante un prior mundano un neófito candoroso. – <sup>224</sup>

Os livros participam dos laços de amizade entre os correspondentes. Receber livros e cartas é uma festa para o espírito, um presente raro que fortalece as relações sensíveis entre remetente e destinatário. No entanto, é preciso assinalar que o fato se explica também como estratégia de difusão do livro, estabelecendo preferências comuns e material para as resenhas, crônicas e outros escritos nos jornais e gazetas em que estes intelectuais mantêm sua faina. No ano de 1886, Manuel Mercado envia dois livros do escritor Guillermo Prieto (1818-1897) que, assim como Martí, havia colaborado na *Revista Universal*.

Os livros que recebe de Mercado, e sobre os quais promete ajudar a fazer conhecidos em outras terras da América, são, provavelmente, as duas obras poéticas de mais destaque de Guillermo Prieto: *La musa callejera* e *Romancero nacional*, do qual podemos ver a folha de rosto na figura 42.<sup>225</sup> Como se vê, o escritor atesta o júbilo e assegura fazer sua difusão:

Mi Hermano cariñoso.  
Unas líneas p<sup>a</sup> acompañar la carta.  
La suya me llegó, y la leí más de una vez. Le estimo muchísimo los dos libros de Guillermo Prieto, que leeré con gozo, y como manjar de regalo, – y ayudaré a hacerlos conocidos en las otras tierras de América. Yo mismo, impaciente, fui a buscarlos a casa de Alvarado. – <sup>226</sup>

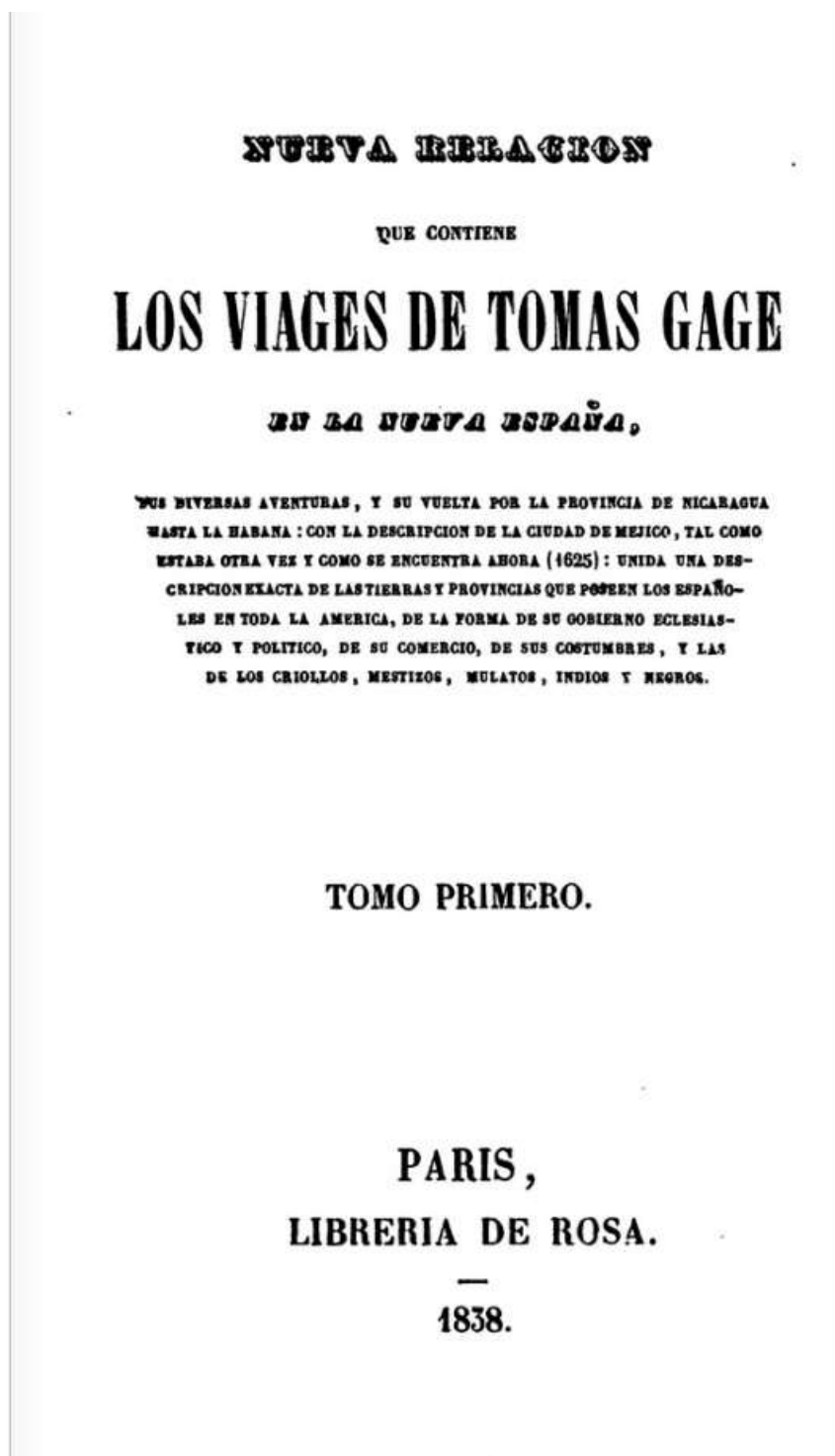
---

<sup>224</sup> *Ibid.*, p. 130.

<sup>225</sup> MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1877). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 358, nota 2.

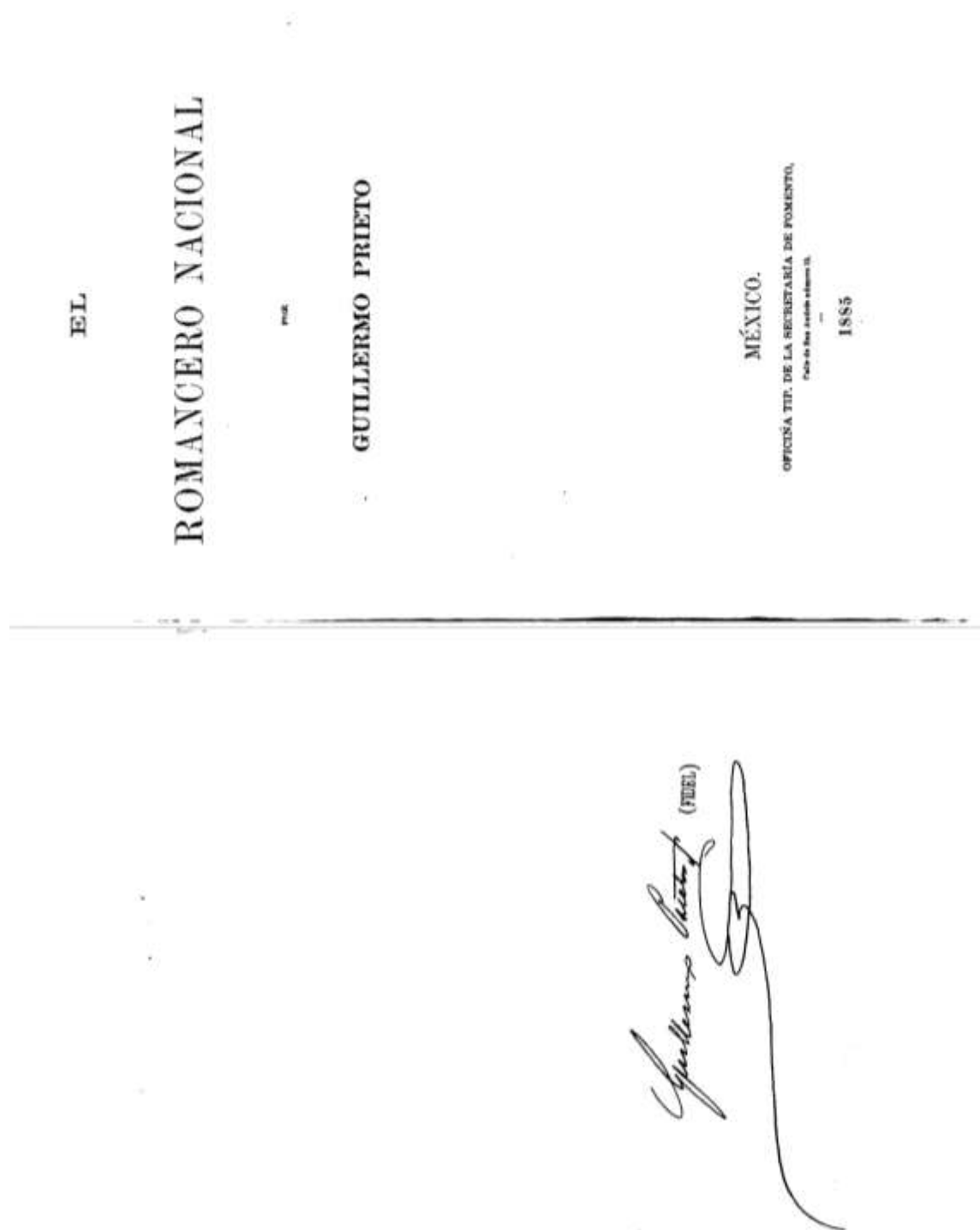
<sup>226</sup> *Ibid.*, p. 358.

Figura 41 – Folha de rosto do livro *Nueva relación que contiene los viajes de Tomas Gage de la Nueva España* (1838).<sup>227</sup>



<sup>227</sup> GAGE, Tomas. *Nueva relación que contiene los viajes de Tomas Gage en la nueva España*. Paris: Libreria de Rosa, 1938. Disponível em: <<http://archive.org/details/nuevarelacionqu00gagegoog>>. Acesso em: 28 de maio de 2013.

Figura 42 – Folha de rosto do livro *El Romancero Nacional* (1885).<sup>228</sup>



Pelo que se demonstra neste trabalho, as cartas entre Martí e Manuel Mercado testemunham sua relação fraternal, o que já se chamou aqui de *família epistolar* é afirmado de muitos modos, inclusive no afeto estendido à família de sangue do amigo. Atento às leituras

<sup>228</sup> PRIETO, Guillermo. **El romancero nacional**. Disponível em: <<http://archive.org/stream/elromanceronaci01priegoog#page/n11/mode/2up>>. Acesso em: 28 de maio de 2013.

de seu tempo e também envolvido em tarefas intelectuais como a tradução, Martí sugere alguns títulos para a formação de Manuel, filho de Mercado. O livro é forma exemplar, modelo de vida que, no entanto, não supera a própria experiência: pensa em enviar ao amigo a tradução do livro *John Halifax, Gentleman* (Figura 43), da romancista e poetisa inglesa Dinah Maria Mulock Craik:

–Y ¿qué piensa su hijo Manuel del indio Alejandro? Para que él la lea voy a traducir del inglés, del inglés de Inglaterra, un hermosísimo libro: *John Halifax, caballero*. Enseña amablemente el arte de ser hombre. Aunque no sé yo qué tenga que ir a buscar en libros quien tiene el mejor ejemplo en casa.<sup>229</sup>

Ao longo do século XIX, produziram-se modificações nas práticas sociais de leitura, em variadas formas. Inclusive em causa dos novos modos de circulação do impresso. Larga história da tipografia, do livro e da leitura indica os principais vetores do século neste campo – a instalação de novos prelos, o surgimento de casas editoras, o incremento do comércio livreiro, a ampliação, no espaço urbano, dos lugares da convivialidade literária, a ampliação do público leitor, as mudanças nos hábitos e usos da leitura; são alguns elementos que ressaltam dos estudos de história social do livro e da leitura. Para fins do nosso trabalho, ressaltamos as novas práticas construídas desde os de baixo: o impulso de uma imprensa dos trabalhadores, de cariz radical e repercutindo as novas palavras do século; as diversas práticas de difusão do livro, como é o caso da leitura em voz alta, inclusive nas fábricas de charuto em Cuba, com o significativo costume do *lector*. Como nos demonstra Jesús A. Martínez Martín, as mudanças, neste campo, também se relacionam ao aumento de uma oferta de livros mais baratos e de leitura diversificada, assim como ao aumento da alfabetização. O alargamento da base social de leitores acabou permitindo a superação da minoria ilustrada, como o século havia iniciado, e uma diversificação nos coletivos sociais de leitores. Com esse aumento de leitores, amplia-se também o comércio livreiro, atento aos novos temas e às imaginações sociais, de geração e de gênero, afinal as mulheres, as crianças e os operários sabiam ler e escrever.<sup>230</sup>

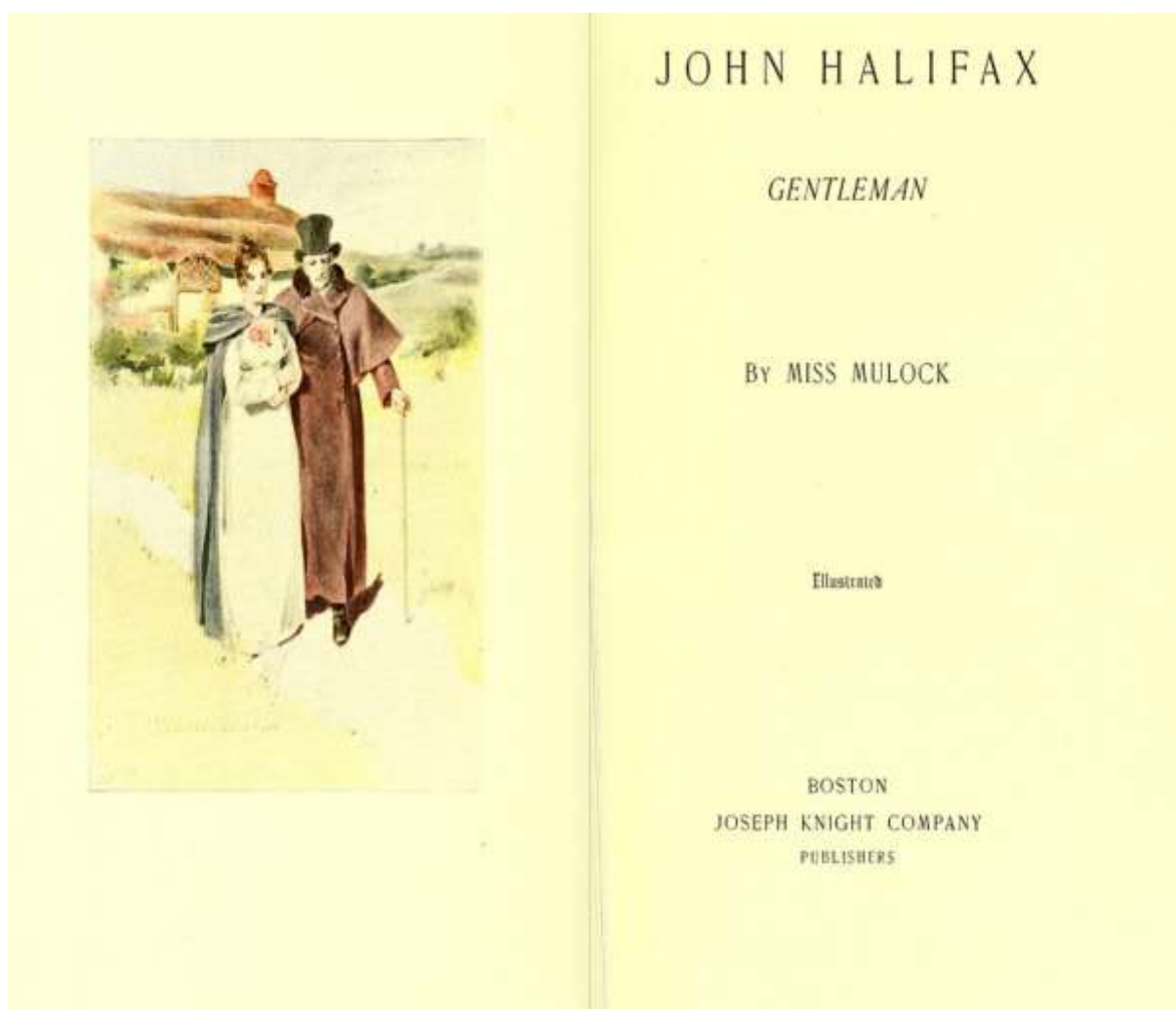
Nesse mundo ampliado do livro e da leitura, Martí é exemplo do autodidata, leitor ávido por compreender o verbo do século, as novas palavras e a força da imaginação, ativada pela palavra impressa e pelo verbo radical que passaria agora de mão em mão nos modestos jornais, nas brochuras, opúsculos e outros registros da cultura impressa. Outra vez, Martí

<sup>229</sup> MARTÍ, José. **Epistolario**: obras completas. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 133.

<sup>230</sup> MARTÍN, Jesús A. Martínez. (Dir). **Historia de la edición en España**: 1836-1936. Madrid: Marcial Pons, 2001. p. 462.

presenteia o filho do amigo Mercado com o livro *Yankee in King Arthur's Court* (Figura 44), de Mark Twain: “Para Manuel tengo un libro de año nuevo – ‘El Yankee’ de Mark Twain. Para Ud., es todo libro abierto, Su J. Martí.”<sup>231</sup> Que se veja aí também o esforço de leitura dos originais, o que supõe alguma atitude cosmopolita, em relação ao conhecimento de outras línguas; o que logo também incidiria em seu trabalho de tradução, como demonstrado neste trabalho.

Figura 43 – Folha de rosto do livro *John Halifax, Gentleman* (1892).<sup>232</sup>

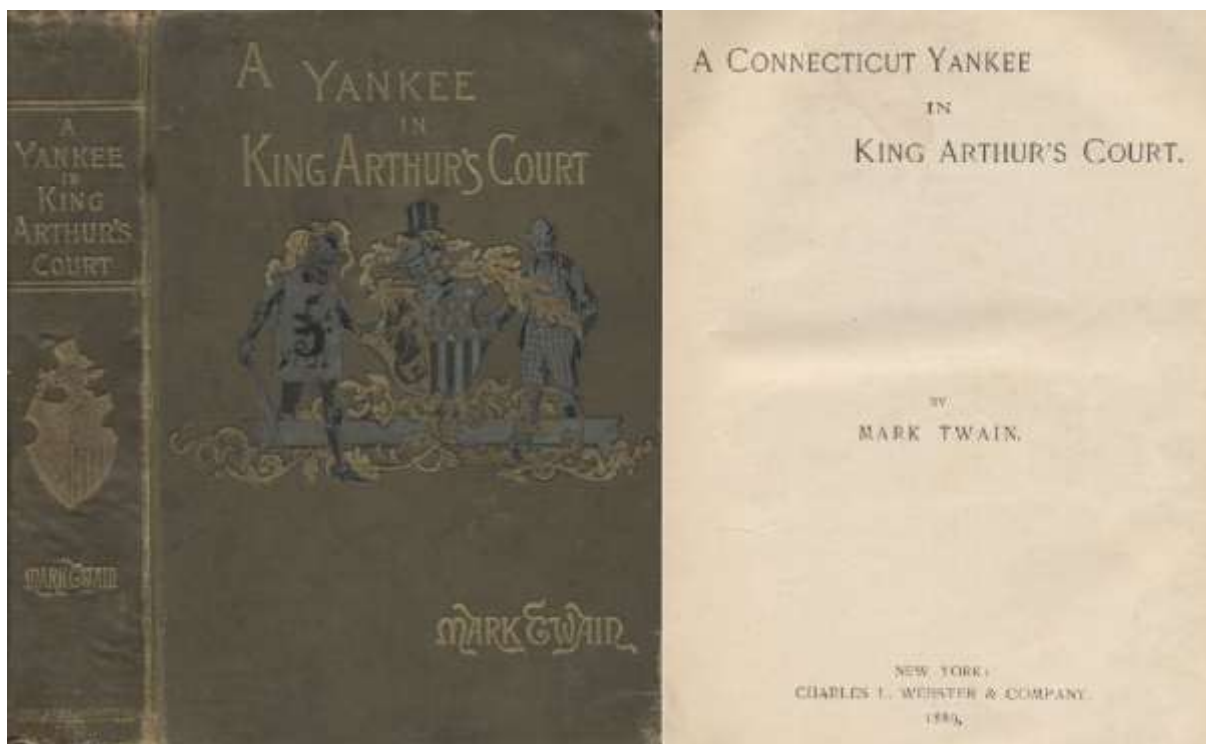


<sup>231</sup> MARTÍ, José. **Epistolario**: obras completas. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 144.

<sup>232</sup> MULOCK, Miss. **John Halifax**: gentleman. Boston: Joseph Knight Company, 1892. Disponível em: <<http://archive.org/stream/johnhalifaxgentlcrai#page/n7/mode/2up>>. Acesso em: 28 de maio de 2013.



Figura 44 – Capa e folha de rosto de *A Yankee in King Arthur's Court* (1889).<sup>233</sup>



Um gênero de leitura que se popularizou bastante, ao longo do século XIX, foram as publicações em forma de folhetim. O romance-folhetim tem sua primeira fase entre os anos de 1836 e 1850, quando se origina na França. O sucesso na forma de edição seriada vai generalizar o modo de publicação de ficção: os romances passam a ser publicados nos jornais ou revistas em forma de folhetim, antes mesmo de circularem em formato de livro.<sup>234</sup>

Na segunda metade do século XIX o romance-folhetim como explica Marlyse Meyer, está nos jornais com uma temática variada e títulos sugestivos desse universo ficcional. Por exemplo: *Os segredos de uma grande dama*; *A freira sangrenta*; *A sereia do inferno*; *A bela perigosa*; *Os olhos verdes do morgue*; *O cabelo vermelho*; *O quarto vermelho*; *O guilhotinado estupefato*; *Uma lágrima da guilhotina*; *Os condenados de Java*.<sup>235</sup>

À sua irmã Amelia, Martí aconselha e prescreve códigos de leitura. Ciente da popularidade dos romances de folhetim junto às mulheres, seu comentário se dirige precisamente ao problema da recepção da leitura do que (des)qualifica como *novelas vulgares*. Aqui, se escuta a voz do escritor classificando os que escrevem tais novelas porque “no son capaces de escribir cosas más altas” e invectivando contra o “modo convencional e

<sup>233</sup> TWAIN, Mark. *A yankee in king Arthur's court*. New York: Charles L. Webster & Company, 1889. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/86/86-h/86-h.htm>>. Acesso em: 28 de maio de 2013.

<sup>234</sup> MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 55-59.

<sup>235</sup> *Ibid.*, p. 95.

irreflexivo de describir pasiones que no existen”;

em síntese, a carta seguinte prescreve o modo da leitura, hierarquiza os escritos e deprecia as novelas que se nutrem de *afectillos de librefjos*:

Ve que yo soy un excelente médico de almas, y te juro, por la cabecita de mi hijo, que eso que te digo es un código de ventura, y que quien olvide mi código no será venturoso. He visto mucho en lo hondo de los demás, y mucho en lo hondo de mí mismo. Aprovecha mis lecciones. No creas, mi hermosa Amelia, en que los cariños que pintan en las novelas vulgares, y apenas hay novela que no lo sea, por escritores que escriben novelas porque no son capaces de escribir cosas más altas – copian realmente la vida, ni son ley de ella. Una mujer joven, que ve escrito que el amor de todas las heroínas de sus libros, o el de sus amigas que los han leído como ella, empieza a modo de relámpago, con un poder devastador y eléctrico – supone, cuando siente la primera dulce simpatía amorosa, que le tocó a su vez en el juego humano, y que su afecto ha de tener las mismas formas, rapidez e intensidad de esos afectillos de librefjos, escritos – créemelo Amelia – por gentes incapaces de poner remedio a las tremendas amarguras que origina su modo convencional e irreflexivo de describir pasiones que no existen, o existen de una manera diferente de aquella con que las describen. ¿Tú ves un árbol? ¿Tú ves cuánto tarda en colgar la naranja dorada, o la granada roja, de la rama gruesa? Pues, ahondando en la vida, se ve que todo sigue el mismo proceso. El amor, como el árbol, ha de pasar de semilla, a arbolillo, a flor y a fruto.<sup>236</sup>

A leitura, em José Martí, é chave do conhecimento. Suas leituras se interpenetram, se completam, pedem novos livros e novos autores, em busca da compreensão do tempo em mudança e da história se abrindo aos costumes sociais e aos elementos da cultura. O interesse de Martí pelo mundo dos livros e da leitura é processo criativo: ler para escrever, para compartilhar conhecimento e transformá-lo em outros impressos. O esforço autodidata se cumpre na busca por uma formação vasta, como veremos adiante.

De Nova York, aonde chegara no início de 1880, após ser deportado pela segunda vez, escreve para Miguel F. Viondi (1846-1919). Martí havia trabalhado no escritório de advocacia de Viondi, em Havana, no ano de 1879, e, apesar das diferenças ideológicas, os dois foram grandes amigos. Nesse ambiente fraterno cultivado por Martí, podemos observar a carta como suporte mediador na circulação do livro: pede ao amigo o envio de três livros e um periódico, logo que os tenha lido. E assim o livro que viaja com destino certo vai tomando seu lugar e ajudando a ampliar as possibilidades do conhecimento. Dentre os exemplares pedidos, estão a biografia do músico norte-americano Louis Moreau Gottschalk – publicada em Havana, 1880, por Luis Ricardo Fors;<sup>237</sup> um livro de versos do cubano Diego Vicente Tejera,

<sup>236</sup> Trecho da carta enviada em janeiro de 1882 a Amelia Martí, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p.224.

<sup>237</sup> MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1877). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 178, nota 8.

provavelmente suas *Poesías Completas*, publicadas em 1879;<sup>238</sup> a coletânea de poemas *Arpas Amigas*, também publicada em 1879, reunindo a poesia de Francisco e Antonio Sellén, Luis Victoriano Betancourt, Enrique José Varona, Esteban Corroero Echeverría, o já citado Diego Vicente Tejera e José Varela Zequeira;<sup>239</sup> e a *Revista de Cuba*, periódico mensal de ciência, literatura e belas artes dirigido por José Antonio Cortina.<sup>240</sup>

Yo supongo que V. comprará los libros que allí vayan saliendo; – y no sé si me querrá aún bastante para enviarme o p<sup>a</sup> hacer que Lladó me envié, luego que V. los lea. – Gottschalk – Los versos de Tejera, – Arpas Amigas y la Revista de Cuba.<sup>241</sup>

O intercâmbio entre os intelectuais do século XIX é intenso, e o ingresso nos círculos literários de um novo país tem os caminhos abertos, muitas vezes, por cartas de apresentação e recomendação: as afinidades dos homens de letras, em geral, produzem um ambiente fraternal que se estende solidariamente aos amigos em comum. Assim acontece com o poeta venezuelano Juan Antonio Pérez Bonalde (1846-1892) quando viaja para Havana, Cuba.<sup>242</sup> Pérez Bonalde e Martí mantêm uma estreita amizade desde Nova York. Em vista da passagem de Bonalde por Havana, Martí envia carta para outro amigo, o cubano Enrique José Varona (1849-1933), pedindo que recepcione o poeta venezuelano.

Martí se vale da circulação do meio intelectual ao qual pertencem para afirmar que, seguramente, Varona conhece o amigo venezuelano. Apesar de ainda não se conhecerem pessoalmente, Martí acredita que Varona conhece a obra de Bonalde e, certamente, *El Poema de Niágara*, cuja segunda edição, em 1882, teve o prólogo escrito por Martí, e ainda as traduções de Heinrich Heine, da lavra de Bonalde.

Es seguro que Vd. le conoce: vea Vd. que era difícil ya cantar al Niágara de una manera original, brillante y durable – y Bonalde lo ha cantado en un poema arrebatado y abundoso, impreso en sus *Ritmos*, que le han valido tantas celebraciones. Ni era más fácil dar cómoda y propia casa española al rebelde y movable espíritu de Heine – y Bonalde se la ha dado, – y luciente y suntuosa. Ni es más fácil que todo eso ser poeta a la par en versos y en obras, – y eso es mi valioso amigo venezolano. Ya los oigo hablar a Vd. y a él, de cosas altas y buenas; y ya me aflijo aquí, en silenciosa amargura, de no hacer yo parte llana al diálogo. Pero a obrar bien, y no a gozar, hemos nacido. Sea V. cariñoso con Bonalde, – aunque él vale tanto que ha de captarse, como cosa propia su cariño. Llévelo adonde sepan

<sup>238</sup> MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1877). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 178, nota 9.

<sup>239</sup> *Ibid.*, p. 178, nota 10.

<sup>240</sup> *Ibid.*, p. 178, nota 11.

<sup>241</sup> Trecho da carta a Miguel F. Viondi em 24 de abril de 1880, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1877). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 175-178.

<sup>242</sup> Provavelmente foi Juan Antonio Pérez Bonalde – que era poliglota e tinha vínculos com a cultura alemã – quem aproximou Martí ao conhecimento da língua e literatura alemã. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 8. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2003. p. 169.

estimarlo. Hágale conocer a nuestros buenos y a nuestros brillantes. Al mejor lo envío: – conqu espero que venga Bonalde contento de mi tierra, que es el menor derecho de quien la ama bien.–<sup>243</sup>

Martí acredita no vigor da palavra em prosa, em versos, em expressão e em ação; ou como diria *sou um poeta em atos*. No prólogo ao *Poema de Niágara*, aponta a fluidez e a sonoridade com que o poeta venezuelano escreve e destaca a qualidade da escrita poética ressaltada nos modos de dizer nas tertúlias e noutras formas de difusão da leitura.

Martí exercita sua leitura e seu pendor à crítica literária desde o México, como se vê na *Revista Universal* com relação às obras de Echegaray: *El libro talonario* (1877) e *La esposa del vengador* (1875).<sup>244</sup> Também desenvolveu sua crítica às artes, em Nova York, em 1880, no periódico *The Hour*, onde examina por escrito estilos e escolas, desde a pintura renascentista e moderna da Europa, e ainda da arte contemporânea estadunidense.<sup>245</sup> Para Cintio Vitier, a concepção de crítica em Martí não foi uma noção teórica apartada das necessidades éticas da ação, e sim, uma leitura fundamentada no melhoramento dos homens.<sup>246</sup>

Y Pérez Bonalde ama su lengua, y la acaricia, y la castiga; que no hay placer como este de saber de dónde viene cada palabra que se usa, y a cuánto alcanza; ni hay nada mejor para agrandar y robustecer la mente que el estudio esmerado y la aplicación oportuna del lenguaje. Siente uno, luego de escribir, orgullo de escultor y de pintor. Es la dicción de este poema redonda y hermosa; la factura amplia; el lienzo extenso; los colores a prueba de sol. La frase llega a alto, como que viene de hondo, y cae rota en colores, o plegada con majestad, o fragosa como las aguas que retrata. A veces, con la prisa de alcanzar la imagen fugitiva, el verso queda sin concluir, o concluido con premura. Pero la alteza es constante. Hay ola, y ala. Mima Pérez Bonalde lo que escribe; pero no es, ni quiere serlo, poeta cincelador. Gusta, por de contado, de que el verso brote de su pluma sonoro, bien acuñado, acicalado, mas no se pondrá como otros frente al verso, con martillo de oro y buril de plata, y enseres de cortar y desajar, a mellar aquí un extremo, a fortificar allí una juntura, a abrillantar y redondear la joya, sin ver que si el diamante sufre talla, moriría la perla de ella. El verso es perla. No han de ser los versos como la rosa centifolia, toda llena de hojas, sino como el jazmín del Malabar, muy cargado de esencias. La hoja debe ser nítida, perfumada, sólida, tersa. Cada vasillo suyo ha de ser un vaso de aromas. El verso, por dondequiera que se quiebre, ha de dar luz y perfume.<sup>247</sup>

Ainda referindo a obra de Juan Pérez Bonalde, Martí escreve para Enrique José

<sup>243</sup> Trecho da carta enviada a Enrique José Varona em 1º de dezembro de 1881, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1877). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 215.

<sup>244</sup> VITIER, Cintio. **Vida y obra del apóstol José Martí**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2006. p. 179.

<sup>245</sup> RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. **De todas partes: perfiles de José Martí**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2012. p. 125-128.

<sup>246</sup> VITIER, *op. cit.*, p. 181.

<sup>247</sup> Trecho do prólogo ao *Poema de Niágara* de Juan Pérez Bonalde publicado em MARTÍ, José. **Obras completas: edición crítica**. t. 8. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2003. p. 156.

Varona sobre a dificuldade em cantar ao Niágara de maneira original e brilhante, em referência à *Oda al Niágara* do cubano José Maria Heredia, poeta símbolo da luta contra a dominação colonial espanhola. José Martí, como se sabe, evoca a força simbólica dos mártires, campo fértil ao poema insurrecto.

Em carta de 1889, ao cubano Enrique Trujillo<sup>248</sup> (1850-1903), desterrado por conspirar contra o colonialismo em 1879, sugere uma velada social sobre José Maria Heredia, a quem Martí classifica como homem de força bolivariana. Na carta, aponta o programa da velada social: no inverno, a alma aquecida e um acalento ao coração em uma noite de Heredia e seu verbo bolivariano. Uma tertúlia no melhor estilo da retórica radical, quando se dizem poemas, se recuperam os fatos exemplares e a memória é atualizada como fermento das ideias independentistas.

Amigo mío:

¿Y qué le puedo yo responder a mi amigo generoso de Santiago de Cuba? Cuanto quiera de mí le he de dar, si eso le ayuda a la idea noble de ponerle lápida a la calle de Heredia.

Yo creo en el culto de los mártires. ¿Quién, si no cumple con su deber, leerá el nombre de Heredia sin rubor? ¿Qué cubano no se sabe de memoria algunos de sus versos, ni por quién sino por él y por los hombres de sus ideas, tiene Cuba derecho al respeto universal?

Él era de los de fuerza bolivariana y tuvo a la vez el fuego del libertador y el de sus poetas.

¿Cuándo le habremos pagado los cubanos lo que le debemos?

Más podríamos hacer aquí todavía.

El invierno es triste y necesitamos ponerle algún fuego al corazón.

¿Por qué no nos juntamos nosotros en una noche de Heredia?

Vd., que ya lo hizo otra vez con lucimiento, puede contarnos su vida; otro nos hablaría de sus obras y de su tiempo; quién podría leer la oda Al Niágara; para otras poesías encontraríamos lectores y pudiéramos poner en escena “Los últimos Romanos”.

A la puerta pediríamos una limosna para la lápida.

Queda sirviéndole y agradecido a su generoso amigo de Cuba, su paisano afectísimo,

José Martí<sup>249</sup>

<sup>248</sup> Enrique Trujillo foi deportado para a Espanha no ano de 1879 de onde escapou em 1880. Posteriormente se estabeleceu em Nova York, EUA. Editou os periódicos *El Avisador Cubano* (1885 e 1888) e *El Porvenir* (1890). A amizade entre Trujillo e Martí sofreu um golpe quando Enrique Trujillo acompanhou, em agosto de 1891, a esposa de Martí, Carmen Zayas-Bazán, e o filho do casal, José Francisco, até o Consulado da Espanha para que Carmen solicitasse proteção e a volta dela e do filho para Cuba. Posteriormente Trujillo empreendeu uma campanha nos jornais contrária ao Partido Revolucionário Cubano (PRC) e a José Martí. PASCUAL, Luis García. **Entorno martiano**. La Habana: Ediciones Abril, 2003. p. 251.

<sup>249</sup> Carta a Enrique Trujillo em novembro de 1889, publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 355.

Com Néstor Ponce de León, troca cartas e bilhetes em que, geralmente, o assunto dos livros é o elo entre suas vidas intelectuais. Em janeiro de 1886, uma carta tece comentários a três obras: um dicionário<sup>250</sup> editado por Néstor Ponce de León ao qual Martí qualifica como “uma obra de caridade”; uma Gramática da língua *kíggara*;<sup>251</sup> e do livro *Cuba Primitiva*<sup>252</sup> de Antonio Bachiller y Morales.

É possível encontrar na correspondência de Martí várias passagens que tratam do empréstimo de livros – provavelmente da biblioteca pessoal de Ponce de León–, das sugestões de leituras e dos programas das tertúlias literárias em Nova York. Ponce de León é convidado por Martí, em dezembro de 1890, para uma velada literária noturna para dizer adeus, *com café e versos*<sup>253</sup>, a Francisco Chacón:

Néstor, y señor:

No quisiera que Francisco Chacón, que lo quiere a Vd. como merece, se fuese de New York sin tener ocasión de subir, el sábado próximo a las ocho de la noche, al cuarto piso donde nos dan hospitalidad, y donde él y otros criminales van a leer algunos versos. No me atrevo a pedir a su musa, tan feliz como esquiva, que le ponga en el bolsillo alguna de sus obras, aunque Vd. se lo dirá en secreto, por si se deja ablandar, y se nos aparece Vd. con ocho o diez, y no menos, composiciones suyas. Pero sí deseo que no tenga Vd. ese sábado nada que hacer, no de veras ni de excusas, y suba sin murmurar al piso más alto de la casa 361 Oeste, calle 58. –Y si no va, creeré que desdeña Vd. visitar a los pobres.

No le ha de decir que no, ni a Chacón, ni a su amigo

José Martí<sup>254</sup>

De café e versos, as sociabilidades literárias se vão nutrindo nas leituras compartilhadas nas tertúlias. Ao longo desta pesquisa, esse é um tema de destaque, confirmando os modos intelectuais do século XIX. Jesús A. Martínez Martín e outros estudiosos apontam também as livrarias como espaço social e núcleos da vida intelectual

<sup>250</sup> Nestor Ponce de León é autor e editor de um Dicionário tecnológico, em inglês e espanhol, em dois volumes. MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 320, nota 1.

<sup>251</sup> Na carta Martí escreve “Le he de agradecer que salude en mi nombre al Sr. Don Antonio, en quien pensaba ayer especialmente, leyendo el sabrosísimo prólogo de una *Gramática* de la lengua *kíggara* que acaba de mandarme en padre Caledón, a quien él seguro conoce”. Carta de 27 de janeiro de 1886 a Nestor Ponde de León, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 320-321.

<sup>252</sup> Cuba Primitiva. Oríem, lengua, tradiciones e historia de los índios de las Antillas Mayeres, y las Lucayas, por Antonio Bachiller y Morales. Habana, 1883. Fonte: MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 337, nota 64.

<sup>253</sup> Assim Martí qualificada a velada literária de despedida de Francisco Chacón em carta de 11 de dezembro de 1890 a R. L. Miranda, publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 375.

<sup>254</sup> Carta de 11 de dezembro de 1890 a Néstor Ponce de León, publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 376.

oitocentista. Espaços onde se atualizam face às novidades do mundo europeu e as ideias em voga no fim do século.<sup>255</sup>

A leitura em voz alta, ou *lectura em coro*, como sugere Martí em uma das cartas, é prática corrente no âmbito das tertúlias. A leitura compartilhada, pública ou coletiva, como forma de difusão da cultura impressa atualiza costume de há muito praticado em outros espaços, tem sua coreografia garantida nas tertúlias e veladas sociais. Nos marcos de sociabilidade oitocentista, esse tipo de leitura era uma expressão de atividade coletiva nas veladas e utilizada como recurso pedagógico em diversas sociedades de ensino mútuo. São exemplos dessas leituras propiciadas pelas Sociedades e Ateneus, o *Liceo Artístico y Literario de Madrid*, este muito mais um círculo de recreio cultural e artístico à diferença de alguns ateneus que, em suas práticas de conferências e leituras comentadas, exercitavam um verbo político, de contestação.

Além das veladas compartilhadas entre Néstor Ponce de León e Martí, são comuns os pedidos de livros, como dito. Um livro de autoria de Thomas Gage, autor já citado em carta para Manuel Mercado, é o pedido em carta a *Don Néstor*. Martí é também, ao que parece nos recados, uma ponte entre Ponce de León e outros com interesse na aquisição de livros. Pelo que se deduz, que Ponce de León participa do mercado livreiro. É o caso da pequena carta de outubro de 1891:

Mi señor Don Néstor:

El Sr. Vicente Quesada, Ministro argentino y caballero de las letras, como que sólo Vd. Podría conocer tan bien como él las de la colonia, quiere saber si Vd. tiene el libro de Tomás Gage sobre viajes, – los viajes que hizo disfrazado de clérigo – por México y Centro América. Y quiere más el Sr. Quesada, y es que, si tiene Vd. la obra, – creo que es en dos volúmenes, edición francesa, se sirva enviársela, con la cuenta, al Hotel Clarendon.<sup>256</sup>

Ao que podemos constatar na correspondência, Ponce de León tem trânsito frequente entre Nova York e Havana. Martí, que se despede em carta de abril de 1893 como *seu leitor agradecido e carinhoso*, mantém estreita relação com Ponce de León, e o elo, como se vê, são os livros. Néstor é o compilador de documentos, conhecedor da iconografia e demais elementos de culto da história e geografia do período e, certamente, o bom informante dos lugares da bibliofilia. Martí refere aos seus compêndios no periódico *Patria*, a saber: *The*

<sup>255</sup> MARTÍN, Jesús A. Martínez. **Historia de la edición en España: 1836-1936**. Madrid: Marcial Pons, 2001. p. 458.

<sup>256</sup> Carta de 30 de outubro de 1891 a Néstor Ponce de León, publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 391.

*Collumbus Gallery. "The Discovery of the New World" as represented in portraits, monuments, statues, medals and paintings. Historical description by Néstor Ponce de León, New York, 1893;*<sup>257</sup> e *The Caravels of Columbus; compiled from original documents by Néstor Ponce de León, New York, 1893.*<sup>258</sup>

Amigo mío:

Recibo en la cama sus cariñosas líneas, que son paga doble de las que puse en *Patria* sobre su lucida *Galería* porque el gusto de leerla me las había pagado de antemano, y el de ver enriquecida con libro de ese orden y lujo nuestra colección de obras cubanas. Lo que yo quiero es que desempolve todos sus manuscritos, y eche a vivir en carne y hueso, tales como Vd. los ha llegado a ver, a esos personajes de quiijotes y rodela, y de corona y manto, que andan por las historias en colorín y cartón. Las Carabelas han salido a tiempo, y a La Habana le llegará la noticia que dé de ellas.

Vd. se va hoy, y yo estaré aquí pocos días. Lo que me quede de vida, que va siendo bastante dolorosa, quiero que sea tan útil, como pueda yo hacerla. Nada quiero de allá, sino que halle bien a su señora, que me ponga a sus pies y a los de María, y que asegure a cuantos no lo sepan que este amigo de Vd. no vive para crearle a su patria dificultades, ni disputarle glorias a sus paisanos, sino para servirlos en silencio y humildad, y muy presto a cuanto voz y consejo quieran llegar hasta él a fin de entrar en la felicidad posible, antes que antes de que nos coma el gusano, sin tiranías y sin odios. –Y este deseo, y nada más, da fuerza para irse remendando las entrañas deshechas a su lector agradecido y cariñoso.<sup>259</sup>

Logo ao chegar à Nova York, no ano 1880, Martí pensa em trabalhar com Ponce de León como escreve para Miguel F. Viondi, em carta daquele ano. Nessa carta, observa-se seu desejo de labutar com livros – seja escrevendo, editando ou corrigindo provas – o que se confirmaria na forma de esboço, em linhas gerais, de um programa editorial voltado à difusão dos *livros úteis e baratos* para a América Latina. Por essa carta, sabe-se também que José Martí já é reconhecido no meio de imprensa; é o que aponta o *Almanaque de México* para o ano de 1879.

A no tener mi espíritu tan seriamente sacudido, hubiera escrito a Cheíto, a q. viva y profundamente estimo. No le diga V. esto, puesto que quiero que le diga otra cosa. En la Hab<sup>a</sup>. Está Néstor Ponce, que ha de volver. – Una imprenta amiga puede ser para mí un gran recurso. Puedo ser en ella; p<sup>a</sup> abrigar del frío a mi pequeñuelo, desde corrector de pruebas hasta autor de libros. – Y pienso seriamente en unos sobre América, biográficos, históricos y artísticos, para todos interesantes, por todos entendibles, – libros pequeños, amenos, cómodos y baratos. –Desearía yo que Cheíto hablase a Ponce de mí, – y si a su juicio tengo aptitudes útiles, se las recomiende tan eficazmente que pudiera ser esta p<sup>a</sup> mí una vía cierta de trabajo. – En el *Almanaque de México* de 1879, anda un juicio sobre mí como hombre de

<sup>257</sup> MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 3 (1892-1893). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 327, nota 1.

<sup>258</sup> *Ibid.*, p. 327, nota 2.

<sup>259</sup> Carta de 19 de abril de 1893 a Néstor Ponce de León, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 3 (1892-1893). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 327.



imprenta. – Vea V. que me recomiendo a mí mismo, – y que me voy haciendo americano.<sup>260</sup>

Os livros da América, a poesia, a novela, a história, os relatos de viagens, muito interessam a José Martí. Outra vez, a marca do autodidatismo e das formas do periodismo de seu tempo. Ler para alimentar sua crônica, sua crítica e sua palavra impressa nos jornais e revistas é parte de sua trajetória intelectual e de seu trabalho no periodismo, como na tradução. Os temas de seleção de leituras também são variados, mas alguns têm o destaque da inclinação política e de sua elaboração em curso sobre *Nuestra América*; é o caso do interesse pelas leituras sobre os povos originais da América.

No ano de 1884, Martí envia carta a Manuel de Jesús Galván (1834-1910), político e escritor dominicano, autor de *Enriquillo* (Figura 45). Na carta, felicita autor e obra: sua linguagem, forma de narração e o prazer da leitura de *Enriquillo*, cuja narrativa alia os conteúdos da novela, da poesia e da história. Este, o livro exemplar de uma biblioteca de nossa América, no dizer de Martí:

Acabo en este momento de leer su *Enriquillo*. No supe decirle adiós desde que trabé con él conocimiento, y quedamos tan amigos, que se lo he de ir presentando a todo el mundo, para que me lo alaben y protejan, como si fuese cosa mía; lo cual es, por ser como será en cuanto se le conozca, cosa de toda nuestra América. Pienso publicar los méritos del libro; pero no aguardo a esto para decir a Ud. Cuánto gozo he tenido con su lectura. Leyenda histórica no es eso, sino novísima y encantadora manera de escribir nuestra historia americana. En el lenguaje, ¡qué castidad, prudencia y donosura! En las observaciones que esmaltan, como diamantes negros una sortija de oro, la narración amena, ¡qué dolorosa ciencia, aprendida, bien se ve, en continuados pesares! En la presentación de los caracteres, ¡qué maestría gradación, justeza, acabamiento! ¿Cómo ha hecho Ud. Para reunir en un solo libro novela, poema e historia?<sup>261</sup>

É possível acompanhar também o interesse de Martí em relação aos estudos indígenas ao ler o fragmento da carta que enviou, em 1887, a Rafael de Zayas Enriquez (1848-1932), a quem conheceu no México. Rafael, filho de cubano, dedicou-se à carreira de político no México e de autor de novelas, dramas, poemas, além de uma biografia sobre Benito Juárez.<sup>262</sup>

Ao saber que Zayas Enriquez havia sido premiado pelo estudo *La Redención de una Raza* (Figura 46), Martí solicita ao velho conhecido o envio do livro. Nesse fragmento,

<sup>260</sup> Trecho da carta de 8 de janeiro de 1880 a Miguel F. Viondi, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 164-165.

<sup>261</sup> Trecho da carta enviada a Manuel de Jesús Galván em 19 de setembro de 1884, publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 17. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 381.

<sup>262</sup> PASCUAL, Luis García. **Entorno martiano**. La Habana: Ediciones Abril, 2003. p. 267.

escreve sobre um periódico que publicam os alunos índios da escola de Carlyle, no estado da Pensilvânia, EUA, chamado *The Manus Star*, além de professar seu terno sentimento pelo México: se não fora cubano, gostaria de ser mexicano. Exercita também nesse fragmento de carta sua ideia de não importar soluções para os problemas específicos e aponta o horizonte: a salvação está no próprio povo.

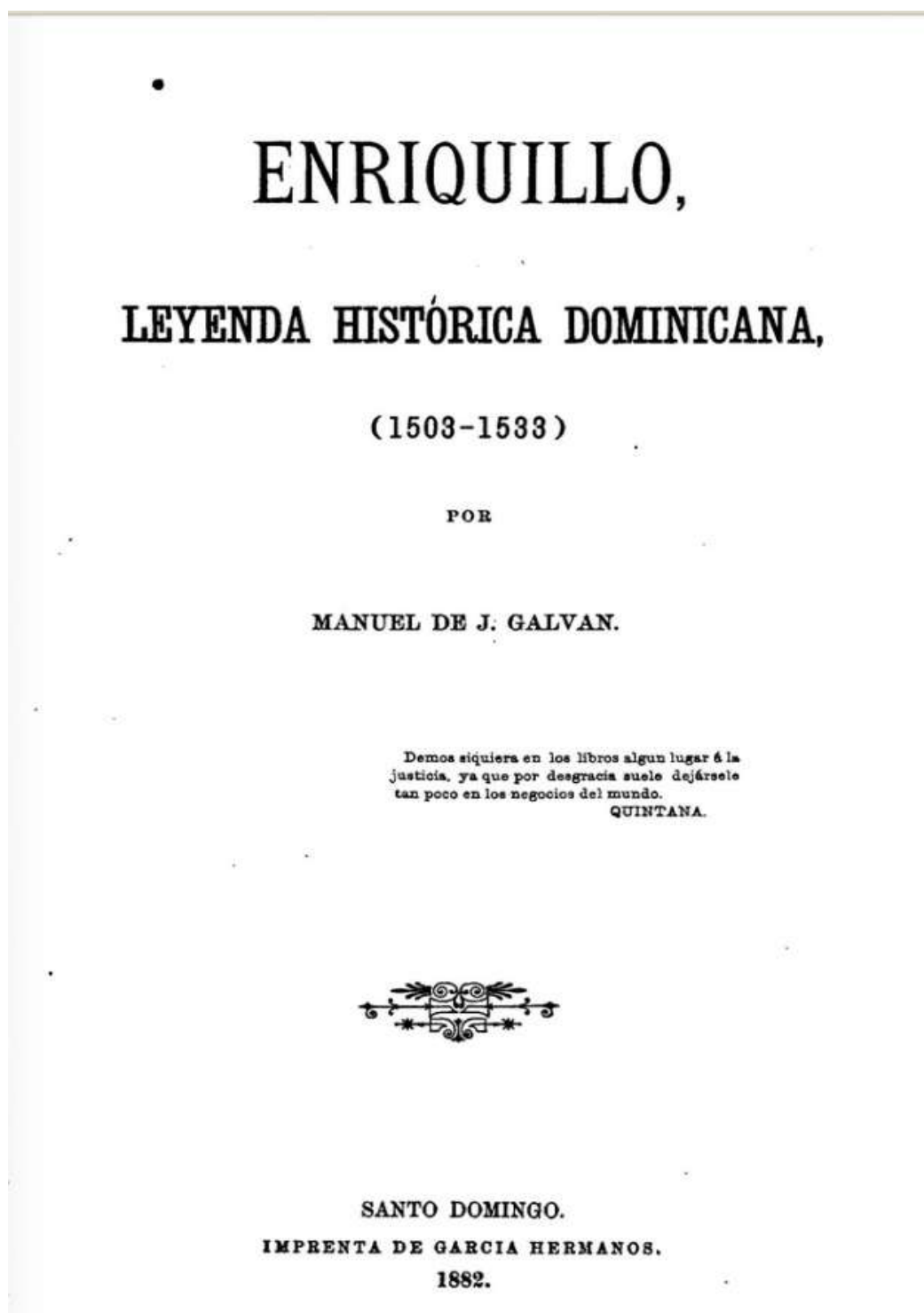
[...] Si no te has olvidado de mí, desde aquellos días en que me acompañabas aún en el paseo, hasta la puerta del cubil donde hacía de tenedor de libros, no te enojaras que te diga con cuánto placer he leído que acabas de obtener sendos premios en un certamen hermoso, y te pida un ejemplar de tu estudio sobre la *Redención de la raza indígena*, que es cosa que me va al corazón, y sobre la que llevo mucho escrito;— como que aquí soy suscriptor [sic] de *Tha Manus Star*, que es el periódico que publican los alumnos indios de la escuela de Carlyle y ahora mismo acabo de recibir los excelentes datos que el Gral. [...] me manda sobre la educación en Hampton, que es dice buen colegio. —Ahí es donde está la salvación de tu tierra, más que en buscarla en gente extranjera, que nunca podrá amar y servir a tu tierra como si fuera la suya propia. Si yo no fuera cubano, quisiera ser mexicano; y siéndolo le ofrendaría lo mejor de mi vida, la expondría, aunque los hombres prácticos hicieran burla primero de lo que habían de agradecer después, en enseñar a los indios. —De casa en casa iría pidiendo piedras para levantar una hermosa Escuela Nacional de Indios.—

Mándamelo sin falta y por el primer vapor, sabes pues con qué curiosidad espero tu trabajo.

Por ahí se ha de ir a la poesía, y en eso hay más de lo que los poetas se figuras, [...]<sup>263</sup>

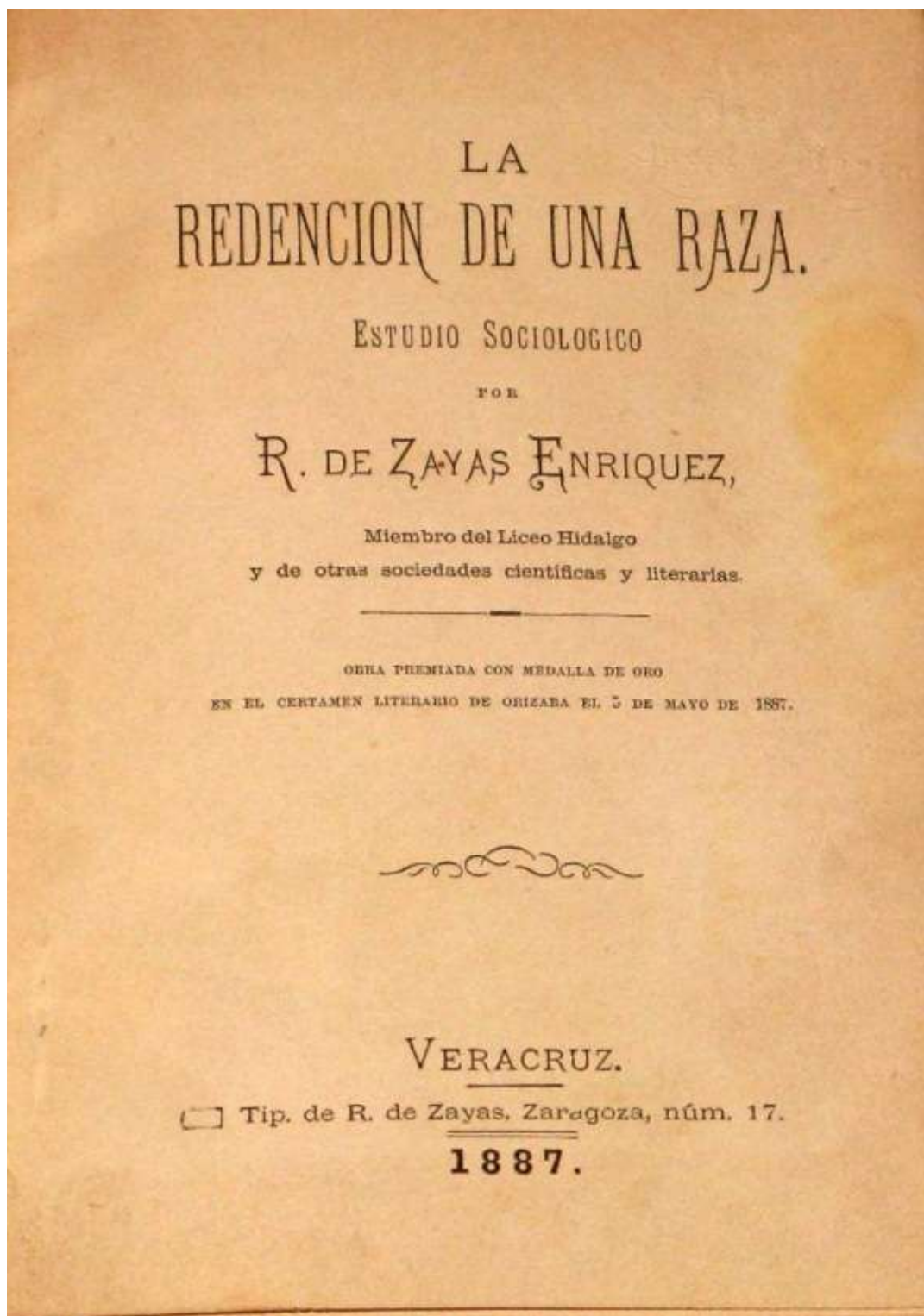
---

<sup>263</sup> Fragmento da carta a Rafael de Zayas Enriquez, em maio de 1887, publicado em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1877). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 387.

Figura 45 – Folha de rosto de *Enriquillo* (1882).<sup>264</sup>

<sup>264</sup> GALVAN, Manuel de J. **Enriquillo**: leyenda histórica dominicana: (1503-1533). Santo Domingo: Imprenta de Garcia Hermanos, 1882. Disponível em: <<http://archive.org/details/enriquilloleyen00galvgoog>>. Acesso em: 28 de maio de 2013.

Figura 46 – Folha de rosto de *La Redención de una raza* (1887).<sup>265</sup>



<sup>265</sup> ENRIQUEZ, R. de Zayas. **La redención de una raza**. Zaragoza: Veracruz, 1887. Disponível em: <<http://www.iberlibro.com/Redención-Raza-Estudios-Sociológico-Zayas-Enriquez/669129062/bd>>. Acesso em: 28 de maio de 2013.

Martí escreve ao seu amigo e discípulo, Gonzalo de Quesada y Aróstegui, sobre a tarefa fundamental da publicação de livros: acender os corações. O conselho dado a Gonzalo de Quesada, em carta de 1892, é para que o jovem se encoraje a publicar seu livro *Mi primera ofrenda* (1892). No entanto, atenção: não se trata de publicar qualquer livro. Para *animar almas* e fortalecer espíritos, há de ser livro terno, de raízes fincadas no solo americano e que não se vergue ao mimetismo das modas europeias.

Das linhas que traça para Gonzalo, pode-se lembrar o verso martiano – “con los pobres de la tierra quiero yo me suerte echar”; parece ser dessa sensibilidade que fala a Gonzalo:

Mi muy querido Gonzalo:

Por supuesto que debe Vd. publicar su Primera ofrenda. En este mundo no hay nada de verdadero más que la nobleza y la hermosura. Créese virtud, créese arte. Vd. es bueno y es sobrio; ni tiene miedo a la verdad dolorosa ni rebusca pompas: admira a los bravos y ama a los humildes: es necesario encender los corazones: publique su libro.

[...] A las raíces del libro de Vd. quiero ir; porque un libro es estopa y espuma si no arranca naturalmente del carácter. No me dé Vd. café rehervido. No me dé Vd. claveles de invernadero. No me le ponga Vd. a la camisa del guajiro cuello de Londres. No me sirva Vd. en cucurucho de Galdós o en un rizo de la señora Bazán, albaricoques de Francia. Lo que celebro en Vd. es el acuerdo entre el primer libro de su juventud y el estado de espíritu en que lo produce. La ingenuidad es lo que celebro en Vd., que no se pone a ver cómo calca la idea y el lenguaje a los autores de moda, sino que vierte en las páginas vírgenes sus primeras ternuras y rebeldías. La fuerza es lo que le celebro, por donde ha osado ser quien es, aunque me lo tachen de poco, o de desconocer de estas revistas y aquellos folletines, que yo sé que Vd. conoce como el que más, sólo que no se los poned de pensamiento ni de corazón, sino que aguarda las emociones naturales, y las revela en símbolo sencillo. La piedad ardiente celebro en Vd., y ese amor suyo por los caídos de la tierra, que en fin de cuenta son los únicos fuertes, y dan más goce con una mirada agradecida que el que da, por las falsas alturas del mundo, el poder y la riqueza venenosa. La indignación le celebro, la indignación potente, de donde saca su fuego la oratoria, y el pensamiento su medicina.

[...] Ya sé yo que el libro que Vd. quiere escribir está donde n se ve, y es libro de obras buenas, que son la excusa y la calma de la vida. Conténtese, en estos años de preparación, con ayudar, como un libro ayuda, al respeto de la virtud, a la piedad de los hombres y a la unificación de nuestra América.

Lo quiero mucho, por su alma brava y piadosa,

José Martí<sup>266</sup>

Em vista dos aspectos singulares da escrita das cartas pessoais aqui analisadas, trato no tópico seguinte de um dos temas mais presentes no contexto do século XIX: o periodismo.

<sup>266</sup> Trecho da carta a Gonzalo de Quesada y Aróstegui em 1892, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 3 (1892-1893). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 45-47.

#### 4. Caminhos de papel

As cartas expressam um tempo e suas peculiaridades. O contexto social da escrita salta aos olhos do pesquisador à procura dos marcadores sociais da trajetória martiana. Para este tópico, em vista do epistolário martiano aqui estudado, ressaltamos o universo do periodismo como assunto de permanente destaque.

É por meio dos periódicos que se fica a par dos amigos distantes, dos livros, das veladas literárias, entre outras notícias de interesse. Em maio de 1877, na Guatemala, Martí toma conhecimento, no periódico *El Monitor Republicano*,<sup>267</sup> do falecimento de um dos filhos do amigo Manuel Mercado.

Amigo de mi alma.

Con abrazos le escribo, porque sé su desgracia: la he leído en un número de El Monitor.– Le hago queja de que, sabiendo que yo vivo, no me la escribió en el mismo día en que la sufría.– Cuando yo padezco, me acuerdo de V.; – y como este afecto acabará, en lo visible, con mi vida, quiero que V.me premie el mío con otro igual.– Yo no quiero que sea, ni puede ser que sea, Manuel el hijo muerto; – porque se rechazan siempre como imposibles las grandes desventuras. Ni puede ser que muera el alto espíritu de sus padres, y él está, porque él vive, destinado a perpetuarlo.<sup>268</sup>

Nas cartas para Mercado, são variados os periódicos mexicanos citados por Martí, em vista de sua longa vivência no meio, durante sua passagem pelo México. Ao escrever o folheto *Guatemala*, sugere ao amigo a possibilidade de publicação em *El Federalista*, que circula no México desde janeiro de 1831, contra o governo de Anastasio Bustamante. Em seu segundo período (1872-1878), teve como editor responsável Alfredo Bablot e contava com uma edição literária dominical. Martí colaborou algumas vezes nesta edição, tendo publicado cinco artigos em *El Federalista*.<sup>269</sup>

O periodismo, já se disse, tem lugar de relevo na vida dos intelectuais do século

<sup>267</sup> *El Monitor Republicano*, jornal de tendência liberal, fundado no México, em 1844. Deixou de ser publicado nos primeiros anos de 1850, por conta da lei do governo mexicano de López de Santa-Anna que coibia a liberdade de imprensa. Volta a circular em 1855, sob a direção de José María del Castillo Velasco, e apoia a reeleição de Benito Juárez em 1871. Combateu o porfirismo e teve dificuldades com o governo de Sebastián Lerdo de Tejada. Sob a direção de José María Vigil e Enrique Chávarri, o periódico evoluiu para uma posição violenta ao triunfar Porfirio Díaz, fazendo oposição a sua primeira reeleição e encabeçando a imprensa liberal. Deixou de circular em 1914. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 318.

<sup>268</sup> Trecho da carta a Manuel Mercado em 26 de maio de 1877, publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 105.

<sup>269</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica, t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 380.

XIX, e, em alguns casos, é a arena de combate das ideias, como também o meio de divulgação de seus escritos junto ao público leitor que se amplia. Desde Nova York, no ano de 1882, Martí escreve para Mercado sobre o envio de alguns exemplares de seu livro *Ismaelillo* ao México, para que seja alvo da divulgação nos diários e revistas.

Ao longo das cartas enviadas a seus destinatários, Martí, de modo constante, pede notícias. Ao escritor mexicano Pedro Castera (1838-1906), Martí envia seu *Ismaelillo* em agradecimento à menção que dele se havia feito no diário mexicano *La República*.<sup>270</sup> Martí remete alguns exemplares para que Mercado distribua em “mãos delicadas”, que saibam compreender esse livro do afeto, o que significa, igualmente, um pedido de fazer o livro circular entre periodistas, obtendo seu provável juízo crítico favorável nos jornais e revistas.

Con Guasp le mando mi *Ismaelillo*, y unos diez ejemplares, para que V. los ponga en manos delicadas. Sí quiero que lo conozcan, por mi hijo. Gozo en verlo famoso, y en que le hagan versos, y en que luzca como caballero de importancia, y príncipe de veras, en diarios y revistas.—Un ejemplar se llevó a México Heberto. Ahora envío a Peón y a Sánchez Solís, y a Pedro Castera, que se ha acordado de mí en *La República*. Venero a quien me recuerda. ¿Qué haré con Vd. Que sé que me ama?<sup>271</sup>

Em outra carta para Mercado, desta feita no ano de 1883, revela do desejo de seguir ao México, tantas são as recordações do generoso convívio naqueles anos. E, em reforço ao ato de recordar, envia alguns exemplares do periódico *La América* (Figura 47), pedindo ao amigo: observe a frequência com que aparecem assuntos relacionados ao México. A revista *La América*, publicação mensal de Nova York, começou a ser editada em 1882, em espanhol. Dessa Revista, Martí participou durante os anos de 1883 e 1884, primeiramente como redator e depois como diretor.<sup>272</sup>

<sup>270</sup> La Republica teve circulação entre 1881 e 1884, e foi fundado por Ignacio Manuel Altamirano. MARTÍ, José. **Obras completas:** edición crítica. t. 17. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 486.

<sup>271</sup> Trecho da carta a Manuel Mercado em 16 de setembro de 1882, publicada em MARTÍ, José. **Obras completas:** edición crítica, t. 17. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 344.

<sup>272</sup> MARTÍ, José. **Obras completas:** edición crítica. t. 17. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 427.

Figura 47 – Periódico *La América* (1884).

Acervo: Memorial José Martí, Havana.

Os periódicos ajudam ainda a contar histórias, remontar cenas e, por vezes, acompanham as cartas como uma extensão das linhas escritas. O poeta mexicano José Peón Contreras esteve em Nova York, e, para que Mercado acompanhe os dias vividos entre



amigos, Martí envia *Las Novedades*, periódico de Nova York, que começou a ser editado em 1876, e que também circulava em espanhol.<sup>273</sup> Entre as notícias de Nova York, uma homenagem ao centenário de nascimento de Simón Bolívar onde estiveram presentes Martí e Contreras.

Si V. me preguntara qué deseo, le diría, con el fuego de un deseo vivamente acariciado, siempre mal contenido: ir a verlo, respirar – como solía – en aquella atmósfera discreta; reposada y generosa, sentarme a sus manteles siempre blancos. Toda su casa de V. es almohada y yo vivo sin sueño ni descanso. El cielo de su tierra, y el de sus almas, me hace falta. Veo V. en esos mismos rasgos sueltos, y párrafos incompletos y precipitados de *La América*, con qué frecuencia se me sale, envuelto siempre en caricias, el nombre de México de los labios. – Pero no puedo ir, – a menos que no urda un plan tamaño, que acaso no fuera descabellado. Pero me parece que cometo un pecado o que echo una mancha, cuando intento hablarle de negocios en mis cartas. Ya sabe que por tener un negocio de que hablarle, que murió de no dicho, estuve sin escribirle un año. – Yo muero en sayón pardo: – pero ¡cómo quisiera, como quien abre las alas, sacarlas de esta bruma, y posarme en su casa! – Sí estuvo aquí Peón, y ya se fue: en *Las Novedades* que le envío verá como lo tuve a mi lado, y le hice escribir versos, en un banquete.<sup>274</sup>

Esse ano marca também um dos breves momentos em que Martí tem a companhia de sua esposa e do filho em Nova York. Provavelmente, trata-se da única carta em que Martí reproduz um momento da intimidade familiar com o filho, testemunho da convivência que tanto anseia e da viva lembrança do amigo mexicano, já que o pequeno diálogo trata de Mercado: “Mi hijo, turbulento y brillante, es una criatura principal.–Ya le enseño a que lo quiera, y ayer me dijo: ‘¿Esa es carta de tu Mercado?’”<sup>275</sup>

Em carta de 1886, para Manuel Mercado, pede que o amigo envie *El Partido Liberal* – periódico do qual era correspondente – para as publicações *El País* e *La Lucha*, de Havana, visando dar divulgação a seus escritos na ilha de Cuba: “¿Querría yo que V. obtuviese definitivamente que enviaran El Partido a El País y La Lucha de La Habana, para que siquiera por algún camino llegue a mi tierra lo poco y apresurado que escribo. Son Periódicos de circulación, y valen el canje.”<sup>276</sup>

O periódico *El Partido Liberal* foi fundado em 1885 e nele, e assim como em outros periódicos latino-americanos, Martí publicou várias crônicas sobre os Estados

<sup>273</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 17. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 478.

<sup>274</sup> Trecho da carta a Manuel Mercado em 30 de agosto de 1883, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 265-267.

<sup>275</sup> MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 265-267.

<sup>276</sup> Trecho da carta a Manuel Mercado em 17 de outubro de 1886, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 355.

Unidos.<sup>277</sup> Entre 1881 e 1892, escreveu uma série de cartas sobre o panorama da sociedade estadunidense; esboços sobre personalidades da vida intelectual e sócio-política da América do Norte, como ainda, instantâneos da vida em sociedade e da cultura.<sup>278</sup> Posteriormente, seus escritos sobre a sociedade estadunidense foram reunidos sob o título de *Escenas Norteamericanas*.

Como é sabido, no século XIX é significativa a comunidade cubana em algumas cidades dos Estados Unidos. É no contexto da guerra de independência de 1868, em Cuba, e da violenta repressão, que se intensifica o processo migratório de cubanos rumo a cidades estadunidenses.<sup>279</sup> Pela proximidade geográfica, uma notável quantidade de barcos faziam a rota entre a costa de Havana e da Flórida, e com a instalação de fábricas de tabaco, cidades como Cayo Hueso (Key West) e Tampa tornaram-se destino comum para os emigrados cubanos.<sup>280</sup>

É neste quadro que se compreendem os movimentos independentistas e neles a ação dos clubes patrióticos. Estes, como afirma Jesús A. Martínez, para o caso da Espanha, teriam, nos cafés literários, seu principal lugar de difusão do pensamento. Era ali que se exercitavam a retórica liberal, a leitura dos poemas e o debate em torno da ação política.<sup>281</sup>

Para os emigrados cubanos, os clubes patrióticos foram animados desde as veladas sociais, com vistas também à arrecadação de fundos para a organização revolucionária (Figura 48); reunindo, inclusive, distintos públicos masculinos e femininos (Figura 49).<sup>282</sup> Dirigindo-se aos clubes patrióticos de Key West, José Martí apela no sentido da coesão e do entusiasmo pela campanha revolucionária. Para ele, nos clubes, estariam os conteúdos da esperança real e da vida da revolução, como se vê nesta carta circular:

Es preciso, hoy más que nunca, tener a los *Clubs* juntos, tener encendidos estos núcleos de entusiasmo que alimentan la idea, calientan la atmósfera, mantienen la fe de nuestro país, y facilitan el esfuerzo. [...] Esta esperanza real es la vida de la revolución, y será la vida de los *Clubs*. [...] Que los *Clubs* se sientan vivos,

<sup>277</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 23. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p. 206-207.

<sup>278</sup> RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. **De todas partes**: perfiles de José Martí. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2012. p. 109-110.

<sup>279</sup> MESA, Enrique López. **La comunidad cubana de New York**: siglo XIX. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002. p. 23.

<sup>280</sup> GROSS, David González. José Martí: Cayo hueso y tampa. In: **Revista Honda**, n. 34, publicação da Sociedad Cultural José Martí, 2012, p. 26-28.

<sup>281</sup> MARTÍN, Jesús A. Martínez. **Historia de la edición en España**: 1836-1936. Madrid: Marcial Pons, 2001. p. 461.

<sup>282</sup> Para saber mais sobre os clubes patrióticos femininos, em especial aos fundados na Costa Rica, consultar ELMERS, Damaris A. Torres. Club cubanas y nicoyanas: apuntes para su estudio. In: **Revista de la Sociedad Cultural José Martín**, 34/2012, p. 20-25.

llamados, solicitados, penetrados de esta idea entusiasta y nueva. [...] Los *Clubs*, ensánchezense y anímense, con el poder de este amor probado y esta humanidad grandiosa que nos mueven. No hay hora que perder en estos días, ni se puede dar un paso en falso.<sup>283</sup>

Entendendo os clubes como lugar de difusão do verbo independentista, José Martí, é convidado para uma celebração artístico-literária por Néstor L. Carbonell, então animador do clube Ignacio Agramonte. Em 25 de novembro de 1891, chega à cidade de Tampa, onde é esperado por uma banda de música e um numeroso público. Na noite do dia seguinte, no *Liceo Cubano*, pronuncia seu discurso *Con todos, y para el bien de todos*,<sup>284</sup> depois distribuído nas célebres folhas soltas do radicalismo popular. Sua palavra se dirige aos emigrados que tem a “*mesa de pensar al lado de la de ganar el pan.*”<sup>285</sup>

Figura 48 – Recibo de Federico Sánchez, emitido pelo *Club Político Cubano Pinos Nuevos*, referente à contribuição para fundos de Guerra de Independência, 1893.



Acervo: Centro de Estudios Martianos, Havana

<sup>283</sup> Trecho a circular para os presidentes dos Clubes de Key West, em 30 de dezembro de 1893, publicado em MARTÍ, José. **Epistolario**. Tomo III (1892-1893). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 494-496.

<sup>284</sup> PAZ, Ibrahim Hidalgo. **José Martí: cronología: 1853-1895**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2012. p. 106.

<sup>285</sup> VITIER, Cintio. **Cuadernos martianos III: preuniversitario**. Selección de Cintio Vitier. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1996. p. 143.

Figura 49 – Certificado do *Club Patriótico Hermanas de Martí*, Filadélfia, Pensilvânia, EUA, 1898.



Acervo: Centro de Estudios Martianos, Havana.

São conhecidos, também nas cartas de Martí, os periódicos com alguma vinculação à comunidade de imigração cubana – principalmente, os trabalhadores de fábrica de charuto<sup>286</sup> –, em luta pela independência. Como exemplos, *El Yara*, periódico dirigido e custeado pelo leitor de fábrica de charuto José Dolores Poyo (1836-1911), que vivia em Cayo Hueso. Dolores Poyo foi um dos fundadores do Partido Revolucionário Cubano e teve ativa participação na luta pela independência de Cuba;<sup>287</sup> *Proletario*, editado em Cayo Hueso;<sup>288</sup> e *Patria*, órgão do Partido Revolucionário Cubano no qual Martí trabalhou de forma intensa. Em *Patria*, Martí foi diretamente responsável pela maior parte do seu conteúdo até pouco antes de embarcar em campanha revolucionária. Em abril de 1892, escreve ao patriota Serafín Bello: “Bueno, Bello, me mudan con a librería a cuestas, y le escribo en el borde de la silla.

<sup>286</sup> A fabricação de charuto sempre foi uma das principais indústrias cubanas desde o século XVII. No século XIX surgiu nas fábricas de charuto cubanas a figura do *lector* que fazia leituras em voz alta enquanto os tabaqueiros trabalhavam. Na segunda metade do século XIX, muitos trabalhadores cubanos migraram para os Estados Unidos por conta da repressão gerada pelo poder colonial por conta da Guerra dos Dez Anos, iniciada em 1868. Os trabalhadores que migraram para os Estados Unidos, entre outras coisas, levaram a prática da leitura no ambiente de trabalho das fábricas de charuto. MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 132-136.

<sup>287</sup> PASCUAL, Luis García. **Entorno martiano**. La Habana: Ediciones Abril, 2003. p. 204-205.

<sup>288</sup> Citado em carta de 19 de janeiro de 1892 a Ángel Peláez, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 3. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 20-22.

Por Patria verá que recibí la noticia de elecciones.”<sup>289</sup>

Como se pode observar, os periódicos citados animam os ideais de independência de Cuba. Martí entendia que, para disputar a guerra de libertação, era preciso o apoio popular. Ao patriota Ángel Peláez, que também trabalhava em fábrica de tabaco, Martí escreve sobre os caminhos da luta: “[Publiquen,] publiquen. A Cuba por todos los agujeros. Las guerras van sobre caminos de papeles. Que no nos tengan miedo, y que nos deseen.”<sup>290</sup>

É uma trajetória escrita sobre caminhos de papel, como afirma o próprio Martí. É certa na carta sua apreciação sobre os jornais: “Que no nos tengan miedo, y que nos deseen.” É este o papel e a função dos periódicos independentistas que circulam entre a comunidade de imigração nos EUA. É também este o modo, incontáveis vezes, de conquistar adesões valorosas: a leitura dos jornais insurrectos de circulação clandestina em Cuba, como é o caso do citado *El Yara*, editado na casa da família de José Dolores Poyo. *El Yara* circulava entre os cubanos de Cayo Hueso, e chegava a Cuba pelos meios clandestinos, quando passava de mão em mão e era lido em pequenos círculos, em coletivo, avivando a luta independentista.<sup>291</sup>

Para compreender esses caminhos de papel, destaco a relação de José Martí com a imigração cubana, assunto abordado em nosso próximo capítulo a partir das dedicatórias enviadas aos camaradas de seu círculo afetivo com quem compartilha os ideais independentistas.

---

<sup>289</sup> Trecho da carta a Serafín Bello em 1º de abril de 1892, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 3. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 67.

<sup>290</sup> Trecho da carta a Ángel Peláez em 19 de janeiro de 1892, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 3. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 20-22.

<sup>291</sup> MARRUZ, Fina García; VITIER, Cintio. **Temas martianos**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2011. p. 424.

### CAPÍTULO 3: MARCAS DA ESCRITA ITINERANTE

"[...] los que sacan inspiraciones del alma humana, que es la honda fuerte eterna, vivirán siempre presentes en el alma humana".

(José Martí)

#### 1. Dedicatórias entre livros e leituras

Pensando na dimensão de uma escrita da sensibilidade, busco nesta pesquisa o conjunto das dedicatórias de José Martí,<sup>292</sup> de próprio punho ou publicadas em livros.<sup>293</sup>

Nos livros publicados em vida, encontramos as dedicatórias por escrito ou impressas em exemplares de *Ismaelillo* e *Versos Sencillos*. Tendo em vista esse tema singular, Carmen Suárez León,<sup>294</sup> aponta a possibilidade de observar a dedicatória como uma ponte entre o escritor e seu destinatário. A metáfora é de interesse para pensar suas relações com o mundo letrado e os círculos independentistas:

La dedicatoria martiana, por lo general breve y siempre cargada de sentimiento, es un puente tendido entre el creador y el destinatario, brevísimas frases en las que un nombre matizado por cualquier modificador, un simple giro sabio, nos ofrecen el etos o la condición física del receptor tanto como el impacto emocional que en el autor tiene la persona a la que se dirige.<sup>295</sup>

<sup>292</sup> Esse *corpus* documental é formado por mais de cem dedicatórias compiladas nas seguintes obras: José Martí Obras Completas (1975), volume vinte; na Edição Crítica das Obras Completas de José Martí, tomo catorze e quinze; no livro José Martí: documentos familiares compilado por Luis García Pascual; e nos Anuarios del Centro de Estudios Martianos vol. 11 e vol. 29. Dentre os suportes para as dedicatórias, encontramos livros, brochuras, folhetos, fotografias, álbuns de autógrafos e cartões de visitas. Nesse conjunto documental, são conhecidas 46 dedicatórias em livros, brochuras e folhetos, sendo 44 escritas de próprio punho e duas impressas.

<sup>293</sup> No volume vinte de *José Martí Obras Completas* (1975), publicação realizada em Havana pelo Editorial de Ciencias Sociales e Instituto Cubano del Libro, estão compiladas 55 dedicatórias. No tomo catorze da *Edición Crítica das Obras Completas de José Martí* (2007), publicada em Havana pelo Centro de Estudios Martianos, estão publicadas as duas dedicatórias impressas em livros – *Ismaelillo* e *Versos Sencillos* – publicados em vida por Martí; no tomo quinze, da mesma *Edición Crítica das Obras Completas*, estão compiladas, entre os chamados “Versos de Circunstancias”, 39 dedicatórias, sendo uma já publicada nas fontes anteriores. No livro *José Martí: documentos familiares* (2008), compilado por Luis García Pascual, estão reunidas nove dedicatórias, sendo cinco dentre as reunidas nessa obra já encontradas nas fontes anteriores. No *Anuario del Centro de Estudios Martianos n° 11*, estão publicadas na sessão “otros textos de José Martí” catorze dedicatórias, sendo que duas delas, são também encontradas nas fontes anteriores. No *Anuario del Centro de Estudios Martianos n° 29*, está publicada também na sessão “otros textos de José Martí” uma dedicatória para Carmita Mantilla, em exemplar de *Versos Sencillos*, até então inédita.

<sup>294</sup> Carmen Suárez León é pesquisadora do Centro de Estudios Martianos (CEM), tendo escrito, nas últimas publicações do *Anuario del Centro de Estudios Martianos*, sobre temas relacionados a José Martí, como Martí tradutor, as *Escenas Norteamericanas*, sobre o livro de poema *Ismaelillo*, reflexões sobre os *Cuadernos de Apuntes*, influência de Martí na obra de José Lezama Lima, além de notas sobre alguns manuscritos inéditos. Ver *Anuario del Centro de Estudios Martiano* v. 25, v. 26, v. 29, v. 30, v. 31, v. 32 e v. 33.

<sup>295</sup> LEÓN, Carmen Suárez In: ANUARIO CENTRO DE ESTUDIOS MARTIANOS, v. 29, 2006. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 06.

No livro *Ismaelillo*, publicado em Nova York, no ano de 1882, encontra-se uma dedicatória impressa ao seu único filho, José Francisco<sup>296</sup> (Figura 50). Das dedicatórias escritas de próprio punho, nesse livro, são conhecidas aquelas destinadas às suas irmãs Leonor e Amelia e aos amigos Estanislao Zeballos, Eligio Carbonell, Antonio Sellén e Luiz Baralt y Peoli.

O livro enfeixa quinze composições escritas entre os anos de 1880 e 1881, entre Nova York e Caracas, quando se encontrava distante da esposa Carmen e do filho José Francisco. Em sua escrita, é recorrente o sentimento da ausência, sendo também o processo da escrita uma expressão do exílio. Essa escrita do desterro e da ausência é também uma escrita da esperança.

Estudiosos de sua obra apontam, em *Ismaelillo*, o início da poesia moderna em língua espanhola.<sup>297</sup> *Ismaelillo* é uma das raras obras que Martí publicou em livro, pois a maior parte dos seus escritos é divulgada nas páginas de periódicos, como é mais usual no seu tempo.

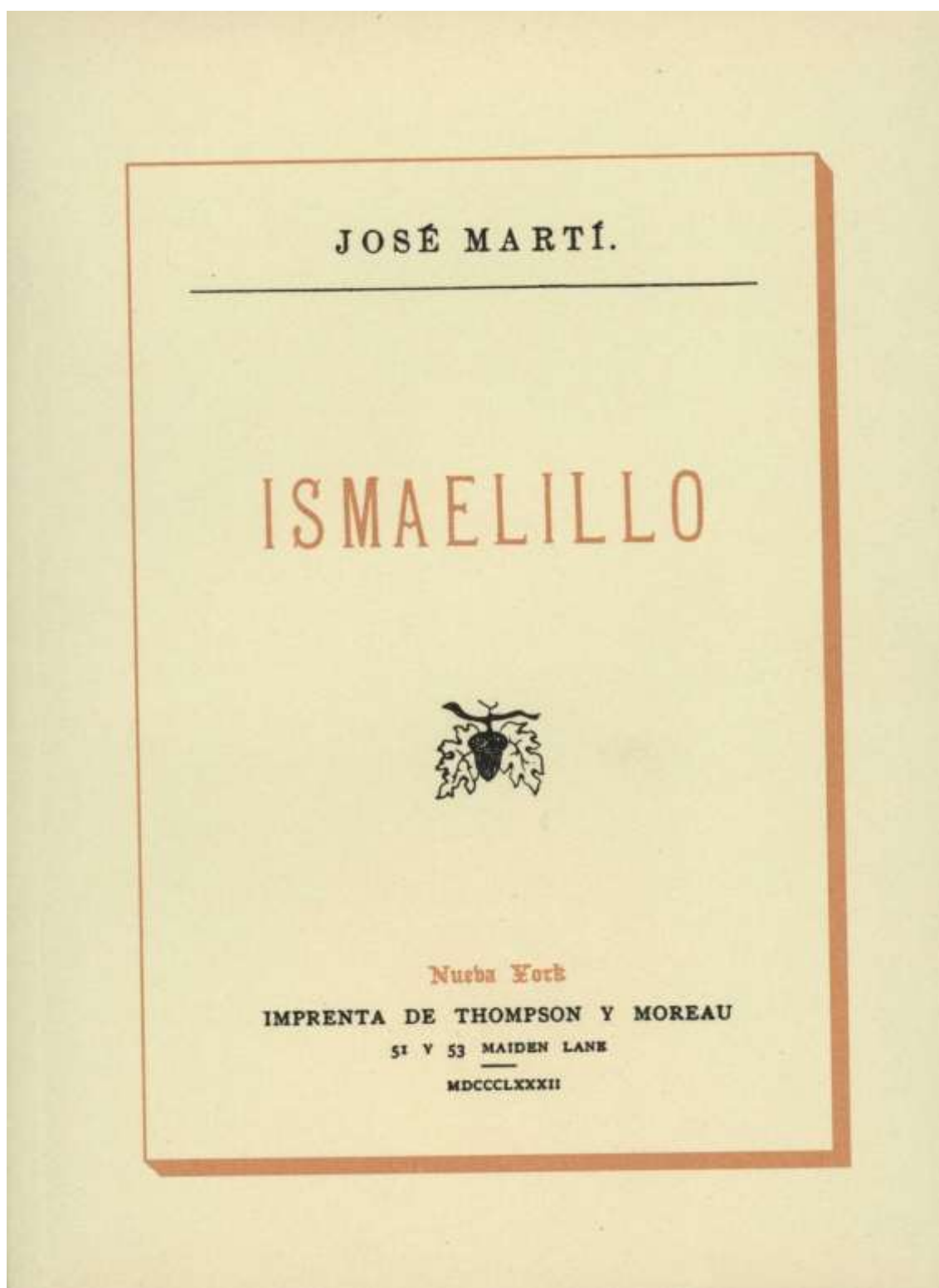
Figura 50 – Dedicatória de *Ismaelillo* a José Francisco (1882).



Fonte: *Ismaelillo* (1882).

<sup>296</sup> Para saber mais sobre a biografia de José Francisco Zaya-Bazán, consultar PI, Paula María Luzón. **Vida de Ismaelillo**. La Habana: Ediciones Boloña; Publicaciones de la Oficina del Historiador de la Ciudad, 2004.

<sup>297</sup> Para saber mais sobre Martí e Modernismo, ver: SCHULMAN, Ivan A. **Vigencias: Martí y el modernismo**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2005. Sobre *Ismaelillo*, ver: ATENCIO, Caridad. **La saga crítica de Ismaelillo**. La Habana: Editorial José Martí, 2008.

Figura 51 – Capa da edição fac-símile de *Ismaelillo* (1882).

Fonte: *Ismaelillo* (1882).



Figura 52 – Página do poema *Príncipe enano*.

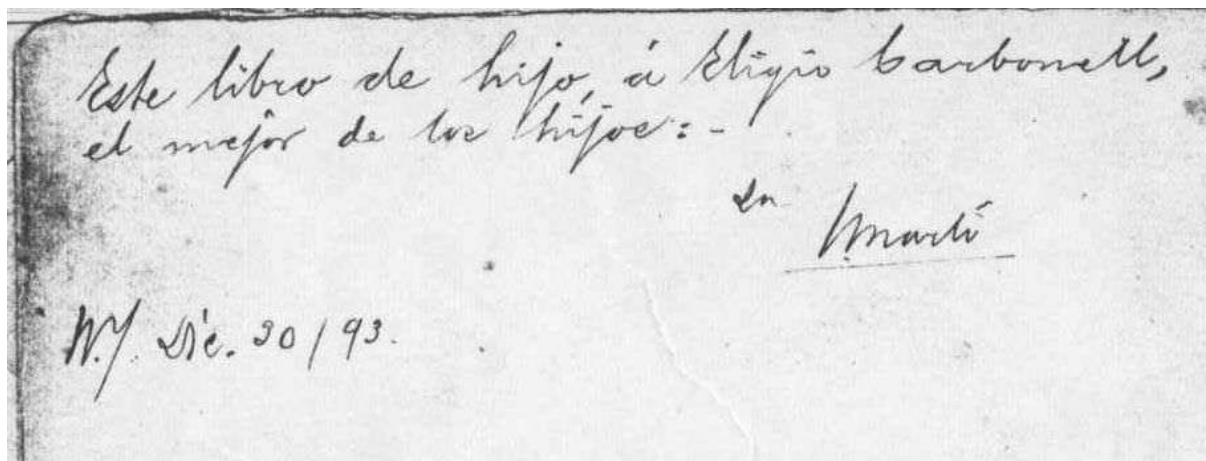
Fonte: Ismaelillo (1882).

Figura 53 – Página do poema *Hijo del alma*.

Fonte: Ismaelillo (1882).

Dentre as dedicatórias manuscritas, destaco, como elemento de força, as relações entre pais e filhos. Martí presenteou com seu *Ismaelillo* Eligio Carbonell (1867-1899), filho primogênito de Néstor L. Carbonell (1846-1923), seu companheiro de ideais independentistas. Martí aproximou-se de Eligio em uma de suas visitas a um dos tantos clubes patrióticos de emigrados cubanos; a quem saudaria como *El mejor de los hijos*,<sup>298</sup> como se vê na figura abaixo:

<sup>298</sup> Dedicatória para Eligio Carbonell, em 20 de dezembro de 1893, publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 511.

Figura 54 – Dedicatória em *Ismaelillo* (1882) para Eligio Carbonell.

Acervo: Centro de Estudios Martianos, Havana.

A dedicatória *el mejor de los hijos* é de proeminência na trajetória de José Martí, carregando distintos significados em relação aos afetos filiais, como também no exemplar dedicado a Estanislao S. Zaballos (1854-1923), agente diplomático no Brasil e nos Estados Unidos, país em que, provavelmente, manteve amizade com Martí. A dedicatória datada em Nova York, no ano de 1893, anuncia: “Al Sr. Estanislao S. Zaballos, que tiene un hijo, su amigo y servidor, José Martí.”<sup>299</sup>

Na dedicatória para Luis Baralt y Peoli (1849-1933), jornalista, médico e professor cubano que residia na cidade de Nova York, Martí escreve: “A Luis Baralt, hombre verso, que sabrá perdonar este pecado de amor. José Martí.”<sup>300</sup> Presenteia seu *Ismaelillo* também para seu amigo de juventude Antonio Sellén, com quem firmaria amizade nas veladas celebradas no *Liceo* de Guanabacoa, em Cuba.<sup>301</sup> Em seu *Ismaelillo*, escreve “A Antonio Sellén, Su amigo afectuoso J. Martí.”<sup>302</sup>

Ainda em *Ismaelillo*, são conhecidas duas outras dedicatórias a suas irmãs Leonor e Amelia. Para Leonor, Martí dedica o livro, em Nova York, no ano de 1882, com a seguinte frase: “A Chata, la buena madre de Ismael. Pepe.”<sup>303</sup> Para Amelia uma dedicatória demonstra

<sup>299</sup> Dedicatória para Estanislao S. Zaballos, em 1893, publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 524.

<sup>300</sup> Dedicatória para Luis Baralt y Peoli, sem data, publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 509.

<sup>301</sup> PASCUAL, Luis García. **Entorno martiano**. La Habana: Ediciones Abril, 2003. p. 237.

<sup>302</sup> MARTÍ, José *apud* ANUARIO DEL CENTRO DE ESTUDIOS MARTIANOS v. 11. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1988. p. 08

<sup>303</sup> MARTÍ, *apud* PASCUAL, Luis García. **José Martí: documentos familiares**. La Habana: Ediciones Abril, 2008. p. 189.

a terna relação: “A Amelia urna de esencia: - de su hermano Pepe.”<sup>304</sup>

De seu *Versos Sencillos*, são conhecidos dezenove dedicatórias manuscritas. O livro é um conjunto de 46 poemas escritos, em maior parte, durante agosto de 1890, quando Martí se encontrava nas montanhas de Catskill, Nova York, por conta de seu frágil estado de saúde. Em 13 de dezembro do mesmo ano, Martí leu os poemas em velada feita em homenagem a Francisco Chacón, em Nova York, possivelmente, a *noite de poesia e amizade* a qual se refere a modo de Prólogo em *Versos Sencillos*.

O livro, impresso em 1891 em Nova York, é dedicado aos amigos Manuel Mercado (1838-1909) e Enrique Estrázulas (1848-1905), como se vê na Figura 57. No citado prólogo, *Mis amigos saben*, José Martí situa seus leitores em relação ao contexto da época e afirma sua escolha pelos versos saídos do coração, em vez dos *Versos Libres* ou dos *Versos Cubanos*. Aqui se pode compreender um prólogo funcionando como sincera dedicatória, na medida em que a publicação é dada à estampa pelo afeto com que os versos lidos foram acolhidos nas leituras em coro, como já afirmado.

Mis amigos saben cómo se me salieron estos versos del corazón. (...) ¿Por qué se publica esta sencillez, escrita como jugando, y no mis encrespados *Versos Libres*, mis endecasílabos hirsutos, nacidos de grandes miedos o de grandes esperanzas, o de indómito amor de libertad, o de amor doloroso a la hermosura, como riachuelo de oro natural, que va entre arena y aguas turbias y raíces, o como hierro caldeado, que sirva y chispea, o como surtidores candentes? Y mis *Versos Cubanos*, tan llenos de enojo que están mejor donde no se les ve? ¿Y tanto pecado mío escondido, y tanta prueba ingenua y rebelde de literatura? ¿Ni a qué exhibir ahora, con ocasión de estas flores silvestres, un curso de mi poética, y decir por qué repito un consonante de propósito, o los gradúo o agrupo de modo que vayan por la vista y el oído al sentimiento, o salto por ellos, cuando no pide rimas ni soporta repujos la idea tumultuosa? Se imprimen estos versos porque el afecto con que los acogieron, en una noche de poesía y amistad, algunas almas buenas, los ha hecho públicos. Y porque amo la sencillez, y creo en la necesidad de poner el sentimiento en formas llanas y sinceras.<sup>305</sup>

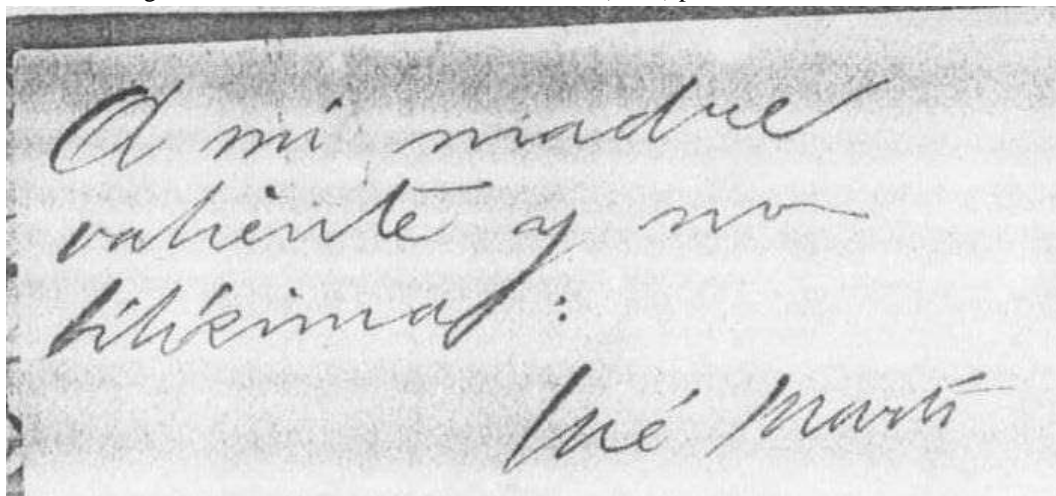
Uma forma simples e sinceramente afetuosa, como afirma no prólogo, talvez seja uma das possíveis definições para se entender a escrita das dedicatórias. Para sua mãe, Leonor, escreve em um exemplar de *Versos Sencillos* (Figura 55): “A mi madre valiente y nobilísima: José Martí.”<sup>306</sup>

<sup>304</sup> MARTÍ, José *apud* PASCUAL, Luis García. **José Martí**: documentos familiares. La Habana: Ediciones Abril, 2008. p. 189.

<sup>305</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 14. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 297-298.

<sup>306</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 521. Apesar da dedicatória não estar datada sabemos que foi realizada nos últimos anos de vida do intelectual, já que a publicação de *Versos Sencillos* se dá em 1891 e Martí morre no ano de 1895.

Figura 55 – Dedicatória em *Versos Sencillos* (1891) para Leonor Pérez Cabrera.



Acervo: Centro de Estudios Martianos, Havana.

Leonor, desde sempre, apelara ao filho por uma vida sem os sobressaltos da política insurrecta, como se pode observar da carta de 1881, quando esclarece seus temores maternos desde o sofrimento do presídio e do desterro:

[...] y te acordarás de lo que desde niño te estoy diciendo, que todo el qe. se mete a redentor sale crucificado, y que los peores enemigos son los de su misma raza, y te vuelvo a decir, mientras tú no puedas alejarte de todo lo que sea política y periodismo, no tendrás un día de tranquilidad, y yo no viviré tal vez lo suficiente para tener el gusto de verte tranquilo vivir solo del trabajo de tus asuntos nada más, pues por mucha fortaleza que tengas ha de quebrantar tu salud la vida tan agitada que llevas hace tiempo.<sup>307</sup>

Para sua irmã Amelia, também é dedicado um exemplar de *Versos Sencillos*: “A Amelia—Un jazmín como una estrella. del hermano Pepe.”<sup>308</sup> De todas as dedicatórias conhecidas, somente as destinadas às irmãs levam a assinatura afetuosa “Pepe”.

Um traço peculiar, nas dedicatórias aqui apresentadas, é a dimensão da solidariedade e do companheirismo, como o realce patriótico, no exemplar de *Versos Sencillos*, dedicado a Néstor Carbonell: “A Néstor L. Carbonell: cubano fundador. Su José Martí.”<sup>309</sup>

<sup>307</sup> Trecho da carta de Leonor Pérez Cabrera para José Martí, em 19 de agosto de 1881, publicada em PASCUAL, Luis García. **José Martí: documentos familiares**. La Habana: Ediciones Abril, 2008. p. 112.

<sup>308</sup> Dedicatória publicada em ANUARIO DEL CENTRO DE ESTUDIOS MARTIANOS. v. 11. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1988. p. 08. Existem para a irmã quatro dedicatórias escritas por Martí: três em livros e uma em fotografia, que seguem sempre o mesmo tom.

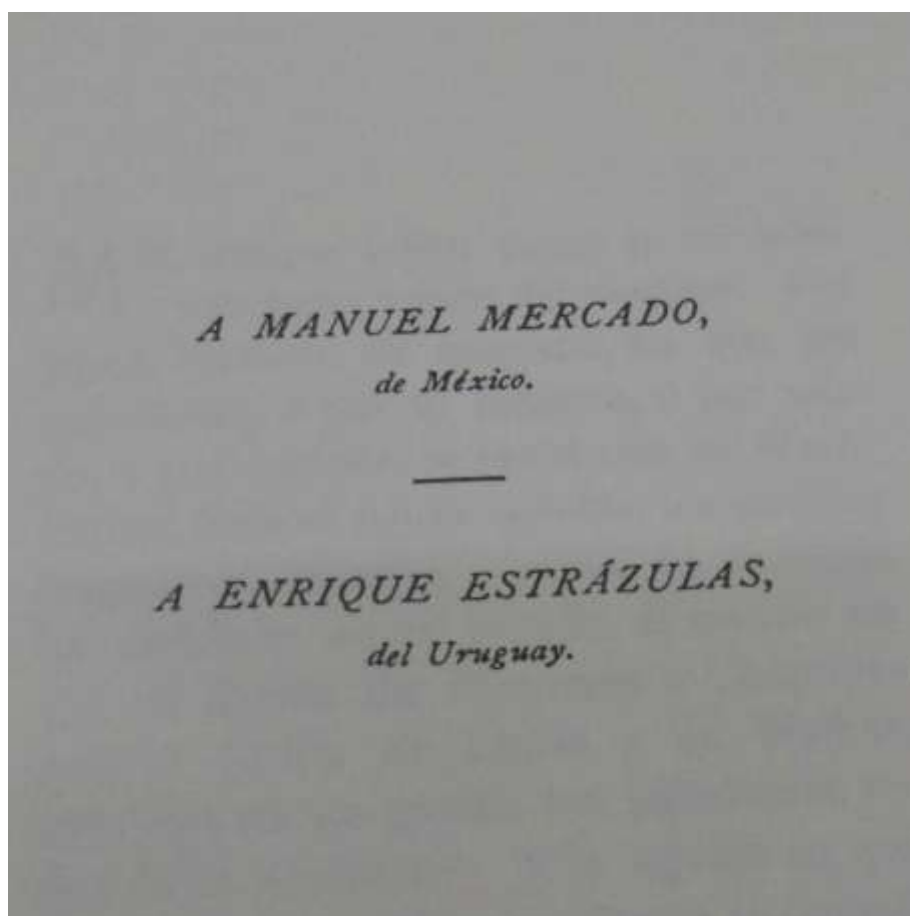
<sup>309</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 511.

Figura 56 – Capa da edição Fac-símile de *Versos Sencillos* (1891).



Acervo: Centro de Estudios Martianos, Havana.

Figura 57 – Dedicatória de *Versos Sencillos* (1891).



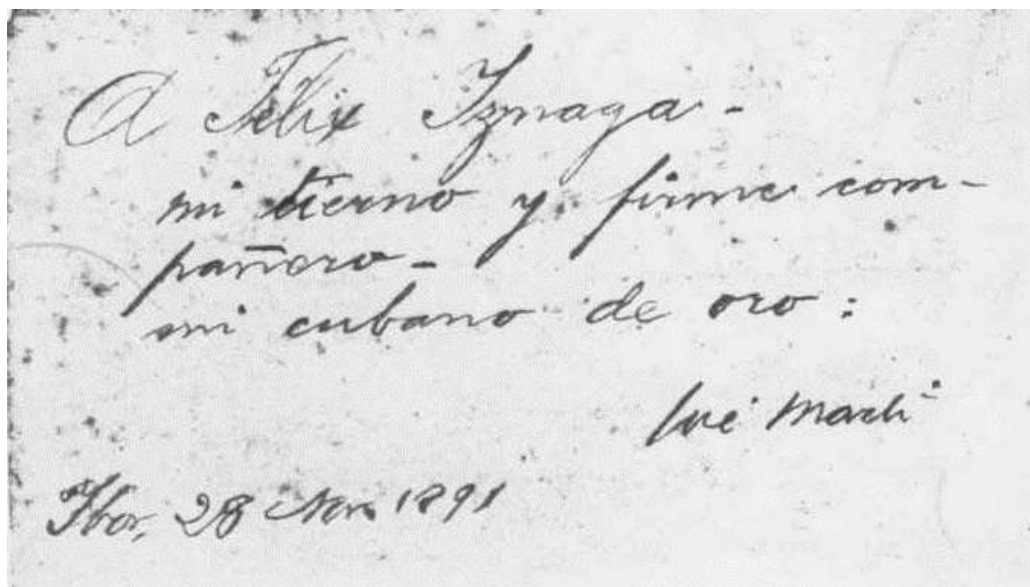
Acervo: Centro de Estudios Martianos, Havana.

Um exemplar de *Versos Sencillos* é dedicado a Félix Iznaga,<sup>310</sup> a quem havia conhecido no ano de 1888, em Nova York, firmando, por escrito, a camaradagem da luta independentista (Figura 58): “A Félix Iznaga, mi tierno y firme compañero: mi cubano de oro. Su José Martí.”<sup>311</sup>

<sup>310</sup> PASCUAL, Luis García. **Entorno martiano**. La Habana: Ediciones Abril, 2003. p. 229-230. Quando Martí tentou dar início ao seu projeto editorial de publicar “livros úteis e modestos”, e pensou em fundar uma pequena editora de livros, foi a Félix Iznaga que escolheu como administrador. Quando o projeto editorial não obtém maneiras de sobreviver, Félix Iznaga se muda para Ibor City, em Tampa, onde fica até o ano de 1893 quando regressa a Nova York para desempenhar tarefas no periódico *Patria* – jornal do Partido Revolucionário Cubano – e na sede da Delegação do Partido Revolucionário Cubano.

<sup>311</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 516.

Figura 58 – Dedicatória em *Versos Sencillos* (1891) para Félix Iznaga.



Acervo: Centro de Estudios Martianos, Havana.

Ainda um exemplar de *Versos Sencillos* tem, na peleja revolucionária, o mote da dedicatória do afeto a Fernando López de Queralta,<sup>312</sup> um lutador na guerra de independência de 1868: “A Fernando López de Queralta, que peleó con los hombres de mármol, su amigo envidioso José Martí.”<sup>313</sup>

Cultivando os laços da luta independentista, é dedicado um exemplar a Magdalena Peñarredonda, com quem estabelece laços de amizade no exílio em Nova York, quando declara respeito e admiração: “A la Sra. Magdalena Peñarredonda— modelo de paciencia, y de patriotismo su amigo respetuoso José Martí.”<sup>314</sup>

As camaradagens do exílio terão sido o alimento dos valores da solidariedade e dos sonhos compartilhados, como é o caso de Néstor Ponce de León (1837-1899), que, vivendo em Nova York desde 1869, se destacaria na comunidade cubana. Em dedicatória a Ponce de León, a pena de Martí nos permite imaginar um agradável e espirituoso amigo: “A

<sup>312</sup> Desde a Guerra dos Dez Anos (1868-1878), Fernando López de Queralta manteve proximidade com as tarefas relativas à organização da guerra de independência cubana. No entanto, ao final de 1894, quando está em execução o Plano de Fernandina, o general Serafín Sánchez pede que López de Queralta, que é coronel, fique com a tarefa de conduzir o barco que pegaria Sánchez e Martí em Cayo Hueso e levaria à costa de Cuba. Porém, López de Queralta se negou a viajar nas condições combinadas e, aparentemente, cometeu indiscrições que contribuíram para o fracasso do plano. PASCUAL, Luis García. **Entorno martianos**. La Habana: Ediciones Abril, 2003. p. 143.

<sup>313</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 516.

<sup>314</sup> Magdalena envolveu-se com os ideais independentistas desde a guerra de 1868 – sendo nomeada delegada de Piñar del Río pela Junta Revolucionária de Nova York. Por conta de suas atividades revolucionárias esteve no exílio em Nova York onde se envolveu ativamente com tarefas do Partido Revolucionário Cubano e manteve amizade com José Martí. Dedicatória publicada em ANUARIO DEL CENTRO DE ESTUDIOS MARTIANOS. v. 11. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1988. p. 8-9.

Néstor Ponce de León, – que esconde mal la poesía bajo la risa. Su amigo José Martí.”<sup>315</sup>

É possível pensar, a partir das dedicatórias, o fortalecimento dos laços do afeto e do companheirismo, visto que “a troca de correspondência vai fortalecendo laços e estabelecendo uma confiança para confidências e expressões de afetos que outros espaços talvez não favorecessem.”<sup>316</sup> O convívio epistolar, seja em carta ou dedicatórias, é o conectivo entre as sensibilidades do remetente e seu destinatário. As dedicatórias em livros ou fotografias, aqui apresentadas, podem ser lidas como um motivo de estreitamento de relações, pois as palavras e o objeto, possivelmente, ativarão o ato de recordar; o ato de lembrar com o coração.

De Cabo Haitiano, em plena campanha revolucionária e prestes a chegar a Cuba para se unir à guerra de independência, Martí envia uma dedicatória em livro para Carmita Mantilla,<sup>317</sup> datada em abril de 1895, como se vê neste fragmento afetuosos:

Carmita mía:

Te amo por tu sencillez, y porque aborreces, como yo, lo falso y lo inútil. Eres natural, que es ser buena y feliz.

Lee, conmigo a tu lado, este libro de la naturaleza.

Tu

Martí<sup>318</sup>

As expressões de afeição paternal dedicadas às irmãs indicam o cultivo de valores. Para Carmita diz “te amo por tu sencillez, y porque aborreces, como yo lo falso y lo inútil.” Para María, escreve “tu alma es tu seda.” São conselhos sobre a simplicidade da vida; diálogos de conteúdo moral, face aos apelos das modas passageiras. “Muita loja, pouca alma”, afirmando metáforas da beleza, da altivez e fortaleza do espírito é o que se observa da carta seguinte:

<sup>315</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 521.

<sup>316</sup> ROCHA, Inês de Almeida. Viver no feminino: escrita epistolar de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade. In: **Gênero** – Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG, v. 11, n. 1. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 155.

<sup>317</sup> María e Carmita Mantilla, a quem Martí refere-se carinhosamente como “mis niñas”, eram filhas de María del Carmen Miyares y Peoli e Manuel Mantilla y Sorzano. Dos anos que viveu em Nova York, Martí morou longo período na casa de hóspedes da cubana de ascendência venezuelana María del Carmen Miyares y Peoli com quem cultivou grande amizade. Alguns estudiosos acreditam que María Mantilla fosse filha de José Martí com a viúva María del Carmen Miyares y Peolí. Sobre essa perspectiva pude encontrar o autor Enrique Krauze, em *Os Redentores – Ideias e poder na América Latina* (2011), que afirma tal filiação: “Um mês depois, María Miyares de Mantilla deu à luz uma filha chamada María. Seu pai não era Manuel, e sim José Martí, que se tornou oficialmente o padrinho da menina.” KRAUZE, Enrique. **Os redentores: ideias e poder na América Latina**. São Paulo: Benvirá, 2011. p. 19.

<sup>318</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 517.



Es como la elegancia, mi María, que está en el buen gusto, y no el costo. La elegancia del vestido, – la grande y verdadera, – está en la altivez y fortaleza del alma. Un alma honrada, inteligente y libre, da al cuerpo más elegancia, y más poderío a la mujer, que las modas más ricas de las tiendas. Mucha tienda, poca alma. Quien tiene mucho adentro, necesita poco afuera. Quien lleva mucho afuera, tiene poco adentro, y quiere disimular poco. Quien siente su belleza, la belleza interior, no busca afuera belleza prestada: se sabe hermosa, y la belleza echa luz. Procurará mostrarse alegre, y agradable a los ojos, porque es deber humano causar placer en vez de pena, y quien conoce la belleza la respeta y cuida en los demás y en si. Pero no pondrá en un jarrón de China un jazmín: pondrá el jazmín, solo y ligero, en un cristal de agua clara. Esa es la elegancia verdadera: que el vaso no sea más que la flor. Y esa naturalidad, y verdadero modo de vivir, con piedad para los vanos y pomposos, se aprende con encanto en la historia de las criaturas de la tierra.<sup>319</sup>

É possível também observar na dedicatória, como na carta, que os livros, a leitura e a escrita são companheiros que nutrem o espírito e consolam na saudade. Em relação à María e Carmita, as palavras de Martí sugerem a força dos sentidos em face do ato de lembrar: “¿Quieres ver como pienso en ti, –en ti y en Carmita? Todo me es razón de hablar de ti, el piano que oigo, el libro que veo, el periódico que llega.”<sup>320</sup>

Pelo correio, seguem os livros e neles os conselhos, a prescrição das formas de leitura, as atividades do espírito e do intelecto, do processo criativo. Neste sentido, em tom de mestre, os conselhos se voltam ao estudo das línguas e ao trabalho intelectual da tradução. Para além do estreitamento dos vínculos afetivos, a missiva dá a conhecer um traço singular na trajetória de José Martí: sua abertura intelectual às gerações e ao gênero feminino. Tal se observa, em sua escrita de *La Edad de Oro*, dirigida aos *meninos e meninas de Nuestra América*; como aqui se apreende dos conselhos às jovens Maria e Carmita, estimuladas a palmilhar os caminhos do pensamento e da criação, tendo, nos livros e na leitura criativa, uma educação da sensibilidade. Ora, tal não é a experiência comum às crianças e mulheres no século XIX, como bem afirmam os estudos de história social do livro e da leitura.

Y por el correo te mando dos libros, y con ellos una tarea, que harás, si me quieres; y no harás si no me quieres. – Así, cuando esté en pena, sentiré como una mano en el hombro, o como mi cariño en la frente, o como las sonrisas con que me entendías y consolabas; – y será que estás trabajando en la tarea, y pensando en mí.<sup>321</sup>

Aqui, um destaque à tradução, enquanto labor intelectual no plano da difusão do livro e da leitura no século XIX. Neste trabalho, as fontes compulsadas indicam o esforço da tradução em articulação ao autodidatismo e à difusão do pensamento. Para os fins de nossa reflexão, o tema é aqui abordado como parte da trajetória intelectual de José Martí para quem

<sup>319</sup> MARTÍ, José. *Obras Completas*, v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975, p. 219.

<sup>320</sup> *Ibid.*, p. 216.

<sup>321</sup> *Ibid.*, p. 216.

“la traducción ha de ser natural, para que parezca como si el libro hubiese sido escrito en la lengua a que lo traduces, que en eso se conocen las buenas traducciones.”<sup>322</sup> “La página al día, pues: mi hijita querida”,<sup>323</sup> é um dos conselhos à María. Dos papéis e da política, pede que aprenda com seu exemplo: “Aprende de mí. Tengo la vida a un lado de la mesa, y la muerte a otro, y mi pueblo a las espaldas: – y ve cuántas páginas te escribo.”<sup>324</sup> Nesta linha de uma escrita como testamento, a comovida despedida a María:

Y si no me vuelves a ver, haz como el chiquitín cuando el entierro de Frank Sorzano: pon un libro, el libro que te pido, – sobre la sepultura. O sobre tu pecho, porque ahí estaré enterrado yo si muero donde no lo sepan los hombres.– Trabaja. Un beso. Y espérame.

Tu

Martí<sup>325</sup>

Neste ponto, a reflexão de Carmen Suárez León colabora para o entendimento do labor da tradução em Cuba, no século XIX, destacando o fato não como uma exigência do periodismo ou da indústria editorial e sim como perspectiva de ampliação do horizonte intelectual da comunidade de letrados de extração social variada. Outro ponto a destacar, em seu estudo, diz respeito à tradução no contexto oitocentista de luta anticolonial como parte da apropriação das ideias em voga.<sup>326</sup>

A novela *Ramona*,<sup>327</sup> um dos livros traduzidos por José Martí, marca o início de seu projeto acerca da edição de livros úteis para a hispano-América; ou, como escreve no prólogo, editar livros que possam estar ao mesmo tempo *sobre la mesa del pensador y en el recato costurero*:

El libro nos va dando hermanos e ideas. Se ama, se reposa, se anhela, se padece, se asiste a una agonía histórica en una naturaleza rebosante. Un arte sumo distribuye con mesura los fúlgidos colores. Se disfruta de un libro que sin ofender la razón calienta el alma, uno de los pocos libros que pueden estar a la vez sobre la mesa del pensador y en el recato costurero. Todos hallarán en *Ramona* un placer exquisito: mérito el literato, color el artista, ánimo el generoso, lección el político, ejemplo los amantes, y los cansados entretenimiento.<sup>328</sup>

<sup>322</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 217.

<sup>323</sup> *Ibid.*, p. 218.

<sup>324</sup> *Ibid.*, p. 218.

<sup>325</sup> *Ibid.*, p. 220.

<sup>326</sup> LEÓN, Carmem Suárez. Martí: traductor de textos, traductor de mundos. In: ANUARIO DEL CENTRO DE ESTUDIOS MARTIANOS. v. 25, 2002. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2005. p. 179.

<sup>327</sup> Novela da escritora estadunidense Helen Hunt Jackson (1830-1885) – que além de traduzida foi também editada por Martí no ano de 1887.

<sup>328</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 21. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010. p.

O sonho editorial de Martí – de livros vivos para as repúblicas americanas – é expresso com entusiasmo na correspondência enviada para Manuel Mercado. “Lo de los libros es la cosa magna, y hoy, de pensarlo hacedero, he cantado y me he puesto a arreglar mis papeles. – Deme un estribo para echar a andar otra vez sobre la vida: porque el que nació conmigo, se me lo han comido. –”<sup>329</sup>

Sua intenção é publicar livros *humanos e palpitantes* que possam ensinar sobre a vida e seus elementos modernos e de preço acessível à maioria do povo. Seu intento editorial já era acalentado desde Nova York, quando fez traduções para a editora *D. Appleton and Company*,<sup>330</sup> provavelmente sua inspiração de fazer livrinhos bons e baratos.<sup>331</sup>

Esse é o projeto esboçado ao amigo Manuel Mercado, definindo possíveis temáticas e formas de comercialização dos *livros baratos e úteis*. A carta para Mercado é motivada pela visita que Martí recebe de outro amigo, Pablo Macedo, que o anima nesse intento editorial. Como ávido leitor, a intenção de Martí é animar a circulação de livros pelos países latino-americanos e fazer desse projeto um modesto ganha pão.

Por la carta y por Pablo Macedo sabrá que, a lo modesto y principiante, tengo el pensamiento de hacerme editor de libros baratos y útiles, de educación y materias que la ayuden, cuyos libros pueden hacerse aquí en armonía con la naturaleza y necesidades de nuestros pueblos, y economía de quien trabaja en lo propio, y venderse, en México principalmente, con un margen de escasísimo provecho. Pero lo que V. no sabe es que esta no es mi idea nueva, sino en cuanto la posibilidad de su inmediata realización; – que a este fin, como si ya yo tuviera otro natural, me vengo preparando con un estudio cuidadoso de los menores detalles, desde hace muchos años; – que, aparte de toda situación mía actual, me siento capaz de levantar en este hermoso ramo una empresa benéfica y productiva; – que contra mi costumbre, desde que Macedo me habló – de esto como realizable, al decirle yo cómo tenía estudiado el asunto, no pienso en otra cosa, y la doy por hecha; – que tan convencido estoy del bien que podría hacer, y el giro útil que podría dar al caudal puesto en ello, que en esto sí me propongo ser porfiado e incansable, y no parar hasta tenerlo conseguido. – Ir tirando será lo primero, con ahorros de judío, – de lo poquito que haya para comenzar. Ya yo sé los libros vivos que nuestras tierras necesitan, y piden, y no tienen, ni hay aún quien les dé: y los iré publicando de manera que, desde el principio, México los vaya obteniendo al precio estrictamente necesario para cubrir los gastos. Los provechos vendrán de la venta en los demás países. Al fin, estos libros útiles, con ediciones sucesivas, vendrán a reducirse a un precio tal, que no

---

156-157.

<sup>329</sup> Trecho da carta para Manuel Mercado em 22 de março de 1886, publicada em MARTÍ, José. *Epistolario*. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 326.

<sup>330</sup> Fundada pelo estadunidense Daniel Appleton (1785-1849) e continuada por seu filho William Henry Appleton (1814-1899). *Antigüedades Romanas*, de autoria de Auguste Samuel Wilkins (1843-1905) é traduzido por Martí e publicado em 1883 pela D. Appleton and Company. Além de *Antigüedades Romanas* (1883), Martí traduziu *Antigüedades griegas* de J. H. Mahaffy (1884), *Nociones de Lógica* de William Stanley Jevons (1886), *Misterio* de Hugh Conway (1886), e uma *Geografía* (1886) de Páez. Esse era um trabalho no qual Martí não podia escolher o que traduzia e, por vezes, se queixava, para Mercado e sua irmã Amelia, do conteúdo e da qualidade dos textos recebidos para tradução.

<sup>331</sup> MESA, Enrique López. *José Martí*: editar desde New York. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2012. p. 13-15.

habrá quien no pueda hacerse de ellos. La competencia no es de temer—primero, porque estos libros serán muy distintos de cuantos en esa línea van publicados, — libros humanos y palpitantes, — no meros textos, sino explicaciones de la vida y sus elementos, y preparaciones para luchar con ella — la esencia y flor de todo lo moderno: — después, porque como esta empresa sólo será de lucro moderado y honesto, siempre podrá abaratar sus productos mucho más que los que no se conforman sino con grandes provechos. — Eso sí que me resucitará, y me sacará de la vergüenza en que ando. Esa idea me satisface y regocija, y no entra en este contento ni por un ápice mi necesidad actual de asegurarme un quehacer menos mortal y angustioso que el que, con escasos intervalos, he tenido hasta ahora.<sup>332</sup>

Em 1887, Martí volta ao assunto em carta para Manuel Mercado, afirmando que semear livros é tarefa possível, e, para tanto, contaria com os círculos intelectuais onde criara laços. Como um sonho desde a juventude, evoca os experimentos do exílio com a publicação do folheto *Guatemala* e da *Revista Venezolana*.

Ya Pablo le diría, y yo a V. en carta o cartas de entonces le dije que, después de medir y pesar, mi propósito era, aprovechando el cariño con que se ve ya mi nombre, lo que sé del negocio en su práctica, y cierta capacidad para él con que me encuentro, a más de serme oficio gratísimo, publicar libros, modestos y pocos primero, con sistema y propósito en seguida, adecuándolos a las necesidades y carácter de las tierras que amo, favoreciendo con la venta de libros amenos la de los de educación, hasta que pueda desenvolver sin imprudencia los planes que casi desde mi niñez he venido meditando en uno y otro país, y en materia como esa son naturalmente vastos.<sup>333</sup>

É também nessa carta que Martí conta que a novela *Ramona* se encontrava no prelo e de seu contentamento com a publicação, porque o México é seu ambiente ficcional, e, a seu juízo, a novela aborda, em tintas vivas, as agruras vividas pelos indígenas da Califórnia nos tempos da conquista colonial.

Pero, ayudándome con un trabajo extraordinario que me tuvo ocupado dos meses, ya puedo a medias hacer por mí lo que anhelo, y tengo en prensa mi primer libro — *Ramona*. La escogí, quiero decírselo, porque es un libro de México, escrito por una americana de nobilísimo corazón, para pintar, con gracia de idilio y color nuestro, lo que padeció el indio de California, y California misma, al entrar en poder de los americanos. Es novela, no historia, novela discretísima y sin aspavientos de elegía, ni más pasiones que las nobles. No escogí el libro por la razón ruin de que siendo mexicano el argumento, tendría más venta en México. Los 2000 ejemplares que me compra Buenos Aires, y me habilitan a publicarlo, demuestran bien que ese no pudo ser mi pensamiento; sino cierto deber en que para con México me reconozco, cierta superstición de que debía empezar por ese libro de piedad sobre la tierra a que quiero. Desde que leí el libro, pensé publicarlo en español: he leído pocos de su especie en que la naturaleza esté pintada con más arte, y un país original tan bien visto por un extranjero, y nuestra raza, a menudo desdeñada sin razón, tratada con

<sup>332</sup> Trecho da carta para Manuel Mercado em 22 de abril de 1886, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 329-334.

<sup>333</sup> Trecho da carta para Manuel Mercado em 08 de agosto de 1887, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 398.

tan ingenuo afecto, y en toda su bondad reconocida, por una escritora famosa entre los que más nos desdeñan. Puesto a la tarea, ya me felicité de haber escogido a *Ramona*, y pensé en que a México llega muy a tiempo, porque sin excitar la pasión contra el americano, – lo que en la autora sería traición fea, y en mí imprudencia y en cierto modo entrometimiento, – su lectura deja en el ánimo – inevitablemente, sin violentar la lección ni insinuarla siquiera, la convicción de que al mexicano no le iría bien en manos de Norteamérica. Prepara, pues, sin odio el libro a aquel estado de racional defensa en que ese país debe estar constantemente acerca de este. Contra el odio de los más apasionados es al mismo tiempo freno, por lo que matiza con bondades americanas las tristezas que pinta.<sup>334</sup>

Sáidos do prelo, exemplares da novela *Ramona* seguem pelo correio com suas dedicatórias afetuosas. De Nova York, no ano de 1888, envia para Dolores (Lola) Mercado, esposa de Manuel Mercado, um exemplar da novela: “Un libro puro, a una mujer pura.”<sup>335</sup> Para Ubaldina Barranco, esposa de Benjamín J. Guerra, o mote da mulher exemplar: “A una esposa ejemplar, este ejemplo de esposa.”<sup>336</sup> Para Josefina Dorticós de González, a dedicatória: “A la compañera ejemplar de un hombre bueno.”<sup>337</sup> Dedicava também, no ano de 1890, um exemplar de *Ramona* às filhas de Miguel Figueroa, “A las hijas de Miguel Figueroa en admiración entusiasta de su padre.”<sup>338</sup> Ainda outro exemplar é dedicado a Victor Hugo Paltsits: “A mi discípulo y amigo V. H. Paltsits.”<sup>339</sup>

Para Alberto Carrilo y Pintó,<sup>340</sup> segue um exemplar de sua tradução de *Antigüedades Romanas*, com a seguinte dedicatória: “Alberto querido: Tu carta es tan linda que tengo que regalarte este libro que yo mismo traduje. Hay que trabajar mucho para vivir: Tu amigazo, José Martí.”<sup>341</sup>

Durante a pesquisa que realizei na biblioteca do CEM e na *Oficina de Asuntos Históricos del Consejo de Estado*, em Havana, localizei a relação de livros da biblioteca de José Martí em Nova York (ANEXO I) e o livro *A Trip Around the World* de George

<sup>334</sup> Trecho da carta para Manuel Mercado em 08 de agosto de 1887, publicada em MARTÍ, José. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993. p. 395-400.

<sup>335</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 518.

<sup>336</sup> Ubaldina colaborou com a organização das mulheres cubanas em Nova York fundando o clube *Hijas de Cuba* do qual foi eleita tesoureira MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 509.

<sup>337</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p.513.

<sup>338</sup> *Ibid.*, p.514.

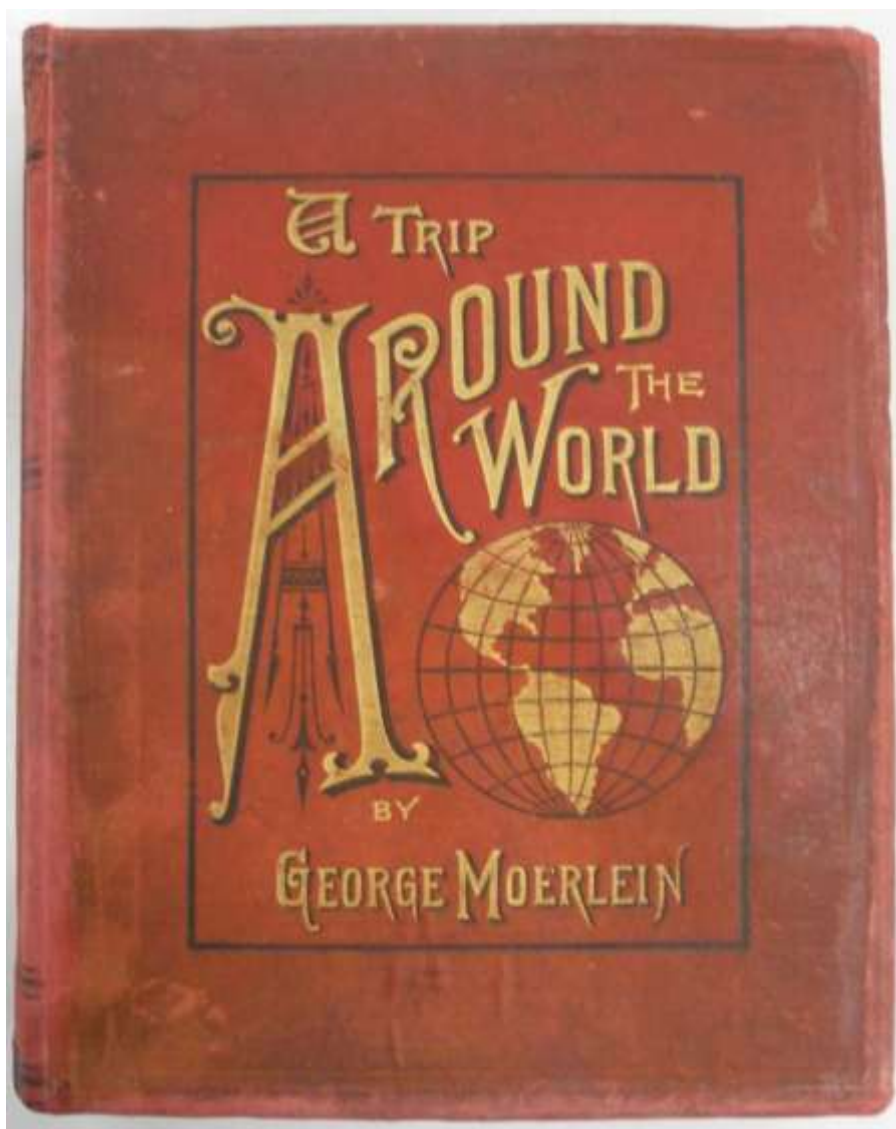
<sup>339</sup> *Ibid.*, p.520.

<sup>340</sup> Alberto era filho de Antonio Carrilo y O’Farril e Irene Pintó, casal que vivia em Nova York e recebia frequentemente Martí em sua casa. Martí e Antonio Carrillo y O’Farril se conheciam desde a juventude em Havana, tendo Antonio colaborado em *El Diablo Cojuelo* (1869) com Martí e Fermín Valdés Domínguez. Em Nova York, entre as amizades formadas na emigração cubana, era usual que os amigos se reunissem como família nas grandes datas. E assim aconteceu, em 24 de dezembro de 1894, quando Martí se reuniu na casa do amigo para celebrar antes de partir rumo à campanha revolucionária.

<sup>341</sup> MARTÍ, *op. cit.*, p.512.

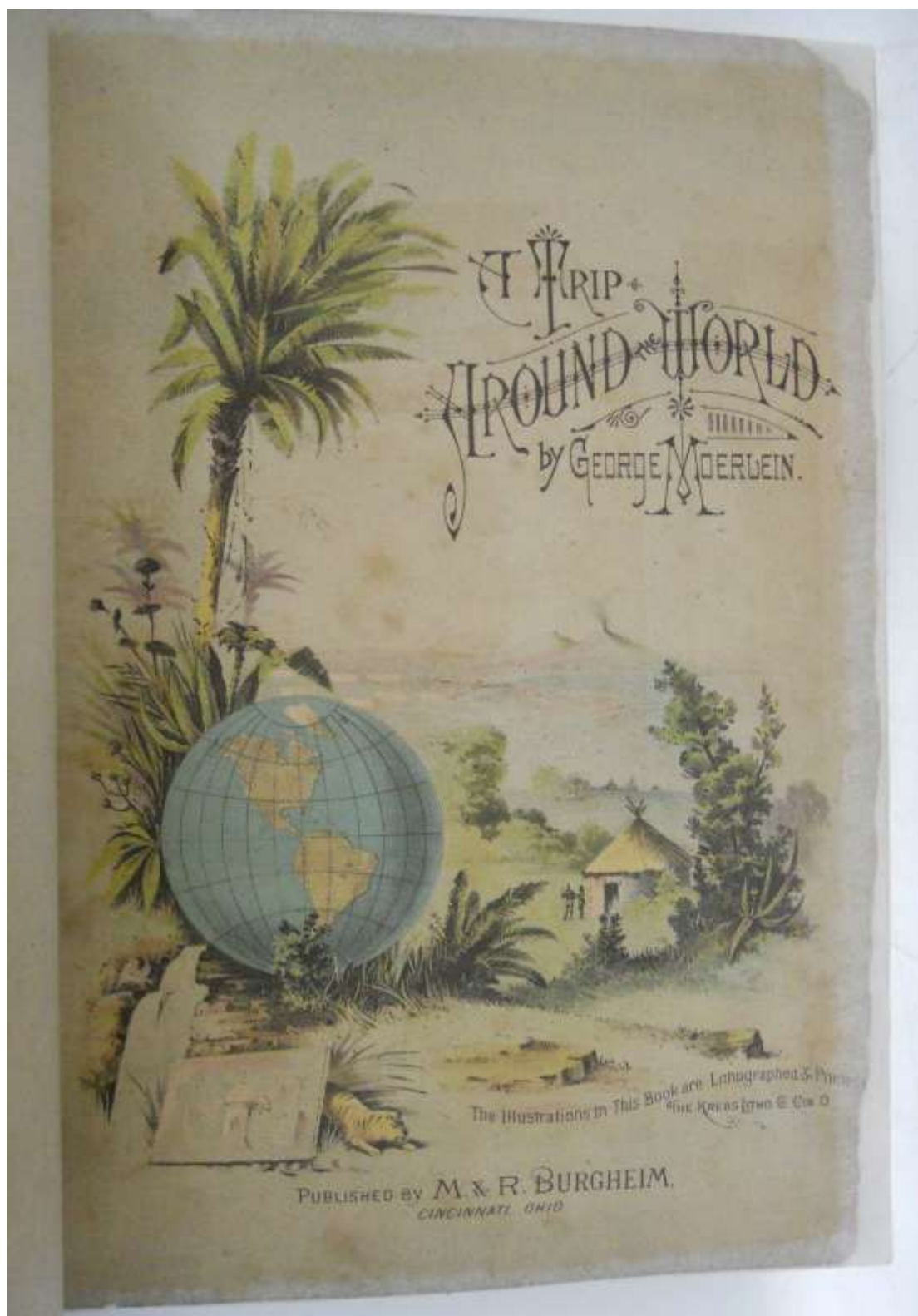
Moerlein.<sup>342</sup> Este chama nossa atenção pelo requinte editorial e diversidade de ilustrações, qualidades ainda raras no mercado livreiro do período.

Figura 59 – Capa de *A Trip Around the World* (1886).



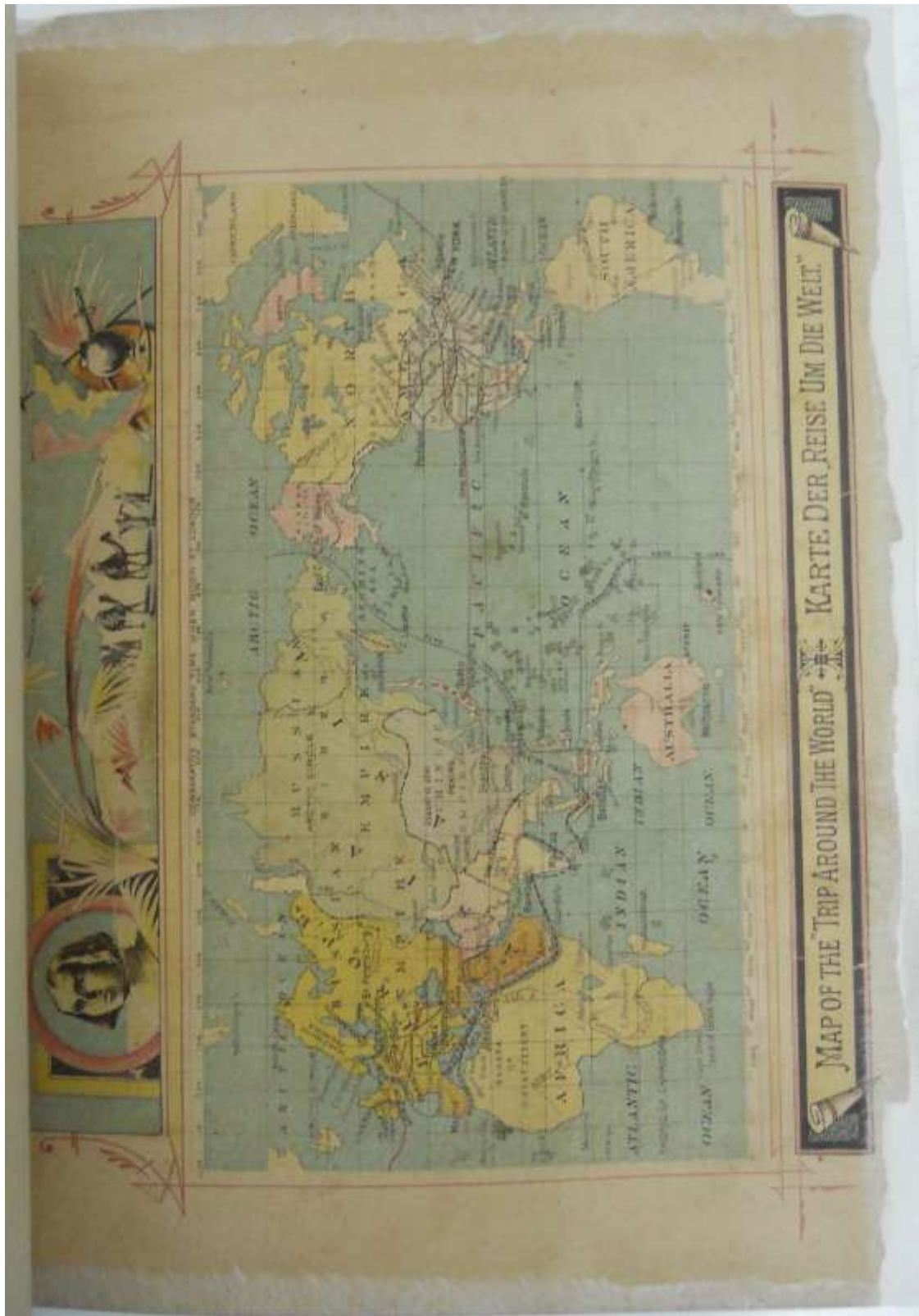
Acervo: Oficina de Asuntos Históricos del Consejo de Estado, Havana.

<sup>342</sup> Publicado por M. & R. Burgheim, na cidade de Cincinnati, Ohio, 1886.

Figura 60 – Folha de rosto de *A Trip Around the World* (1886).

Acervo: Oficina de Asuntos Históricos del Consejo de Estado, Havana.

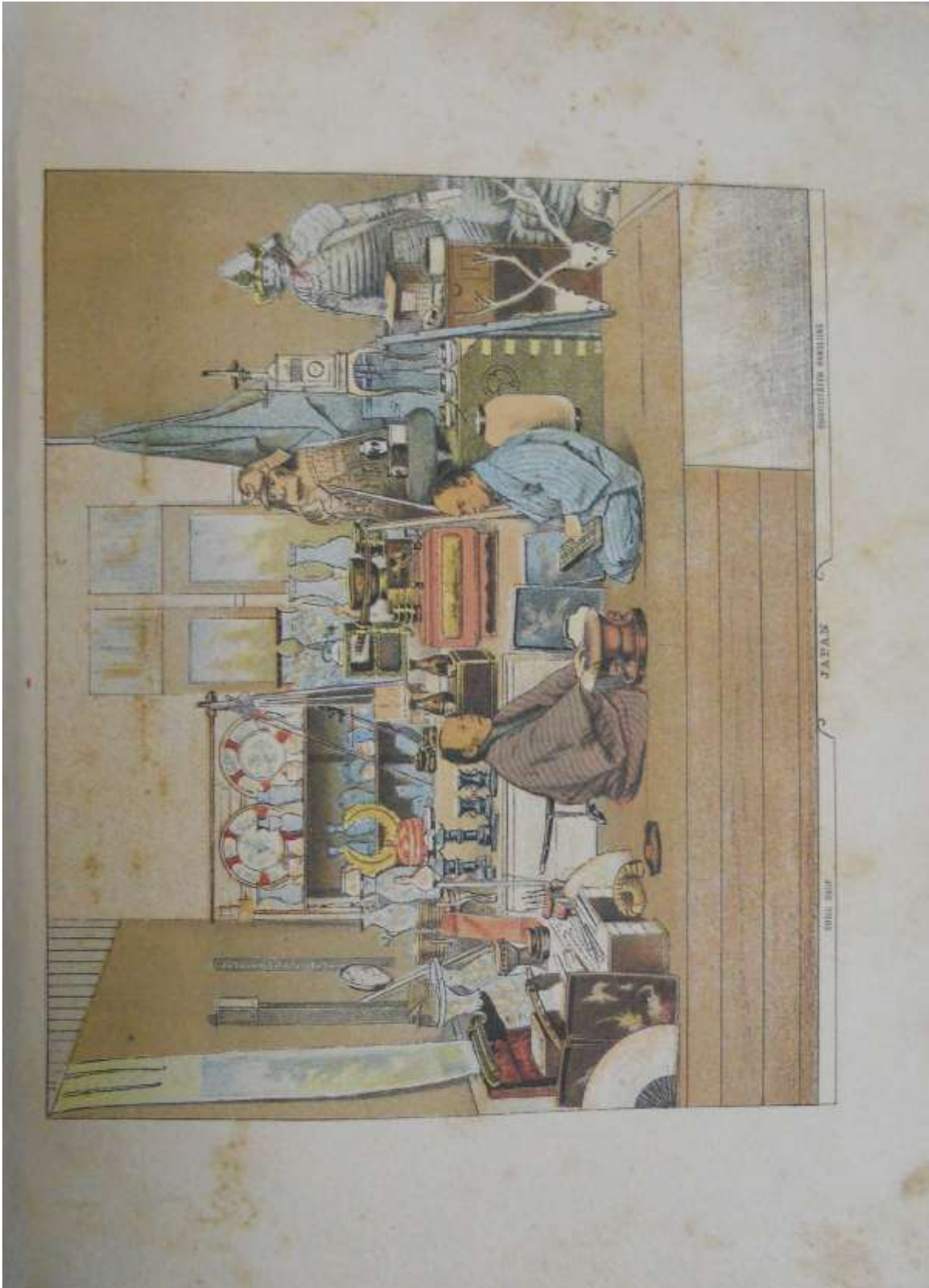
Figura 61 – Mapa em *A Trip Around the World* (1886).



Acervo: Oficina de Asuntos Históricos del Consejo de Estado, Havana.



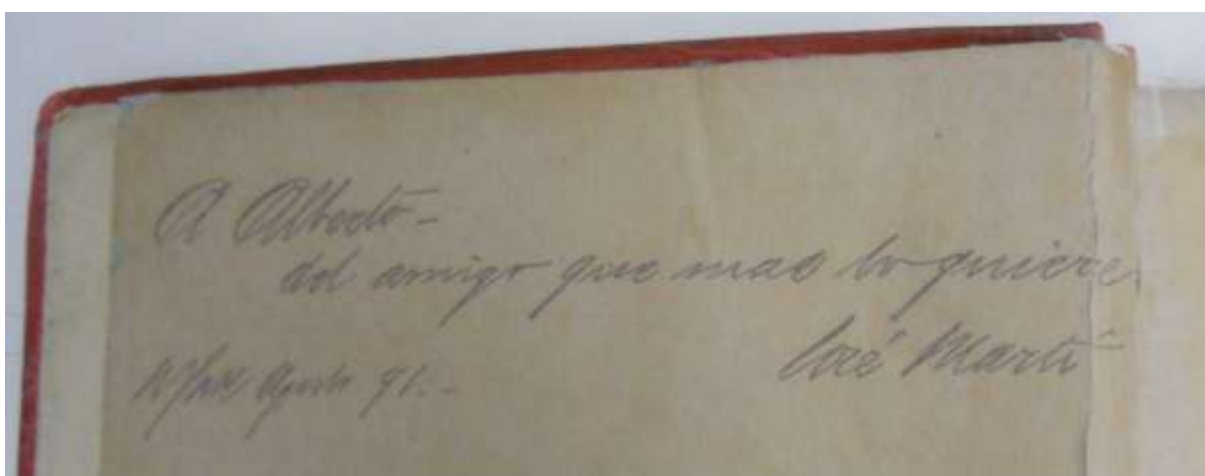
Figura 62 – Ilustração em *A Trip Around the World* (1886).



Acervo: Oficina de Asuntos Históricos del Consejo de Estado, Havana.

A partir das dedicatórias escritas, torna-se possível refletir sobre as conexões entre o mundo do livro, da leitura e a afetividade em José Martí. A estima para com as suas afinidades eletivas é elemento inseparável de sua trajetória, como se pode observar desde os enlances – e desenlaces – nos círculos intelectuais dos quais participa, assim como os vínculos entre periodismo e política. Para Alberto Carrillo y Pintó, escreve, no ano de 1891, a seguinte dedicatória em exemplar de *A Trip Around the World* (Figura 63): “A Alberto, del amigo que más lo quiere. José Martí.”<sup>343</sup>

Figura 63 – Dedicatória em *A Trip Around the World* (1886).



Acervo: Oficina de Asuntos Históricos del Consejo de Estado, Havana.

No ano de 1894, com dedicatória para o mesmo Alberto, segue uma cartilha científica: “A Alberto, que es hombre de ciência.”<sup>344</sup> Em seguida, dedica uma edição de *The Knockabout Club in the Antilles*;<sup>345</sup> leitura que recomenda, com ressalvas, ao amigo (Figura 66): “A Alberto querido: este libro con muchos errores y muchas injusticias – pero con unas quantas palmas. Su Martí.”<sup>346</sup>

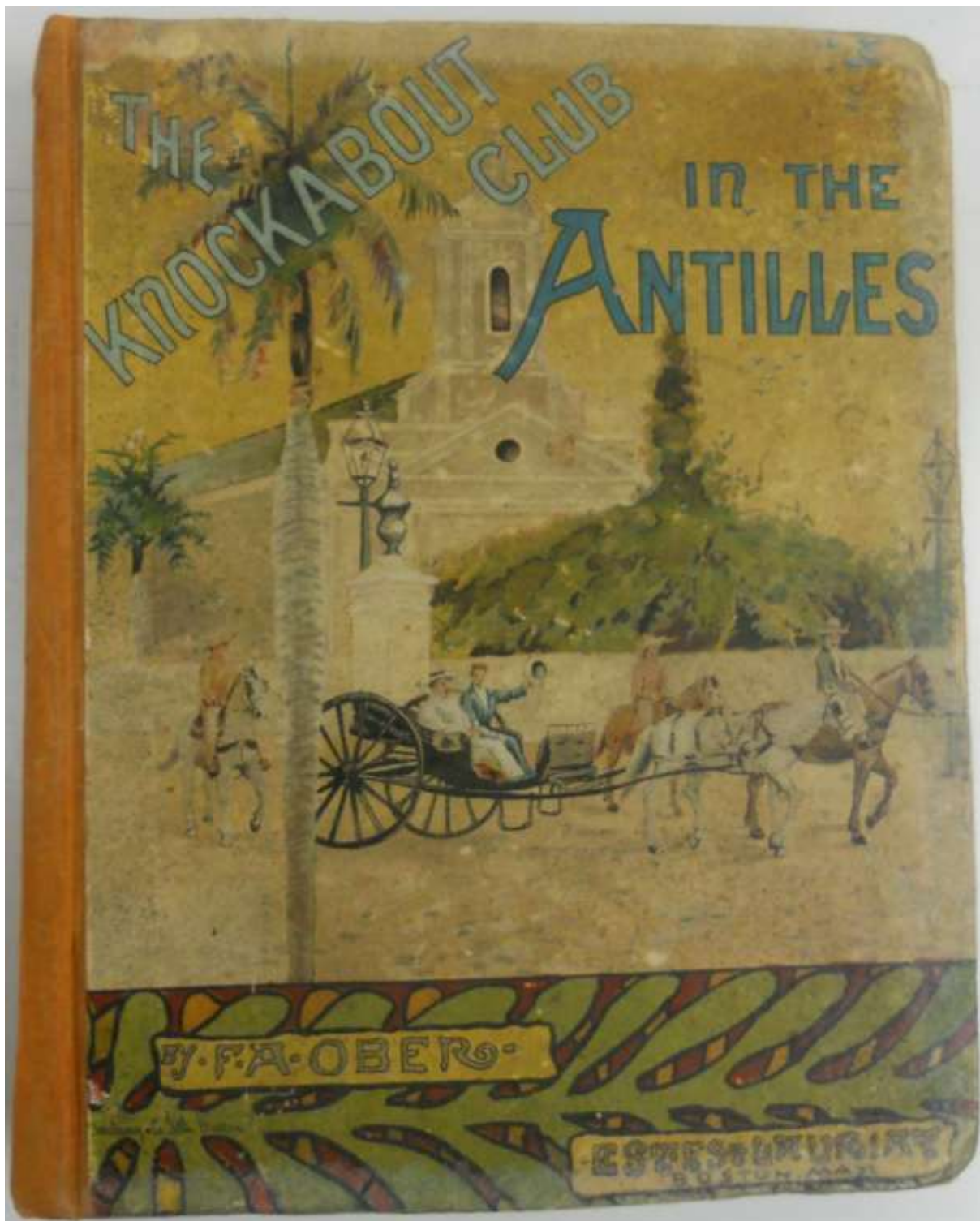
<sup>343</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p.512.

<sup>344</sup> *Ibid.*, p.512.

<sup>345</sup> De F. A. Ober, publicada em 1888, na cidade de Boston, por Ester and Lauriat – da qual também pude ter acesso no acervo da *Oficina de Asuntos Históricos del Consejo de Estado*.

<sup>346</sup> A dedicatória está datada como “Pascuas de 1895”, um equívoco de Martí, sendo a data correta o ano de 1894. MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p.512.

Figura 64 – Capa do livro *The Knockabout Club in the Antilles* (1888).



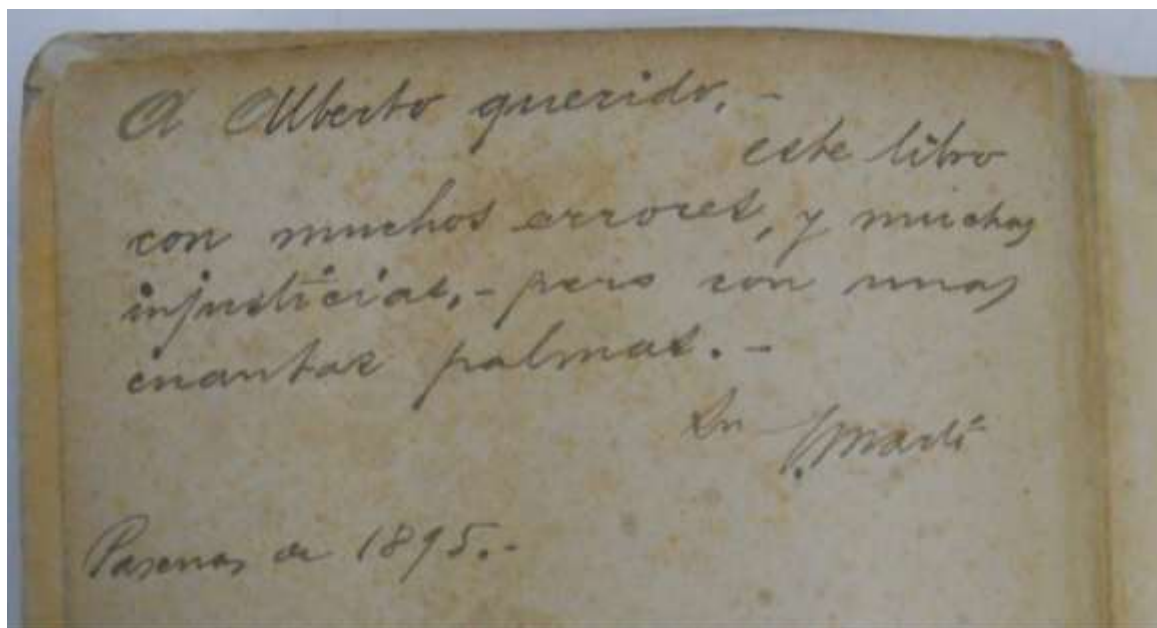
Acervo: Oficina de Asuntos Históricos del Consejo de Estado, Havana.

Figura 65 – Contracapa do livro *The Knockabout Club in the Antilles* (1888).



Acervo: Oficina de Asuntos Históricos del Consejo de Estado, Havana.

Figura 66 – Dedicatória em *The Knockabout Club in the Antilles* (1888).



Acervo Oficina de Asuntos Históricos del Consejo de Estado, Havana.

Também é conhecida a dedicatória em livro para Bernardo Figueredo Antúnez,<sup>347</sup> a quem Martí conheceu no ano de 1891, em Cayo Hueso, quando Bernardo tinha doze anos. O livro enviado é *Stanley's Story or Through the Wilds of Africa*, com data de 27 de julho de 1893, de Nova York: “A Bernardo, que es de los mejores de este mundo, porque es bueno. José Martí.”<sup>348</sup> Na mesma data, presenteou o livro *The Kings of Misteries* para Fernando Figueredo Antúnez<sup>349</sup> com a dedicatória a seguir: “A Fernando, y a su alma fina y caballerosa. Su José Martí.”<sup>350</sup>

Um exemplar de *The Heroes of Calvary* é presenteado ao menino Ramón Garriga em dezembro de 1888 com a seguinte dedicatória: “Al caballero Ramón. Su amigo José

<sup>347</sup> Bernardo era o filho mais velho de Fernando Figueredo Socarrás, que havia lutado na Guerra dos Dez Anos ao lado de Carlos Manuel de Céspedes. Das passagens que realizou por Cayo Hueso, Martí ficou hospedado muitas vezes na casa de Figueredo Socarrás. Entre dezembro de 1893 e janeiro de 1894, Bernardo Figueredo Antúnez acompanha Martí em sua viagem de Cayo Hueso a Nova York. Dessa viagem, existem anotações de Bernardo a modo de diário. O jovem, que era aluno da Academia de Bellas Artes de Cayo, fez alguns desenhos de José Martí. Tanto o Diário como os desenhos mencionados podem ser consultados em ANTÚNEZ, Bernardo Figueredo. **Yo dibuje a Martí: diario de un viaje Cayo Hueso-Nueva York**. Selección, prólogo y notas de Jorge R. Bermúdez. La Habana: Casa Editora Abril, 2010.

<sup>348</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p.514.

<sup>349</sup> Não foi possível encontrar informações sobre Fernando Figueredo Antúnez. No entanto, acredito que seja o irmão de Bernardo Figueredo Antúnez. Em *Entorno Martiano*, de Luis García Pascual, na descrição de Juana Antúnez Antúnez, esposa de Fernando Figueredo Socarrás, aparece a relação dos nove filhos do casal e o terceiro filho se chama Fernando (1882-1964). PASCUAL, Luis García. **Entorno martiano**. La Habana: Ediciones Abril, 2003., p. 20-21.

<sup>350</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 514.

Martí.”<sup>351</sup> Ramón Garriga cursou seus estudos em diversas escolas nos Estados Unidos e, entre elas, estudou na escola de Tomás Estrada Palma em Central Valley onde conheceu José Martí. Na sua juventude, vinculou-se aos patriotas cubanos e, no ano de 1895, com dezenove anos, esteve com Martí no acampamento de Dos Ríos na guerra de independência.

Neste tópico da Dissertação, apresentamos algumas das dedicatórias de José Martí, escritas em livro, apontando seus vínculos, amizades cultivadas e formas de expressão do afeto, para, em seguida, percorrermos seus *Diários de Campanha*, escritos da fase final de sua trajetória.

## 2. Nos Diários uma escrita da esperança

### ▪ De Monte Cristo a Cabo Haitiano

No dia 31 de janeiro de 1895, José Martí parte de Nova York a bordo do vapor *Athos* juntamente com José María Rodríguez Rodríguez, Enrique Collazo e Manuel Mantilla chegando a Cabo Haitiano em 6 de fevereiro de 1895. Em Cabo Haitiano, une-se ao grupo Ángel Guerra, e a viagem segue até Monte Cristi, onde encontram o general Máximo Gómez. Essa seria sua última viagem e tem como destino final a ilha de Cuba e a guerra pela independência.

No dia 14 de fevereiro, Martí inicia o diário de *Monte Cristi a Cabo Haitiano*, que, juntamente com o segundo diário *De Cabo Haitiano a Dos Ríos*, torna-se seu documento final por excelência, como sugere a pesquisadora Mayra Beatriz Martínez.<sup>352</sup> No prólogo, a investigadora afirma que, não obstante diferenças na escrita, os dois momentos do *Diário de Campanha* devem ser considerados indivisíveis, constituindo o último texto de José Martí e de conteúdo marcadamente testemunhal. Assinala, ainda no *Diário*, o tom de diálogo com o contexto e o conteúdo da escrita: uma composição de muitos relatos particulares que se transformam numa espécie de voz plural, uma voz formada de muitas vozes.

O *Diário* e suas circunstâncias de registro permitem analisar sua escrita singular

<sup>351</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p.515.

<sup>352</sup> MARTÍ, José. **José Martí: diários de campanha: edición crítica**. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. Para essa pesquisa adotamos a edição crítica dos diários de campanha sendo essa a publicação do texto integral dos Diários. Além da edição crítica (2007), pesquisei a edição da Coleção Biblioteca Familiar (Edição impressa em Cuba para o Ministério da Educação, Cultura e Esportes da República Bolivariana da Venezuela, sem ano de publicação), cujo prólogo também é assinado por Mayra Beatriz Martínez; e outra edição crítica organizada por Froilán Escobar e Mayra Beatriz Martínez, em 1996, cujos textos são acompanhados por uma série de fotografias e ilustrações.

ressaltando a observação do vivido face aos costumes, aos elementos da cultura, as anotações sobre os animais, as plantas, os objetos da cultura material, as comidas e os saberes da medicina popular. Como afirmado no prólogo da edição Biblioteca Familiar, “No es la ojeada de un caminante desprevenido, sino indagación continua y enaltecadora de lo tradicionalmente excluído.”<sup>353</sup>

Imbuído desse espírito de contínua indagação, José Martí escreve, em 2 de fevereiro de 1895, para María Mantilla. Escrita no vapor *Athos*, a carta sugere que a moça acompanhe sua viagem escrevendo um glossário de nomes e significados dos lugares.

Los libros, se habrán quedado en Central Valley, y yo lo he de sentir, sobre todo si se quedó allá el Larousse, que ahora te serviría en un trabajo de cariño que quiero que hagas, para ver si te acuerdas de mí, – y es que vayas haciendo como una historia de mi viaje, a modo de diccionario, con la explicación de los nombres curiosos de ese viaje mío. – Atlas, por ejemplo, es el nombre de la compañía de estos vapores: busca *Atlas*, y escribe lo que encuentres. – *Athos*, es el nombre del vapor: busca *Athos*. – *Cap Haitien* es el lugar a donde vamos ahora; búscalo, en el Larousse y en las geografías. Y así harás un libro curioso, e irás pensando en mí. – El Larousse está en casa de Gonzalo, y Blanche tiene un buen libro de Mitología donde puedes leer de Atlas y Athos: “Goldfinch” es el autor del libro, o cosa así – con láminas. – De Cap Haitien habla mucho una geografía de las Antillas que tenemos, pero está en Central Valley. – Tú hallarás. – No se sabe bien sino lo que se descubre.<sup>354</sup>

Nessa passagem, observa-se o espírito do editor, sugerindo a escrita de um curioso livro, indicando fontes de pesquisa e até mesmo os lugares onde se encontram. Tal é também, como já consideramos aqui, o cuidado paternal se mesclando ao espírito aberto que não nega às mulheres o direito à instrução e educação.

O primeiro *Diário – De Monte Cristi a Cabo Haitiano*,<sup>355</sup> datado entre 14 de fevereiro e 8 de abril de 1895, é dedicado às irmãs Maria e Carmen Mantilla, a quem Martí amou como filhas.

Mis niñas –:

Por las fechas arreglen esos apuntes, que escribí para ustedes, con los que mandé antes. –No fueron escritos sino para probarles que día por día, a caballo y en la mar, y en las más grandes angustias que pueda pasar hombre, iba pensando en ustedes. –<sup>356</sup>

<sup>353</sup> Martí, José. **Biografías e Diário de José Martí**. Prólogo de Mayra Beatriz Martínez. Cuba: Biblioteca Familiar, sem ano de publicação, p. 4.

<sup>354</sup> Trecho da carta a Maria Mantilla, em 02 de fevereiro de 1895, publicada em MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 212-213.

<sup>355</sup> O *Diário* tem seus originais formados por um conjunto de 56 folhas soltas de aparência variada – listradas, lisas e quadriculadas – e tamanho semelhante, como especifica a edição crítica dos *Diários* (2007).

<sup>356</sup> MARTÍ, José. **José Martí: diarios de campaña: edición crítica**. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 15.

Nesse *Diário* compartilha suas andanças, as pessoas que encontra, descreve as paisagens e os ermos. Escrita roubada ao urgente tempo da luta revolucionária, é bastante reveladora de sua sensibilidade para com a vida dos camponeses. Das gentes é atento aos modos de vida, à tradição oral, à sabedoria popular, donde recolhe pequenos casos:

Del viaje, ahora que escribo, mientras mis compañeros se sanean, en la casa pura de Nicolás Ramírez, solo resaltan en mi memoria unos cuantos árboles, – unos cuantos caracteres, de hombre o de mujer, – unas cuantas frases. La frase aquí es añeja, pintoresca, concisa, sentenciosa: y como filosofía natural. El lenguaje común tiene de base el estudio del mundo, legado de padres a hijos, en máximas finas, y la impresión pueril primera. Una frase explica la arrogancia innecesaria y cruda del país: – “Si me traen (regalos, regalos de amigos y parientes a la casa de los novios) me deprimen, porque yo soy el obsequiado.” Dar es de hombre; y recibir, no. Se niegan, por fiereza, al placer de agradecer. Pero en el resto de la frase está la sabiduría del campesino: – “Y si no me traen, tengo que matar las gallinitas que le empiezo a criar a mi mujer.” El que habla es bello mozo, de pierna larga y suelta, y pies descalzos, con el machete siempre en puño, y al cinto el buen cuchillo, y en el rostro terroso y febril los ojos sanos y angustiados. Es Arturo, que se acaba de casar, y la mujer salió a tener el hijo donde su gente de Santiago. De Arturo es esta pregunta: “¿Por qué si mi mujer tiene un muchacho dicen que mi mujer parió, – y si la mujer de Jiménez tiene el suyo dicen que ha dado a luz?” – Y así, por el camino, se van recogiendo frases.<sup>357</sup>

No dia 14 de fevereiro, no lugar Esperança, uma passagem registra a menina, Ana Vitalina, leitora fluente e desembaraçada:

Y en Esperanza nos desmontamos frente a “La Delicia”. – De ella sale, melenudo y zancón, a abrirnos su talanquera, “a abrirnos la pueita” del patio para las monturas, el general Candelario Lozano. No lleva medias, y los zapatos son de vaqueta. Él cuelga la hamaca; habla del padre, que está en el pueblo ahora, “a llevarse los cuaitos de las confirmaciones”; nos enseña su despacho, pegado en cartón, de general de brigada, del tiempo de Báez; oye, con las piernas colgantes en su taburete reclinado, a su Ana Vitalina, la niña letrada, que lee de corrido, y con desembarazo, la carta en que el ministro exhorta al general Candelario Lozano a que continúe “velando por la paz”, y le ofrece llevarle “más tarde” la silla que le pide.<sup>358</sup>

Ao longo desta viagem, Martí registra também um encontro com jovens de Santiago de los Caballeros, que o recebem com um festejo no *Centro de Recreo*, onde se estabelece uma conversação improvisada. Uma estante repleta de livros novos é logo notada por Martí, e o festejo produz uma amável conversa. Martí firma seu pensamento e sua atitude em relação ao conhecimento a partir das camadas populares. Por que não compartilhar tantos livros novos com os moços pobres de Santiago? É a pergunta sugerida no trecho a seguir:

<sup>357</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 18.

<sup>358</sup> *Ibid.*, p. 24.



Me llevan, aún en traje de camino, al “Centro de Recreo”, a la sociedad de los jóvenes. Rogué que desistiesen de la fiesta pública y ceremoniosa con que me querían recibir; y la casa está como de gala, pero íntima y sencilla. La buena juventud aguarda, repartida por las mesas. El gentío se agolpa a las puertas. El estante está lleno de libros nuevos. Me recibe la charanga, con un vals del país, fácil y como velado, a piano y flauta, con güiro y pandereta. Los “mamarrachos” entran, y su música con ellos: las máscaras, que salen aquí de noche, cuando ya anda cerca el carnaval: – sale la tarasca, tragándose muchachos, con los gigantones. El gigante iba de guantes, y Máximo, el niño de Ramírez, de dos años y medio, dice que “el gigante trae la corbata en las manos”. – En el centro fue mucha y amable la conversación: de los libros nuevos, del país, – del cuarto libre de leer, que quisiera yo que abriese la sociedad, para los muchachos pobres, – de los maestros ambulantes, los maestros de la gente del campo, que en un artículo ideé, hace muchos años, y puso por ley, con aplauso y arraigo, el gobierno dominicano, cuando José Joaquín Pérez, en la presidencia de Billini. Hablamos de la poquedad, y renovación regional, del pensamiento español: de la belleza y fuerza de las obras locales: del libro en que se pudieran pintar las costumbres y juntar las leyendas, de Santiago, trabajadora y épica. Hablamos de las casas nuevas de la ciudad, y de su construcción apropiada, de aire y luz.<sup>359</sup>

Da conversa, saltam temas como os livros dominicanos, a arquitetura da cidade e o que se pode escrever sobre os costumes e a história local. Martí fala também sobre os *Maestros Ambulantes*, os professores dos camponeses, sobre os quais escreveu no periódico *La América*, em 1884. Em *Maestros Ambulantes*, Martí discorre sobre a necessidade das escolas chegarem ao campo. *Ser culto é a única maneira de ser livre*, escreve Martí, e por isso defende que os professores levem mais do que simplesmente explicações agrícolas e instrumentos mecânicos, é necessário inquietar o espírito. Se as cidades são a mente das nações, o coração, que impulsiona todo o resto do corpo, está nos campos.

Aí está, pois, o que levarão os professores pelos campos. Não só explicações agrícolas e instrumentos mecânicos, mas também a ternura, que faz tanta falta e tanto bem aos homens.

O camponês não pode deixar seu trabalho e andar milhas para ver figuras geométricas incompreensíveis, e aprender os cabos e os rios das penínsulas da África, e se prover de vazios termos didáticos. Os filhos dos camponeses não podem se afastar léguas inteiras, dias após dias, do lugar paterno para ir aprender declinações em latim e operações matemáticas. Entretanto, os camponeses são a melhor massa nacional e a mais sadia e substancial, porque recebem de perto e em cheio os eflúvios e a amável correspondência da terra, de cujo trato vivem. As cidades são a mente das nações; mas seu coração, onde se acumula e de onde se distribui o sangue, está nos campos. Os homens são ainda máquinas de comer e repositórios de preocupações. É necessário fazer de cada homem uma tocha.<sup>360</sup>

Rostos, nomes, gestos, modos de vestir e falar, jeitos de habitar e de viver, são a matéria viva da escrita das folhas soltas em que anota suas observações. Os alimentos e suas

<sup>359</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 28-29.

<sup>360</sup> Trecho de *Mestres Ambulantes* publicado em MARTÍ, José. **Nossa América**. Apresentação de Fernando Peixoto; Introdução de Roberto Fernandez Retamar. São Paulo: Hucitec, 1983. p. 84-85.

propriedades também compõem as percepções do viajante sobre a cultura do lugar:

Y vamos conversando, de la miel de limón, que es el zumo, muy hervido, que cura las úlceras tenaces; del modo moro, que en Cuba no se conoció, de estancarse la herida con puñados de tierra; de la guacaica, que es pájaro gustoso, que vive de gusanos, y da un caldo que mueve al apetito; de la miel de abeja, “mejor que el azúcar, que fue hecha para el café.” “El que quiera alimento para un día, exprima un panal que ya tenga pichones, de modo que salga toda la leche del panal, con los pichones revueltos en la miel. Es vida para un día, y cura excesos.”<sup>361</sup>

São variados os elementos que constituem a escrita do *Diário*; no entanto, o que Martí vê e registra converge ao reconhecimento do outro, os sujeitos sociais. Em sua passagem por Ouanaminthe, na República Dominicana, sua digressão recai sobre o direito de insurreição – quando as leis subjagam os homens, há que subverter a lógica do mando. São os vencidos driblando a lei dos vencedores e agindo como rebeldes exemplares.

Se sale del poblado saludando al cónsul dominicano en Fort Liberté, un brioso mulato, de traje azul y sombrero de Panamá, que guía bien el caballo blanco, sentado en su montura de charol. Y pasan recuas, y contrabandistas. Cuando los aranceles son injustos, o rencorosa la ley fronteriza, el contrabando es el derecho de insurrección. En el contrabandista se ve al valiente, que se arriesga; al astuto, que engaña al poderoso; al rebelde, en quien los demás se ven y admiran. El contrabando viene a ser amado y defendido, como la verdadera justicia.<sup>362</sup>

No início de março, entra em Fort Liberté, onde passa a noite na casa de Nephtalí Reys,<sup>363</sup> maçom,<sup>364</sup> assim como Martí. Na casa, folheia livros antigos: “En la mesa empolvada revuelvo libros viejos: textos descuadernados, catálogos, una biblia, periódicos masones.”<sup>365</sup> Compartilha do almoço em ambiente fraterno e, quando vai acertar o pagamento pela

<sup>361</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 35.

<sup>362</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 43.

<sup>363</sup> Haitiano amigo de Joaquín Montesinos – que havia sido companheiro de Martí no presídio político nas pedreiras de San Lázaro. Martí levava uma carta de apresentação redigida por Joaquín Montesinos e endereçada a Nephtalí Reyes. MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 46, nota 107.

<sup>364</sup> Por muito tempo os estudiosos da obra de Martí sustentaram uma querela sobre a qual loja maçônica Martí pertencia. No entanto, o historiador Eduardo Vázquez Pérez, deu a conhecer uma documentação que comprova a ligação de Martí como secretário da loja Caballeros Cruzados no. 62, de Madrid, pertencente ao Gran Oriente Lusitano Unidos (GOLU). A documentação que pôs fim a essa dúvida, é o diploma de “maestro masón” de Amelio de Luis y Vela de los Reyes, que está assinado por José Martí como secretário da loja Caballeros Cruzados n.º. 62. ANUARIO DEL CENTRO DE ESTUDIOS MARTIANOS, v. 30. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 197-200.

<sup>365</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 47.

hospedagem, Nephtalí retruca: “¿Comment, frère? On ne parle pas d’argent, avec un frère.”<sup>366</sup>

Pela mata, segue viagem rumo a Cabo Haitiano e dá a conhecer um simples e marcante episódio da sua travessia. Quando crê que havia perdido o caminho, encontra uma casa para pedir ajuda. Na lógica de um viajante, Martí tenta retribuir a bondade com uma quantia em dinheiro, mas a fome não era de moedas e sim de livros. É da seguinte forma que o jovem responde à Martí: “Não, o dinheiro, não. O pequeno livro, sim.” Martí levava o segundo prontuário científico de Paul Bert.<sup>367</sup>

Por los fangales, que eran muchos, creí haber perdido el camino. El sol tuesta, y el potro se hala por el lodo espeso. De la selva, a un lado y otro, cae la alta sombra. Por entre un claro veo una casa, y la llamo. Despacio asoma una abuela, y la moza luego con el niño en brazos, y luego un muchachón, con calzones apenas, un harapo por sombrero, y al aire la camisa azul. Es el camino. Dieciséis años tiene la madre traviesa. Por dejarles una pequeñez en pago de su bondad les pido un poco de agua, que el muchachón me trae. Y al ir a darle unas monedas, “Non: argent non: petit livre, oui.”<sup>368</sup> Por el bolsillo de mi saco asomaba un libro, el segundo prontuario de Paul Bert.<sup>369</sup>

Em Cabo Haitiano, sua estada é na casa de Ulpiano Dellundé,<sup>370</sup> que já o havia hospedado no ano de 1892. O propósito da visita é definir o caminho da expedição rumo a Cuba e organizar o envio de armamento. Mas não é isso que toma conta das anotações de Martí – provavelmente, também pelo perigo de registrar tais dados – e sim os livros antigos que vai folheando durante uma noite de *espíritu despierto*.<sup>371</sup> É na casa do médico cubano que Martí, provavelmente, folheia *Recherches sur l’origine de découvertes attribuées aux modernes*, de Louis Dutens, publicado em 1766. É nesse fragmento também que se refere a Benjamin Franklin. Dentre os livros que folheia, está também um Goethe, em francês:

<sup>366</sup> “Como, irmão? Não se fala de dinheiro com um irmão.” Essa, e qualquer outra tradução que venha aparecer relacionada aos diários, é tradução livre realizada a partir da tradução francês-espanhol ou creole-espanhol das expressões traduzidas nas notas de MARTÍ, José. **José Martí**: diários de campanha: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007.

<sup>367</sup> Paul Bert (1833-1886), fisiologista, político francês e professor de Sorbonne. Martí também cita um livro de Paul Bert em carta a María Mantilla de 9 de abril de 1895.

<sup>368</sup> “Não: o dinheiro, não: o pequeno livro, sim.”

<sup>369</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diários de campanha: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 51-52.

<sup>370</sup> Ulpiano Dellundé (1846-1906), médico cubano que se estabeleceu em Cabo Haitiano onde recebeu e hospedou Martí durante sua viagem de setembro de 1892 e também na sua passagem em 1895. Dellundé foi delegado do Partido Revolucionário Cubano e interveio, no ano de 1895, na gestão e entrega de armamentos para a guerra de libertação nacional em Cuba. De sua casa Martí partiu no dia 09 de abril de 1895 para embarcar no vapor *Nordstrand* e continuar sua viagem rumo a Cuba. MARTÍ, José. **José Martí**: diários de campanha: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 161-162.

<sup>371</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diários de campanha: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 53.

Hojeo libros viejos: *Origins des Découverts attribués aux Modernes*, de Dutens, en Londres, en 1776, cuando a los franceses picaba la fama de Franklin, y Dutens dice que “una persona fidedigna le ha asegurado que se halló recientemente una medalla latina, con la inscripción “Jupiter Elicius”, o Eléctrico, representando a Júpiter en lo alto, rayo en mano, y abajo un hombre que empina una cometa, por cuya manera se puede electrizar una nube, y sacar fuego de ella”, – a lo que pudiese yo juntar lo que me dijo en Belize la mujer de Le Plongeon, del que se quiso llevar de Yucatán las ruinas de los Mayas, donde se ve, en una de las piedras pintadas de un friso, a un hombre sentado, de cuya boca india sale un rayo, y otro hombre frente a él, a quien da el rayo en la boca. – Otro libro es un Goëthe en francés. En Goëthe, y mucho más lejos, en la Antología Griega, –y en la poesía oceánica, como los pantunes, se encuentran los ritornelos, refranes y estrambotes que tiene la gente novelera, y de cultura de alfiler, como cosa muy contemporánea: la profecía y censura de las minimeces de hoy, y huecas elegancias, se encuentran, enteras, en los versos sobre Un chino en Roma.<sup>372</sup>

No *Diário*, é de destaque o gosto de Martí pelas histórias exemplares e pelos escritos biográficos. Dentre os livros que encontra, faz menção a um em especial: *Les Mères Chrétiennes des Contemporains Illustres* – uma edição luxuosa de capa em vermelho e dourado. De *Les Mères*, ressalta o índice, que mais parece, em tom crítico, o índice da própria sociedade de seu tempo.

Nessas anotações críticas, discorre sobre as carreiras liberais e o autoritarismo. Martí entende que fazer carreira no mundo liberal é a grande tentação de satisfazer necessidades pessoais sem grandes esforços. É uma atividade baseada na injustiça onde um homem se aproveita de algo que não criou e, dessa maneira, contribui para a sustentação do alicerce de uma sociedade autoritária:

Hallo, en un montón de libros olvidados bajo una consola, uno que yo no conocía: “*Les Mères Chrétiennes des Contemporains Illustres*”. Lo hojeo, y le descubro el espíritu: con la maña de la biografía, es un libro escrito por el autor de “*L’Académie Française au XIX<sup>me</sup> Siècle*”, para fomentar, dándola como virtud suprema y creatriz, la devoción práctica en las casas: la confesión, el “buen cura”, el “Santo abad”, el rezo. Y el libro es rico, de página mayor, con los cantos dorados, y la cubierta roja y oro. El índice, más que del libro, lo es de la sociedad, ya hueca, que se acaba: - “Las altas esferas de la sociedad.”- “El mundo de las letras.”- “El clero.”- “Las carreras liberales.”- Carrera: el cauce abierto y fácil, la gran tentación, la satisfacción de las necesidades sin el esfuerzo original que desata y desenvuelve al hombre, y lo cría, por el respeto a los que padecen y producen como él, en la igualdad única duradera, porque es una forma de la arrogancia y el egoísmo, que asegura a los pueblos la paz solo asequible cuando la suma de desigualdades llegue al límite mínimo en que las impone y retiene necesariamente la misma naturaleza humana. [...] <sup>373</sup>

Diante dessa reflexão sobre direitos, podemos recordar outro momento em sua

<sup>372</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 53-55.

<sup>373</sup> *Ibid.*, p. 55-56.

obra no qual faz menção a essa temática. Em sua passagem por Havana, no ano de 1879, participa de um banquete em homenagem ao jornalista Adolfo Márquez Sterling,<sup>374</sup> onde pronuncia um discurso (posteriormente publicado no periódico *La Discusión*) sobre a força das ideias em seu tempo: fala de homens tomados por ideais nobres, de justiça e de direitos que devem ser exigidos e não suplicados. Pois, *os direitos se tomam, não se pedem; se arrancam, não se mendigam*:

No es este un hombre ahora: cuando en los hombres se encarna un grave pensamiento, un firme intento, una aspiración noble y legítima, los contornos del hombre se desvanecen en los espacios sin confines de la idea. Es un símbolo, un reconocimiento, una garantía. Porque el hombre que clama, vale más que el que suplica: el que insiste hace pensar al que otorga. Y los derechos se toman, no se piden: se arrancan, no se mendigan. Hasta los déspotas, sí son hidalgos, gustan más del sincero y enérgico lenguaje que de la tímida y vacilante tentativa. A este símbolo saludamos; a la justicia y al derecho, encarnados en su obra, que nos han sido tributados: al tenaz periodista, al observador concienzudo, al cubano enérgico, que en los días de la victoria no la ha empequeñecido con reminiscencias de pasados temores, ni preparaciones de posibles días; que en los días de nuestra incompleta libertad, conquistada, de nadie recibida, ha hablado honradamente, con la mayor suma de libertad y de energía posibles.<sup>375</sup>

Nos *Diários*, a escrita de Martí é atravessada pela evocação de suas leituras de formação. Em um pequeno trecho, lembra de *Odas de Anacreonte*, por Thomas Moore, em 1800; a novela naturalista *La Regenta*, do espanhol Leopoldo Alas y Ureña, publicada em 1884; e ainda o historiador francês Jules Michelet.<sup>376</sup>

De sua imaginação histórica, surgem as conexões entre leituras de sua trajetória, com destaque à literatura francesa. Nesse fragmento do *Diário*, são citados Pierre de Poitiers, dignitário de Notre-Dame, que escreveu *De theologicis sentantiis* (de 1175 e publicada em 1655); *Histoire littéraire e Distinctiones a la suma quoestionum*;<sup>377</sup> Frédéric Ozanam (1813-1853), prolífico escritor e historiador;<sup>378</sup> e Joseph Marie, barão de Gerando (1772-1842), filósofo e literato.<sup>379</sup>

<sup>374</sup> Adolfo Márquez Sterling (1829-1888), jornalista cubano. Fundou, em 1858, junto com Francisco Calcagno, o quinzenário *La Habana*; em 1878, *La Libertad*; e em 1879, *La Discusión*, no qual polemizou com os representantes do integrismo e do autonomismo, motivo pelo qual o periódico foi fechado pelas autoridades coloniais. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 6. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002. p. 277.

<sup>375</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 6. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002. p. 59-60.

<sup>376</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 57-58.

<sup>377</sup> *Ibid.*, p. 58, nota 149.

<sup>378</sup> *Ibid.*, p. 58, nota 150.

<sup>379</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 58, nota 151.

A escrita é interrompida por 23 dias; provavelmente, devido às tarefas revolucionárias, que exigem completa dedicação. É preciso destacar que, no *Diário*, não anota tais tarefas, porque poderia comprometer a organização revolucionária caso caísse em mãos inimigas.

Quando volta a escrever no *Diário*, no dia 29 de março, recolhe pequenas lembranças e fatos que retratam um pouco da cultura local e que ecoam em seu estado de espírito. Em uma visita à praia – provavelmente ao lugar de onde deve embarcar a expedição – registra alguns versos que um “descalço” canta ao longe:

Te quisiera retratar  
En una concha de naclé,  
Para cuando no te vea  
Alzar la concha, y mirarte.<sup>380</sup>

Na madrugada entre 1º e 2 de abril, finalmente, sairá a expedição – que conta com Martí, Máximo Gómez, César Salas, Ángel Guerra, Paquito Borrero e Marcos del Rosario – a bordo da escuna *Brothers*, comandada pelo capitão Bastián e uma tripulação composta por três homens. No dia 3 de abril, na ilha Gran Inagua, um incidente prejudica o curso da expedição, o que provoca uma anotação amarga:

La ingratitud es un pozo sin fondo, – y como la poca agua, que aviva los incendios, es la generosidad con que se intenta corregirla. No hay para un hombre peor injuria que la virtud que él no posee. El ignorante pretencioso es como el cobarde, que para disimular su miedo da voces en la sombra. La indulgencia es la señal más segura de la superioridad. La autoridad ejercitada sin causa ni objeto denuncia en quien la prodiga falta de autoridad verdadera.<sup>381</sup>

Com a escuna tendo se tornado inútil à expedição, Martí e seus companheiros embarcam de volta a Cabo Haitiano, no dia 5 de abril, a bordo do vapor *Nordstrand*. A bordo, negociam com o capitão alemão Heinrich Julius Theodor Löwe, para o desembarque em Cuba em um bote em mar aberto durante a próxima travessia do vapor a caminho da Jamaica.<sup>382</sup>

Dessa rápida convivência com o capitão do *Nordstrand*, Martí toma nota em seu *Diário* no dia 6 de abril. Na cabine do capitão, entre mapas e papéis de navegação, Martí encontra um livro de Goethe e uma novela do poeta alemão Franz Bernhard Heinrich Wilhelm, mais conhecido como Gaudy.

---

<sup>380</sup> *Ibid.*, p. 64.

<sup>381</sup> *Ibid.*, p. 67.

<sup>382</sup> *Ibid.*, p. 73, nota 183.

Es de pilares, de buena caoba, l alitera del capitán del vapor,-el vapor carguero alemán, que nos lleva al Cabo Haitiano. La litera cubre las gavetas, llenas de mapas. En la repisa del escritorio, entre gaceteros y navegadores, está Goëthe todo, y una novela de Gaudy.<sup>383</sup>

Na última anotação do *Diário*, no dia oito de abril, Martí registra leituras sobre os povos originários e destaca sua resistência. Lê sobre o império Asteca e os conquistadores espanhóis. O último trecho do *Diário* trata da busca por títulos em uma livraria haitiana, para onde despacha um pedido e o equivalente a dois pesos. Do livreiro, recebe uma amável resposta: além dos livros, o dinheiro de volta.<sup>384</sup>

#### ▪ De Cabo Haitiano a Dos Ríos<sup>385</sup>

Esse segundo *Diário* tem uma forma de escrita distinta daquela encontrada no *Diário de Monte Cristo a Cabo Haitiano*. Nessas anotações, encontramos frases curtas e diretas, uma escrita quase cifrada, em face da urgência do registro: quem escreve em plena guerra sabe que todo dia pode ser o último.

As primeiras notações do *Diário* correspondem aos dias 9 e 10 de abril e descrevem de forma sucinta a partida de Cabo Haitiano – marcada pela presença da amiga Dolores Arán – e o desembarque em mar aberto na costa de Cuba. O desembarque noturno contou com uma combinação de dificuldades que uma operação marítima clandestina poderia enfrentar: chuva forte, perda do leme e divergências entre os expedicionários a bordo do pequeno bote. Mas, ao fim, conseguem desembarcar em *Playita*, uma praia de pedras

<sup>383</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 73.

<sup>384</sup> Em nota, a edição crítica (2007) levanta a possibilidade dos dois livros pedidos por Martí serem provavelmente os que diz enviar a María Mantilla, em carta de nove de abril de 1895 – um livro de Paul Bert e uma obra chamada *L'Histoire Générale*. Uma segunda possibilidade é ter adquirido *Vida de Cícero*, uma biografia sobre o romano Marcus Tullius Cicero, que menciona em seu diário de Cabo Haitiano a Dos Ríos. MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 78, nota 205.

<sup>385</sup> Os originais do Diário De Cabo Haitiano a Dos Ríos foram preservados porque não estavam em poder de Martí ao cair em combate no dia dezenove de maio de 1895. Estavam guardados no alforje do combatente Ramón Garriga, seu ajudante, e que em vista da morte de Martí passou os documentos para o general Máximo Gómez. Sobre Ramón, escreve no Diário em vinte e nove de abril: “Y de Ayudante trae a Ramón Garriga y Cuevas, a quien de niño solía yo agasajar cuando lo veía travieso o desamado en Nueva York, y es manso, afectuoso, lúcido, y valiente.” Sobre a materialidade desse segundo Diário, a edição crítica nos deixa saber que foi manuscrito em um pequeno caderno composto por vinte e oito folhas – estando uma em branco – e numeradas consecutivamente pelo próprio Martí. No total o caderno alcança uma numeração de cinquenta e sete páginas, no entanto, faltam quatro páginas – da 28 a 31 – que se presume sejam do dia seis de maio já que as anotações anteriores são do dia cinco e as posteriores do dia oito de maio. O Diário está mal conservado, deixando assim algumas palavras e frases incompletas por sua incompreensão. Essa má conservação, como aponta a edição crítica, é decorrente, além dos anos já passados, da própria vida em campanha.

localizada na costa sul cubana, entre Maisí e Guantánamo, e próxima ao povoado de Cajobabo.

9 Abril. –Lola, jolongo, llorando en el balcón. Nos embarcamos.

10. Salimos del Cabo – Amanecemos en Inagua. – Izan el [11]<sup>386</sup> – bote. Salimos a las 11. Pasamos (4)<sup>387</sup> rozando a Maisí y vemos la farola. Yo en el puente. A las 7<sup>1/2</sup>, oscuridad. Movimiento a bordo. Capitán conmovido. Bajan el bote. Lluve grueso al arrancar. Rumbamos mal. Ideas diversas y revueltas en el bote. Más chubasco. El timón de pierde. Fijamos rumbo. Llevo el remo proa. Salas rema segundo. Paquito Borrero y el General ayudan de popa. Nos ceñimos los revólveres. Rumbo al abra. La luna asoma, roja, bajo una nube. Arribamos a una playa de piedras, (Playita, al pie de Cajobabo). Me quedo en el bote el último, vaciándolo. Salto. Dicha grande. Viramos el bote, y el garrafón de agua. Bebemos Málaga. Arriba por piedras, espinas y cenegal. Oímos ruido, y preparamos, cerca de una talanquera. Ladeando un sitio, llegamos a una casa. Dormimos cerca, por el suelo.<sup>388</sup>

Nesses dias, dormem nas folhas secas, e a caminhada colina acima estreita os laços de irmandade, como registra Martí em 14 de abril: *Subir lomas hermana hombres*.<sup>389</sup> Anota as caminhadas, o acampamento, a alimentação, a movimentação de seus companheiros e demonstra entusiasmo com a revolução – o que entende como dever e missão. Em fragmento de anotações, ainda do dia 14 de abril, narra o avanço das tropas de Félix Ruenes,<sup>390</sup> que se haviam deslocado para encontrar com o grupo no qual estava Martí.

De pronto hombres: “¡Ah hermanos!” Salto a la guardia. La guerrilla de Ruen, Félix Ruen, Galano, Rubio, los 10. – Ojos resplandecientes. Abrazos. Todos traen rifle, machete, revólver. Vinieron a gran loma. Los enfermos resucitaron. Cargamos. Envuelven la jutía en yagua. Nos disputan carga. Sigo con mi rifle y mis 100 cápsulas, loma abajo, tibisial abajo. Una guardia. Otra. Ya estamos en el rancho de Tavera, donde acampa la guerrilla. En fila nos aguardan. Vestidos desiguales, de camiseta algunos, camisa y pantalón otros, otros chamarreta y calzón crudo: yareyes de pico: negros, pardos, dos españoles, – Galano, blanco. Ruen nos presenta. Habla

<sup>386</sup> Agregado na margem: 11. Se refere ao onze de abril, data em que chegam a Gran Inagua. Por tanto, é de se supor que era sua intenção inserir posteriormente, antes de: “Amanecemos en Inagua”. MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 81, nota 210.

<sup>387</sup> Martí insere, posteriormente, sobre a linha: (4), fazendo uma referência da qual não se conhece o propósito. MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 21, nota 212.

<sup>388</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña. edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 81-82.

<sup>389</sup> *Ibid.*, p. 84.

<sup>390</sup> Félix Ruenes Aguirre (1844-1899). Participou da Guerra dos Dez Anos (1868-1878) – contenda pela independência de Cuba; na guerra de independência de 1895 organizou um levante com a frente de trinta homens em Baracoa; recebeu o grau de comandante; ajudou José Martí e Antonio Maceo na chegada por Playita; integrou o conselho de chefes que outorgou o grau de “mayor general” a Martí; teve sob seu comando o regimento da infantaria de Baracoa. Por conta de uma artrite avançada teve que se refugiar nas montanhas e permanecer afastado até o fim da guerra. MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 194.



erguido el General. Hablo. Desfile, alegría, cocina, grupos. – En la nueva avanzada: volvemos a hablar.<sup>391</sup>

Martí se junta ao Exército Libertador, como delegado eleito pelo Partido Revolucionário Cubano. No dia 15 de abril, seria nomeado com o grau de General Maior do Exército Libertador:

Al caer la tarde, en fila la gente, sale a la cañada el General, con Paquito, Guerra y Ruenes. “¿Nos permite a los 3 solos?” Me resigno mohíno: ¿Será algún peligro? Sube Ángel Guerra, llamándome, y al Capitán Cardoso. Gómez, al pie del monte, en la vereda sombreada de plátanos, con la cañada abajo, me dice, bello y enternecido, que, aparte de reconocer en mí al Delegado, el Ejército Libertador, por él su jefe electo en consejo de jefes, me nombra Mayor General. Lo abrazo. Me abrazan todos. –A la noche, carne de puerco con aceite de coco, y es buena.<sup>392</sup>

Acampado em Vega del Jobo, encontra tempo para tomar notas em seu *Diário*. Entre balas e livros, a escrita de cartas não deixa de ser intensa: escreve instruções da guerra, mas também cartas pessoais como as destinadas a Manuel Mercado, Carmen Miyares Mantilla, além de María e Carmita.<sup>393</sup>

Na carta para Carmen e seus filhos, conta do desembarque em Cuba, das lembranças, da felicidade e das convicções. Dá a conhecer a difícil vida em campanha onde anda diariamente carregado dos objetos da guerra – rifle, *machete*, munição, os mapas de Cuba e... livros. Leva também no peito o retrato da sua querida María. Martí escreve com *todo o sol no papel*, como afirma na carta, e, de Nova York, pede que não temam as dificuldades que enfrentará na campanha revolucionária.

Carmita querida y mis niñas, y Manuel, y Ernesto:

En Cuba les escribo, a la sombra de un rancho de yaguas. Ya se me secan las ampollas del remo con que halé a tierra el bote que nos trajo. Éramos seis, llegamos a una playa de piedras y espinas, y estamos salvos, en un campamento, entre palmas y plátanos, con las gentes por tierra; y el rifle a su lado. Yo, por el camino, recogí para la madre la primera flor, helechos para María y Carmita, para Ernesto una piedra de colores. Se las recogí, como si los fuese a ver, como si no me esperase la cueva o la loma, sino la casa abrigada y compasiva, que veo siempre delante mis ojos. [...]

Voy bien cargado, mi María, con mi rifle al hombro, mi machete y revólver a la cintura, a un hombro una cartera de cien cápsulas, al otro un gran tubo, los mapas de Cuba, y a la espalda mi mochila, con sus dos arrobos de medicina y ropa y hamaca y frazada y libros, y al pecho tu retrato.

El papel se me acaba, y al correo no puede ir mucho bulto. Escribo con todo el sol

<sup>391</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña. edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 84-85.

<sup>392</sup> *Ibid.*, p. 86.

<sup>393</sup> *Ibid.*, p. 87-88.

sobre el papel. Véanme vivo y fuerte y amando más que nunca a las compañeras de mi soledad, a la medicina de mis amarguras. De acá no teman. La dificultad es grande, y los que han de vencerlas, también. Carmita pedirá a Gonzalo que le deje leer lo que hay de personal en la carta que le envió. Manuel bueno trabaja. Carmita, escríbele a mamá. Carmita hija y María se educan para la escuela. Una palma y una estrela vi, alto sobre el monte, al llegar aquí antier, ¿cómo no había de pensar en Carmita y en María? Y en la amigas de su madre, al ver el cielo limpio de la noche cubana? Quieran a su

Martí<sup>394</sup>

Quase sempre, caminhando a pé e mudando de acampamento, Martí se aproxima dos campesinos cubanos que ajudam nas acomodações e provendo alimentos aos *mambises*.<sup>395</sup> No *Diário*, temos a possibilidade de conhecer – pelos nomes e descrições – os campesinos com os quais Martí cruza durante a guerra de 1895. Nas anotações, que, muitas vezes, só pode pôr em dia quando fixam acampamento em região mais segura, encontramos muitas vezes nomes, descrições físicas, relato de atitudes e outras perspectivas dessas pessoas que cruzam e marcam o caminho de Martí. São histórias dos sujeitos aos quais quer se unir – e o faz – para conquistar um presente que também signifique futuro. Assim é o relato sobre Caridad Pérez y Piñó, que teve o marido assassinado durante a Guerra dos Dez Anos (1868-1878) por colaborar com os insurretos.

[...] Ella es Caridad Pérez y Piño. – Su hija Modesta, de 16 años, se puso zapatos y túnico nuevo para recibirnos, y se sienta con nosotros, conversando sin zozobra, en los bancos de palma de la salita. De las flores de muerto, junto al cercado, le trae Ramón una, que se pone ella al pelo. Nos cose. El General cuenta “el machetazo de Caridad Estrada en el Camagüey.” El marido mató al chino denunciante de su rancho, y a otro: a Caridad la hirieron por la espalda; el marido se rodó muerto: la guerrilla huyó: Caridad recoge a un hijo al brazo, y chorreando sangre, se les va detrás: “¡si hubiera tenido un rifle.” Vuelve, llama a su gente, entierran al marido, manda por Boza: ¡vean lo que me han hecho!” Salta la tropa: “¡queremos ir a encontrar a ese capitán. No podía estar sentado el campamento. Caridad enseñaba su herida. Y siguió viviendo, predicando, entusiasmado en el campamento –Entra el vecino dudoso Pedro Gámez y trae de ofrenda café y 1 gallina –Vamos haciendo almas.<sup>396</sup>

Grande parte da população campesina é simpática à revolução, tendo os homens e mulheres apoiado os combatentes pela independência de Cuba da forma que podiam. *Se ia criando almas*, como reflete Martí, e dessas almas partia a solidariedade com os insurretos, partilhando o que tinham de mais valioso: o alimento de cada dia. No dia 26 de abril anota:

<sup>394</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 224-225.

<sup>395</sup> Chamava-se *Mambí* ou *mambises* o exército insurreto cubano.

<sup>396</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 89-91.

“De la casita pobre envían de regalo una gallina al “General Matías”, – y miel.”<sup>397</sup> “General Matías” é uma referência ao próprio Martí, que anota, variadas vezes, as expressões na forma em que foram pronunciadas.

Ao início de maio, Martí escreve sem parar. No dia 2 de maio, toma nota sobre a chegada do correspondente George Eugene Bryson, do periódico estadunidense *The New York Herald*, com quem trabalha entrando pela madrugada do dia 3 de maio. O correspondente informa que a Espanha parece estar mais disposta a negociar a venda de Cuba para os Estados Unidos do que reconhecer a independência da ilha. Tal especulação provoca a escrita de um manifesto, no qual trabalha durante o dia três, ao diretor do *The New York Herald*, assinado por Martí e Máximo Gómez. Do curto descanso, na madrugada de 4 de maio, registra, no *Diário*, a camaradagem de um companheiro:

2. – Adelante, hacia Jaragüeta. En los ingenios. Por la caña vasta y abandonada de Sabanilla: va Rafael Portuondo a la casa, a traer las 5 reses: vienen en mancuerna ¡pobre gente, a la lluvia! Llegamos a Leonor, y ya, desechando la tardía comida, con queso y pan nos habíamos ido a la hamaca, cuando llega, con caballería de Zefí, el corresponsal del Herald, George Eugene Bryson. Con él trabajo hasta las 3 de la mañana. 3. A las 5, con el Coronel Perié, que vino anoche, a su cafetal de Jaragüeta, en una altura, y un salón como escenario, y al pie en vasto cuadro, el molino, ocioso, del cacao y café. De lo alto, a un lado y otro, cae, bajando, el vasto paisaje, y dos aguas cercanas, de lechos de piedras en lo hondo, y palmas sueltas, y fondo de monte, muy lejano. Trabajo el día entero, en el manifiesto al Herald, y más para Bryson. A las 1, al buscar mi hamaca, veo a muchos por el suelo, y creo que se han olvidado de colgarla. Del sombrero hago almohada: me tiendo en un banco: el frío me echa a la cocina encendida: me dan la hamaca vacía: un soldado me echa encima un montón viejo: a las 4, diana. –<sup>398</sup>

À medida que vai adentrando aos campos de Cuba, Martí se surpreende com as demonstrações de carinho e respeito que lhe dedicam. Martí deixa clara a posição de que a guerra de independência tem alma, uma alma insurreta. Em certo momento, os combatentes das forças revolucionárias passam, espontaneamente, a chamá-lo de presidente, título que repudia publicamente sem sucesso:

– Me sorprende, aquí como en todas partes, el cariño que se me muestra, y la unidad de alma, a que no se permitirá condensación, y a la que se desconocerá, y de la que se prescindirá, con daño, o por lo menos el daño de demora, de la revolución, en su primer año de ímpetu.

El espíritu que sembré, es el que ha cundido, y el de la Isla, y con él, y guía conforme a él, triunfaríamos brevemente, y con mejor victoria, y para paz mejor. Preveo que, por cierto tiempo al menos, se divorciará a la fuerza a la revolución de

<sup>397</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 104.

<sup>398</sup> *Ibid.*, p. 111-113.

este espíritu, – se le privará del encanto y gusto, y poder de vencer de este consorcio natural, – se le robará el beneficio de esta conjunción entre la actividad de estas fuerzas revolucionarias y el espíritu que las anima. – Un detalle: Presidente me han llamado, desde mi entrada al campo, las fuerzas todas, a pesar de mi pública repulsa, y a cada campo que llego, el respeto renace, y cierto suave entusiasmo del general cariño, y muestras del goce de la gente en mi presencia y sencillez. – Y al acercarse hoy uno: Presidente, y sonreír yo: “No me le digan a Martí Presidente: díganle General: él viene aquí como General: no me le digan Presidente”. – “¿Y quién contiene el impulso de la gente, General; le dice Miró: eso les nace del corazón a todos.” – “Bueno: pero él no es Presidente todavía: es el Delegado.” Callaba yo, y noté el embarazo y desagrado en todos, y en algunos como el agravio.<sup>399</sup>

Os últimos registros no *Diário* foram escritos no dia 17 de maio, dois dias antes da morte de Martí. Em Dos Ríos, os revolucionários são surpreendidos pela tropa espanhola, e, nesse confronto, Martí é alvejado por disparos inimigos que o levam à morte.

Os *Diários de Campanha* são os últimos registros de José Martí; essa escrita itinerante, imbuída de espírito observador, pode ser encontrada também em outros escritos martianos, como são exemplo, os Apontamentos de viagem que damos a conhecer no tópico a seguir.

### 3. Caminhos para uma *autohistória*

Entendemos que os Apontamentos de José Martí – sejam os textos de viagens ou as anotações escritas em seus *Cuadernos de Apuntes*<sup>400</sup> – constituem significativos fragmentos de sua trajetória. Neste tópico, iremos nos deter, principalmente, em seus escritos de viagem.

No ano de 1877, José Martí após breve estada em Cuba, parte em direção à Guatemala. Ao longo do trajeto, faz anotações e escreve um *Diário* de viagem datado entre os dias 26 e 29 de maio de 1877. Esses escritos de viagem tem idêntica natureza aos Diários de Campanha, os últimos escritos de Martí.

Os escritos de viagem, costume marcante à época, é expressão do olhar sensível do viajante, da observação acurada e do registro dos costumes do lugar, dos elementos ressaltados da natureza, da cultura e das gentes. De destaque na observação, o apreço à memória ancestral, à oralidade e aos saberes preservados ao longo de gerações. Diante destes testemunhos do ver e ouvir, é possível perceber o imperativo do registro por escrito, querendo fixar no papel as impressões evanescentes que a vista alcança.

<sup>399</sup> MARTÍ, José. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. p. 132-133.

<sup>400</sup> Os *Cuadernos de Apuntes* estão publicados em MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 21. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. São vinte e dois cadernos, compostos em sua maioria por folhas costuradas, que abordam assuntos com temáticas variadas.

Rumo à Guatemala, os primeiros escritos de viagem conhecidos são os anotados entre a viagem de Havana até Progreso, no México. Se é fato que nosso personagem quase sempre viaja desacompanhado, isto não o torna um solitário viajante. Suas companhias de sempre terão sido os livros, os jornais, as folhas soltas e dispostas aos rabiscos e aos desenhos – quase tudo querendo fixar. Aberto ao mundo ao redor e às gentes com quem trava contato, retém da natureza circundante e da paisagem social o húmus que há de vicejar na escrita do poeta e do periodista. É de se ressaltar este elemento comum à literatura de viagem: a força da natureza atravessando os sentimentos.

A viagem rumo à Guatemala parece representar um momento de agitação interior em José Martí em razão da vida em um novo país, do retorno de sua família a Cuba, do afastamento de sua noiva Carmen. Nesses registros, podemos perceber também a necessidade da escrita quando o espírito é mar revolto e o consolo é vão – das recordações, dos versos ou dos livros. Entra em cena o caudal da escrita, aquela que *limpa até a urtiga* do tempo.

La buena voluntad es un reflejo que pone en el rostro la suave luz de luna, que ha dado el cielo a cada espíritu de hombre: ¡qué noche tan amarga, cuando, allá en el fondo de nuestra conciencia, la luz serena y permanente descubre alguna sinuosidad! ¡Qué revolverse en el lecho! ¡Qué pedir consuelo en vano a los recuerdos, a las esperanzas, a los paseos, a los versos, a los libros! Parece que la mala acción cometida está escrita en la onda de cada nube, en la quebrada luz de cada estrella, en cada ardiente voz de nuestro. – En cambio ¡qué plácido sueño cuando esta amiga lumbre no ilumina en el corazón más que llanuras! El alma satisfecha acrece las fuerzas, rejuvenece el rostro, desarruga la frente de los viejos, perpetúa la beldad de las mujeres, limpia de ortiga los años, aligera los miembros, aviva la voluntad, acrecienta los caudales.<sup>401</sup>

O mar é velho conhecido de Martí desde suas outras viagens. O portento do oceano é admirado em sua recordação do trajeto entre Liverpool e Nova York – travessia feita rumo ao México, em 1875 – a bordo do vapor *Celtic*.

Digno de suas notas, a relação entre o grande oceano e a valentia dos homens; quando grandeza e fúria se fundem. Tal relação, certamente, é matéria do poeta-viajante desde a primeira travessia, o oceano do desterro no ano de 1871. Os vapores e a vida a bordo são também o lugar do contato com outros desterrados, os imigrantes em busca de trabalho e horizontes prometidos ao longe, a quem admira e reconhece como *heróis respeitáveis*, sua escrita do afeto.

Deje en La Habana las iras de los hombres; y traspulse llegando a Progreso, si bien

<sup>401</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 34-35.

por tiempo breve, las majestuosas iras del mar. Mido yo mi grandeza, por la de los océanos irritados: cuando viajaba en el potente *Celtic*, buque de inmigrantes y de príncipes, donde vi – y no en los príncipes,– más héroes respetables, el negro Atlántico removía todas las furias de su seno, no cabía su cuerpo dilatado en la implacable orilla de sus mares, y se retorció con sacudimientos montañosos, pidiendo fuerza al cielo, negro también y oscuro, la frente de sañudo padre, que quiere detener con su ira las impacencias de un hijo rebelado. Mas era el cielo, allá en la inmensidad del horizonte. Nunca sentí terror ante tan grandes luchas; antes, ardorosas las fauces, bien firmes en las órbitas mis ojos, rey también entre tanta majestad, sentía hercúleas mis espaldas. Un religioso espíritu me transportaba; afán de batallar me poseía, hogar mío creía yo aquel espacio negro y barco hondo, y regocijado como un niño, adoraba aquel peligro, que al fin me conmovía; y miraba al cielo alto, que es mi manera de postrarme de rodillas.<sup>402</sup>

Sua reflexão recai sobre a América do Norte, quando a metáfora da morte é a sentença de seu juízo crítico. Nuvens de ambição, avareza e riqueza imoral formam o vocabulário judicioso do poeta, que só encontra argumento de *salvação* na arte, porquanto expressa a forma do divino e a revelação do extraordinário. Sua escrita é aqui embebida de êxtase e pressentimento místico apontando em direção aos “apacibles augurios de un tiempo que será todo claridad, quando esta luz de siglos le ha sido negada al pueblo de la América del Norte!”<sup>403</sup>

A anotação seguinte é sobre a ilha de Jolbós (ou Holbox), um pequeno povoado de pescadores próximo à Isla de Mujeres. Nessas andanças, o viajante se depara com diferentes lugares, desde urbes movimentadas a pequenos povoados, e sua cultura. Nessa viagem pela América Central, tem contato com a vida em pequenos lugares, como é o caso dessas ilhas em que passa no México. Toda essa vivência, que deu origem a essa literatura itinerante, é parte da reflexão de *Nuestra América* em Martí.

De Jolbós, escreve breves considerações sobre as principais atividades do lugar, o comércio de peixe, tartarugas e frutas. Toma nota também sobre a pequena ilha de Contoy habitada por variadas espécies de aves: a fragata, o alcatraz e o mergulhão.<sup>404</sup>

A viagem continua por Isla de Mujeres, de onde Martí escreve acerca dos costumes dos trabalhadores do mar – a gente pobre da ilha. À maneira do etnógrafo, registra usos do dia-a-dia e compara o mundo vegetal aos equivalentes cubanos de sua experiência sensível:

Crecen en su playa arenosa el rastrero *hicaco*, el útil *chite*, una *uva* gomosa, fruta

<sup>402</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 35-36.

<sup>403</sup> *Ibid.*, p. 37.

<sup>404</sup> Aquí deixa a frase por terminar. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 39.

veraniega, semejante a la *caleta* cubana; y verdeando alegre y menudamente por el suelo, el quebrado *kutz-bósh*; que la gente pobre y enviciada usa a manera de tabaco. Tuestan la yerbecilla, y la envuelven a modo de picadura en papel de estraza: hacen esto principalmente los pescadores, cuando les hostiga en la costa la necesidad de fumar.<sup>405</sup>

Em *Isla de Mujeres*, encontra um homem letrado, e seu relato ressalta a memória de suas leituras em língua francesa. O contato com esse homem raro motiva um comovido passeio literário, evocando passagens inteiras, o que sabe de memória, dos Pierre Joseph Bernard<sup>406</sup> (1708-1775), de Nicolas Boileau-Despreaux<sup>407</sup> (1636-1711), Pierre de Ronsard<sup>408</sup> (1524-1585); Voltaire (1694-1778) e Molière (1622-16736), como ainda do músico alemão Friedrich Flotow<sup>409</sup> (1812-1883).

Da conversação amena ao som da memória dos livros e da música, José Martí compõe um retrato por escrito dos despojos de um homem quase descalço, quase andarilho, quase sem passado. Em comparação com seu próprio destino errante, de emigrado político encontra um emigrado de si mesmo:

Paseaba yo esta mañana con este raro hombre que sabe de memoria a Gentil-Bernard, a Voltaire, a Boileau, a Ronsard, a Molière; que toca deliciosamente la ternísima música de Flotow; que viaja con un chaquetón y dos hamacas, con un Diccionario de Bouchirt y dos títulos de médico; con una cara rugosa y una conversación amena, con los pies casi descalzos y el bolsillo totalmente aligerado de dineros. Cuando lo veo cubierto, – no debo decir coronado, – de canas; cuando me pregunto cómo esos pies desnudos han venido a ser cimiento errante y vagabundo de un alumno de la Universidad de Montpellier; cuando leo en la miseria y descuido de esta vida, y en esta vejez sin gloria y sin apoyo, un secreto culpable y doloroso, – pienso que, puesto que ese hombre no es un emigrado político, debe ser un emigrado de sí mismo. A esa edad no se pasea la miseria por ignotas tierras; cuando se está contento de su pasado, se habla de él; cuando no se habla de él, es porque su recuerdo pesa y avergüenza. ¡Ay! infeliz del viejo que no ha cumplido el precepto del árabe: este hombre no ha hecho un libro, no ha plantado un árbol, no ha curado un hijo. [...] Oh! también la vida tiene sus miserables presidiarios! Tal vez porque lleva el alma medio muerta, huyó esta mañana ese pobre hombre de aquel alegre, invitador, sonriente, cementerio. Temí ahondar las heridas del emigrado de sí mismo, y no pude pasear a mi sabor por el pueblo de diminutas casas blancas. – Albo color, amor de mi vida. –<sup>410</sup>

<sup>405</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 40.

<sup>406</sup> Suas principais obras são *Castor et Pollux*, ópera com música de Rameau (1737), *Phrosine et Melidor* (1775) e *Art d'aimer* (1775). MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 365.

<sup>407</sup> Autor de *Sátiras*, *Epístolas*, *Arte poética* e *Lutrin*. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 365.

<sup>408</sup> Líder do movimento literário conhecido como *Pléyade* e poeta da corte de Carlos IX. Escreveu *Odes*, parodiando o poeta grego Píndaro; *Amours*, *Hymnes*, e deixou inconclusa a epopeia *Franciade*. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 417.

<sup>409</sup> Músico alemão que residiu em Paris. Escreveu variadas obras entre as quais se destacam as óperas *Stradella* e *Marta* (Viena, 1847). MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 382.

<sup>410</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 41-

Os *Apontamentos de Viagem* demonstram um José Martí à procura das narrativas características dos lugares, por seus habitantes. De um velho morador, escuta a explicação da origem do nome da ilha de Cozumel. E, nesse espírito de descoberta, o viajante curioso, como Martí se autodenomina, vai buscando conhecer as origens e as peculiaridades dos lugares por donde passa.

Ni falta tampoco, allá en la plaza, una familia de Cozumel, donde un viejecillo de camisa y calzón; de tez morena y acento honrado, que llama aún *blancos* a los españoles, y viste a su mujer de largo camisón de puntas de colores, explica al viajero curioso cómo *Cozumel* se deriva de *Cuzamil*, que significa tierra de murciélagos, – porque *Cuzain* es murciélagos.–<sup>411</sup>

As últimas anotações sobre a ilha fazem referência a uma manhã na casa onde, provavelmente, esteve hospedado. Tais notas dão ao leitor mostra da alimentação mexicana que compartilha pela manhã – um copo de chocolate preparado com grãos frescos de cacau – servido sobre o colorido de fios bordados da toalha de mesa e de um singelo lenço bordado com versos.

Asoma luego el día, se abre la puerta de la casa, salta de la hamaca, sorprendido por el sol, el huésped retrasado, tiende la hotelera, gruesa y alunarada, un limpio mantel sobre la mesa de amarillo pino, y a ella se acoda el huésped; que humea en ella una taza de chocolate, preparada a sus propios ojos con frescos y gruesos granos de cacao. Luego el desayuno, examinando los bordados de hilos de colores que adornan el mantel, y cuando la revoltosa criatura que ayuda al ama en sus quehaceres, le trae para asear manos y labios ancha jícara con agua, queda el viajero sonriente, viendo cómo le dan para enjugarse un espacioso pañuelo, en cada uno de cuyos lados hay un verso bordado en letras negras, que expresan casi siempre un pensamiento amoroso, revelado a medias por inocentes jeroglíficos. –<sup>412</sup>

O próximo destino é o pequeno povoado de Livingston já na Guatemala. A simpatia e entusiasmo com o a localidade, certamente, deu-se pelas experiências de coletividade que Martí teve a oportunidade de presenciar: o sentimento fraternal que move os moradores a construir suas casas num movimento espontâneo que atrai olhos e corações.

Pero hoy es fiesta. ¿No? Pues ¿qué hacen en aquella plaza tantos hombres que van y que vienen? No es plaza, es que están *embarrando* una cabaña. Ese bullicio es simpático; atrae ojos y corazones, porque lo engendra un sentimiento fraternal. En Livingston el pueblo no permite que un hombre solo haga su casa: todos le ayudan,

---

42.

<sup>411</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 43-44.

<sup>412</sup> Termina aqui o texto sobre Isla de Mujeres. MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 46.



sea cualquiera la época; ellos arrancan la tierra y la acarrear para endurecer el suelo, ellos cruzan las varas, ellos construyen estos bruscos ladrillos, ellos coronan la choza de abundantes hojas de palmera.<sup>413</sup>

Martí, como intelectual de seu tempo, tem largo conhecimento em idiomas – em seus *Cuadernos de Apuntes*, do qual veremos parte mais à frente, existem anotações em francês, inglês, italiano, hebreu, latim e grego, além do espanhol. Do povoado, admira o dialeto que considera rico e puro, além da maneira própria de falar, e de como se relacionam com o idioma. As palavras adquirem sentido na vida, têm história e dizem da cultura de um povo. Em Livingston, a fluência da língua está também na expressão do corpo:

El marinero es saludado por todo el mundo, y a bien que no es chico el pueblo: hablan su caribe primitivo, su dialecto puro: ellos no lo han mezclado, como en México, con palabras españolas para las innovaciones españolas. O han inventado sus palabras, o las tenían, lo que acusa natural riqueza. Y ¡qué manera de hablar! Una vez admiró el viajero la rápida palabra de los vascos: ahora ve que esta le es muy superior. Son locuaces con la lengua, con los ojos, con las caderas, con las manos. Tienen para cada letra una, no mirada, sino transición de ojos diferente. Si dijera amor, estas mujeres quemarían.<sup>414</sup>

As descobertas do viajante contribuíram para sua reflexão em torno de *Nuestra América*, em antagonismo à América do Norte. Vive e observa a cultura de cada lugar compreendendo as peculiaridades de cada povo, formando a história singular de uma América autóctone e mestiça. É a generosa América que abre os braços ao viajante, como anota o próprio Martí ainda em Livingston. E os braços da América são reais: a experiência com os povos americanos é o elemento central para esse enlace por *Nuestra América*. Tudo anota: os frutos da terra – o coco, a banana e o milho; a labuta dos homens na pesca e a semeadura das mulheres.

De esto viven; del coco, de la yuca, del plátano. El maíz es escaso, y la caña abunda, la buena caña gruesa, veteada de rojo cardenal. Es un rojo que ha descubierto el viajero: es menos oscuro que el carmesí, y menos vivo que la sangre: la naturaleza lo ha pintado en el pecho de una de sus aves.

Estas caribes de opulento seno son las cultivadoras de los campos; los hombres pescan y comercian; las mujeres siembran y hacen su oficio de madres y de esposas. Las mismas manos introducen en la tierra el *vástago*, le arrancan luego su raíz jugosa, y lo brindan luego al viajero en ancha torta. Son admirables esta vivacidad, esta generosidad, esta fraternidad, esta limpieza. El pueblo tiene un gran número de casas, de palma y vara; cada casa tiene un gran número de habitantes; las miradas llenas de benevolencia y de franqueza acusan, por su centello, que en el momento de la ira han de ser rayos y relámpagos. Es un pueblo moral, puro, trabajador. A eso lo

<sup>413</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 47-48.

<sup>414</sup> *Ibid.*, p. 48.

invitan y lo obligan, – al ágil negrillo, al robusto marinero y a la hacendosa *dada*, – ese alto bosque que tienen a su espalda, ese ancho mar que tienen a su frente, y esa masa de cocos que se han abalanzado sobre la costa, como abriendo los brazos de la generosa América al viajero. – Ah! y qué contentó! Allí está la entrada del río: en otras tierras el centinela es un castillo; aquí elegante, rumorosa, amable, regia, el centinela es una palma. Queda atrás la población animadísima, la colocada sobre esa alta costa, nunca traspuesta, siempre besada mansamente por la onda azul mar. El río – el eco: las menudas ondas del río– las letras indias: – ¡dicen que es encanto! Los caribes no tienen escritura: hay una mano impresa; basamentos horizontales de roca calcárea: – aquí la tierra se brinda, no se encoge. – La gota de agua que cae todo el año. Las flores sobre las rocas. El canto penetrante del *ramatutu*. Bandada de pájaros blancos.– Entrada solemne. Marcha majestuosa. –<sup>415</sup>

As últimas anotações antes da chegada à Guatemala são feitas em forma de diário de viagem – Diário de Izabal a Zacapa<sup>416</sup> – e se destinam aos irmãos Fermín e Eusébio Valdés Domínguez. As paradas de viagem – ora no lombo de uma mula, ora caminhando – são os momentos da escrita do viajante que vai adquirindo contornos de escrita de *autohistória*, no dizer de José Martí.

¡Lira mía esta, que siempre, tal y como ahora sobre mi voluntad, se va a sus notas graves! Polvoroso y agitado, echo pie a tierra de un larguísimo viaje, rindo culto, mal de mi grado, a las creencias del país, y en tanto que pongo nuevamente para no menos larga excursión, el pie en el estribo, contaré, al correr de la pluma, a mis amigos muy queridos, cómo se viene, siendo yo quien soy, desde Izabal hasta Zacapa, y cómo se descansa escribiendo esta autohistoria, en los días Santos.<sup>417</sup>

Viajar é também dar asas e liberdade à *imaginação enamorada* do século XIX. O excerto seguinte se dirige a Fermín com o entusiasmo da experiência e a descoberta dos sonhos antevistos na literatura de viagem. Salta da página, um relato de oito dias em síntese: os rios, as selvas e montanhas da imaginação, como numa canção de gesta face ao que considera *o magnífico espetáculo do rio Dulce*, dos pássaros multicores e da águia altaneira.<sup>418</sup>

A narrativa de José Martí, em seus *Apontamentos de Viagem*, configura um vigoroso retrato de sua escrita itinerante, aquela em que a experiência do narrador se defronta com a aventura, a surpresa e os misteriosos encontros. O registro do viajante é atento à natureza e às gentes que encontra pelo caminho, o que fortalece seu apreço face aos gestos de

<sup>415</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 49-50.

<sup>416</sup> Esse Diário está conservado de forma fragmentária e faltando folhas no manuscrito original, conforme anotado na edição crítica das obras completas de José Martí. Fermín e Eusébio compartilharam boa parte da juventude com Martí enquanto estudantes da escola de Rafael María de Mendive em Havana. Martí tem grande proximidade com a família Valdés Domínguez e viaja para a Guatemala munido de carta de recomendação assinada por José Mariano Domínguez, pai de Fermín e Eusébio, natural da Guatemala.

<sup>417</sup> MARTÍ, *op. cit.*, p. 51-52.

<sup>418</sup> *Ibid.*, p. 53.

solidariedade que alimentam a alma do andarilho.

Narra, para os amigos Fermín e Eusebio, a acolhida generosa de uma família que compartilha seu almoço com o viajante. São instantâneos da cultura camponesa em seu ato de partilha de uma *tortilla de maiz* que adquirem beleza e gosto no relato emocionado do viajante que retira dos sabores da terra os saberes revigorantes da alma, como dá a conhecer no trecho seguinte:

Llego a punto, que almuerza la familia: ¡bienaventurada tierra esta donde por todas partes reciben con rostro plácido y amigables palabras al viajero! La dueña, mujer solícita en el hablar, y mermada en lo físico – sin que ande lejos la causa de la merma, – tiene ante sí un extraño guisado que comparte conmigo y es gustoso, a saber: tortilla de maíz frita con huevo. Ella hace de la tierra mesa; y para hacérmela a mí expulsa de sobre la cama de tiras de cuero cinco raíces de aquel fértil tronco, – evidente causa de la merma observada. – ¡Arroz, simpático arroz; tres días hacía que no columbraba yo tu blanco grano! Aquí lo dan, sí rápido, amarillo, – con lo cual, y una taza de leche, y dos mangos pintados para cuando acabe la siesta, terminó mi almuerzo baltasárico.

Y un honroso detalle. Di a la hostelera dos reales, que es aquí el tipo mayor de esta clase campestre de festines, y ella movía la cabeza; como quien quiere más. Más le daba y seguía moviendo el tocado casi griego, aquí único y unánime.–

– No, dijo al fin; no quiero quitarle a mi señor más que real y medio.

Con lo que tuvo merecido cinco veces el precio del almuerzo. [...] Fruta del alma que vale más que todo fruto y alimento de árboles y tierra, sin la cual no quiero manjar, ni techo, ni lecho, ni podría nunca gustar humana gloria.–No hay cosa como esta dicha de inspirar confianza y concederla; más gozo yo con merecer la simpatía de un labriego, que con que me aplaudan un discurso;–y no lo digo porque ande ahora entre labriegos, que también lo he dicho y sentido en los pueblos donde,–con ira mía–mezquinos que son–no me lo creen.<sup>419</sup>

Como dito anteriormente, o ato da escrita nos *Apontamentos de Viagem* pode ser compreendido como registro de *autohistória*, porque se nutre de novas experiências, de descobertas e de ausências. Em uma passagem do *Diário*, vemos o escritor discorrer sobre seu processo criativo: a disposição interior à recepção dos *misteriosos visitantes* da imaginação, o verso brotando em tragédia e drama do teatro, o pensamento indormido de noites sem Carmen... Um vivo repertório recolhido entre uma xícara de café, versos e cartas, é o que se apresenta ao leitor:

Suntuoso oro han servido a mis labios en es amable taza de café.–Me enardece y alegra el jugo rico; fuego suave, sin llama y sin ardor, aviva y acelera toda la ágil sangre de mis venas. El café tiene un misterioso comercio con el alma; dispone los miembros a la batalla y a la carrera; limpia de humanidades el espíritu; aguza y adereza las potencias; ilumina conceptos a los labios.–Dispone el alma a la recepción de misteriosos visitantes, y a toda audacia, grandeza y maravilla.

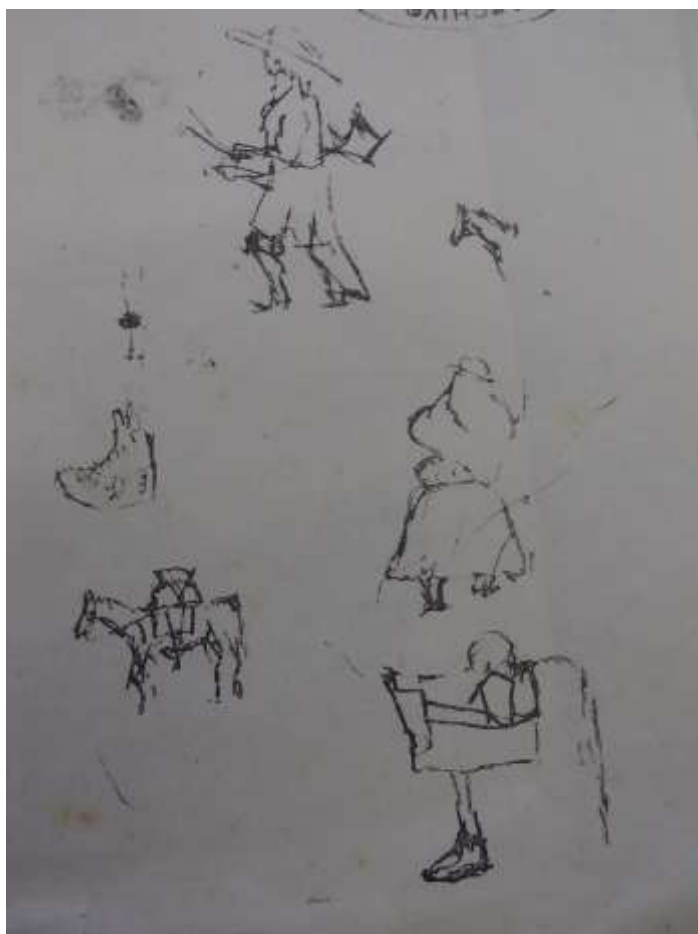
Brota el verso a medida que lo sorbo; aquí para una tragedia, poderosa y terrible.

<sup>419</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p. 63-65.

Trae seno de montaña, palabra de terror, y pies de trueno. Luego dispongo un acto dramático, hervor perenne y pertinaz presencia de un tipo permanente que habré de hacer eterno en el teatro: –aún no es llegado. Tal carta escribo a uno de alto nombre. Tal querella de sombría elocuencia, de admirable amor, que acaricia, envío a mi amada; yo grabo una época del espíritu en una obra moderna, cuyo plan trazo y divido con lucidez y claridad pasmosa. ¡Y ella, mi Carmen mía, arranca los más ardientes, y arrebatados, y centelleantes cantos a mi espíritu! Le llevan luz de estrella sobre alas de fuego: ¡buen viaje a mi misterio celestial! [...] <sup>420</sup>

No *Diário* aqui apresentado, encontramos alguns desenhos; um modo de fixar a imagem que se resalta no trajeto, uma atitude corrente entre os viajantes do século XIX. Importa destacar que, além desses desenhos (Figura 67), são conhecidas de seus *Cuadernos de Apuntes* várias anotações acompanhadas de desenho e ainda uma série de autorretratos do intelectual que daremos a conhecer no próximo, e último, tópico.

Figura 67 – Desenhos do *Diário de Izabal a Zacapa*.



Acervo Centro de Estudios Martianos, Havana.

<sup>420</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001. p.71-73.

#### 4. Escrita às margens e Autodidatismo

Os *Cuadernos de Apuntes*<sup>421</sup> formam uma série documental singular no conjunto da obra martiana. Os *Cadernos* e seu Epistolário constituem um valioso índice aberto à compreensão do pesquisador acerca de determinadas dimensões da trajetória de José Martí; com especial relevo para esta Dissertação, apresentamos aqui suas relações com o mundo do livro e da leitura.

Entre os estudos realizados sobre os *Cuadernos de Apuntes*, destaco a contribuição de Caridad Atencio. A pesquisadora toma os *Cadernos* como fonte central em sua análise da poesia martiana, ressaltando a espontaneidade da escrita como qualidade fundamental dessa fonte.<sup>422</sup> Bem vistas as anotações dos *Cadernos*, sem uma prévia ordem de escrita ou roteiro temático, parece ser uma escrita onde aflora grande liberdade criativa. José Martí, em carta para Gonzalo de Quesada, conhecida como seu testamento literário, recomendava a respeito de seus escritos nos termos seguintes: “Ni ordene los papeles, ni saque de ellos literatura: todo eso está muerto, y no hay ahí nada digno de publicación, en prosa ni en verso: son meras notas.”<sup>423</sup> Ora, como se sabe, Gonzalo de Quesada y Aróstegui descumpriria tal orientação do amigo e se aplicaria na recolha, organização e publicação dos escritos de José Martí.<sup>424</sup>

Os *Cuadernos de Apuntes* permitem conhecer dimensões do processo criativo de Martí, suas reflexões acerca de um variado repertório de temas e questões que ocupavam os sentidos intelectuais do século XIX, além de indiciar seu procedimento de escrita, face às anotações de excertos, fragmentos de leitura, livros a adquirir, fontes a consultar, entre outros. Ao pesquisador, os *Cadernos* se apresentam enquanto uma combinação de comentários rápidos, anotações para estudos e notas sobre livros e leituras: um campo de experimentação

---

<sup>421</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 21. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. Os *Cuadernos de Apuntes* estão publicados no volume 21 das Obras Completas de José Martí, sendo o *corpus documental* formado por 22 cadernos datados provavelmente entre 1871 e 1894. Essa é a edição mais recente desses documentos, no entanto, os estudiosos entendem necessária uma nova edição desse conjunto documental, uma vez que vários fragmentos foram retirados do *corpus* original e reagrupados em outros volumes das Obras Completas (1975) a partir de afinidade temática. O *Centro de Estudios Martianos* vem realizando o esforço de publicar a Edição Crítica das Obras Completas de José Martí, que, até o momento, conta com 24 tomos. No entanto, os *Cuadernos de Apuntes* ainda não foram examinados e publicados nessa edição crítica.

<sup>422</sup> ATENCIO, Caridad. **Los cuadernos de apuntes de José Martí o la legitimación de la escritura**. La Habana: Ediciones Unión, 2012.

<sup>423</sup> Carta para Gonzalo de Quesada y Aróstegui, datada em 1º de abril de 1895, publicada em MARTÍ, José. **Testamentos de José Martí**: edición crítica. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2004.

<sup>424</sup> A primeira edição das Obras Completas de José Martí, de 1944, ficou a cargo de Gonzalo de Quesada y Miranda, filho de Quesada y Aróstegui, que continuou o trabalho do pai com os documentos de Martí. DÍAZ, Mayra Beatriz Martínez. **Convivencias de el viajero**. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2011. p. 22.

de nosso personagem. Ao longo desses 22 *Cadernos*, encontramos anotações que versam sobre temas como religião, filosofia, mitologia, música, literatura, direito, além de notas para estudos, uma espécie de dicionário, estudo de idiomas, esboço de cartas, poesias<sup>425</sup> e discursos.

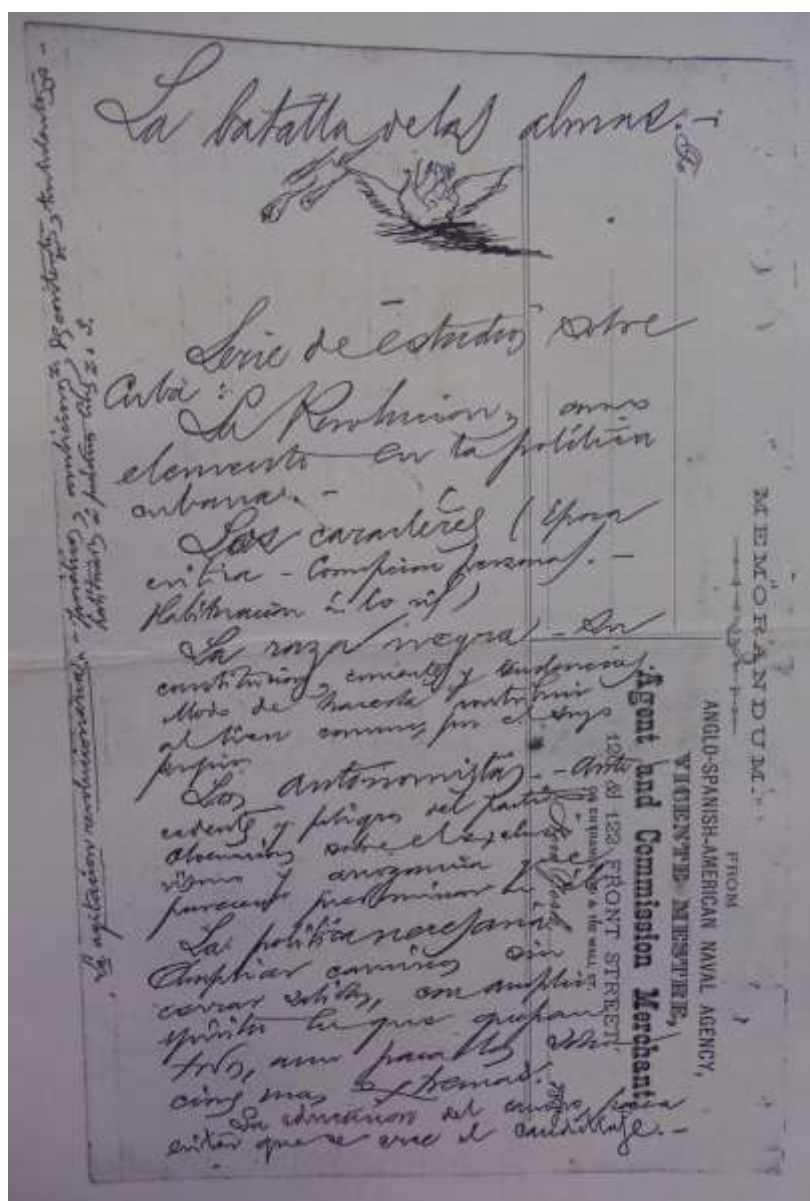
Os *Cuadernos de Apuntes* são também uma fonte relevante para examinar facetas do autodidatismo em José Martí, pois neles encontramos anotações que refletem sua sede de vasto conhecimento; inúmeras notas indiciam livros e leituras, sugestões de consulta biobibliográfica, dados atinentes a autores e escritores de várias línguas, além de remissão às leituras, sugerindo um vigoroso esforço de autoaprendizagem e autoconhecimento, como aponta o estudo de Caridad Atencio acerca do manifesto autoconhecimento na escrita em presença dos *Cadernos*.<sup>426</sup>

A figura seguinte é exemplar no sentido da composição martiana; sob o sugestivo título *A batalha das almas*, encontramos dispostos uma série de elementos acerca da história da revolução em Cuba. Os escritos indicam uma espécie de largo roteiro como se fora uma escrita às margens dos vários livros que terá lido ao longo de sua trajetória.

---

<sup>425</sup> Para ver mais sobre a poesia de José Martí a partir dos *Cuadernos de Apuntes*: ANUARIO DEL CENTRO DE ESTUDIOS MARTIANOS. v. 31. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007. E ANUARIO DEL CENTRO DE ESTUDIOS MARTIANOS. v. 32. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2009.

<sup>426</sup> ATENCIO, Caridad. **Los cuadernos de apuntes de José Martí o la legitimación de la escritura**. La Habana: Ediciones Unión, 2012. p. 15.

Figura 68 – Página do *Cuaderno de Apuntes* número 12.

Acervo: Centro de Estudios Martianos, Havana.

De nossa leitura atenta dos *Cadernos* de Martí, confirma-se seu esforço constante de autoaprendizado, o que indica também a recolha de temas e questões candentes em seu trabalho constante de escrita nos periódicos, a participação nas tertúlias, a vivência no ambiente intelectual, a escrita de formação independentista e nos círculos revolucionários. Motivo constante das anotações diz respeito ao conhecimento de variadas culturas compreendendo o idioma, a política e pensadores marcantes. Em seu *Cuaderno de Apuntes* número três, destacam-se as anotações sobre a Rússia, sobre o revolucionário russo Mikhail

Bakunin, o escritor Alexandre Puchkin, e outros mais.<sup>427</sup>

As anotações dão a perceber seu vasto repertório de leituras. Notas para estudo de idiomas também são vistas nesses *Cadernos*, reflexo de seu interesse de leitor dos originais; o que também fortalece seu trabalho como tradutor. Aqui também pontuamos nesta pesquisa os circuitos de circulação do livro e da leitura que se vão formando no século XIX, as casas editoriais, os principais autores e os gêneros em voga nos círculos intelectuais do período em estudo. Nesse cenário, um pequeno fragmento das anotações de Martí indica uma espécie de glossário de palavras, expressões e costumes da Rússia, afirmando o tradutor/leitor atento à história e ao contexto:

Artel. – Sociedad industrial cooperativa.  
 Mir–Municipio ruso, cuyos habitantes poseen la tierra en común y pagan solidariamente el impuesto. –  
 “Vivir en libre ganancia” – llaman las gentes del pueblo en Rusia a la unión libre–una de las formas de su matrimonio. El otro, el ortodoxo.  
 Archimandritas–superiores de ciertos conventos, cuyos servicios – los notariales pa. Matrimonios – entre otros – se pagan muy caros. – El novio rico hace un donativo al monasterio, y otro a la iglesia parroquial. La novia viste de metales y piedras preciosas a una Virgen.  
 – Isba – choza rusa.<sup>428</sup>

Neste trabalho, os *Cuadernos de Apuntes* comparecem também como um índice da formação cultural de Martí, intelectual de espírito e mente abertas às influências literárias de variada matriz. Este é o caso de suas anotações sobre Puchkin, Shakespeare, Cervantes, Dante, Homero, Edgard Alan Poe e outros mais. Acerca das referências em língua portuguesa, anota em seu *Caderno*, inclusive detalhes do panteão literário de Portugal:

Al pie de la estatua de Camoens, en su plaza, en Lisboa, véñse rodeando el pedestal a aquellos gloriosos poetas y prosistas muertos: Fernando López, Pedro Nunes, Azurara, Barros, Castanheda, Mousinho de Quevedo, Corte Real y Sa. De Meneses.<sup>429</sup>

Na anotação seguinte, recolhe, de uma provável história das letras em Portugal, seus principais homens de letras, comparando-os com os franceses. Assim, seu apontamento literal traz das letras portuguesas: Latino Coelho comparado à Chateaubriand, o republicano Teófilo Braga, o romântico Almeida Garret, o pedagogo João de Deus, o anticlerical Guerra Junqueiro e outros mais de relevância neste mundo masculino do verso, da prosa e dos

<sup>427</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 21. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. Cuaderno de Apuntes 3, p. 105-106.

<sup>428</sup> *Ibid.*, Cuaderno de Apuntes 8, p. 235.

<sup>429</sup> *Ibid.*, Cuaderno de Apuntes 7, p. 209-210.



círculos intelectuais destacados de Lisboa, do Porto e de Coimbra.<sup>430</sup>

*El trabajo me pone alas*,<sup>431</sup> anota Martí em seu *Cuaderno de Apuntes*. E o ensaio do voo é feito com a pena livre nas anotações que o acompanharam em, praticamente, toda a sua trajetória. Uma faceta singular dessa fonte são as anotações relacionadas a livros e leituras. São livros por comprar, periódicos a consultar e lampejos em curtas frases sobre obras e autores, aqui apresentados para que se dimensione seu inventário de leituras ao longo da vida intelectual e do trabalho no periodismo e na tradução. Sem esquecer que muitas daquelas passagens ou indicações anotadas serão transmutadas, por vezes, em contundentes alocações nos círculos do pensamento insurreto ou nas tertúlias intelectuais que atualizam o vocabulário do século. No *Cuaderno*, datado entre 1878 e 1880, encontramos uma lista de *Libros por comprar*, quando anota títulos, autores e alguns editores, o que confirma, inclusive, seu conhecimento acerca da função editorial, um de seus mais caros desejos de toda a vida. A lista, uma vez mais, confirma também a atualização do leitor face à circulação do livro e sua largueza de vistas quanto ao próprio cânone que vai estabelecendo. É o que se pode concluir de um breve rol que alinha Wordsworth, Víctor Hugo, Goncourt e outros mais:

French men of letters. – M. Mauris –  
 Selected poems of Mathew Arnold. – Harper –  
 Poems of Wordsworth.  
 The A.B.C. of Finance. – S. Newcomb. –  
 Tales from Euripedes. –  
 Le Vieux-Neuf – d’Edouard Fournier .–  
 L’Esprit dans l’Histoire – de E. Fournier .–  
 Lamb’s Tragedies from Shakspr. – Harper.  
 McCarthy’s “A History of our own Times.” –  
 “Portraits parisiens”. – par le Marquis de Villemer. – (Ch. Irgate).  
 “La Comédie de Notre Temps”. – Bertals.–Editeur-Plon.–  
 Víctor Hugo. Raconté par un témoin de sa vie. –  
 Ste-Beuve et ses inconnues. – A. J. Pons.  
 Recreations scientifiques. G. Tissaudier. –  
 Les Mystères de la Main. – Desbarolles.  
 Hommes et Dieux. – Paul de St. Víctor.  
 La Maison d’un artiste. – Edmond Goncourt.  
 Les Deux Masques. – Paul de St. Víctor.<sup>432</sup>

Para nosso estudo, apresentamos aqui alguns indícios dos caminhos da leitura e da formação do leitor, face ao exame dos *Cuadernos de Apuntes*. Em destaque, as anotações com respeito às publicações de círculos específicos de leitores e algum indício de bibliofilia, em

<sup>430</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 21. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. Cuaderno de Apuntes 7, p. 215-216.

<sup>431</sup> *Ibid.*, Cuaderno de Apuntes 5, p. 160.

<sup>432</sup> *Ibid.*, Cuaderno de Apuntes 4, p. 156.

sua busca por originais dos séculos XVI e XVII. Algumas notas indicam a busca de livros que, decerto, não circularam largamente e o interesse específico do tema ou do autor. Assim nos parece sua notação seguinte com um sugestivo Guia de Livraria Antiquária e do Bibliófilo, entre outros círculos livreiros de então:

Publicaciones pa.saber de libros nuevos:  
 “Monthly notes” – of the Library Association.  
 “Neuer Anzeiger” – de Petzhodt.  
 “Le livre”, donde escribe Paul Lacroix, – “le bibliophile Jacob.” –  
 “Guide du Libraire Antiquaire et du bibliophile.”<sup>433</sup>

Leer a Maurice Thompson  
 – ciencia en poesía:  
 Thoreau  
 Borrowings  
 Thompson (menor)  
 (Algo de) Dudley Warner.<sup>434</sup>

Em um dos *Cuadernos*, datado de 1886, Martí escreve a seguinte nota: “Otros se acuestan con sus queridas: yo con mis ideas”<sup>435</sup> e, no mesmo *Cuaderno*, anota a frase já citada anteriormente: “La Batalla de las Almas.”<sup>436</sup> Martí vive a peleja das ideias, sua companhia certa das noites a fio até que o papel ou a luz da vela se apague; é a escrita empenhada e desejosa de frutificar livros e leitores por *Nuestra América*. Saltam dos *Cuadernos de Apuntes* livros imaginados, em cujo índice, certamente, figurariam Oscar Wilde, Walt Whitman, Giuseppe Carducci e Guerra Junqueiro, como anota no livro que chamaria de *Los poetas rebeldes*, a que se seguiria *Los poetas novos* – Rossetti, Coppé, Amicis, entre outros.

Como se vê, Martí tenta formar seu próprio cânone quando, por exemplo, anota o estudo que pretende sobre os poetas jovens da América, entre os quais Gutiérrez Nájera, Juan de Dios Peza, Manuel Acuña e Ruben Darío e outros mais. Muitos dos projetos editoriais imaginados estão anotados em seus *Cuadernos*:

Mi libro: Los poetas rebeldes: Oscar Wilde – Giuseppe Carducci – Guerra Junqueiro – Walt Whitman.  
 Pudiera seguirle otro: Rosetti, Coppé – Banville, Mendès, Aicard, Dupont.– Lames, Stoddard. – Amícis. – Guimaraes. Los poetas nuevos.<sup>437</sup>

Escribir un estudio:

<sup>433</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 21. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. Cuaderno de Apuntes 9, p. 262.

<sup>434</sup> *Ibid.*, Cuaderno de Apuntes 18, p. 397.

<sup>435</sup> *Ibid.*, Cuaderno de Apuntes 12, p. 281.

<sup>436</sup> *Ibid.*, Cuaderno de Apuntes 12, p. 282.

<sup>437</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 18. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 283.

Los poetas jóvenes de América:  
Sierra, Andrade, Obligado,  
Mirón, Gutiérrez Nájera, Peza:  
Darío, Acuña, Cuenca, Puga,  
Palma, Tejera, Sellén.<sup>438</sup>

Outro livro imaginado trata da *Vida e costumes dos indígenas de América*:

“Vida y costumbres de los indígenas de América” – Sería oportuno libro.<sup>439</sup>

Juárez. – Indios considerados. Leer Tardes Americanas.  
Tlaxcala, Oaxaca. Pintura.  
Cosa natural de ser indio. Alvarez. Ramírez. Sánchez Solís.  
Su naturaleza de indio sentía más la opresión.  
De alma libre, educado en el claustro, vio más de cerca lo feo y oprimido del  
claustro.  
Sobre todo, soberana y desinteresada virtud.<sup>440</sup>

Das anotações, também se podem analisar as fontes de seu labor em periódicos ou dos estudos que pretende conhecer e aprofundar. Várias referências indicam a pesquisa de questões relativas ao continente americano. Anotações eruditas de escritos setecentistas e inclusive de fontes manuscritas das quais tem o conhecimento de exemplares únicos como é o exemplo do manuscrito do padre Juan Rivero, conservado na Biblioteca de Bogotá, na Colômbia.

“Historia de Caracas”, en 2 tomos imp. Y uno manuscrito llama Vergara a la obra de Oviedo de Baños. (D. José).<sup>441</sup>

No faltaron elevación ni fantasía al animoso Juan Bautista de Toro, eclesiástico bogotano, que en El Secular Religioso, impreso en Madrid en 1722, y en 1778, pintó bravamente y sin embozo los desmanes increíbles de los Corregidores de Indios, y defendió a los “tristes indios”, y afirmó que de aquéllos – “por inhumanos, pocos se salvan en la eternidad.” – Muy popular fue su libro. Su modo de decir es seguro, y a veces flagelante; preciso, altivo y dogmático.<sup>442</sup>

Del Padre Juan Rivero, jesuita toledano, queda la Historia de las Misiones de los llanos de Casanare y los ríos Orinoco y Meta, manuscrita, en un solo ejemplar, en la biblioteca de Bogotá. – La escribió en 1728.<sup>443</sup>

Um traço singular ao longo dos *Cuadernos de Apuntes* são seus desenhos<sup>444</sup> –

<sup>438</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 18. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. p. 287.

<sup>439</sup> MARTÍ, José. **Obras completas**. v. 21. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. Cuaderno de Apuntes 15, p. 353.

<sup>440</sup> *Ibid.*, Cuaderno de Apuntes 18, p. 384.

<sup>441</sup> *Ibid.*, Cuaderno de Apuntes 7, p. 199.

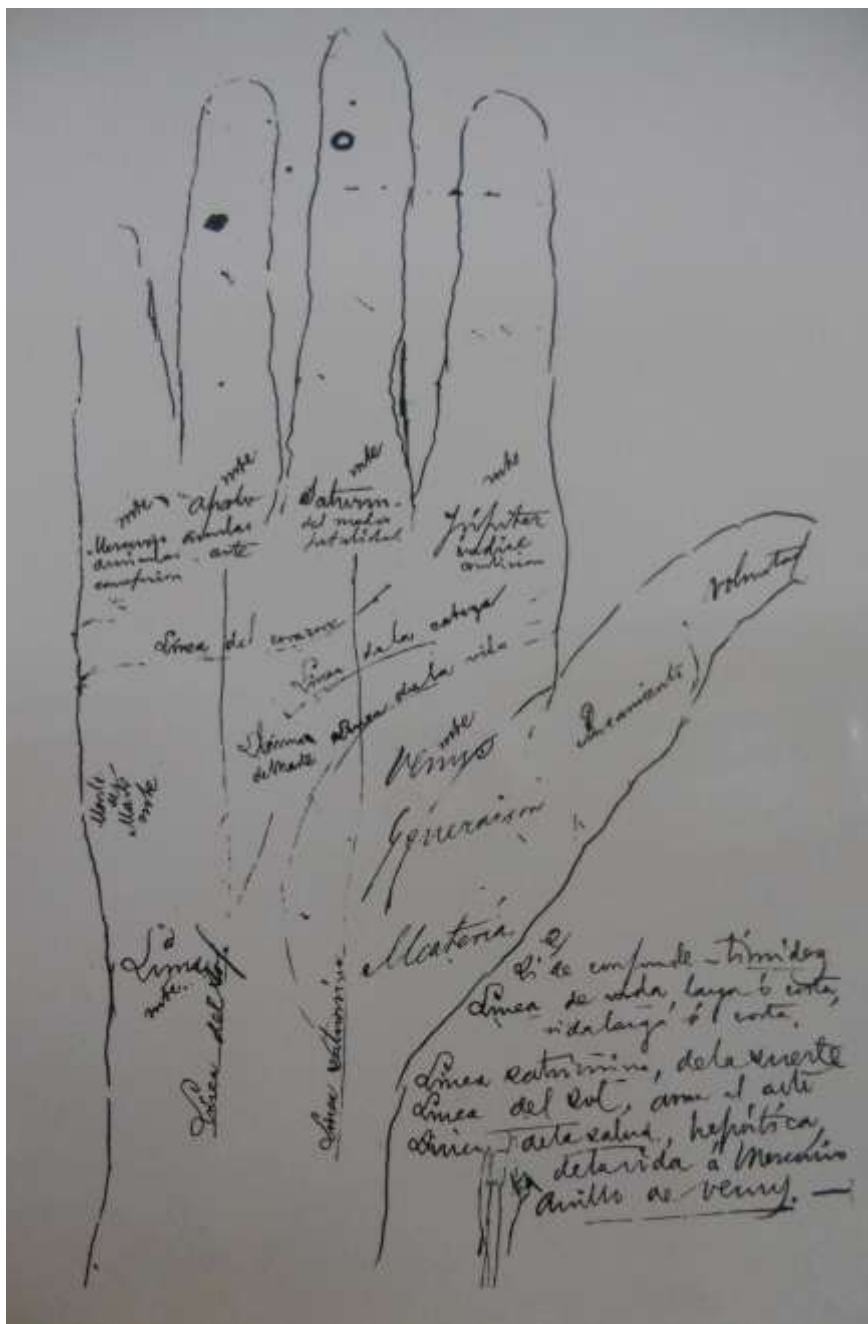
<sup>442</sup> *Ibid.*, Cuaderno de Apuntes 7, p. 200.

<sup>443</sup> *Ibid.*, Cuaderno de Apuntes 7, p. 202.

<sup>444</sup> Sobre os autorretratos de Martí foi fundamental nesta pesquisa as leituras do Atlas José Martí, a Iconografía

desde cenas, paisagens e pessoas, até imagens que se relacionam, de alguma forma, ao tema anotado. Algum desenho é também de experimentações da leitura, quando, por exemplo, anota sobre a linguagem que se expressa pelo corpo; um corpo que fala e que pode ser lido. No *Cuaderno sete*, datado no ano de 1881, o desenho de sua mão se faz acompanhar das interpretações da quiromancia, uma arte da leitura nas linhas da mão.

Figura 69 – Desenho da mão de Martí no *Cuaderno de Apuntes* número 7



Acervo: Centro de Estudios Martianos, Havana.

Martiana organizada por Gonzalo de Quesada y Miranda e o livro *Facetas de Martí* (1939) também de Gonzalo de Quesada y Miranda, fontes que pude conhecer a partir da pesquisa em Havana.

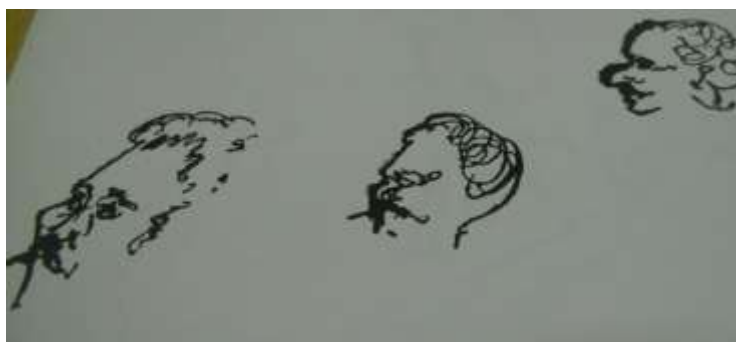
Ainda quanto a seus desenhos, encontram-se publicados seus autorretratos, em número de seis; um dos quais inspirado na estátua Chac-Mool da cultura Maia. Imagina-se que Martí viu a estátua durante sua passagem por Mérida, no México, em 1877 quando viaja rumo à Guatemala.<sup>445</sup>

Figura 70 – Autorretrato de Martí inspirado na estátua Chac-Mool.



Acervo: Centro de Estudios Martianos, Havana.

Figura 71 – Esboço para autorretrato.



Acervo: Centro de Estudios Martianos, Havana.

Figura 72 – Autorretrato possivelmente desenhado entre os anos de 1875-1877



Acervo Centro de Estudios Martianos, Havana.

<sup>445</sup> PAZ, Ibrahim Hidalgo. **José Martí**: cronología: 1853-1895. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2012.

O último autorretrato encontra-se em uma página ao lado de outros desenhos, acompanhados da frase-legenda *Por America*, escrita várias vezes, ao lado de uma imagem do que parece um livro alado, quiçá um esboço de *ex-libris*, traço singular da bibliofilia.

Figura 73 – Desenhos feitos durante a *Conferencia Monetaria Internacional Americana*, Washington, 1891.



Acervo Centro de Estudios Martianos, Havana.

Figura 74 – Detalhe autorretrato desenhado durante a *Conferencia Monetaria Internacional Americana*, Washington, 1891.



Acervo Centro de Estudios Martianos, Havana.

Neste capítulo, debruçamo-nos na leitura de um largo conjunto de fontes marcadas em sua perspectiva singular de escrita. Diários, anotações de viagem e os *Cuadernos de Apuntes* de José Martí comparecem neste trabalho, porquanto colaboram no sentido da reflexão sobre a trajetória martiana, bem vistos os traços de *autohistoria*, como o próprio Martí deixa entrever. Do contexto martiano, traçado em sua *escrita de si*, a pesquisa buscou as pistas sobre seus livros do afeto e as preferências literárias, suas experiências em viagem e a vida de um *homem sincero*.

Foram as *muitas faces humanas* de Martí que buscamos ao longo deste trabalho por meio de seu universo epistolar e de suas anotações pessoais. Acompanhamos como viveu as urgências de seu tempo, a experiência no exílio e a disposição em enfrentar as adversidades. Dentre as faces desse homem, esta Dissertação ressalta o amigo sincero, o leitor ávido, o editor sonhador, o patriota irredutível, o poeta em atos e o intelectual de palavra e ação que deixou uma vida por escrito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um ponto final quando se está ainda começando; este o sentimento de quem se torna pesquisador. Assim, quero juntar, ao final desta escrita, o começo, desde Havana. E, em destaque, o ponto que talvez seja uma inflexão no modo da pesquisa e em cuja seara desejo prosseguir: a história social dos livros e da difusão da leitura, em vista da escrita da contestação e do debate de ideias.

Como dizia nas páginas iniciais, Havana parecia, no último fevereiro de 2013, uma cidade onde era possível encontrar, a cada nova caminhada, girassóis, afeto, livros e esperança. Em busca dos lugares de pesquisa sobre a trajetória martiana e à escuta dos pesquisadores, quis conhecer a Fundação Fernando Ortiz, motivada pela leitura dos estudos de F. Ortiz no começo deste trabalho, mas, principalmente, em busca de maiores pistas sobre a história do *Lector*: notável costume operário oitocentista: se trata da leitura em voz alta nas fábricas de charuto. Em Cuba, um costume relacionado à imprensa dos trabalhadores e à difusão do livro e da leitura em coletivo tem um lugar especial na história: a figura do Leitor em fábricas de charuto, uma atividade que existe desde o século dezenove.

Fernando Ortiz,<sup>446</sup> em seu *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azucar*, escreve sobre os charuteiros cubanos e a leitura nas fábricas. Ortiz conta, baseado em fontes da história cubana, que esta bela história da cultura operária se afirma, em Cuba, no alvorecer do ano de 1864, pelas mãos dos trabalhadores de fábricas de charuto, na vila de Bejucal. O primeiro *Lector* recordado é Antonio Leal, leitor da fábrica de Viñas. Acredita-se também que foi em Bejucal, na fábrica de Facundo Acosta, que se introduziu o uso da tribuna, quando, na fábrica de Acosta, subiu à tribuna para ler em voz alta, estava inaugurando um costume que se prolonga até hoje. Sobre essa criação da cultura operária, Fernando Ortiz ressalta seu propósito de propaganda social, e o fato de sua ação partir dos próprios trabalhadores que, em modo de ensino mútuo, traço comum do autodidatismo, se cotizam para prover os meios de realização do *Lector*.

Das primeiras leituras em voz alta nas fábricas de charuto em Cuba, ressaltam as folhas operárias, e ao menos um livro é citado nas pesquisas deste campo. O título é sugestivo: *Las Luchas del Siglo*,<sup>447</sup> como o era o de um jornal lido da tribuna: *La Aurora*. Para Ortiz, o ato da leitura explica também o fortalecimento da cultura associativa entre aqueles

---

<sup>446</sup> ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azucar**. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1978. p. 84-85.

<sup>447</sup> Fernando Ortiz informa apenas o título do livro e não faz maiores esclarecimentos.



trabalhadores das fábricas de charuto. Neste trabalho, se viu, inclusive, sua adesão aos ideais independentistas nos finais do século XIX, como afirma José Martí. De Cayo Hueso, um dos fortes núcleos da imigração cubana nos Estados Unidos, é dada a senha para a guerra de independência de 1895: uma mensagem enrolada em um charuto fabricado pelo tabaqueiro Fernando Figueredo.<sup>448</sup> O fato deu origem a uma premiação, da Sociedade Cultural José Martí, de Cuba, conhecida como “El tabaco del libertador.”

Sabedora da permanência do costume do *Lector* em Cuba, fui à procura de uma Leitora, pois, nos dias de hoje, a função é ocupada, em sua maioria, pelas mulheres. Rumo a uma fábrica de charuto, no agitado bairro de Centro Havana, na rua Belascoain, vejo uma cena de rua inesquecível: um homem sentado nos degraus do passeio, lê seu livro.

Figura 75 – Um homem lê. Bairro de Centro Havana, Havana, Cuba, 2013.



Chego à Fábrica de Charutos H. Uppman para me avistar com a Leitora de quem já sei o nome: Gricel Valdés Lombillo, uma trabalhadora cubana que dos seus sessenta anos vividos dedicou os últimos 22 anos à leitura em voz alta nas fábricas. Logo nos primeiros minutos de conversa, ela me revela que a fábrica atende por dois nomes: H. Uppman, nome comercial, e Fábrica de Tabacos José Martí.

---

<sup>448</sup> ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azucar**. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1978. p. 84-85.

Gricel, uma vibrante mulher enfeitada com um colar de contas amarelas e verdes, conta que, antes de começar no ofício, sabia pouco sobre a leitura para os trabalhadores charuteiros. No entanto, sabia de livros: Gricel era professora. O convite para o trabalho de Leitora na fábrica de charuto partira de um tio que tinha lá seus conhecimentos. Sabendo que o *Lector* da fábrica H. Upmman ia se aposentar, sugere à Gricel o posto de Leitora. Gricel titubeia, mas tenta conhecer mais do ofício. Dos 22 anos passados na tribuna da fábrica, a leitora confessa: “os livros me salvaram”!

Para ocupar o posto de leitor, é preciso a aprovação dos trabalhadores. Gricel, que imaginava saber ler, aprendeu que, nesse mundo, sempre há um novo aprendizado: “os trabalhadores me ensinaram a ler”. A leitura em voz alta carece de outro ritmo e interpretação que a leitora aprendeu ao som da chaveta dos tabaqueiros, instrumento de metal que serve para cortar o charuto, e também, aprovar ou desaprovar uma leitura. Gricel me explica: quando gostam da leitura batem a chaveta seguidamente, como uma forma de aplauso e, se desaprovam, jogam o instrumento sobre a mesa de forma displicente para que faça um único som. O silêncio no imenso galpão tomado pelo forte cheiro das folhas de charuto é interrompido apenas pela leitura e pelas chavetas: é a forma de o trabalhador interagir com a história que escuta.

E, durante os 22 anos de experiência como leitora, Gricel, conta do interesse dos trabalhadores pela leitura de periódicos e livros. Eles dão a pauta e sugerem leituras. Quando pergunto que livro foi mais marcante durante sua experiência como leitora, ela responde rapidamente: “*O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas. Li duas vezes”.

José Martí não poderia ficar de fora dessa conversa. A leitora conta que, na fábrica, funciona também um Clube Martiano, dedicado ao estudo da obra de José Martí e participando das atividades da Sociedade Cultural José Martí. Gricel recorre à história para contar que Martí esteve ao lado dos charuteiros de Tampa e Cayo Hueso, nos Estados Unidos, quando obteve firme apoio dos Leitores para conquistar a adesão dos trabalhadores à causa independentista. Gricel conta ainda que José Martí é pauta constante, seja nos pedidos de leitura ou num pensamento para encerrar um dia de trabalho. Gricel me conduz em visita aos vários setores da fábrica; quando passo ao lado da mesa de uma trabalhadora, lá está a moça compenetrada enrolando um charuto e a mesa de trabalho enfeitada com um girassol e um pequeno retrato de José Martí. Isto mesmo!

Figura 76 – Trabalhadora da Fábrica H. Upmann – José Martí, Havana.



Figura 77 – A leitora Gricel Valdés lendo para os trabalhadores da fábrica H. Upmann.



Foto publicada no jornal Granma em 09 de dezembro de 2012.

Nesta Dissertação, pelos caminhos do estudo das fontes, apresento dimensões da trajetória do viajante atento da *Mãe América*; do leitor incansável e disposto a novas descobertas; do amigo das sinceras dedicatórias; e do semeador do sonho de uma *Nuestra América*.

Em vista da riqueza dos fundos documentais acerca da vida e obra de José Martí várias possibilidades de investigação são suscitadas, incorporando novos temas e abordagens ao repertório de pesquisas existentes, como por exemplo, a ampliação de estudos sobre o autodidatismo, os circuitos de difusão do livro e da leitura na América Latina, a correspondência passiva de José Martí, entre outros.

Nos caminhos que percorri pude adensar minha experiência como investigadora no campo da pesquisa historiográfica e, finalizo este trabalho, com a certeza que continuo a buscar horizontes de pesquisa na área da História Social.

## ACERVOS

Archivo Nacional de Cuba. Havana, Cuba.

Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

Biblioteca Central da Universidad de La Habana. Havana, Cuba.

Biblioteca de Literatura e Linguística da Universidad de La Habana. Havana, Cuba.

Biblioteca Nacional José Martí. Havana, Cuba.

Centro de Estudios Martianos. Havana, Cuba.

Oficina de Asuntos Históricos del Consejo del Estado. Havana, Cuba.

Plebeu Gabinete de Leitura. Fortaleza, Brasil.

## FONTES

ANTÚNEZ, Bernardo Figueredo. **Yo dibuje a Martí**: diario de un viaje Cayo Hueso-Nueva York. Selección, prólogo y notas de Jorge R. Bermúdez. La Habana: Casa Editora Abril, 2010.

ANUARIO DEL CENTRO DE ESTUDIOS MARTIANOS. v. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1978.

\_\_\_\_\_. v. 2. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1979.

\_\_\_\_\_. v. 3. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1980.

\_\_\_\_\_. v. 4. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1981.

\_\_\_\_\_. v. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1982.

\_\_\_\_\_. v. 6. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1983.

\_\_\_\_\_. v. 7. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1984.

\_\_\_\_\_. v. 8. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1985.

\_\_\_\_\_. v. 9. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1986.

\_\_\_\_\_. v. 10. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1987.

\_\_\_\_\_. v. 11. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1988.

\_\_\_\_\_. v. 12. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1989.

\_\_\_\_\_. v. 13. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1990.

\_\_\_\_\_. v. 14. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1991.

\_\_\_\_\_. v. 15. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1992.

\_\_\_\_\_. v. 16. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1993.

\_\_\_\_\_. v. 17. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1994.

\_\_\_\_\_. v. 18. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1995.

\_\_\_\_\_. v. 19. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1996.

\_\_\_\_\_. v. 20. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1997.

\_\_\_\_\_. v. 21. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1998.

\_\_\_\_\_. v. 22. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1999.

ANUARIO DEL CENTRO DE ESTUDIOS MARTIANOS. v. 23 La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2003.

\_\_\_\_\_. v. 24 La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2003.

\_\_\_\_\_. v. 25 La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2005.

\_\_\_\_\_. v. 26 La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2005.

\_\_\_\_\_. v. 27 La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2005.

\_\_\_\_\_. v. 28 La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2006.

\_\_\_\_\_. v. 29 La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007.

\_\_\_\_\_. v. 30. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007.

\_\_\_\_\_. v. 31. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007.

\_\_\_\_\_. v. 32. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2009.

\_\_\_\_\_. v. 33. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010.

\_\_\_\_\_. v. 34. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2011.

ATLAS JOSÉ MARTÍ. La Habana: Oficina Nacional de Hidrografía y Geodesia; Centro de Estudios Martianos; Ediciones Geo, 2003.

CUADERNOS MARTIANOS. III Preuniversitario. Selección de Cintio Vitier. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1996.

GALARRAGA, Ramiro Valdés. **Diccionario del pensamiento martiano**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2007.

MARTÍ, José. **Obras completas**. t. 19. La Habana: Editorial Nacional de Cuba, 1964.

\_\_\_\_\_. **Epistolario**. t. 1 (1862-1887). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993.

\_\_\_\_\_. **Epistolario**. t. 3 (1892-1893). La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993.

\_\_\_\_\_. **Obras completas**. v. 18. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975.

\_\_\_\_\_. **Obras completas**. v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975.

\_\_\_\_\_. **Obras completas**. v. 21. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975.

\_\_\_\_\_. **Obras completas: edición crítica**. t. 1. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010.

\_\_\_\_\_. **Obras completas: edición crítica**. t. 2. La Habana: Centro de Estudios Martianos,

2000.

MARTÍ, José. **Obras completas:** edición crítica. t. 3. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2000.

\_\_\_\_\_. **Obras completas:** edición crítica. t. 4. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001.

\_\_\_\_\_. **Obras completas:** edición crítica. t. 5. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2001.

\_\_\_\_\_. **Obras completas:** edición crítica. t. 6. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002.

\_\_\_\_\_. **Obras completas:** edición crítica. t. 7. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2003.

\_\_\_\_\_. **Obras completas:** edición crítica. t. 8. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2003.

\_\_\_\_\_. **Obras completas:** edición crítica. t. 9. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2004.

\_\_\_\_\_. **Obras completas:** edición crítica. t. 10. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2005.

\_\_\_\_\_. **Obras completas:** edición crítica. t. 11. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007.

\_\_\_\_\_. **Obras completas:** edición crítica. t. 12. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2006.

\_\_\_\_\_. **Obras completas:** edición crítica. t. 13. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010.

\_\_\_\_\_. **Obras completas:** edición crítica. t. 14. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007.

\_\_\_\_\_. **Obras completas:** edición crítica. t. 15. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007.

\_\_\_\_\_. **Obras completas:** edición crítica. t. 16. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007.

\_\_\_\_\_. **Obras completas:** edición crítica. t. 17. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010.

\_\_\_\_\_. **Obras completas:** edición crítica. t. 18. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2011.



MARTÍ, José. **Obras completas**: edición crítica. t. 19. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2011.

\_\_\_\_\_. **Obras completas**: edición crítica. t. 20. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010.

\_\_\_\_\_. **Obras completas**: edición crítica. t. 21. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010.

\_\_\_\_\_. **Obras completas**: edición crítica. t. 22. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2008.

\_\_\_\_\_. **Obras completas**: edición crítica. t. 23. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010.

\_\_\_\_\_. **Crítica y arte**: obras completas de Martí. La Habana: Tropico, 1943.

\_\_\_\_\_. **Páginas escogidas**. 3. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1971.

\_\_\_\_\_. **Cuba**: nuestra América, Los Estados Unidos. México: Siglo XXI, 1973.

\_\_\_\_\_. **Nuevas cartas de Nueva York**. México: Siglo Veintiuno, 1980.

\_\_\_\_\_. **Páginas del joven Martí**. La Habana: Gente Nueva, 1984.

\_\_\_\_\_. **Manifiesto de Montecristi**: el partido revolucionario cubano a Cuba. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985.

\_\_\_\_\_. **La edad de oro**. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1989.

\_\_\_\_\_. **Ideario pedagógico**. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1990.

\_\_\_\_\_. **Escenas Extraordinarias**. Havana: Editorial Gente Nueva, 1990.

\_\_\_\_\_. **Poesía completa**. Havana: Editorial Letras Cubanas, 1993.

\_\_\_\_\_. **Poesía de amor**. La Habana: Letras Cubanas, 1993.

\_\_\_\_\_. **Visión íntima**: cartas escogidas. Prólogo Daisy Cué. Santiago de Cuba: Oriente, 1995.

\_\_\_\_\_. **Cartas a María Mantilla**. La Habana: Centro de Estudios Martianos; Editorial Gente Nueva, 1982.

\_\_\_\_\_. **Nossa América**: antología. Introdução de Roberto Fernández Retamar. São Paulo: Hucitec, 1983.

\_\_\_\_\_. **Testamentos de José Martí**: edición crítica. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2004.

MARTÍ, José. **Testamentos José Martí**: edición crítica. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2011.

\_\_\_\_\_. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Investigación, prólogo, notas y anexos: Mayra Beatriz Martínez. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007.

\_\_\_\_\_. **José Martí**: diarios de campaña: edición crítica. Presentación y notas de Mayra Beatriz Martínez y Froilán Escobar. La Habana: Casa Editora Abril, 2006.

\_\_\_\_\_. **Biografías e diario de José Martí**. Prólogo de Mayra Beatriz Martínez. Cuba: Biblioteca Familiar, [s. d.].

\_\_\_\_\_. **Correspondencia a Manuel Mercado**. Introducción Cintio Vitier. México: DGE Ediciones; Centro de Estudios Martianos, 2001.

\_\_\_\_\_. **José Martí en los Estados Unidos**: periodismo de 1881 a 1892. Edición Crítica coordinada por Roberto Fernández Retamar e Pedro Pablo Rodríguez. Madrid; Barcelona; La Habana; Lisboa; París; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2003.

MIRANDA, Gonzalo de Quesada y. **Facetas de Martí**. La Habana: Editorial Trópico, 1939.

\_\_\_\_\_. **Iconografía martiana**. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1985.

\_\_\_\_\_. **Martí**: hombre. Presentación de Raúl Rodríguez de La O. La Habana: Ediciones Boloña, 2004.

PASCUAL, Luis García. **Entorno Martiano**. La Habana: Ediciones Abril, 2003.

\_\_\_\_\_. **Destinatario José Martí**. La Habana: Ediciones Abril, 2005.

\_\_\_\_\_. **José Martí**: documentos familiares. La Habana: Ediciones Abril, 2008.

PAZ, Ibrahim Hidalgo. **José Martí**: cronología: 1853-1895. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2012.

## BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Flávio Wolf de; CHIAPPINI, Ligia. (Orgs.). **Literatura e História na América Latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993

ALMEIDA, Jaime (org.). **Caminhos da História da América no Brasil: tendências e contornos de um campo historiográfico**. Brasília: ANPHLAC, 1998.

ALMEIDA, Jaime; CABRERA, Olga; ZAVALA, María Teresa Cortés. (Orgs.). **Cenários caribenhos**. Brasília: Paralelo 15, 2003.

AMÉRICA: descoberta ou invenção. 4º Colóquio UERJ. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ANGELIDES, Sophia. **Carta e literatura: correspondência entre Tchekhov e Górkki**. São Paulo: Edusp, 2001.

ATENCIO, Caridad. **La saga crítica de Ismaelillo**. La Habana: Editorial José Martí, 2008.

\_\_\_\_\_. **De algunos poetas románticos mexicanos en Martí**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010.

\_\_\_\_\_. **Los cuadernos de apuntes de José Martí o la legitimación de la escritura**. La Habana: Ediciones Unión, 2012.

BABO, Maria Augusta. **A escrita do livro**. Lisboa: Vega, 1993.

BAKOS, Margaret Marchiori. (Org.). **Escritas íntimas, tempo e lugares de memória: a documentação pessoal como fonte para a história**. Porto Alegre: Palier, 2008.

BALLESTER, Ana Cairo. (Org.). **Valoración múltiple: José Martí**. t. 2. La Habana: Fondo Editorial Casa de Las Américas, 2007.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BARRERA, Carlos. (Coord.). **Historia del periodismo universal**. Barcelona: Editorial Ariel, 2004.

BARROS, José Flávio Pessoa de; LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes. **América Latina e Caribe: desafios do século XXI**. Rio de Janeiro: UERJ; PROEALC, 1995.

BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. (Orgs.). **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina

Venâncio. (Orgs.). **Destino das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

BERNEDO, Patricio. Nacimiento y desarrollo de la prensa periódica nacional en América Latina. In: BARRERA, Carlos. (Coord.). **Historia del periodismo universal**. Barcelona: Editorial Ariel, 2004.

BETHELL, Leslie. (Ed.). **Historia de América Latina: 8: América Latina: cultura y sociedad, 1830-1930**. Barcelona: Editorial Crítica, 1991.

\_\_\_\_\_. (Org.). **História da América Latina**. v. IV. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília; DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em Memórias do Cárcere. In: **Revista do Livro**, n. 44, ano 14, jan. 2002. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura; Fundação Biblioteca Nacional; Departamento Nacional do livro, 2002.

BOTREL, Jean-François. Los libreros y las librerías. tipología y estrategias comerciales. In: MARTÍN, Jesús A. Martínez. (Dir.). **Historia de la edición en España: 1836-1936**. Madrid: Marcial Pons, 2001.

BRAU, Zoe de la Torriente. **Compilación, presentación y notas Elizabeth Rodríguez e Idania Trujillo: papeles de familia**. La Habana: Centro Cultural Pablo de la Torriente Brau, 2006.

BURKHARDT, Frederick. (Ed.). **As cartas de Charles Darwin: uma seleta: 1825-1859**. São Paulo: Unesp, 2000.

CABALLERO, Jose de La Luz y. **Biblioteca de clásicos cubanos: obras: aforismos**. (Volumen I). Ensayo introductorio, compilación y notas de Alicia Conde Rodríguez. La Habana: Imagen Contemporanea, 2001.

CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

CAÑEDO, Elier Ramírez; GRASSO, Carlos Joane Rosario. **El autonomismo en las horas cruciales de la nación cubana**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008.

CARMONA, Alejandro López; GÓMEZ, Santiago Alberto Gutiérrez; PIEDRAHÍTA, Isabel C. Salazar; RESTREPO, Sandra L. Jaramillo. **Voz y letras: tertulias sobre nuestra cotidianidad**. Medellín: Secretaría de Cultura Ciudadana del Municipio de Medellín; Corporación Cultural Estanislao Zuleta, 2011.

CARPENTIER, Alejo. **Literatura e consciência política na América Latina**. São Paulo: Global Editora, [s.d.].

CARTAS A TOUTOUCHE. Textos introductorios y notas de Graziella Pogolotti y Rafael Rodríguez Beltrán. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2010.

CARVALHO, Eugênio Rezende de. **Nossa América: a utopia de um novo mundo**. São Paulo:

Anita Garibaldi, 2001.

CAVALLO, Guglielmo; Roger Chartier. (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CHARLE, Christophe. **Los intelectuales en el siglo XIX**: precursores del pensamiento moderno. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 2000.

CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo. **História da leitura no mundo ocidental 1**. São Paulo: Ática, 1998.

COSTA, Horácio. (Org.). **A palavra poética na América Latina**: avaliação de uma geração. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992.

CUESTA, Jorge Ibarra. **Varela**: el precursor: un estudio de época. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2004.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. **Redes intelectuales en América Latina**: hacia la constitución de una comunidad intelectual. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Avanzados; Universidad Santiago de Chile, 2007.

DÍAZ, Mayra Beatriz Martínez. **Convivencias de el viajero**. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2011.

DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.). **Política, nação e edição**: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX. São Paulo: Annablume, 2006.

ECO, Umberto. **A memória vegetal**: e outros escritos de bibliofilia. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ELERS, Damaris A. Torres. Club cubanas y nicoyanas: apuntes para su estudio. *In: Revista Honda*, n. 34, publicação da Sociedad Cultural José Martí, 2012.

FERNANDES, Florestan. **A contestação necessária**. São Paulo: Ática, 1995.

FERNÁNDEZ, Frank. **El anarquismo en Cuba**. Madrid: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 2000.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: Unesp, 2006.

GEBRAN, Philomena; LEMOS, Maria Teresa Toríbio B. **América Latina**: cultura, estado e sociedade. Rio de Janeiro: ANPHLAC, 1994.

GOMES, Angela de Castro. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV,

2004.

GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso. (Orgs.). **Memórias e narrativas autobiográficas**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

GROSS, David González. José Martí: Cayo Hueso y Tampa. *In: Revista Honda*, n. 34, publicação da Sociedad Cultural José Martí, 2012.

GUEVARA, Ernesto Che. **América Latina**: despertar de un continente. Editado por María del Carmen Ariet García. Bogotá: Ocean Sur, 2007.

GULDBERG, Horacio Cerutti. **Ideología y pensamiento utópico y libertario en América Latina**. México: Universidad de la Ciudad de México, 2003.

HALE, Charles A. Ideas políticas y sociales en América Latina: 1870-1930. *In: BETHELL, Leslie*. (Ed.). **Historia de América Latina**: 8: América Latina: cultura y sociedad: 1830-1930. Barcelona: Editorial Crítica, 1991.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. *In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio*. (Orgs.). **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

HENRIQUE, Márcio Couto. **Um toque de voyerismo**: o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

JAMES, C. R. L. **Os jacobinos negros**: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2000.

KLENGEL, Susanne; LEONZO, Nanci; TRONCOSO, Hugo Cancino. **Nuevas perspectivas teóricas y metodológicas de la historia intelectual de América Latina**. Madrid; Frankfurt: Vervuert; Iberoamericana, 1999.

KRAUZE, Enrique. **Os redentores**: ideias e poder na América Latina. São Paulo: Benvirá, 2011.

LEJEUNE, Phillipe; NORONHA, Jovita Maria Gerheim. (Org.). **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes*. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LOPES, Marcos Antônio. (Org.). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003.

MAIA, Pedro Moacir. **Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raúl Navarro**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARQUES, Reinaldo; SOUZA, Eneida Maria. (Orgs.). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MARTÍN, Jesús A. Martínez. (Dir.). **Historia de la edición en España: 1836 1936**. Madrid: Marcial Pons, 2001.

MARRUZ, Fina García; VITIER, Cintio. **Temas martianos**. La Habana: Centro de Estudios Martianos – Ediciones Especiales, 2011.

MESA, Enrique López. **La comunidad cubana de New York: siglo XIX**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002.

\_\_\_\_\_. **José Martí: editar desde New York**. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2012.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MILTON, John. **O clube do livro e a tradução**. Bauru: EDUSC, 2002.

MORAES, Marco Antonio de. (Org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: EDUSP; IEB, 2000.

MORALES, Salvador E. **Espacios en disputa: México y la independencia de Cuba**. México: Centro de Investigación Científica “Ing. Jorge L. Tamayo”, A.C.; Secretaría de Relaciones Exteriores, 1998.

O, Raúl Rodríguez La. **Dolor infinito**. La Habana: Ediciones Abril, 2007.

ORTIZ, Fernando. *In*: ROBAINA, Tomás Fernández. **Apuntes para la historia de la Biblioteca Nacional José Martí de Cuba**. La Habana: Biblioteca Nacional José Martí, 2001.

PAES, José Paulo. (Org.). **Grandes cartas da história**. São Paulo: Cultrix, 1968.

\_\_\_\_\_. **O lugar do outro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

PEREIRA, Lucia Miguel. **A leitora e seus personagens: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992.

PERES, Fernando da Rocha. (Org.) **Mário de Andrade: correspondente contumaz: cartas a Pedro Nava 1925-1944**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PÉREZ, Marlene Vázquez. **La vigilia perpetua: Martí en Nueva York**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2010.

PI, Paula María Luzón. **Vida de Ismaelillo**. La Habana: Ediciones Boloña; Publicaciones de la Oficina del Historiador de la Ciudad, 2004.

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PRADO, Maria Ligia Coelho. **América Latina no Século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: Edusp; Edusc, 1999.

RAMÍREZ, Pedro J. Rueda. **Negocio e intercambio cultural: el comercio de libros con América en la Carrera de Indias (siglo XVII)**. España: Diputación de Sevilla; Universidad de Sevilla; Consejo Superior de Investigaciones Científicas – Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 2005.

RAMOS, Julio. **Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

RETAMAR, Roberto Fernández. *In: **Revista Casa de las Américas***, n. 211. La Habana: Casa de las Américas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pensamiento de nuestra América: autorreflexiones y propuestas**. Buenos Aires: Clacso, 2006.

REVISTA DA BIBLIOTECA NACIONAL. S. 2, vol. 3, n. 2. Lisboa: Diglivro, 1988.

\_\_\_\_\_. S. 2, vol. 4, n. 2. Lisboa: Diglivro, 1989.

\_\_\_\_\_. S. 2, vol. 6, n. 1. Lisboa: Diglivro, 1991.

\_\_\_\_\_. S. 2, vol. 8, n. 1. Lisboa: Diglivro, 1993.

\_\_\_\_\_. S. 2, vol. 9, n. 2. Lisboa: Diglivro, 1994.

ROBAINA, Tomás Fernández. **Apuntes para la historia de la Biblioteca Nacional José Martí de Cuba**. La Habana: Biblioteca Nacional José Martí, 2001.

ROCHA, Inês de Almeida. Viver no feminino: escrita epistolar de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade. *In: **Gênero – Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG***, v. 11, n. 1. Niterói: Editora da UFF, 2012.

RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. **Martí e as duas Américas**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

\_\_\_\_\_. **De todas partes: perfiles de José Martí**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2012.

ROMERO, Cira. (Org.). **Laberinto de fuego: epistolario de Lino Novás Calvo**. La Habana: Centro Cultural Pablo de la Torriente, 2008.

ROTKER, Susana. **Fundación de una escritura: las crónicas de José Martí**. La Habana: Ediciones Casa de Las Américas, 1992.

SANDE, Luis Toledo. (Org.). **Valoración múltiple: José Martí**. t. 1. La Habana: Fondo Editorial Casa de Las Américas, 2007.

SANDE, Luis Toledo. **Ensayos sencillos con José Martí**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2012.

\_\_\_\_\_. **Cesto de llamas: biografía de José Martí**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2012.



SASTRE, Alfonso. **La batalla de los intelectuales**: o nuevo discurso de las armas y las letras. Buenos Aires: Clacso, 2006.

SCHULMAN, Ivan A. **Vigencias**: Martí y el modernismo. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2005.

SILVA, Helenice Rodrigues da. **Fragmentos da história intelectual**: entre questionamentos e perspectivas. Campinas: Papirus, 2002.

THOMPSON, Edward Palmer. **E.P. Thompson esencial**. Barcelona, 2002.

TORRES-CUEVAS, Eduardo. **Historia del pensamiento cubano**. v. I. tomo 2. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2006.

VINCET-BUFFAULT, Anne. **Da amizade**: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

VITIER, Cintio. **Vida y obra del apóstol José Martí**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2006.

\_\_\_\_\_. **Temas martianos**: segunda serie. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2011.

WILLIAMS, Raymond. A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica in projeto história. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, n. 35. São Paulo: EDUC, 2007.

## ANEXO I

As tabelas de destinatários de José Martí estão organizadas a partir do epistolário publicado nas *Obras Completas, tomo 20, Editorial de Ciencias Sociales, Instituto Cubano del Libro, La Habana, 1975, segunda edição*. Quando a carta não aparece nessa edição informamos em que fonte foi possível encontrá-la. Para formar essas tabelas todas as cartas publicadas nesta edição (tomo 20, 1975) foram cotejadas com *Jose Marti Epistolario tomo I (1862-1887), Editorial de Ciencias Sociales. La Habana, 1993; Jose Marti Epistolario tomo III (1892-1893), Editorial de Ciencias Sociales. La Habana, 1993*, ambos organizados por Luis Garcia Pascual e Enrique H. Moreno Pla; além das *Obras Completas Edición Crítica* editadas pelo Centro de Estudios Martianos (2000-2011) e que atualmente somam 23 tomos publicados. O último tomo das *Obras Completas Edición Crítica* refere-se aos anos de 1885-1886 na cronologia martiana. Prevalece nas tabelas abaixo as informações revistas e atualizadas mais recentemente.

<b>Destinatário</b>	<b>Origem</b>	<b>Destino</b>	<b>Data</b>
Leonor Pérez	Hanábana – Cuba	Havana – Cuba	23 de outubro de 1862
Rafael María de Mendive	Havana - Cuba	Guanabacoa – Cuba	Janeiro de 1869
Rafael María de Mendive	Havana – Cuba	Cuba	1869
Rafael María de Mendive	Havana - Cuba	Paris – França (?)	Entre 4 e 21 de outubro de 1869
Pedro Mendive	Prisão – Cuba		27 de outubro de 1869
Leonor Pérez <sup>449</sup>	Prisão – Cuba	Havana – Cuba	10 de novembro de 1869
Rafael María de Mendive	Havana – Cuba		15 de janeiro de 1871
Néstor Ponce de León <sup>450</sup>	Madrid – Espanha	Nova York – EUA	15 de abril de 1873
Desconhecido	Zaragoza – Espanha		Outubro ou novembro de 1874
Rosario de La Peña	México	México	6-7 de abril de 1875
Rosario de La Peña	México	México	Março-maio de 1875
Rosario de La Peña	México	México	Março-maio de 1875
Rosário de La Peña <sup>451</sup>	México	México	Março-maio de 1875
Nicolás Domínguez Cowan	México	México	31 de janeiro de 1876
Presidente da	México	México	8 de fevereiro de 1876

<sup>449</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p.15-16.

<sup>450</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 28-30.

<sup>451</sup> Aparece em Jose Marti Obras Completas Edición Crítica, t. 5. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2001. p. 396-397.

<i>Sociedad Gorostiza</i>			
Nicolás Domínguez Cowan	México	México	18 de março de 1876
Adrián Segura	<i>Revista Universal</i> – México	México	27 de março de 1876
Nicolás Domínguez Cowan	México	México	18 de junho de 1876
Nicolás Domínguez Cowan	México	México	30 de dezembro de 1876
Nicolás Domínguez Cowan	Veracruz, México	México	1º de janeiro de 1877
Francisco Zayas-Bazán	Progreso – México	Cidade do México - México	
General Máximo Gómez	Guatemala		1877
Francisco Zayas-Bazán <sup>452</sup>	Guatemala	México	13 de julho de 1878
José Joaquín Palma <sup>453</sup>	Guatemala		1878
Francisco Sánchez	Guatemala	Cuba	23 de julho de 1878
Gabriel de Zéndengui	Havana – Cuba	Havana – Cuba	Fevereiro de 1879
Nicolás Azcárate	Havana – Cuba	Cuba	12 de junho de 1879
José Hernández Mederos	Havana – Cuba	Cuba	26 de abril de 1879
Nicolás Azcárate	Havana – Cuba	Cuba	31 de maio de 1879
Miguel F. Viondi	Havana – Cuba	Cuba	Junho de 1879
Agustín de Zéndengui	Havana – Cuba	Cuba	7 de agosto de 1879
Carmen Zayas-Bazán	Havana – Cuba	Cuba	Entre junho e setembro de 1879
Francisco de Paula Menocal y González	Havana – Cuba	Cuba	25 de setembro de 1879
Leandro J. de Viniegra	A bordo do vapor <i>Alfonso XII</i> em Santander (Cantabria – Espanha).	Havana – Cuba	11 de outubro de 1879
Miguel F. Viondi <sup>454</sup>	Santander (Cantabria – Espanha)	Havana – Cuba	13 de outubro de 1879
Miguel F. Viondi	Madrid – Espanha	Havana – Cuba	18 de novembro de 1879
Miguel F. Viondi	Madrid – Espanha	Havana – Cuba	28 de novembro de 1879
Miguel F. Viondi	Madrid – Espanha	Havana – Cuba	8 de dezembro de 1879
Miguel F. Viondi	Nova York – EUA	Havana – Cuba	8 de janeiro de 1880

<sup>452</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 126-127. e Jose Marti Obras Completas Edición Crítica, t. 5 Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2001. p. 315-316.

<sup>453</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p.109-112. e Jose Marti Obras Completas Edición Crítica, t. 5. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2001. p. 318-321.

<sup>454</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p.149-152. e Jose Marti Obras Completas Edición Crítica, t. 6. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2002. p. 117-120.

Miguel F. Viondi	Nova York – EUA	Havana – Cuba	5 de fevereiro de 1880
Miguel F. Viondi	Nova York – EUA	Havana – Cuba	24 de abril de 1880
Amelia Martí	Nova York – EUA	Havana – Cuba	Janeiro de 1882
Destinatário desconhecido <sup>455</sup>	Sem local		1881
Gabriel de Zéndengui y Gamba	Nova York – EUA	Cuba	1º de dezembro de 1881
Enrique José Varona	Nova York – EUA	Cuba	1º de dezembro de 1881
Miguel F. Viondi	Nova York – EUA	Havana – Cuba	1º de dezembro de 1881
Nicolás Azcárate	Nova York – EUA	Havana – Cuba	1º de dezembro de 1881
Diego Jugo Ramírez <sup>456</sup>	Caracas – Venezuela	Venezuela	22 de março de 1881
Fausto Teodoro de Aldrey <sup>457</sup>	Caracas – Venezuela	Venezuela	22 de março de 1881
Fausto Teodoro de Aldrey <sup>458</sup>	Caracas – Venezuela	Venezuela	15 de julho de 1881
Fausto Teodoro de Aldrey <sup>459</sup>	Caracas – Venezuela	Venezuela	27 de julho de 1881
Diego Jugo Ramírez <sup>460</sup>	Nova York – EUA	Venezuela	9 de dezembro de 1881
Leandro J. Viniestra <sup>461</sup>	Nova York – EUA		1881
Carmen Zayas-Bazán	Nova York – EUA	Havana – Cuba	Primeiros dias de 1882
Charles A. Dana	Nova York – EUA	EUA	Abril de 1882
Agustín Aveledo	Nova York – EUA	Caracas – Venezuela	23 de maio de 1882
Diego Jugo Ramírez <sup>462</sup>	Nova York – EUA	Venezuela	23 de maio de 1882
Diego Jugo Ramírez <sup>463</sup>	Nova York – EUA	Venezuela	10 de junho de 1882

<sup>455</sup> Aparece em Jose Martí Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 207. e Jose Martí Obras Completas Edición Crítica, t. 13. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2010. p. 103.

<sup>456</sup> Aparece em Jose Martí Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 208

<sup>457</sup> Aparece em Jose Martí Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 209-210.

<sup>458</sup> Aparece em Jose Martí Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 210-211.

<sup>459</sup> Aparece em Jose Martí Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 211-212.

<sup>460</sup> Aparece em Jose Martí Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 218-219. e Jose Martí Obras Completas Edición Crítica, t. 13. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2010. p. 101-102.

<sup>461</sup> Aparece em Jose Martí Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 213. e Jose Martí Obras Completas Edición Crítica, t. 13. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2010. p. 104.

<sup>462</sup> Aparece em Jose Martí Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p.230 e Jose Martí Obras Completas Edición Crítica, t. 13. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2010. p. 109.

<sup>463</sup> Aparece em Jose Martí Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993.

Vidal Morales	Nova York – EUA	Cuba	8 de julho de 1882
Diego Jugo Ramírez <sup>464</sup>	Nova York – EUA	Venezuela	28 de julho de 1882
Gabriel de Zéndengui	Nova York – EUA	Havana – Cuba	28 de julho de 1882
Enrique José Varona	Nova York – EUA	Cuba	28 de julho de 1882
Miguel F. Viondi	Nova York – EUA	Havana – Cuba	28 de julho de 1882
Felipe Sánchez Solís <sup>465</sup>	Nova York – EUA	México	Entre 12 e 16 de setembro de 1882
Leonor Pérez	Nova York – EUA	Havana – Cuba	Entre agosto e dezembro de 1882
Gabriel de Zéndengui	Nova York – EUA	Havana – Cuba	14 de outubro de 1882
Gabriel de Zéndengui	Nova York – EUA	Havana – Cuba	21 de outubro de 1882
Bartolome Mitre y Vedia <sup>466</sup>	Nova York – EUA	Argentina	19 de dezembro de 1882
Amelia Martí	Nova York – EUA	Havana – Cuba	28 de fevereiro de 1883
José Garcia		Cuba	1884
Adelaida Baralt <sup>467</sup>	Nova York – EUA	Nova York – EUA	Entre janeiro e março de 1884
Manuel de Jesús Galván <sup>468</sup>	Nova York – EUA		19 de setembro de 1884
Juan Antonio Pérez Bonalde <sup>469</sup>	Nova York – EUA		1884
Heraclio Martin de La Guardia <sup>470</sup>	Nova York – EUA		10 de abril de 1885
A quem possa interessar	Nova York – EUA		9 de junho de 1885
Juan de Dios Peza	Nova York – EUA		1º de outubro de 1885
Francisco	Nova York – EUA	Filadélfia – EUA	9 de outubro de 1885

p.231-232 e Jose Marti Obras Completas Edición Crítica, t. 13. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2002. p. 110-111.

<sup>464</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 240-241. e Jose Marti Obras Completas Edición Crítica, t. 17. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2010. p. 331-332.

<sup>465</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p.250-251 e Jose Marti Obras Completas Edición Crítica, t. 17. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2010. p. 346-347.

<sup>466</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 256-259 e Jose Marti Obras Completas Edición Crítica, t.17. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2010. p. 352-356.

<sup>467</sup> Essa carta rimada aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 273 e Jose Marti Obras Completas Edición Crítica, t.17. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2010. p. 375.

<sup>468</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 278-279. e Jose Marti Obras Completas Edición Crítica, t.17. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2010. p. 381-382.

<sup>469</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 289-290 e Jose Marti Obras Completas Edición Crítica, t.17. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2010. p. 400.

<sup>470</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 297-298 e Jose Marti Obras Completas Edición Crítica, t.22. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2008. p. 315-316

Dominguez e José Alfonso Lucena <sup>471</sup>			
Alejandro Magariños Cervantes	Nova York – EUA		21 de outubro de 1885
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA	Nova York – Cuba	27 de janeiro de 1886
Juan García Purón	Nova York – EUA	EUA	16 de março de 1886
Juan García Purón	Nova York – EUA	EUA	25 de março de 1886
Nicolás Domínguez Cowan	Nova York – EUA	México	22 de abril de 1886
Arthur Carrol	Nova York – EUA		29 de agosto de 1886
Juan de Dios Peza <sup>472</sup>	Nova York – EUA	México	1º de outubro de 1886
José García	Nova York – EUA	Havana – Cuba	Fevereiro de 1887
Nicolás Domínguez Cowan	Nova York – EUA	México	24 de fevereiro de 1887
Fermín Valdés Domínguez	Nova York – EUA	Cuba	28 de fevereiro de 1887
Fermín Valdés Domínguez	Nova York – EUA	Cuba	31 de março de 1887
Fermín Valdés Domínguez	Nova York – EUA	Cuba	7 de abril de 1887
Fermín Valdés Domínguez	Nova York – EUA	Cuba	9 de abril de 1887
Domingo Faustino Sarmiento <sup>473</sup>	Nova York – EUA	Argentina	Abril de 1887
Fermín Valdés Domínguez	Nova York – EUA	Cuba	11 de maio de 1887
Rafael de Zayas Enriquez <sup>474</sup>	Nova York – EUA	México	Maio de 1887
Enrique José Varona	Nova York – EUA	Cuba	3 de setembro de 1887
Victoria Smith <sup>475</sup>	Nova York – EUA		1887
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA	Nova York – EUA	3 de fevereiro de 1888
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1888
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1888
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA		4 de dezembro de 1888

<sup>471</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 310-314 e Jose Marti Obras Completas Edición Crítica, t. 23. Centro de Estudios Martianos: La Habana, 2010. p. 171-175.

<sup>472</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 351-352.

<sup>473</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 380.

<sup>474</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 387.

<sup>475</sup> Esse fragmento aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 446-448.

Juan Bonilla	Nova York – EUA		21 de dezembro de 1888
Alberto Palomeque	Nova York – EUA		17 de janeiro de 1889
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA		1889
Enrique José Varona	Nova York – EUA		17 de março de 1889
José Ignacio Rodríguez	Nova York – EUA	Cuba	27-28 de março de 1889
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA		28 de março de 1889
Rafael Serra	Sem local		Março, 1889
Enrique José Varona	Nova York – EUA	Cuba	22 de maio de 1889
D. J. Miller	Nova York – EUA		23 de junho de 1889
Rodolfo Menéndez	Nova York – EUA		26 de junho de 1889
Amador Esteva	Nova York – EUA	Guantánamo - Cuba	27 de julho de 1889
Rafael Serra	Sem local		Julho de 1889
Juan Bonilla	Sem local		15 de agosto de 1889
Emilio Núñez	Nova York – EUA		19 de setembro de 1889
Félix Iznaga	Nova York – EUA		31 de outubro de 1889
Emilio Núñez	Sem local		2 de novembro de 1889
Enrique Trujillo	Sem local		Novembro, 1889
Adelaida Baralt	Nova York – EUA		10 de novembro de 1889
Natalia N. de Montejo	Nova York – EUA		10 de novembro de 1889
Matilde S. de Castillo	Nova York – EUA		10 de novembro de 1889
Juan Bonilla	Sem local		21 de novembro de 1889
Manuel de J. González	Sem local		Dezembro de 1889
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA	Nova York – EUA	2 de janeiro de 1890
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1890
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1890
Juan Bonilla	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1890
Juan Bonilla	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1890
José Ignacio Rodríguez	Nova York – EUA		10 de janeiro de 1890
Manuel de J. González	Nova York – EUA	Nova York – EUA	17 de maio de 1890
José Ignacio Rodríguez	Nova York – EUA		28 de maio de 1890
Ana Aguado de Tomás	Nova York – EUA		7 de junho de 1890
Juan Bonilla	Nova York – EUA	Nova York – EUA	12 de junho de 1890
James G. Blaine	Nova York – EUA		26 de julho de 1890
Rafael Serra	Nova York – EUA	Nova York – EUA	Agosto de 1890
Rafael Serra	Sem local		1890
Juan Bonilla	Nova York – EUA	Nova York - EUA	17 de setembro de 1890
Rafael Serra	Nova York – EUA	Nova York – EUA	Setembro de 1890

Manuel de J. González	Nova York – EUA	Nova York – EUA	Setembro de 1890
R. L. Miranda	Nova York – EUA	Nova York – EUA	11 de dezembro de 1890
Federico Edelmann	Nova York – EUA	Nova York – EUA	11 de dezembro de 1890
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA	Nova York – EUA	11 de dezembro de 1890
Sotero Figueroa	Nova York – EUA	Nova York – EUA	12 de dezembro de 1890
Antonio Ignacio Quintana	Nova York – EUA	Nova York – EUA	12 de dezembro de 1890
Rafael Serra	Sem local		Janeiro de 1891
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1891
Sotero Figueroa	Sem local		Março de 1891
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1891
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1891
M. de Agramonte	Nova York – EUA		5 de março de 1891
Rafael Serra	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1891
Federico Edelmann	Nova York – EUA	Nova York – EUA	21 de abril de 1891
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1891
Federico Edelmann	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1891
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1891
Sotero Figueroa	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1891
Federico Edelmann	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1891
Federico Edelmann	Nova York – EUA	Nova York – EUA	1891
Ramón L. Miranda	Sem local		5 de junho de 1891
Eva Canel	Sem local		1891
Eva Canel	Sem local		1891
Eva Canel	Sem local		1891
Eva Canel	Sem local		1891
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA	Nova York – EUA	30 de outubro de 1891
Secretário da Sociedade Literária Hispano-Americana	Nova York – EUA	EUA	30 de outubro de 1891
Manuel de j. González	Sem local		9 de junho de 1892
Enrique Trujillo	Nova York – EUA		7 de novembro de 1891
Enrique Trujillo	Nova York – EUA		17 de novembro de 1891
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		2 de dezembro de 1891
Eligio Carbonell	Nova York – EUA		19 de dezembro de 1891
Gonzalo de Quesada	Cayo Hueso – EUA		Dezembro de 1891
Carolina Rodríguez	Nova York – EUA	Ibor City, Tampa, Flórida - EUA	20 de dezembro de 1891
Carolina Rodríguez	Nova York – EUA		Outubro de 1892
José Dolores Poyo	Key West, Flórida - EUA		Janeiro de 1892



José Dolores Poyo	Cayo Hueso		1892
Eligio Carbonell <sup>476</sup>	Nova York - EUA		Janeiro de 1892
Serafín Bello <sup>477</sup>	Nova York – EUA		15 de janeiro de 1892
Fernando Figueredo <sup>478</sup>	Nova York – EUA		15 de janeiro de 1892
Ceferino A. Cañizares	Nova York – EUA		Fevereiro de 1893
Genaro Hernández	Nova York – EUA		1892
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		16 de janeiro de 1892
Angel Pelaez <sup>479</sup>	Nova York – EUA		19 de janeiro de 1892
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA		Janeiro de 1892
Juan Bonilla <sup>480</sup>	Nova York – EUA		Janeiro de 1892
Manuel Barranco	Nova York – EUA		22 de janeiro de 1892
Serafín Sánchez	Nova York – EUA		23 de janeiro de 1892
Eduardo Hidalgo Gato	Nova York – EUA		23 de janeiro de 1892
Rafael Serra <sup>481</sup>	Nova York – EUA		27 de janeiro de 1892
Leonor Pérez	Nova York – EUA	Havana – Cuba	Janeiro de 1892
Carolina Rodríguez <sup>482</sup>	Nova York – EUA		
José Victor de La Cova <sup>483</sup>	Nova York – EUA		1892
Miguel Figueroa	Nova York – EUA		1º de fevereiro de 1892
Rafael Serra	Sem local		1892
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA	Nova York – EUA	3 de fevereiro de 1892
Gonzalo de Quesada <sup>484</sup>	Nova York – EUA		1892
Serafín Sánchez <sup>485</sup>	Nova York – EUA		Fevereiro de 1892
Eduardo Hidalgo Gato <sup>486</sup>	Nova York – EUA		Fevereiro de 1892

<sup>476</sup> . Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 5-6

<sup>477</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 14-15.

<sup>478</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 16-18.

<sup>479</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 20-22.

<sup>480</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 24.

<sup>481</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 30.

<sup>482</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 34.

<sup>483</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 35.

<sup>484</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 45-47.

<sup>485</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 48-49.

<sup>486</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p.

Gonzalo de Quesada <sup>487</sup>	Nova York – EUA		Fevereiro de 1892
José Dolores Poyo	Nova York – EUA		2 de março de 1892
Serafín Bello	Nova York – EUA		2 de março de 1892
Juan ou Jeronimo Bonilla	Nova York – EUA		Março de 1892
Juan Bonilla	Sem local		1892
Serafín Bello <sup>488</sup>	Nova York – EUA		24 de março de 1892
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA	Nova York – EUA	Maior de 1892
Benjamin J. Guerra	Nova York – EUA	Nova York – EUA	26 de março de 1892
Benjamin J. Guerra	Sem local		12 de maio de 1892
Benjamin J. Guerra	Sem local		1892
Benjamin J. Guerra	Sem local		1892
Benjamin J. Guerra	Sem local		21 de maio de 1892
Néstor Ponce de León <sup>489</sup>	Nova York – EUA		Abril de 1892
Gonzalo de Quesada <sup>490</sup>	Nova York – EUA		10 de abril de 1892
Mariana Guerra – viúva de Barranco	Nova York – EUA		21 de maio de 1892
Serafín Sánchez <sup>491</sup>	Nova York – EUA		Abril de 1892
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		30 de agosto de 1892
Federico Giraudi	Barahona		21 de setembro de 1892
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		Outubro de 1892
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		1892
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		1892
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		1892
José Pérez del Castillo	Sem local		
José Dolores Poyo <sup>492</sup>	Nova York - EUA		Abril de 1892
Serafín Bello <sup>493</sup>	Nova York – EUA		16 de abril de 1892

49.

<sup>487</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 50.

<sup>488</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 62-65.

<sup>489</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 70.

<sup>490</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 71-72.

<sup>491</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 73.

<sup>492</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 74.

<sup>493</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 75.

Gonzalo de Quesada <sup>494</sup>	Nova York – EUA		Abril de 1892
Rafael Serra <sup>495</sup>	Nova York – EUA		Abril de 1892
Rafael Serra	Nova York – EUA		1892
Rafael Serra	Nova York – EUA		9 de junho de 1892
Serafín Sánchez <sup>496</sup>	Nova York – EUA		Junho de 1892
Serafín Bello <sup>497</sup>	Nova York – EUA		Junho de 1892
Serafín Sánchez <sup>498</sup>	Nova York – EUA		Junho de 1892
Federico Edelmann	Nova York – EUA		3 de julho de 1892
Gonzalo de Quesada <sup>499</sup>	Tampa, Flórida, EUA		7 de julho de 1892
Gonzalo de Quesada <sup>500</sup>	Cayo Hueso, Flórida - EUA		13 de julho de 1892
Gonzalo de Quesada <sup>501</sup>	Ocala, Flórida - EUA		22 de julho de 1892
José Dolores Poyo <sup>502</sup>	Newport - EUA		18 de agosto de 1892
Serafín Sánchez <sup>503</sup>	Newport - EUA		18 de agosto de 1892
Fernando Figueredo <sup>504</sup>	Newport - EUA		18 de agosto de 1892
Gonzalo de Quesada	Newport - EUA		Agosto de 1892
Gonzalo de Quesada <sup>505</sup>	Gonaives - Haiti		7-8 de de setembro de 1892
Francisco Gomez Toro <sup>506</sup>	La Reforma, Santo Domingo – República Dominicana		13 de setembro de 1892

<sup>494</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 80-81.

<sup>495</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 83.

<sup>496</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 124-125.

<sup>497</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 131-132.

<sup>498</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 133-134.

<sup>499</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 148.

<sup>500</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 149.

<sup>501</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 155-156.

<sup>502</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 188-189.

<sup>503</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 189-190.

<sup>504</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 192-194.

<sup>505</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 203-205.

<sup>506</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 206-207.

Federico Henriquez y Carvajal <sup>507</sup>	Barahona – República Dominicana		21 de setembro de 1892
Carolina Rodríguez	Cayo Hueso, Flórida - EUA		Fevereiro de 1893
José María Vargas Vila	Nova York – EUA		29 de outubro de 1892
Alejandro Gonzalez <sup>508</sup>	Nova York – EUA		29 de outubro de 1892
Juan Santos Fernandez	Cayo Hueso, Flórida - EUA		18 de novembro de 1892
José Dolores Poyo <sup>509</sup>	Tampa, Flórida - EUA		22 de dezembro de 1892
Miguel Barbarrosa <sup>510</sup>	Nova York – EUA		27 de dezembro de 1892
Enrique Nattes <sup>511</sup>	Nova York – EUA		28 de dezembro de 1892
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA		1893
Rafael Serra	Nova York – EUA		10 de fevereiro de 1893
Serafín Sánchez <sup>512</sup>	Nova York – EUA		19 de janeiro de 1893
Serafín Sánchez <sup>513</sup>	Nova York – EUA		1º de fevereiro de 1893
José Dolores Poyo <sup>514</sup>	Nova York – EUA		2 de fevereiro de 1893
Carolina Rodríguez	Fernandina, Flórida - EUA		20 de fevereiro de 1893
Felix Sánchez Iznaga <sup>515</sup>	Dentro de um trem		10 de fevereiro de 1893
Gonzalo de Quesada <sup>516</sup>	Fernandina, Flórida - EUA		14 de fevereiro de 1893
Francisco Ibern <sup>517</sup>	Central Valley		9 de março de 1893
Martin Herrera <sup>518</sup>	Central Valley		9 de março de 1893

<sup>507</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 212.

<sup>508</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 218.

<sup>509</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 228-229.

<sup>510</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 231.

<sup>511</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 232-234.

<sup>512</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 239-240.

<sup>513</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 242-243.

<sup>514</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 244-246.

<sup>515</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 253.

<sup>516</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 255-256.

<sup>517</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 285.

<sup>518</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 286-287.

Federico Edelmann	Nova York - EUA		2 de novembro de 1893
Gonzalo de Quesada	Central Valley - EUA		Março de 1893
Gualterio Garcia <sup>519</sup>	Nova York – EUA		Março de 1893
Domingo Ubieta <sup>520</sup>	Central Valley - EUA		18 de março de 1893
Gualterio Garcia <sup>521</sup>	Central Valley - EUA		21 de março de 1893
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA		19 de abril de 1893
Luciana Govín	Cayo Hueso, Flórida - EUA		3 de maio de 1893
Juan Bonilla	Sem local		Junho de 1893
Teodoro Pérez	Bath Beach - EUA		Julho de 1893
Modesto Tirado	Sem local		1893
Juan Gualberto Gómez	Nova York – EUA		5 de agosto de 1893
Gualterio Garcia	Nova York – EUA		1893
José Arturo Cuyás	Nova York – EUA		6 de setembro de 1893
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		Outubro de 1893
Gonzalo de Quesada (telegrama)	Jacksonville, Flórida - EUA		15 de setembro de 1893
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA		17 de outubro de 1893
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		20 de outubro de 1893
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		Dezembro de 1893
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		Novembro de 1893
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		8 de dezembro de 1893
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		1893
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		Novembro de 1893
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		1893
Agapito Loza	Sem local		1893
Serafín Sánchez	Sem local		1893
Serafín Sánchez	Sem local		1893
Serafín Sánchez <sup>522</sup>	Central Valley - EUA		21 de março de 1893
Destinatário Desconhecido <sup>523</sup>	Central Valley - EUA		1893

<sup>519</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 301.

<sup>520</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 304-305

<sup>521</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 310.

<sup>522</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 312.

<sup>523</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p.

Juan Fraga <sup>524</sup>	Nova York – EUA		23 de março de 1893
José Nicolás Ramírez	Nova York – EUA		1893
Serafín Sánchez <sup>525</sup>	Nova York – EUA		18 de abril de 1893
José Dolores Poyo <sup>526</sup>	Nova York – EUA		20 de abril de 1893
Serafín Sánchez <sup>527</sup>	Nova York – EUA		20 de abril de 1893
Gonzalo de Quesada <sup>528</sup>	Nova York – EUA		21 de abril de 1893
Gonzalo de Quesada <sup>529</sup>	Atlanta – EUA		28 de abril de 1893
Ignacio Zarragoitia <sup>530</sup>	Filadélfia – EUA		24 de abril de 1893
Antonio Zambrana	Nova York – EUA		25 de maio de 1893
General Antonio Macedo <sup>531</sup>	Nova York – EUA		25 de maio de 1893
Flor Crombet <sup>532</sup>	Nova York – EUA		25 de maio de 1893
Nicolás Domínguez Cowan <sup>533</sup>	Nova York – EUA	México (?)	25 de maio de 1893
General Máximo Gómez <sup>534</sup>	Cabo Haitiano - Haiti		Junho de 1893
Sotero Figueroa <sup>535</sup>	El Cabo		9 de maio de 1893
Emilio Bacardí	Porto Príncipe – Haiti		18 de junho de 1893
Pio Viquez <sup>536</sup>	San José -Costa Rica		8 de julho de 1893
José Dolores Poyo <sup>537</sup>	Bath Beach - EUA		22 de julho de 1893

313-314.

<sup>524</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 315.

<sup>525</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 325.

<sup>526</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 328-330.

<sup>527</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 330.

<sup>528</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 331.

<sup>529</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 333-336.

<sup>530</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 336-338.

<sup>531</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 360-361.

<sup>532</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 362.

<sup>533</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 363-364.

<sup>534</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 365-366.

<sup>535</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 366-367.

<sup>536</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 369-370.

<sup>537</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p.

Enrique Messonier <sup>538</sup>	Bath Beach - EUA		1º de agosto de 1893
Sotero Figueroa	Nova York – EUA		1893
Fernando Figueredo <sup>539</sup>	Nova York – EUA		29 de agosto de 1893
General Máximo Gómez <sup>540</sup>	Nova York – EUA		29-30 de agosto de 1893
Martin Herrera	Cayo Hueso, Flórida - EUA		Setembro de 1893
Sotero Figueroa <sup>541</sup>	Nova York – EUA		Outubro de 1893
General Máximo Gómez <sup>542</sup>	Nova York – EUA		23 de novembro de 1893
Gualterio García	Nova York – EUA		7 de dezembro de 1893
Teodoro Perez <sup>543</sup>	Nova York – EUA		9 de dezembro de 1893
General Antonio Maceo <sup>544</sup>	Key West (Cayo Hueso), Flórida - EUA		15 de dezembro de 1893
José Dolores Poyo <sup>545</sup>	Key West (Cayo Hueso), Flórida - EUA		20 de dezembro de 1893
Serafín Sánchez <sup>546</sup>	Nova York – EUA		Dezembro de 1893
Gualterio García <sup>547</sup>	Nova York – EUA		29 de dezembro de 1893
Ramón Rivera y Monteresi <sup>548</sup>	Nova York – EUA		29 de dezembro de 1893
Alejandro González <sup>549</sup>	Nova York – Eua		30 de dezembro de 1893
Adelaida Baralt	Sem local		4 de janeiro de 1894
Angelina Miranda	Sem local		4 de janeiro de 1894
Horatio S. Rubens	Sem local		25 de janeiro de 1894
Juan Arnao	Sem local		26 de janeiro de 1894

375.

<sup>538</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 380-381.

<sup>539</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 389.

<sup>540</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 392-397.

<sup>541</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 424-425.

<sup>542</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 459-464.

<sup>543</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893), p. 474, Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993.

<sup>544</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893), p. 481-482, Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993.

<sup>545</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893), p. 486-487, Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993.

<sup>546</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893), p. 489, Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993.

<sup>547</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893), p. 492, Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993.

<sup>548</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893), p. 493, Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993.

<sup>549</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo III (1892-1893), p. 498-500, Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993.

José M. Vargas Vila	Nova York – EUA		27 de janeiro de 1894
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		30 de janeiro de 1894
Agapito Loza	Sem local		14 de fevereiro de 1894
Ramón L. Miranda	Nova York – EUA		17 de fevereiro de 1894
Néstor Ponce de León	Nova York – EUA		17 de fevereiro de 1894
José Pérez del Castillo	Sem local		17 de fevereiro de 1894
Francisco Sellén	Sem local		17 de fevereiro de 1894
Gualterio García	Sem local		1894
Gualterio García	Sem local		1894
José M. Vargas Vila	Sem local		14 de março de 1894
Mercedes Barranco	Sem local		19 de março de 1894
Mercedes Barranco	Sem local		1894
Benjamín J. Guerra	Sem local		1894
Gonzalo de Quesada	Nova York – EUA		Abril de 1894
Fermín Valdés Domínguez	Nova York – EUA		18 de abril de 1894
Ulpiano Dellundé	Nova York – EUA		20 de abril de 1894
Máximo Gómez Toro	Nova York – EUA		20 de abril de 1894
Clemencia Gómez Toro	Nova York – EUA		21 de abril de 1894
Serafín Sánchez	Sem local		1894
Leonor Pérez	Sem local		15 de maio de 1894
José García	Sem local		15 de maio de 1894
Enrique Hernández Miyares	Hotel Central, Nova York - EUA		2 de julho de 1894
Nicolás Domínguez Cowan	Sem local		22 de julho de 1894
Patricio Gimeno	Sem local		1894
Gonzalo de Quesada	Sem local		14 de outubro de 1894
Gerardo Domenech	Sem local		1894
Sotero Figueroa	Sem local		1894
Sotero Figueroa	Sem local		1894
Sotero Figueroa	Sem local		1894
Serafín Sánchez	Sem local		1894
Serafín Sánchez	Sem local		1894
Serafín Sánchez	Sem local		1894
José Joaquín Tejada	Sem local		1894
Rafael Serra	Sem local		30 de janeiro de 1895
José Nicolás Ramírez	Sem local		25 de fevereiro de 1895
General Máximo Gómez	Dajabón – República Dominicana		1º de março de 1895
Gonzalo de Quesada	Sem local		3 de março de 1895
Fermín Valdés Domínguez	Sem local		Março de 1895
Leonor Pérez	Montecristi –		25 de março de 1895



	República Dominicana		
Gonzalo de Quesada	Montecristi – República Dominicana		1º de abril de 1895
José Francisco Martí Zayas-Bazán	Montecristi (?)		1º de abril de 1895
Enrique Loynaz del Castillo	Montecristi – República Dominicana		Abril de 1895
Bernarda Toro de Gómez	Sem local		11 de abril de 1895
Leonor Pérez (fragmento)	Sem local		Sem data
Carmen Zayas-Bazán (fragmento)	Sem local		Sem data
Vicente G. Quesada (fragmento)	Nova York - EUA		20 de junho de 1890
Vicente G. Quesada (fragmento)	Nova York – EUA		30 de setembro de 1890
Vicente G. Quesada (fragmento)	Nova York – EUA		21 de outubro de 1890
Vicente G. Quesada (fragmento)	Nova York – EUA		7 de janeiro de 1891
Vicente G. Quesada (fragmento)	Sem local		Fevereiro de 1891
Vicente G. Quesada (fragmento)	Sem local		Sem data
Vicente G. Quesada (fragmento)	Sem local		Sem data
Vicente G. Quesada (fragmento)	Sem local		Sem data
Vicente G. Quesada (fragmento)	Sem local		Sem data
Vicente G. Quesada (fragmento)	Sem local		Sem data
Vicente G. Quesada (fragmento)	Sem local		Sem data
Vicente G. Quesada (fragmento)	Sem local		Sem data
Vicente G. Quesada (fragmento)	Nova York – EUA		11 de outubro de 1891
Gonzalo de Quesada	Sem local		Sem data
Gonzalo de Quesada	Sem local		1895
Gonzalo de Quesada	Sem local		1895
Destinatário Desconhecido	Sem local		Sem data
Serafín Bello	Sem local		Sem data
Delegação do Partido Revolucionário Cubano –	Fernandina, Flórida - EUA		17 de fevereiro de 1893

Presidente do Corpo do Conselho – Key West			
Ramón Rivero	Sem local		14 de novembro de 1894
Cornelius G. Moore	Montecristi – República Dominicana		30 de março de 1895
Cornelius G. Moore	Montecristi – República Dominicana		1º de abril de 1895

#### Cartas a Manuel Mercado

Destinatário	Origem	Destino	Data
Manuel Mercado	México	México	7 de maio de 1876
	Veracruz - México		1º de janeiro de 1877
	Havana – Cuba		22 de janeiro de 1877
	Havana – Cuba		3 de fevereiro de 1877
	Havana – Cuba		11 de fevereiro de 1877
	Progreso – México		28 de fevereiro de 1877
	Guatemala		19 de abril de 1877
	Guatemala		26 de maio de 1877
	Guatemala		11 de agosto de 1877
	Guatemala		21 de setembro de 1877
	Guatemala		29 de setembro de 1877
	Guatemala		12 de outubro de 1877
	Guatemala		21 de outubro de 1877
	Guatemala		28 de outubro de 1877
	Guatemala		10 de novembro de 1877
	Fazenda de San Gabriel, Morelos (?) – México		27 ou 28 de dezembro de 1877
	Iguala (?)		27 ou 28 de dezembro de 1877
	Chilpancingo – México		1º de janeiro de 1877
	Acapulco – México		7 de janeiro de 1878
	Acapulco – México		9 de janeiro de 1878
	Guatemala		8 de março de 1878
	Guatemala		30 de março de 1878
	Guatemala		20 de abril de 1878
	Guatemala		26 de maio de 1878
	Guatemala		6 de julho de 1878
	Havana – Cuba		Outubro de 1878
	Havana – Cuba		17 de janeiro de 1879
	Nova York – EUA		6 de maio de 1880
	Nova York – EUA		1 de agosto de 1882
	Nova York – EUA		16 de setembro de 1882
	Nova York – EUA		30 de agosto de 1883
	Nova York – EUA		9 de fevereiro de 1884
	Nova York – EUA		Entre 9 de fevereiro e agosto de 1884
	Nova York – EUA		29 de junho de 1885
	Nova York – EUA		28 de julho de 1885

	Nova York – EUA		Antes de 13 de novembro de 1884
	Nova York – EUA		Antes de agosto de 1884
	Nova York – EUA		12 de abril de 1885
	Nova York – EUA		13 de novembro de 1884
	Nova York – EUA		4 de dezembro de 1884
	Nova York – EUA		Entre 24 de março e 12 de abril de 1885
	Nova York – EUA		3 de dezembro de 1885
	Nova York – EUA		1886
	Nova York – EUA		26 de fevereiro de 1886
	Nova York – EUA		Março de 1886
	Nova York – EUA		22 de março de 1886
	Nova York – EUA		22 de abril de 1886
	Nova York – EUA		15 de maio de 1886
	Nova York – EUA		24 de maio de 1886
	Nova York – EUA		9 de junho de 1886
	Nova York – EUA		18 de junho de 1886
	Nova York – EUA		2 de agosto de 1886
	Nova York – EUA		6 de agosto de 1886
	Nova York – EUA		13 de outubro de 1886
	Nova York – EUA		15 de outubro de 1886
	Nova York – EUA		17 de outubro de 1886
	Nova York – EUA		29 de outubro de 1886
	Nova York – EUA		3 de dezembro de 1886
	Nova York – EUA		9 de dezembro de 1886
	Nova York – EUA		2 de outubro de 1886
	Nova York – EUA		8 de janeiro de 1887
	Sem local		Abril de 1887
	Nova York – EUA		Janeiro de 1887
	Nova York – EUA		14 de fevereiro de 1887
	Nova York – EUA		Março de 1887
	Nova York – EUA		19 de abril de 1887
	Nova York – EUA		26 de maio de 1887
	Nova York - EUA		14 de junho de 1887
	Nova York – EUA		8 de julho de 1887
	Nova York – EUA		20 de julho de 1887
	Nova York – EUA		8 de agosto de 1887
	Nova York – EUA		7 de setembro de 1887
	Nova York – EUA		20 de outubro de 1887
	Nova York – EUA		Novembro de 1887
	Nova York – EUA		9 de dezembro de 1887
	Nova York – EUA		13 de dezembro de 1887
	Sem local		Sem data
	Sem local		Janeiro de 1888
	Sem local		19 de fevereiro de 1888
	Sem local		Fevereiro de 1888
	Sem local		Junho de 1888
	Sem local		26 de julho de 1888
	Nova York – EUA		11 de agosto de 1888
	Sem local		1888
	Sem local		14 de setembro de 1888

	Sem local		Fevereiro de 1889
	Sem local		Março de 1889
	Sem local		21 de março de 1889
	Sem local		18 de abril de 1889
	Nova York – EUA		19 de abril de 1889
	Sem local		Abril de 1889
	Sem local		27 de abril de 1889
	Sem local		16 de junho de 1889
	Nova York – EUA		3 de agosto de 1889
	Nova York – EUA		26 de agosto de 1889
	Sem local		29 de setembro de 1889
	Sem local		1889
	Sem local		1889
	Sem local		21 de novembro de 1889
	Sem local		26 de novembro de 1889
	Sem local		Dezembro de 1889
	Sem local		Dezembro de 1889
	Sem local		11 de fevereiro de 1892
	Sem local		Sem data
	Acampamento de Dos Ríos		18 de maio de 1895

#### Recados a Manuel Mercado

Destinatário	Origem	Destino	Data
Manuel Mercado	Nova York – EUA		1884
	Nova York – EUA		9 de fevereiro de 1884
	Sem local		1886
	Sem local		Sem data
	Nova York – EUA		1886
	Nova York – EUA		1886
	Nova York – EUA		1887
	Nova York – EUA		19 de agosto de 1886
	Nova York – EUA		23 de maio de 1887
	Nova York – EUA		1887
	Sem local		Sem data
	Nova York – EUA		26 de junho de 1886
	Nova York – EUA		1º de julho de 1886
	Nova York – EUA		18 de julho de 1886
	Nova York – EUA		28 de julho de 1886
	Sem local		Sem data
	Nova York – EUA		11 de agosto de 1887
	Sem local		1887
	Nova York – EUA		Junho de 1887
	Nova York – EUA		Setembro de 1887
	Nova York – EUA		1887
	Sem local		Sem data
	Sem local		Novembro de 1887
	Nova York – EUA		Dezembro de 1887
	Nova York – EUA		25 de dezembro de 1887
	Sem local		Março de 1888
	Sem local		1889

	Sem local		1889
	Sem local		1889
	Sem local		1º de abril de 1889
	Sem local		Sem data
	Sem local		Sem data
	Nova York – EUA		1887
	Nova York – EUA		1887

#### Cartas a Enrique Estrázulas

Destinatário	Origem	Destino	Data
Enrique Estrázulas <sup>550</sup>	Sem local		1885
	Nova York – EUA		1887
	Nova York – EUA		20 de outubro de 1887
	Sem local		9 de junho de 1887
	Sem local		19 de fevereiro de 1888
	Sem local		30 de março de 1888
	Sem local		20 de abril de 1888
	Sem local		25 de maio de 1888
	Sem local		Junho ou Julho de 1888
	Sem local		26 de outubro de 1888
	Sem local		15 de fevereiro de 1889
	Sem local		23 de abril de 1889
	Sem local		12 de outubro de 1889

#### Cartas a María Mantilla e Carmita Mantilla

Destinatário	Origem	Destino	Data
María Mantilla	[Southern Hotel – Whelphrey & Penfield, Proprietors] Waycross, Ga. Sem local		28 de maio de 1894
María Mantilla	Sem local		29 de maio de 1894
María Mantilla	México		Julho de 1894
María Mantilla	Sem local [Papel timbrado da Atlas Line of Mail Steamers S. S. Athos]		2 de fevereiro de 1895
María Mantilla	Santiago de los Caballeros - República Dominicana		19 de fevereiro de 1895
María e Carmen Mantilla	Sem local		25 de março de 1895
María Mantilla	Cabo Haitiano - Haiti		1895
María Mantilla	Cabo Haitiano - Haiti		9 de abril de 1895

<sup>550</sup> Aparece em Jose Marti Epistolario, tomo I (1862-1887). Editorial de Ciencias Sociales: La Habana, 1993. p. 293-296.

Carmita Mantilla	Sem local [Papel timbrado da Atlas Line of Mail Steamers S. S. Athos]		2 de fevereiro de 1895
Carmita Mantilla	Sem local		18 de março de 1895
Carmita Mantilla	Cabo Haitiano - Haiti		9 de abril de 1895
Carmita Mantilla	Sem local [Papel timbrado da Sociedad de Beneficiencia Hispano-Americana de Nueva York]		1895
Carmita Mantilla	Sem local		1895

**Cartas a Carmen Miyares de Mantilla e filhos (María, Carmen, Manuel e Ernesto)**

<b>Destinatário</b>	<b>Origem</b>	<b>Destino</b>	<b>Data</b>
Carmen Miyares de Mantilla e filhos	Sem local		10 de abril de 1895
	Jurisdição de Baracoa		16 de abril de 1895
	Próximo a Guantánamo		26 de abril de 1895
	Próximo a Guantánamo		28 de abril de 1895

Relação dos trinta livros pertencentes a José Martí encontrados no seu local de trabalho em Nova York, e doados em 1920 por Carmen Mantilla. A relação bibliográfica descrita abaixo reproduz fielmente a lista encontrada no Acervo Centro de Estudios Martianos, Havana, somente passando do espanhol ao português anotações referentes aos livros.

Almeida, Teodoro de: Cartas Físico-Matemáticas de Teodosio a Eugenio. Cuarta Impresión. Madrid: Imprenta del Diario, 1827. 720 p. Ilus. Três Tomos.
Album del Comendador Moreno de Christo. 3ra. Ed. Paris: Imprenta de P. Mouillot, 1889. 25 p. Ilus. Texto em francês e espanhol.
Bancroft, Huberto H.: Historia de Méjico. San Francisco, California: The History Company, Publicadores, 1887. 620 p. Ilus. Dedicado a José Martí. Anotações manuscritas na contracapa.
Bourget, Paul: Etudes et Portraits. Paris: Alphonse Lemerre. Editeur, M DCCC LXXXIX. 744 p. Ilus. Dois Tomos. Contém anotações manuscritas.
Carlyle, Thomas: History of the French Revolution. New York: John B. Alden, Publisher, 1885. 635 p. Dois volumes. Se possui o volume 2. Anotações manuscritas na contracapa. Contém uma tirinha de papel manuscrita por José Martí.
Carrington, Henry B.: Patriotic Reader; or, Human Liberty Developed. Philadelphia: J.B. Lippincott Company, 1887. 595 p.
Correspondance Litteraire, Philosophique et Critique de Grimm et de Diderot, depuis 1753 jusqu'en 1790. Nouvelle Edition. Paris: Chez Furne, Libraire, M CCC XXIX. Desconhecemos a quantidade de tomos. Possuímos o I, II e XIII. Contém anotações manuscritas os tomos I e II.
Cox, Samuel S.: Diversions of a Diplomat in Turkey. New York: Charles L. Webster & Co., 1887. 685 p. Ilus. Anotações manuscritas.
Crommelin, May: Poets in the Garden. London: T. Fisher Unwin, 1886. 256 p. Ilus.
Cunningham, Allan: Traditional Tales of the English and Scottish Peasantry. London: George Routledge and sons, 1887. 288 p. With an introduction by Henry Morley.
Charles, Cecil: Honduras: The land of great depths. Chicago and New York: Rand, McNally & Company, Publishers, 1890. 221 p. Ilus. Dedicado a José Martí.
Heredia, José María: Obras Poéticas. Nueva York: Imprenta I Librería de N. Ponce de León, 1875. 185 p. Dedicada a José Martí. Contém anotações manuscritas.
Mahaffy, A. M., J. P.: Antiguedades Griegas. Nueva York: D. Appleton y Compañía, 1884. 146 p. Ilus.
Mediaeval Tales. 2 Ed. London: George Routledge and Sons, 1886. 287 p. With an introduction by Henry Morley.
Mirabeau: Erotika Biblion. Bruxelles: Chez Tous les libraires, 1867. 220 p. Ilus.
Mitre, Bartolomé: Historia de San Martín y de la Emancipación Sud-Americana. Buenos Aires: Imprenta de "La Nación", 1887. 2162 p. Ilus. 3 tomos. Contém anotações manuscritas. Dedicado a José Martí.
Moerlein, George: A Trip Around the World, Cincinnati: M. & R. Burghheim, Publishers, 1886. 205 p. Ilus. Dedicatória assinada por José Martí.
Moore, Tomás. Lalla Rookh an Oriental Romance. Boston: Estes and Lauriat, 1885. 274 p. Ilus.
Ober, F. A.: The Knockabout Club in the Antilles and Thereabouts. Boston: Estes and Lauriat, 1888. 239 p. Ilus. Dedicatória assinada por José Martí.
Palma, J. J.: Poesías de J. J. Palma. Tegucigalpa: Tipografía Nacional, 1882. 257 p. Ilus. Precedido por um prólogo de Ramón Rosa, um discurso de Marco Aurelio Soto e de várias cartas. Dedicatória a José Martí. Contém carta de José Martí. P. LIII.
Paz, Ireneo: Leyendas históricas de la Independencia. 2 ed. Mexico: Imprenta, Litografía y Encuadernación de Ireneo Paz, 1887. 536 p. Ilus.
Peza, Juan de Dios: Poesías Completas. Paris: Garnier Hermanos, Libreros-Editores, 1892. 293 p. Ilus. Dedicado a José Martí. Prólogo de Manuel G. Revilla. Única coleção autorizada pelo autor.

Rae, M. A., John: Contemporary Socialism. New York: Charles Scribner's Sons, 1881. 458 p. Anotações manuscritas de José Martí.
Restrepo, Juan de Dios: Artículos Escogidos. Nueva ed. Londres: Publicado por Juan M. Fonnegra, M DCCC LXXX V. 415 p. Ilus. Dedicatória a José Martí. Prólogo de Dr. Manuel Uribe Angel. O autor é conhecido pelo pseudônimo Emiro Kastos.
Rodríguez, Miguel F.: Arazaes. Montevideo: Imprenta "El siglo ilustrado", de Turenne, Varzi y C., 1889. 180 p. Ilus. Dedicatória a José Martí
Stahl, A. Dr.: Los Indios Borinqueños, Estudios Etnográficos. Puerto Rico: Imprenta y Librería de Acosta, 1889. 210 p. Ilus. Dedicatória a José Martí. Contém anotações manuscritas.
Tellez y Arcos, Narciso D.: Nuevo Tratado Teorico de Música. Habana: Imprenta de Villa, Angeles 20, 1868. 60 p. Tem duas assinaturas de José Martí.
The Complete Poetical Works of John Greenleaf Whittier. Cambridge Edition. Boston and New York: Houghton Mifflin and Company. 542 p. Ilus.
Zeballos, Estanislao S.: Painé et La Dynastie des Renards. Paris: Maison Quartin, 1890. 346 p. Ilus. Dedicatória a José Martí.
Zorilla de San Martín, Juan: Tabaré. Montevideo: Barreiro y Ramos, Editor, 1888. 300 p. Ilus. Dedicatória a José Martí. A página está mutilada.